

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Melline Ortega Faggion

**A eugenia na obra de Renato Kehl após 1945 e sua relação com a Psicologia
e a Educação no Brasil**

Doutorado em Educação: Psicologia da Educação

São Paulo, 2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Melline Ortega Faggion

**A eugenia na obra de Renato Kehl após 1945 e sua relação com a Psicologia
e a Educação no Brasil**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial
para obtenção do título de Doutora em Educação: Psicologia
da Educação em sob a orientação da Prof^ª. Dr^a Mitsuko
Aparecida Makino Antunes

São Paulo, 2024

Banca Examinadora

*Aos meus pais,
que me entregaram à dança da vida*

*Aos estudantes de psicologia,
que no cotidiano da minha docência
contribuem com meu encantamento
pela História da Ciência*

AGRADECIMENTOS

É como diria o poeta espanhol Antônio Machado, *caminante no hay camino, se hace camino al andar*. Foi nessa caminhada que pude compreender meu caminho como pesquisadora e perceber quantas pessoas fazem parte dessa trajetória, isto só confirma que nossa vida se faz de forma coletiva, ali, no contato com o outro. Nessa jornada eu nunca estive sozinha, as pessoas que caminham comigo atribuem sentido à minha vida e ao modo como eu compreendo a pesquisa. Agradecê-las é me fazer recordar tudo aquilo que um processo de conclusão de doutorado envolve.

Aos meus pais, cuja existência se deu distante da vida acadêmica, mas que ainda assim nunca mediram esforços para me apoiar e para compreender meu afeto pela pesquisa. Sempre estiveram firmes e confiantes de que eu poderia chegar adiante. A ternura e a humildade dos seus incentivos me permitiram chegar até aqui e me tornar a primeira doutora da nossa família.

Ao Leonardo, companheiro no sentido literal do termo, por ser afeto e porto seguro durante esta travessia. A maneira bonita como você encara o mundo me inspirou cotidianamente e foi essencial para a conclusão dessa etapa. Obrigada por ser meu incentivador, por fazer perguntas curiosas sobre meu tema de pesquisa, por ser quem você é, sua leveza foi fundamental neste processo.

À Barbara, amiga que caminha junto comigo, que acolhe e vê beleza nas minhas diversas formas de ser.

À Lorena, cuja força da amizade rasga ao meio qualquer desventura que nos é imposta e cujo carinho não me faz esquecer de que é na pesquisa que devo permanecer.

À Laís, pela doce amizade, por acolher meus processos e por ser minha família em Salvador.

À Mariana, Carol, Larissa, Ana Eliza, Priscila, Natália, Nany e Gabi, mulheres fortes e potentes que me inspiram e contribuem com uma boa parte do meu existir no mundo.

Ao Guilherme Roitberg, pela amizade construída, pelo incentivo, pelas inúmeras trocas sobre eugenia e por contribuir com as inquietações que atravessam esta pesquisa.

À minha orientadora Mimi, pelo suporte na realização desta pesquisa, pelo conhecimento compartilhado, pela habilidade de me fazer encantar pela Filosofia e pela Ciência e por abrir meus olhos sobre a História da Psicologia.

A Marisa Miranda, quem eu carinhosamente apelidei de *Mamá académica*. Agradeço não apenas pela participação nesta pesquisa, mas pelo doce afeto que me faz sentir como “filha”. Seu carinho foi fundamental para que minha vida na Argentina pudesse ser lembrada com muita saudade. Seu olhar vivo, atento e sensível foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho e me inspiram em minha jornada como pesquisadora a partir de agora.

Ao Gustavo Vallejo, pelas ricas trocas sobre meu tema de pesquisa e pelas conversas cotidianas que tanto me ensinavam sobre a história da Argentina.

Às Professoras Maria da Graça Marchina Gonçalves, Luciana Szymanski e Ednéia Zaniani pelas contribuições fundamentais para o desenvolvimento e conclusão desta pesquisa.

Às colegas do Grupo de Estudos e Pesquisas Higiene Mental e Eugenia (GEPHE) por somarem em minha caminhada investigativa.

Ao Edson, responsável direto por todo o funcionamento do PED e cuja paciência figura como virtude.

À CAPES, pelo apoio financeiro à pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

O desfecho da Segunda Guerra Mundial influenciou o percurso das ideias eugênicas, como as tentativas de esquecimento e de caracterização da eugenia como pseudociência. A conjuntura histórica que contribuiu para que o discurso sobre o melhoramento da “raça” fosse modificado; coincide com a fase de consolidação da psicologia como ciência no Brasil, fato este que permite questionar se haveria relação entre psicologia e eugenia a partir de 1945. Com base nessa questão, realizou-se uma pesquisa de caráter bibliográfico, inspirada nos pressupostos do materialismo histórico-dialético; para a qual foram selecionadas quatro obras de Renato Ferraz Kehl, um dos principais expoentes da eugenia no Brasil. O objetivo deste trabalho foi investigar as produções de Kehl a partir de 1945, a fim de verificar se os conhecimentos da psicologia estiveram integrados às suas obras e se estas apresentavam um caráter eugênico. Um levantamento das produções deste autor indicou oito materiais no período adotado para este trabalho; adotou-se como critério de seleção as obras que se aproximavam da psicologia e da filosofia, área que historicamente foi fundamental para o desenvolvimento da psicologia científica. As obras selecionadas foram: *Guia sinóptico de filosofia – notas de estudos* (1945), *Através da Filosofia* (1946), *A interpretação do homem* (1951) e *Filosofia e Bio-perspectivismo* (1955). A partir da análise das obras, percebeu-se que Renato Kehl não abandonou a defesa do melhoramento da “raça”, o autor seguiu discutindo sobre eugenia e para isso, os conhecimentos da psicologia em voga na época, bem como conhecimentos oriundos da Filosofia, serviram ao seu projeto de defesa da eugenia e lhe possibilitaram apresentar suas premissas eugênicas com uma retórica diferente de seus discursos eugênicos explícitos das primeiras décadas do século XX. Nota-se que a educação também esteve presente em seus escritos, figurando como instância para formação de uma consciência eugênica e para atenuar a manifestação das características hereditárias dos sujeitos. Concluiu-se que o pensamento eugênico de Kehl persistiu com uma expressão articulada ao campo da caracterologia, da interpretação do Homem e do debate sobre o percurso histórico e a função da Filosofia. A apropriação dos conhecimentos da psicologia deu-se em decorrência da identificação do autor com elementos que integram o projeto da psicologia científica, tais como a possibilidade de investigação das características humanas. Espera-se que esta pesquisa possa lançar luz a uma questão relevante e norteadora no campo de pesquisas sobre História da Psicologia: quando teorias e iniciativas são realizadas em prol de um projeto para a Psicologia e quando há um projeto para o qual os conhecimentos em psicologia podem servir.

Palavras-chave: psicologia, história da psicologia, eugenia, pós-guerra, Renato Kehl.

ABSTRACT

The outcome of World War II influenced the trajectory of eugenic ideas, including attempts to forget and characterize eugenics as pseudoscience. The historical context that contributed to modifying the discourse on the improvement of the “race”, coincided with the phase of consolidation of psychology as a science in Brazil. This fact allows questioning whether there was a relationship between psychology and eugenics from 1945 onwards. Based on this question, bibliographic research inspired by the principles of historical-dialectical materialism was conducted. Four works by Renato Ferraz Kehl, one of the main exponents of eugenics in Brazil, were selected for this research. The objective of this study was to investigate Kehl’s productions from 1945 onwards, seeking to verify how psychological knowledge was integrated into his works and whether these presented a eugenic character. A survey of Kehl’s productions indicated eight works in the period adopted for this study; the selection criterion was the materials that approached psychology and philosophy, an area historically fundamental to the development of scientific psychology. The selected works were: *Guia sinóptico de filosofia – notas de estudos* (1945), *Através da Filosofia* (1946), *A interpretação do homem* (1951), and *Filosofia e Bio-perspectivismo* (1955). From the analysis of these works, it was observed that Renato Kehl did not abandon the defense of the improvement of the “race”, as he continued to discuss eugenics. For this purpose, the psychological knowledge in vogue at the time, as well as knowledge from Philosophy, served his project of defending eugenics and allowed him to present his eugenic premises with a different rhetoric from the explicit eugenic discourse of the early 20th century. Education also appeared in his writings, serving as an instance for constitution of eugenics conscience and to mitigate the manifestation of hereditary characteristics in individuals. It was concluded that Kehl’s eugenic thought persisted with an expression articulated to the field of characterology, the interpretation of Man, and the debate on the historical trajectory and function of Philosophy. The appropriation of psychological knowledge occurred due to the author’s identification with elements that integrate the project of scientific psychology, such as the possibility of investigating human characteristics. It is hoped that this research can shed light on a relevant topic in the field of the History of Psychology: when theories and initiatives are carried out in favor of a project for Psychology and when there is a project for which psychological knowledge can serve.

Keywords: psychology; history of psychology; eugenics; post war; Renato Kehl.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APP- Academia Paulista de Psicologia

BDTD- Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

ECI - Escritório de Cooperação Internacional da Universidade Estadual de Maringá – UEM

FA- Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná

GEPHE- Grupo de Estudos e Pesquisas Higiene Mental e Eugenia

LBHM- Liga Brasileira de Higiene Mental

UEM- Universidade Estadual de Maringá

UGR- Universidad de Granada

UNLP- Universidad Nacional de La Plata

FNB- Frente Negra Brasileira

TEN- Teatro Experimental do Negro

UNESCO- Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	As 5 faces do biótipo (Pende)	110
-----------	-------------------------------	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Termos relacionados à psicologia	68
Quadro 02	Ficha investigativa proposta por Renato Kehl	116

SUMÁRIO

CONVITE À REFLEXÃO: DE QUEM ESCREVE PARA QUEM LÊ.....	15
1)BREVE PERCURSO HISTÓRICO DA PSICOLOGIA NO BRASIL E DELINEAMENTO DO MÉTODO E DOS PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	27
1.1 Algumas considerações sobre o percurso histórico da psicologia.....	27
1.2 Apontamentos sobre historiografia das ciências.....	29
1.3 Fundamentos do método materialista histórico-dialético.....	31
1.4 Procedimentos que integram uma pesquisa.....	36
2) ASPECTOS HISTÓRICOS DA EUGENIA.....	38
2.1 Emergência e desenvolvimento da eugenia nos séculos XIX e XX.....	38
2.2 A eugenia nos países latino-americanos: Brasil e Argentina.....	42
2.3 A eugenia no Brasil e o pensamento de Renato Kehl.....	49
2.4 A eugenia em alguns países da América Latina a partir 1945.....	52
3) APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS OBRAS SELECIONADAS.....	56
3.1 Guia sinóptico de filosofia (1945)	58
3.1.1 <i>Análise da obra</i>.....	64
3.1.2 <i>Aspectos gerais</i>.....	65
3.1.3 <i>Aspectos referentes à psicologia</i>.....	68
3.1.4 <i>Aspectos eugênicos</i>.....	72
3.2 Através da filosofia (1946)	74
3.2.1 <i>Análise da obra</i>.....	81
3.2.2 <i>Aspectos gerais</i>	81
3.2.3 <i>Aspectos referentes à psicologia</i>.....	89
3.2.4 <i>Aspectos eugênicos</i>.....	94
3.3 A interpretação do Homem (1951)	102
3.3.1 <i>Análise da obra</i>	106
3.3.2 <i>Aspectos gerais</i>	106
3.3.3 <i>Aspectos referentes à psicologia</i>.....	117
3.3.4 <i>Aspectos eugênicos</i>.....	125

3.4 Filosofia e Bio-perspectivismo (1955)	134
3.4.1 Análise da obra	136
3.4.2 Aspectos gerais	136
3.4.3 Aspectos referentes à psicologia	142
3.4.4 Aspectos eugênicos	146
 4) CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS OBRAS ANALISADAS E ARTICULAÇÕES COM A PSICOLOGIA NO BRASIL	152
 4.1 As obras de Renato Kehl no cenário pós-45	152
4.2 Renato Kehl e a psicologia no Brasil	164
 RENATO KEHL, EUGENIA E PSICOLOGIA: À GUIA DE CONCLUSÃO	171
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	176
Fontes Primárias	176
Bibliografia Geral	177
 ANEXO	183
<i>Ficha catalográfica das obras</i>	183

Choveu [em Macondo] durante quatro anos, onze meses e dois dias. Houve épocas de chuvisco em que todo mundo pôs a sua roupa de domingo e compôs uma cara de convalescente para festejar a estiagem, mas logo se acostumaram a interpretar as pausas como anúncios de recrudescimento.

Cem anos de solidão, Gabriel García Márquez

CONVITE À REFLEXÃO: DE QUEM ESCREVE PARA QUEM LÊ

A parte primeira de um trabalho, tomando como base a formalidade da produção acadêmica, consiste em apresentar ao(à) leitor(a) a proposta e a organização da pesquisa que será desenvolvida. Esta parte não foge à regra, considerando tais formalidades; no entanto, para além de uma apresentação acadêmica da proposta e da estrutura da pesquisa, a ideia é apresentar o percurso percorrido até o tema desta tese e convidar aquele(a) que lê este trabalho a refletir sobre a relevância da temática em questão. Um tema nunca é alheio à pesquisadora ou ao pesquisador, pelo contrário, um tema é carregado de sentidos por aquela(a) que escreve. Sem sentido e sem afeto, uma pesquisa não se desenvolve, ou pelo menos não deveria. Com base nisso, nesta primeira parte, me arrisco (em alguns momentos) a escrever em primeira pessoa; também permiti que a escrita fizesse seu movimento na primeira pessoa do plural, afinal muitas pessoas estiveram por trás deste trabalho, integralizando as ideias da pesquisadora que aqui escreve.

Este trabalho figura como uma pesquisa histórica; para isto, considero importante contar como se deu minha aproximação com a temática da história da psicologia e sua articulação com a eugenia. Durante um tempo, pensei que minha relação com meu tema de pesquisa tinha sido construída a partir do percurso da vida, mas, posteriormente, percebi que minha aproximação com a pesquisa histórica tem relação com momentos que antecedem minha entrada na Universidade. A escolha pelo curso de Psicologia em 2010, na Universidade Estadual de Maringá (UEM), ocorreu em meio ao desejo ambíguo de cursar História ou Psicologia. No início, eu pensava que ao escolher psicologia eu renunciaria ao meu interesse pela historicidade dos fenômenos. Entretanto, logo no início das aulas, em especial na disciplina de História e Teoria dos Sistemas Psicológicos, vislumbrei na própria psicologia a possibilidade de continuar alinhada ao estudo da história.

Ao longo da graduação tive a oportunidade de realizar três iniciações científicas como bolsista. As pesquisas foram fundamentais em minha trajetória acadêmica; as bolsas de pesquisas tiveram caráter duplo de importância, operavam na concretude da vida, na manutenção dela e no incentivo aos estudos para além dos conteúdos da sala de aula. Eu tinha para mim que fazer pesquisa era uma forma de aproveitar aquilo que a Universidade poderia me oferecer, afinal, o processo de aprendizado não está apenas na sala de aula, mas em tudo aquilo que se vivencia no processo de formação humana e acadêmica. Nesse período de pesquisas iniciei meus estudos sobre eugenia. Abordarei com detalhes sobre eugenia ao longo deste trabalho, por enquanto, penso ser suficiente dizer que eugenia figura como a ideia de

melhoramento da raça humana. Tal tema era até então desconhecido por mim. Desconhecidos por que são desconsiderados nos currículos de formação acadêmica? Seguramente. Desconhecido por eu ser uma mulher branca? Muito provavelmente, afinal, por questões de privilégios, a necessidade de conhecer e aprender sobre certas coisas são impostas a uns, mas nem sempre a outros. Fato é que os métodos da vida me levaram até esse tema e eu acredito que isso tenha relação com aquilo que Brecht nos ensina e nos convoca em um dos seus escritos: *Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E examinai, sobretudo o que parece habitual (...) não aceiteis o que é de hábito como coisa natural (...) nada deve parecer natural, nada deve ser impossível de mudar.* Tenho para mim que é nessa inquietude que as “normalidades” do nosso sistema estruturalmente racista me puseram intrigada com aquilo que parecia habitual.

No início dos estudos, lia muito sobre a história da eugenia e do higienismo; os primeiros contatos foram delicados, pois eu tinha muita dificuldade de fazer análise histórica e não moral de tais movimentos; era tudo deveras indigesto; ainda é, mas, hoje tenho para mim que este tema saiu da indigestão para se tornar um compromisso. No ano de 2012, tive meu primeiro projeto de pesquisa aprovado¹, foi nesse ano que comecei minha primeira investigação pelo programa de fomento à pesquisa e passei a integrar o *Grupo de Estudos sobre Higienismo e Eugenia* (GEPHE), grupo do qual faço parte até o presente momento, são onze anos de contato com a temática da eugenia. As discussões no grupo de pesquisa foram e ainda são fundamentais para o meu desenvolvimento como pesquisadora e psicóloga.

Minha primeira iniciação científica foi intitulada *Planejamento Familiar, um estudo do seu caráter educativo e eugênico*. Além do estudo histórico sobre a eugenia no Brasil, realizei entrevistas com estudantes do último ano de graduação dos cursos de medicina, enfermagem e psicologia com o intuito de investigar o que eles(as) entendiam sobre a Política Pública de Planejamento Familiar. Como resultado, identifiquei que o discurso de muitos estudantes guardava certa proximidade com o ideário da eugenia, ainda que muitos sequer tivessem ouvido falar sobre o assunto. No ano de 2013 terminei a primeira iniciação científica e consegui uma bolsa de estudos para cursar psicologia e ciências políticas em Granada, na Espanha -novamente os incentivos governamentais² foram fundamentais e propiciaram-me outra oportunidade de estudo-, durante esse período consegui desenvolver outra iniciação científica. A pesquisa

¹ Pesquisa realizada na modalidade bolsista no ano de 2012. Fomento vinculado à Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA).

² No ano de 2014 fui contemplada com uma bolsa de estudos para realizar atividades acadêmicas a nível de graduação no exterior. A bolsa de fomento à pesquisa era vinculada à Universidade Estadual de Maringá, especificamente ao Escritório de Cooperação Internacional (ECI) da UEM.

intitulada *A eugenia nos países ibéricos e no Brasil* analisou a propaganda eugênica em países como Espanha e Portugal e a influência dos ideários ibéricos no movimento eugenista brasileiro. Durante esse período investigativo conheci figuras que contribuíram integralmente com o desenvolvimento da minha pesquisa, dentre eles destaco Professor Dr. Enrique Iáñez Pareja, que gentilmente me acolheu na Universidad de Granada (UGR). Tenho para mim que essa segunda pesquisa foi aquela que me fez assumir efetivamente meu interesse pelo mundo acadêmico e direcionou meus estudos para a eugenia na América Latina, sobretudo no Brasil.

Após um ano de intercâmbio retornei ao Brasil para terminar o curso de psicologia e decidi realizar minha terceira e última iniciação científica – *A eugenia na atualidade*. Esse estudo foi importante para o caminho que havia percorrido até então sobre a temática da eugenia. As pesquisas que havia realizado até aquele momento tinham um caráter majoritariamente histórico e me permitiram compreender o surgimento, o desenvolvimento e a propagação do ideário de “melhoramento da raça”. Em certa medida, aprendi a fazer uma análise histórica deste fenômeno, no entanto, foi a discussão sobre a eugenia na atualidade que me abriu os olhos para a relação entre psicologia e eugenia. A reflexão sobre como as ideias eugênicas se manifestavam na atualidade me fez pensar como essas ideias permeavam muitos discursos da psicologia científica. Curiosamente, o caminho da atualidade que reacendeu meu interesse pela história, mas, dessa vez, inclinada à psicologia científica.

Assim, quando ingressei no mestrado ainda na UEM em 2016, decidi investigar a interface entre eugenia e psicologia e isto, inevitavelmente, me colocou novamente nos trilhos da pesquisa histórica. Naquele momento as leituras já tinham me proporcionado certa compreensão de que no campo da história da psicologia a eugenia raramente era mencionada. Esse fato me intrigava, haja vista que o movimento eugênico e higienista no Brasil em certa medida guardam certa proximidade. Foi orientada por essas inquietações que em minha pesquisa de mestrado intitulada *Psicologia e Eugenia: percursos da história* (Faggion, 2018), analisei duas produções do médico eugenista Renato Kehl (1889-1974)³, um dos principais propagandistas da eugenia no Brasil: *Tipos Vulgares* (1927) e *Psicologia da Personalidade* (1941). Concentrei-me na investigação das discussões desenvolvidas por Kehl sobre formação da personalidade. A escolha de tais materiais esteve fundamentada na proximidade que as duas obras tinham com a temática da psicologia; contudo, é necessário destacar que Renato Kehl foi

³ Natural da cidade de Limeira, município do interior do Estado de São Paulo, Renato Kehl graduou-se em Farmácia e posteriormente em Medicina. Ao longo de sua formação em Medicina, Kehl teve contato com as ideias de Galton, vindo a se tornar posteriormente um dos principais representantes e defensores do ideário da eugenia no Brasil.

responsável por uma vasta produção no campo da eugenia, relacionando tal temática com diversas áreas do conhecimento. Neste caminho investigativo, tive como resultado conclusivo da pesquisa que Kehl não propôs a construção de uma nova psicologia eugenista *stricto sensu*, mas se apropriou dos saberes da psicologia para dar legitimidade ao seu projeto eugênico nacional. Dentre as várias iniciativas que integram a história de uma ciência- criação da laboratórios, produção de obras, desenvolvimento do ensino, criação e participação de associações, atuação prática no campo etc., reconhecemos que efetivamente, Kehl não figurou como personagem central na criação de laboratórios de psicologia e tampouco foi protagonista de ações diretas na área, mas integrava grupos e espaços que apregoavam a importância da psicologia no país. Cabe destacar que Academia Paulista de Psicologia (APP) atribuiu a Renato Kehl a cadeira de nº 13 dentre os patronos da psicologia; Kehl é reconhecido por esta instituição como pioneiro no campo da psicologia da personalidade. Posso dizer que a análise de suas obras me abriu os olhos para uma outra perspectiva sobre a história da psicologia, isto é, como o percurso de uma ciência também pode ser contado pelo modo como histórica e socialmente se apropriaram de suas teorias e de seus conhecimentos.

Assim, foi orientada e intrigada por esse modo de pensar a história da psicologia, que decidi continuar trabalhando com a obra de Renato Kehl e contar a história de uma ciência tendo em vista o modo como seus conhecimentos são apropriados e difundidos. Geralmente, a história dessa ciência é contada por uma perspectiva linear, a partir de datas e figuras históricas. Nesse sentido, é importante assinalar que a proposta deste trabalho não caminha nesta direção, ao contrário, acreditamos ser possível contar a história da ciência psicológica por outra perspectiva, isto é, a partir do modo e para qual finalidade seus conhecimentos foram apropriados. Reconhecemos que, com uma finalidade eugênica, figuras históricas lançaram mão dos conhecimentos da psicologia disponíveis em uma determinada época para incorporá-las aos seus projetos.

Assim, acreditamos que as formas de articulação e de apropriação dos conhecimentos da psicologia em voga em uma determinada época nos fazem pensar sobre a história da psicologia no Brasil. Para isto, defendemos que esse movimento de apropriação dos conhecimentos científicos constituem o campo histórico de desenvolvimento de uma ciência e sua investigação figura como essencial. Tomando como base a importância dos estudos históricos na formação e na atuação em psicologia, me pergunto por que razões não realizamos com frequência a associação entre psicologia e eugenia. Pensar nessas questões faz com que eu

me enverede também por reflexões sobre qual filosofia da história orienta as pesquisas e as discussões na seara da psicologia.

Tais reflexões acentuam a necessidade de assinalar que este trabalho não oculta a filosofia da história que o direciona. Tomando como base o materialismo histórico-dialético, assinalo que esta pesquisa não coaduna com a ideia de neutralidade da ciência ou do(a) pesquisador(a), isto é, de uma perspectiva que se abstém da articulação fundamental entre ciência e história; ao contrário, esta investigação está fundamentada numa perspectiva de classe e numa crítica às perspectivas históricas hegemônicas que pouco ou nada articulam o desenvolvimento da ciência psicológica às condições objetivas da organização social capitalista. Dentro das suas limitações e possibilidades, esta tese se articula a um projeto societário incompatível com princípios burgueses, ainda que se reconheça que a psicologia se encontra fundamentada, em geral, em tais princípios. Considero necessário destacar também que esta pesquisa apresenta críticas ao modo como pensamos e articulamos ética e politicamente os conhecimentos da psicologia científica, ou seja, aos projetos ético-políticos da psicologia. Assevero tal posicionamento, pois a posição crítica sobre a psicologia como ciência foi fundamental para que eu pudesse considerar e investigar aproximações entre psicologia e eugenia.

O termo “crítica”, grosso modo, nos leva à ideia de que uma revisão minuciosa sobre algo suscita uma posição oposta ou análoga àquela que se desenvolveu até então. Em outras palavras, análise crítica seria analisar para apresentar ou não acordo sobre algo. Em certa medida, nosso trabalho toma como base outras pesquisas históricas sobre a história da psicologia e assume uma posição crítica sobre muitos estudos que foram desenvolvidos até então; contudo, isto não faz desta pesquisa um estudo sobre o estado da arte da eugenia na psicologia. Neste trabalho, adotamos o termo crítica na perspectiva do método materialista histórico-dialético, isto é, entendemos que uma pesquisa crítica em história da psicologia ocorre a partir da revisão, da conservação e superação do modo como se discute a história da ciência psicológica, tomando como base as categorias materialidade, historicidade, contradição e superação.

Afirmar que há uma posição de não neutralidade da pesquisadora e o delineamento de uma filosofia da história pautada no materialismo histórico-dialético não garantem automaticamente a articulação entre psicologia e eugenia, tampouco significa que pesquisas que se orientam por outra filosofia da história não seriam capazes de estabelecer tal relação. A

questão central e necessária para esta apresentação é que a análise da psicologia científica e da eugenia pautar-se-á numa perspectiva histórica explicitamente delineada.

Em meu entendimento, as discussões sobre a história da Psicologia no Brasil precisam estar articuladas às condições materiais de uma determinada época. Esta é uma premissa fundamental e que demarca minha defesa de que psicologia se integraliza na história dos homens, de sua *práxis* e, portanto, exige de nós um estudo aprofundado das diversas fases que historicamente constituem seu corpo teórico científico e prático, como também uma análise das íntimas conexões entre as condições objetivas de determinada época e o lugar ocupado pela psicologia naquele momento; caso contrário, corremos o risco de contar uma história abstrata da psicologia, como se essa ciência e seu desenvolvimento fossem alheios e não determinados pelas condições históricas. Além disso, é de fundamental importância reconhecer que o estudo da história da psicologia não deve ser realizado por uma perspectiva linear ou por uma ótica evolutiva, como se o passado estivesse completamente superado, concluído⁴; ao contrário, sua história ocorre a partir das contradições que constituem o fazer dos homens ao longo dos tempos.

Tendo em vista que darei continuidade ao estudo da obra de Renato Kehl, é importante assinalar que, neste trabalho, parto do princípio de que há uma convergência entre o ideário da higiene mental e da eugenia, embora tais ideários sejam fundamentados em eixos distintos. Na historiografia da psicologia no Brasil, é exígua a relação entre psicologia e eugenia, ainda que se reconheça parcamente que os intelectuais defensores da Higiene Mental contribuíram para a autonomização da psicologia. Nesse sentido, se nos é possível reconhecer que saberes da psicologia integralizaram programas e propostas em defesa da higiene mental, possibilitando assim o desenvolvimento da psicologia no país, por que alonginuar do campo de pesquisas um debate aprofundado entre a eugenia e a psicologia?

Se analisarmos o percurso teórico de Renato Kehl, podemos, em um primeiro momento, tal como fizemos no estudo anterior, pensar que o médico eugenista de fato não propôs a

⁴ Esse debate é amplo e se integra ao campo da historiografia da ciência psicológica. Para este momento, recorro a um exemplo cotidiano da docência em psicologia a fim de indicar as consequências da ausência do debate sobre o sentido da história. Em uma das aulas da disciplina de Introdução à Psicologia, em que eu debatia a importância da história, umas das alunas da turma me perguntou: Quando vamos chegar ao final da história, em que uma das figuras da psicologia superou todas as outras que estavam antes e sua teoria seria a única certa? Tal questão me tocou profundamente, me fez pensar na maneira como os estudantes tinham (e ainda têm) uma ideia prévia do que seria contar a história da psicologia. Embora esta questão se assente no modo positivista de se entender a história desde o período escolar, ela ganha contornos no Ensino Superior e carece de atenção, pois, é a partir de uma compreensão aprofundada do sentido da história de uma ciência que se redimensiona sua função e o sentido de nossa atuação profissional.

“derrubada” da psicologia que se desenvolvia no país, para assim apresentar outro projeto científico para a psicologia, isto é, para construir uma psicologia eugenista; entretanto, ao fazer uso das proposições da ciência psicológica vigentes para legitimar um projeto eugênico nacional, tal como identificamos na análise de suas obras, não estaria Kehl contribuindo, de certa forma, para o campo de estudos da psicologia, ainda que para fortalecer os projetos para os quais os conhecimentos da psicologia serviram?

É possível reconhecer que Renato Kehl identifica na ciência psicológica uma base teórica e técnica que fundamenta e legitima seu projeto eugênico; mas, ainda que identifique na psicologia uma base para sua proposta eugênica, não é possível afirmar que ele propôs a construção de outra psicologia, tomando como base um arcabouço científico já dado, isto é, a partir do terreno da própria psicologia. Nesse sentido, ao pisar no solo teórico da psicologia, Kehl acaba por delinear um projeto para esta ciência, isto é, uma função eugênica, voltada à identificação e avaliação das características do sujeito; portanto, uma psicologia cuja finalidade voltar-se-ia ao “melhoramento da raça”. Com isso, a psicologia seria uma forte aliada do estudo e da classificação dos seres humanos.

Minhas reflexões se ancoram no fato de que Kehl buscou na psicologia abrigo teórico para seu pensamento eugênico, ou seja, o estudo do sujeito e de suas características; ao fazer isso, integra o campo de desenvolvimento da psicologia naquele momento. Entendo ser importante delinear esse ponto para demarcar que não houve por parte de Kehl uma apropriação incongruente da psicologia; afirmar isso seria negar as bases que sustentam a psicologia como ciência, ou seja, uma ciência cuja autonomização, hegemonicamente, esteve aliada às necessidades burguesas, individualizantes, de controle social, justificadoras e legitimadoras da dinâmica do modo de produção capitalista.

É fundamental asseverar que, neste trabalho, a análise histórica da eugenia e da psicologia não ocorrem a partir do presentismo ou de uma perspectiva anacrônica, negando a perspectiva dialética dos fenômenos. Analisar e tecer críticas à função burguesa da psicologia e à apropriação feita por Kehl não significa que esta seja a psicologia como um todo, significa que precisamos entender que o desenvolvimento da psicologia no Brasil pode ser entendido também sob a perspectiva individualista e burguesa que fundamentou discussões e medidas eugênicas no país.

Com base nisso, entendemos que algumas obras do referido eugenista nos oferece elementos para pensarmos ao menos uma parte da rede ampla e complexa que constituem a história da psicologia no Brasil. Os fundamentos que embasaram Kehl faziam referência a uma

psicologia reconhecida como psicologia científica na época. Desta forma, amparado pela ideia de inferioridade racial do povo brasileiro e pela necessidade de seu aperfeiçoamento físico, moral e psíquico, o médico eugenista buscou assegurar na psicologia conhecimentos que poderiam servir para eugenizar o país, portanto, a psicologia serviria como um de seus fundamentos. Assim, analisar como os conhecimentos da psicologia integralizaram o debate eugênico é um dos modos de escrever um dos muitos capítulos do desenvolvimento da ciência psicológica no Brasil. Entendemos que as formas de articulação e de apropriação dos conhecimentos em voga em uma determinada época integram o leque de estudos históricos e historiográficos da psicologia.

Orientada por tais reflexões e inquietações, a proposta geral deste trabalho pode contribuir, especificamente no que diz respeito à obra de Renato Kehl, para a historiografia da psicologia no Brasil, isto é, por seus atravessamentos ideológicos e pelos projetos políticos em pauta naquele momento. Escolhi fazê-la norteadada por uma determinada filosofia da história e tomando como base a negação da tese de que a história da psicologia pode ser contada apartada da história social dos homens, como se a psicologia por si só tivesse uma história própria que pairasse sobre o momento histórico e sobre suas condições concretas. Podemos dizer, em termos mais específicos, que o objetivo deste trabalho é investigar as produções de Renato Kehl a partir de 1945 e analisar se conhecimentos em psicologia estiveram integrados às suas produções, bem como se suas produções apresentavam um caráter eugênico. Esta é uma pesquisa de natureza bibliográfica e documental. De acordo com Severino (2007), investigações de natureza bibliográfica voltam-se à análise de materiais produzidos acerca do assunto que será investigado, ao passo que a pesquisa documental recorre a fontes tais como documentos, reportagens, jornais e documentos legais. Assim, intencionamos recorrer a fontes primárias, isto é, obras e documentos históricos sobre eugenia de autoria de Renato Kehl. Além disso, utilizaremos as produções e os documentos que versam sobre a temática da psicologia.

Um levantamento da produção de Kehl nos permitiu identificar um total de trinta e quatro obras de sua autoria⁵, oito delas circunscritas ao período adotado para este trabalho⁶. As

⁵ 1) Lições de Eugenia; 2) Sexo e Civilização; 3) Tipos Vulgares, 4) Conduta; 5) Educação Moral; 6) Fada Hígia; 7) Bíblia da Saúde; 8) Porque sou eugenista; 9) Como escolher uma boa esposa; 10) Como escolher um bom marido; 11) Eugenia e medicina social; 12) Melhoremos e prolonguemos a vida; 13) Cartilha de Higiene; 14) Bio-perspectivas; 15) Livro do chefe de família; 16) Catecismos para adultos; 17) Pensamentos; 18) Psicologia da personalidade; 19) A cura da fealdade; 20) Higiene Rural; 21) Através da filosofia; 22) Médico no lar; 23) Pais, médicos e mestres; 24) Meu guia; 25) Bastomicose; 26) Perigo venéreo; 27) Envelheça sorrindo; 28) A interpretação do homem; 29) Dicionário popular de medicina de urgência; 30) Formulário da beleza. 31) A cura do espírito; 32) Filosofia e Bio-perspectivismo; 33) Itinerário de vida; 34) Guia Sinóptico de Filosofia.

obras referentes a tal período são: *Guia sinóptico de filosofia – notas de estudos*, publicado em 1945; *Através da Filosofia e A cura do espírito*, ambas de 1946; *Higiene Rural: conselhos para a preservação da saúde na roça*, publicado em 1947; *Envelheça Sorrindo – Ensaio de macrobiótica ou arte de prolongar a vida e de geriatria ou “medicina dos velhos”*, de 1949; *A interpretação do homem* de 1951, *Itinerário de vida. Coletânea “preparação para a vida”* de 1954 e *Filosofia e Bio-perspectivismo*, de 1955. Considerando que o enfoque deste trabalho é a psicologia, me debruçarei nas obras deste autor que foram produzidas a partir de 1945 e que se aproximam da psicologia e da filosofia. O critério de seleção também pela filosofia se refere ao fato de que historicamente esse campo de conhecimento foi fundamental para a constituição histórica da psicologia científica. Assim, quatro obras concernentes ao tema foram selecionadas: *Guia sinóptico de filosofia – notas de estudos*, *Através da Filosofia*, *A interpretação do homem* e *Filosofia e Bio-perspectivismo*.

É importante destacar que no campo de estudos e pesquisas sobre eugenia, as investigações e debates sobre tal temática se organizam entre a eugenia no período que antecede a Segunda Guerra Mundial e o período Pós-Guerra. A propagação das ideias eugênicas ocorreu no âmbito nacional e internacional; no caso brasileiro, as propostas eugênicas foram acolhidas e encontraram abrigo no projeto político e social de progresso e desenvolvimento da Nação. A propagação e a adesão das ideias eugênicas até meados do século XX é de fundamental importância no campo de estudos sobre o tema, tendo em vista que tal momento histórico figurou como um período prolífico de pesquisas sobre a eugenia. A partir de 1945, a discussão sobre as questões raciais ganharia outros contornos. O conflito bélico, amalgamado por um ideário eugenista, afetou diretamente o percurso da eugenia, tais como as tentativas de esquecimento dessas ideias e sua classificação como pseudociência após a derrota do Eixo.

O período de tentativas massivas de esquecimento da eugenia relaciona-se, em certa medida, com a fase de consolidação da psicologia como ciência no Brasil. Assim, se tomarmos como base que o movimento eugênico encontrou na ciência psicológica subsídio teórico para legitimar a inferioridade de um grupo sobre o outro, poderíamos pensar que no período de

⁶ Realizamos um extenso trabalho de levantamento, classificação, localização e conferência *in loco* das obras de Renato Kehl a partir de 1945; entretanto, tal levantamento não esgota a possibilidade de outras obras deste período serem localizadas posteriormente. Após este levantamento, continuamos com as buscas, pois, o trabalho de catalogação de fontes primárias é processual e não está circunscrito exclusivamente ao tempo de realização de uma pesquisa. Na etapa de análise das obras selecionadas, localizamos as obras *Itinerário de vida. Coletânea “preparação para a vida”* e *A cura do espírito*, que já havia sido localizada, mas sua data de publicação era incerta. O trabalho de Masiero (2013) indicava que a obra datava de 1943 e foi reeditada posteriormente; outras publicações indicavam 1954, mas se tratava da 3ª. edição. Recentemente conseguimos localizar um exemplar que indicava ser a 1ª. edição com data de 1946. Tendo em conta que a localização ocorreu após o início da análise das obras, optamos por incluí-la na catalogação e analisá-las em um estudo posterior.

consolidação da psicologia no país as ideias eugênicas encontraram resguardo na psicologia? Tendo em vista que no período pós-1945 as ideias eugênicas ganham outra roupagem, considerando a nova conjuntura mundial, seria possível pensar que tais ideias encontraram ancoragem na ciência psicológica para atribuir outros contornos ao “melhoramento da raça” e, com isso, contribuíram com a consolidação da psicologia no país?

A fito de indicar a necessidade de desenvolvimento deste trabalho, realizamos um mapeamento de produções para identificar pesquisas que relacionam a temática da eugenia com a história da psicologia. A proposta não era realizar um estudo sobre o estado da arte da eugenia na seara da psicologia; entretanto, um levantamento, ainda que não exaustivo, nos auxiliou a fundamentar a tese aqui em questão. Adotamos como banco de dados *Scielo*, *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações* (BDTD) e *Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES*; utilizamos como descritores relacionados ao tema: psicologia, psicologia da educação, eugenia e eugenismo, pós-guerra, 1945, pós-1945 e Renato Kehl. O objetivo era mapear trabalhos produzidos por pesquisadores e pesquisadoras nesse campo de estudos. Optamos por escolher ao menos um banco de dados que concentra artigos a fim de averiguar também produções internacionais, haja vista que os outros dois bancos de dados elegidos concentram somente produções brasileiras. A partir do título das publicações selecionamos os trabalhos convergentes e realizamos a leitura dos resumos. Os materiais que apresentavam convergência com o nosso tema de pesquisa foram analisados na íntegra. Diversos trabalhos foram filtrados por conta do nome Eugênia por se confundirem com descritor “eugenia”, fato este que acarretou a filtragem de diversos trabalhos que posteriormente foram descartados da seleção por não apresentarem proximidade com o tema.

Localizamos produções científicas no campo da medicina e da neurologia que se relacionam com a psicologia; esses trabalhos versavam sobre a centralidade dos elementos biologizantes e discutiam como tal perspectiva poderia indicar uma atualização dos discursos eugênicos. Além disso, encontramos produções sobre higiene mental e psicologia com trabalhos que abordam a clínica de eufrenia⁷, classificação escolar das crianças e profilaxia infantil. Em linhas gerais, foi possível localizar produções que versavam sobre eugenia, entretanto, alguns trabalhos discutiam sobre tal temática antes de 1945 e outros não pertenciam ao campo da psicologia. Optamos por indicar e comentar cinco trabalhos localizados que

⁷ O termo eufrenia se refere à ciência da boa “cerebração”, da boa atividade psíquica. Abordaremos posteriormente sobre esse tema.

apresentaram proximidade com o tema, um deles sobre o pensamento de Renato Kehl e quatro sobre eugenia e psicologia.

O trabalho de Silva (2019), intitulado *O pensamento eugênico de Renato Kehl nas décadas de 1940 e 1950*, versa sobre o pensamento do referido autor nas décadas de 1940-1950 e valeu-se da análise de três obras do autor nas quais duas encontram-se elencadas também em nossa pesquisa. O trabalho em questão esteve circunscrito ao campo da História e não tinha como proposta tecer articulações com o desenvolvimento da psicologia no Brasil. Tendo em vista seu objetivo, entendemos que esse trabalho integra o vasto campo de estudos sobre o complexo pensamento de Kehl e não descarta a necessidade de desenvolvimento da nossa pesquisa.

A aproximação entre eugenia e psicologia pôde ser identificada nos trabalhos de Masiero (2000; 2002; 2004; 2005), intitulados respectivamente como: *Sobre a Psycho Eugenia: uma contribuição aos estudos históricos em psicologia no Brasil: 1900-1940*; “*Psicologia das raças*” e *religiosidade no Brasil: uma intersecção histórica*; *Questões sobre raça e psicologia em periódicos brasileiros: a solução eugênica* e *A Psicologia racial no Brasil (1918-1929)*. Esses trabalhos realizaram uma discussão sobre psicologia e eugenia a partir de uma pesquisa documental. Embora alicerçados na mesma temática, os estudos de Masiero foram orientados por uma perspectiva teórico-metodológica que difere da perspectiva adotada nesta pesquisa e o recorte temporal não está circunscrito ao pós-145. Entendemos que a realização de tais estudos não esgota a necessidade de outras investigações sobre a temática em questão, haja vista que a relação entre psicologia e eugenia pode ser feita por diferentes perspectivas teórico-metodológicas e a partir de diferentes períodos históricos da psicologia no Brasil e do movimento eugênico nacional.

Embora não tenham sido localizados com os descritores supracitados, reconhecemos as contribuições de Vallejo (2013; 2017), Miranda (2017; 2018; 2022), Diwan (2020), Goés (2021), Boarini e Yamamoto (2004) no estudo e debate sobre eugenia após 1945. No que tange às ideias eugênicas no período pós-guerra, localizamos poucos trabalhos que versam sobre essa temática, mas nenhum deles correspondia ao âmbito da psicologia. Em nosso entendimento, a baixa produção de trabalhos pode estar relacionada à seara de investigações sobre eugenia no pós-guerra. Embora alguns estudos tenham sido realizados, os estudos sobre eugenia no referido período ainda se encontram em desenvolvimento. A eugenia após 1945 figura como um campo que ainda não foi exaustivamente explorado tal como as ideias eugênicas até a metade do século XX.

Em nosso entendimento, identificamos uma variedade de estudos sobre a temática da eugenia em diversos campos de conhecimento, mas, no que se refere à psicologia, há uma escassez de produções que abordem esse tema. O mapeamento realizado nos permite reconhecer a insuficiência de trabalhos sobre eugenia e psicologia e salienta a realização de pesquisas que abordem a eugenia no campo da história da psicologia no Brasil.

Após apresentar minha relação com o tema, delinear as problemáticas, os fundamentos e a proposta da tese em questão, finalizo esta parte com a estrutura da tese. De início, um capítulo que versa sobre o conceito de história e fundamentos teórico-metodológicos dos estudos sobre a história da psicologia; neste capítulo pretendo explicitar os fundamentos que orientam nossa discussão, tomando como base o materialismo histórico-dialético. Em seguida, uma sistematização sobre o conceito de eugenia, seu percurso histórico, incluindo a América Latina, o Brasil e a localização da figura de Renato Kehl. Posteriormente, a apresentação e a análise das obras do autor. Em seguida, um capítulo que o debate entre psicologia e eugenia após 1945.

1) BREVE PERCURSO HISTÓRICO DA PSICOLOGIA NO BRASIL E DELINEAMENTO DO MÉTODO E DOS PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A proposta desta pesquisa é investigar o pensamento de Renato Kehl a partir de 1945, isto é, após a derrota do Eixo na 1ª. Guerra Mundial, tomando como base algumas de suas produções que, direta ou indiretamente, estabelecem relação com a psicologia científica. Uma pesquisa pede, indiscutivelmente, um delineamento do caminho que será trilhado e os procedimentos utilizados com o intuito de responder às perguntas iniciais e aquelas que são engendradas ao longo da investigação para cumprir com os objetivos, ou seja, é preciso recorrer a um método. Neste capítulo, faremos alguns apontamentos acerca da problemática que envolve os estudos e debates no âmbito da história da psicologia; realizaremos algumas considerações sobre a historiografia das ciências, bem como apresentaremos brevemente os pressupostos teórico-metodológicos que inspiram este trabalho e os procedimentos de pesquisa.

1.1 Algumas considerações sobre o percurso histórico da psicologia

Reconhecemos os diversos estudos que integram a seara da história da psicologia; entretanto, chamamos a atenção para a possibilidade de ampliação dos estudos que articulam o desenvolvimento da ciência psicológica com a história geral, isto é, a compreensão histórica da psicologia deve ser construída tendo em vista as relações sociais na quais a psicologia se desenvolveu, os fatores conjunturais e estruturais que integram o seu processo de desenvolvimento. Em outras palavras,

[...] situar o ponto de vista dos sujeitos que a constroem: sua inserção social, suas concepções de homem, de mundo e de conhecimento e os interesses dos quais se tornam porta-vozes. Não se encontra a psicologia, seus produtores e reprodutores isolados temporal, espacial e socialmente; longe estão de qualquer forma de neutralidade ou acima de ideias e práticas que permeiam a sociedade da qual fazem parte. (ANTUNES, 2005. P. 108)

Dentre as várias perspectivas historiográficas que integram a história da psicologia, destacamos a perspectiva positivista ainda presente no âmbito da própria ciência psicológica. Esta perspectiva orienta-se pelo registro e retratação “pura e fiel” dos fatos históricos, isto é, isenta de interpretações. Segundo Schaff (1995), o positivismo desconsidera a relação entre sujeito e objeto, orienta-se por uma perspectiva mecanicista dos eventos históricos, de modo que cabe ao historiador(a) ou pesquisador(a) uma compreensão passiva e contemplativa, de modo a produzir um conhecimento neutro. O positivismo esvazia o significado da investigação

histórica, na medida em que desconsidera a interpretação como condição para compreender a historicidade dos fenômenos.

Usualmente, a história da psicologia como ciência tem como norte o desenvolvimento das teorias psicológicas e das figuras significativas nesse percurso, sem dar enfoque em um aspecto deveras importante, a filosofia da história. Compreendemos por filosofia da história aquilo que se refere à fundamentação filosófica da história; dito de outra maneira, seria o sentido da história (CARVALHO, 2014). Assim, nos deparamos com uma problemática que atravessa o campo dos estudos históricos na psicologia, isto é, pesquisas e debates sobre a história da ciência psicológica carecem de uma discussão da história da psicologia e não uma história particular da psicologia. Nesse sentido, entendemos que um delineamento acerca da filosofia da história não seria apenas indicar a perspectiva histórica que fundamenta a história da psicologia, mas de abrir um campo profícuo para a compreensão de como e o que compreendemos por história para assim entendermos as razões que levaram ao desenvolvimento da psicologia.

Grande parte da historiografia da psicologia registra a história da ciência psicológica por uma perspectiva linear, quando não idealista e internalista, deixando de lado as condições objetivas que interferem em seu processo de desenvolvimento; como resultado temos uma historiografia da psicologia que, em geral, assinala a sucessão de fatos, o que pode contribuir com uma ideia de que o desenvolvimento da psicologia ocorreu a partir de uma linha evolucionista em que o passado deu lugar ao novo, em contraposição à aceção hegeliana de *Aufhebung*, que se refere à ideia de superação por incorporação.

A prevalência de uma história linear da psicologia nos faz indagar que razões contribuem para que a história dessa ciência seja contada, na maioria das vezes, dessa forma, ou mais, se faz necessário refletir quais elementos operam como resistência em reconhecer o passado da psicologia a partir de uma perspectiva dialética, ou seja, de negação e superação por incorporação. Sobre esse ponto, cabe destacar que; a noção materialista e dialética da história que nos respalda nesta pesquisa,

[...] concebe a história como um processo contraditório, produto da ação dos homens, em sociedade, para a construção de sua própria existência. As ideias, nessa concepção, representam a realidade material vivida e construída pelos homens. [...] Trata-se de um processo contínuo de relação, que ocorre de forma dialética, expressando a unidade contraditória entre real e racional, numa perspectiva materialista. (GONÇALVES, 2015, pp. 38-39)

Uma de nossas hipóteses é de que o conhecimento da história pode nos convidar à leitura crítica sobre a ciência em geral e a psicologia em particular. Tomando como base as discussões

de Yamamoto (1987), uma análise profunda acerca das bases epistemológicas da psicologia, nos permite compreender que a psicologia científica se desenvolve sob a égide de necessidades burguesas, portanto, apresenta um explícito alinhamento à ordem social capitalista. Tal leitura nos faz avaliar quais alternativas nos são dadas para uma efetiva superação desse alinhamento. O conhecimento dos vários projetos de psicologia e suas articulações com projetos de sociedade é condição fundamental para que se possa apreender sua dinâmica, suas múltiplas determinações e, sobretudo, a potência das forças em disputa, que permitam traçar táticas e estratégias para a superação da psicologia hegemônica e concretizar o salto qualitativo para uma psicologia cujo projeto ético-político tenha como compromisso a transformação social pelo atendimento das demandas das classes oprimidas e pela produção de representações e significações de cunho emancipatório; em outras palavras, para o estabelecimento de uma nova hegemonia.

Tecer críticas e pensar nas condições de superação do capitalismo envolvem, em certa medida, pensar na necessidade da psicologia em outra organização social e essa não é uma tarefa fácil. Lev Vigotski (1896-1934), psicólogo russo precursor da Psicologia Histórico-Cultural, comprometeu-se com essa tarefa e desenvolveu no século XX uma revisão epistemológica crítica das escolas da psicologia da época, tomando como base o método materialista histórico-dialético e um posicionamento crítico de uma psicologia assentada em bases individualizantes.

Reconhecer o desenvolvimento da psicologia como ciência no modo de produção capitalista não significa reduzir tal processo a uma articulação meramente mecanicista entre o estatuto epistemológico da psicologia e esse modo de produção. É preciso compreender efetivamente as condições objetivas daquele momento histórico para assim apreender as contradições, os limites e os alcances de uma ciência em franco desenvolvimento; caso contrário, não se é capaz de reconhecer as contradições inerentes ao seu processo histórico. Assim, toda ciência é histórica, portanto, radicada num passado que precisa ser investigado e cujo conhecimento é de suma importância.

1.2 Apontamentos sobre historiografia das ciências

A proposta desta pesquisa conduz à necessidade de definir o que entendemos por historiografia e história. Assumimos a definição de Historiografia de Arostégui (2006), entendida como produto dos produtos históricos, nesse sentido, trabalha com a coleta, organização, análise e interpretação dos registros históricos; tal área não pode ser tomada como

sinônimo de história, ela é o modo como se conhece a história e como os conhecimentos obtidos a partir disso estão organizados.

Entendemos por História aquilo que diz respeito a ação dos homens ao longo dos tempos.

A palavra História é o objeto de usos anfibológicos entre os quais o mais comum é a sua aplicação a duas entidades diferentes: uma, a realidade do histórico, e outra, a disciplina que estuda a História. [...] a História como realidade na qual o homem está inserido e o conhecimento e registro das situações e sucessos que assinalam e manifestam essa inserção. [...] a palavra História passou a ter um significado muito mais amplo e a identificar-se com o transcurso temporal das coisas. (AROSTÉGUI, 2006, pp .25-26 e 28)

Com isso, podemos entender que a História figura como uma entidade ontológica, ao passo que a historiografia é a escrita da história.

No que tange à história das ciências, podemos compreender que seu modo de a conceber era apartado da atividade humana historicamente determinada, o que contribuiu para que a ciência fosse entendida como algo neutro, objetivo e cujo desenvolvimento era cumulativo e linear. De acordo com Bernal (1969), ciência e sociedade estabelecem uma relação, pois os acontecimentos sociais fomentam transformações no âmbito científico, assim como as transformações sociais são provocadas pela ciência.

O estudo da sua história tem mostrado que a ciência não é uma entidade que possa ser definida de uma vez para sempre. É um processo a ser estudado e descrito, uma atividade humana ligada a todas as outras atividades humanas e que com elas se entrelaça continuamente. [...] No passado, para algumas pessoas ainda hoje, a estrutura interna da ciência é vista como um sistema autônomo, completamente isolado do mundo social. Acredita-se num conhecimento intrínseco e puro – única maneira de nos aproximarmos da verdade absoluta, conseguida através de um método seguro e defendida por uma rejeição apaixonada das maneiras alternativas de olhar as coisas. [...] a adoção desta atitude foi um meio seguro para retardar o progresso científico [...] (BERNAL, 1969, p. 1285).

Além disso, o autor supracitado também assinala que o progresso científico tem relação com o desenvolvimento técnico e econômico, indicando assim que não seria possível pensar a ciência sem incorporar os elementos sociais, culturais, políticos e econômicos.

Na pesquisa em História da Ciência, devemos partir do empírico ou real aparente (o conteúdo das fontes historiográficas), proceder à análise (obtenção das mediações abstratas) e retornar ao concreto (a sistematização das determinações que regem o objeto). A análise das fontes historiográficas é o ponto de partida para as análises do historiador, cujos cuidados para manipulação, sistematizados pela nova historiografia da ciência [...] uma análise da História da Ciência, pautada no materialismo histórico-dialético como método, só pode ser saturada de determinações na medida em que estabelecidas correlações com aspectos singulares da realidade, apesar de esse não ser o polo regente. Desse modo, a singularidade compõe a universalidade, assim como a universalidade compõe a singularidade. (COLCURATO & MASSI, 2020, pp. 175-176)

Assim, a ciência deve ser compreendida como uma prática social humana, pois ações singulares no âmbito da ciência estão organicamente articuladas a uma estrutura e a uma conjuntura mais ampla; de igual maneira, os atos teleológicos também são analisados para pensar a conjuntura, isto é, a história da ciência deve ser pensada na dialética singular-particular-universal. A análise a partir de uma perspectiva dialética pode levar à superação de perspectivas individualizantes e que não correspondem às condições objetivas de um determinado momento histórico.

1.3 Fundamentos do método materialista histórico-dialético

Nesta pesquisa, nos inspiramos em alguns pressupostos do materialismo histórico-dialético. A seguir, será feita uma breve apresentação desse método, seguido da sua fundamentação e de sua contribuição para esta pesquisa.

Esse método permite apreender a psicologia como totalidade histórica, suas contradições e possibilidades de superação. O método materialista histórico-dialético permite alcançar a essência do fenômeno investigado, a partir das categorias totalidade, historicidade, contradição e superação. O estudo do passado de uma ciência orientado pelo materialismo histórico-dialético pode apreender seu percurso histórico, como processo e movimento, identificando as contradições e suas superações. Reiteramos que essa é uma concepção dentre várias concepções de método, decorrentes de diferentes concepções de mundo e de sociedade que implicam uma definição de história, de ciência, de história da ciência e de história da psicologia e de historiografia da psicologia⁸.

O método materialista histórico-dialético foi desenvolvido por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), que implica uma determinada interpretação do mundo, em contraposição à filosofia burguesa e aos interesses com os quais ela se compromete. Marx e Engels, em meados do século XIX, empreenderam uma rigorosa crítica às perspectivas idealistas e mecanicistas da filosofia burguesa, buscando aproximar-se da concreticidade da sociedade, para apreender a gênese, desenvolvimento, consolidação e decadência do modo de

⁸Para essa discussão recomendamos o debate feito por ABIB, José Antonio Damásio Epistemologia pluralizada e história da psicologia. São Paulo: **Sciencia Studia**, 7(2), 195-208, 2009 e BROZEK, Josef., MASSIMI, Marina. **Historiografia da Psicologia Moderna**. São Paulo: Loyola, 1998.

produção capitalista; dessa forma, o legado teórico de Marx e Engels consolidou-se como crítica ao capitalismo. A partir disso, tais autores demonstraram uma concepção de História, isto é, uma história da humanidade intrinsicamente ligada à troca, ao trabalho como categoria e como atividade fundante e exclusiva do ser social.

A produção da vida, tanto da própria, no trabalho, quanto da alheia na procriação, aparece desde já, como uma relação dupla – de um lado, como relação natural, de outro como relação social –, social no sentido de que por ela se entende a cooperação de vários indivíduos, sejam quais forem as condições, o modo, e a finalidade. Segue-se daí que um determinado modo de produção ou uma determinada fase industrial estão sempre ligados a um determinado modo de cooperação que é, ele próprio “força produtiva” –, que a soma das forças produtivas acessíveis ao homem condiciona o estado social e que, portanto, a “história da humanidade” deve ser estudada e elaborada sempre em conexão com a história da indústria e das trocas. (MARX & ENGELS, 2007. P.34).

Sob tal concepção de história, o sujeito também é histórico:

Parte-se da consideração do caráter histórico do movimento social em que estão inseridos os indivíduos. E do entendimento de que esse movimento é dialético, ou seja, tendo por base a contradição, é um processo contínuo em que há unidade e luta de contrários, transformação da quantidade em qualidade e superação (negação da negação). Com isso, é possível abordar a realidade e o homem sob outro enfoque. A subjetividade enquanto experiência humana pode ser tomada com uma outra conformação, a partir de um método que entende a relação entre objetividade e subjetividade como uma unidade de contrários, em movimento de transformação constante. (GONÇALVES, 2015, p. 49)

Sobre o aspecto crítico nos pressupostos de Marx e Engels, é fundamental destacar o modo tais autores compreendem o conceito de crítica, que oferece sustentabilidade para a crítica que se pretende, com este trabalho, contribuir acerca da história da psicologia.

Não se trata, como pode parecer a uma visão vulgar de “crítica”, de se posicionar frente ao conhecimento existente para recusá-lo ou, na melhor das hipóteses, distinguir nele o “bom” do “mal”. Em Marx, a crítica do conhecimento acumulado consiste em trazer ao exame racional, tornando-os conscientes, os seus *fundamentos*, os seus *conhecimentos* e os seus *limites* – ao mesmo tempo em que se faz a verificação dos conteúdos desse conhecimento a partir dos processos históricos reais. (PAULO NETTO, 2011, p. 18)

A crítica e a superação por incorporação resultaram na construção do materialismo histórico-dialético, desta forma, entendemos o materialismo histórico-dialético como fundamento do método.

O método em Marx sustenta-se numa lógica investigativa que se propõe a apreender a concreticidade dos fenômenos, bem como exige a compreensão das categorias que os integram. Podemos compreender a categoria como uma expressão do pensamento que está implicado na realidade, ou seja, a categoria é uma condição da existência da realidade, ela expressa teoricamente aquilo que se materializa na realidade ao passo que conceito seria uma abstração,

e, por ser uma formulação abstrata na forma de enunciado, não necessariamente compreende a realidade.

A construção da categoria é, a meu ver, um desfecho, é a síntese da proposta de Marx, isto é, como se explica cientificamente um acontecimento, como se constrói a explicação. Na medida em que a explicação se sintetiza na categoria que poderíamos traduzir em “conceito”, numa lei, então a construção da categoria é por assim dizer, o núcleo, o desfecho da reflexão dialética; explicar dialeticamente e construir a categoria ou as categorias que resultam da reflexão sobre o acontecimento que está sendo pesquisado. (IANNI, 2012, p. 397)

Marx (2011, p. 51) afirma ainda que

Como em geral em toda ciência histórica e social, no curso das categorias econômicas é preciso ter presente que o sujeito, aqui a moderna sociedade burguesa, é dado tanto na realidade como na cabeça, e que, por conseguinte, as categorias expressam formas de ser, determinações de existência, com frequência somente aspectos singulares, dessa sociedade determinada, desse sujeito, e que, por isso, a sociedade, *também do ponto de vista científico*, de modo algum só começa ali onde o discurso é sobre ela *enquanto tal*.

As categorias se constroem a partir da reflexão e carregam as relações e as estruturas que constituem o fenômeno. Assim, são necessárias para a compreensão da realidade, isto é, para aquilo que não está posto no campo da aparência, na apreensão imediata. Embora a aparência seja importante como ponto de partida para o processo de conhecimento de um determinado fenômeno, é necessário que se parta de uma síntese (precária) e se empreendam sucessivas análises que levam a uma nova síntese, qualitativamente superior àquela da qual se partiu; para isso, é necessário destacar o papel do empírico na apreensão das determinações que levam até o concreto. O concreto é síntese de múltiplas determinações que não correspondem à sua essência de forma imediata.

O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação. (MARX, 2011, p. 47)

A partir dos pressupostos de Marx, o(a) pesquisador(a) investiga o objeto tendo em vista sua existência real, isto é, parte da aparência para se chegar à essência, isto é, ao complexo de determinações. Em outras palavras, o conhecimento do objeto “real” é o produto das mediações entre aquilo que se percebe empiricamente do objeto e as mediações teóricas que são estabelecidas. O(a) pesquisador(a) deve partir do objeto, isto é, de sua aparência, para chegar ao conhecimento de sua essência, partindo de uma síntese precária e seguir por um rigoroso processo de análise, apreender as mediações que o constituem, isto é, apreender no plano do pensamento sua estrutura e sua dinâmica (dimensão teórica). Nesse sentido, o conhecimento

produzido seria a reprodução ideal e rigorosa do movimento que o objeto possui na realidade material. Tendo em vista a reprodução de uma parcela do real no plano do pensamento, é importante destacar que tal reprodução não é apenas um reflexo mecânico da realidade, se assim fosse, seria irrelevante o papel do(a) pesquisador(a).

Assim, o papel do(a) pesquisador(a) é fundamental para desnudar as camadas que integram um objeto que constitui a realidade.

[...] o papel do sujeito é essencialmente ativo: precisamente para apreender não a aparência ou forma dada ao objeto, mas a sua essência, a sua estrutura e a sua dinâmica (mais exatamente: para apreendê-lo como um processo), o sujeito deve ser capaz de mobilizar um máximo de conhecimentos, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação (PAULO NETTO, 2018, p. 25)

Aquilo que se entende por método e sua fundamentação do ponto de vista ontológico e epistemológico determina o modo como o(a) pesquisador(a) se aproxima do seu objeto. O método materialista histórico-dialético nos permite chegar à concreticidade do objeto, ou seja, atingir as múltiplas determinações, sair da aparência para chegar à essência. Nesse sentido, a escolha de procedimentos e ferramentas para atingir um determinado objetivo de pesquisa são determinados pelo método adotado.

Kosik (1976), baseado no pensamento de Marx, nos oferece elementos para pensar o percurso investigativo sobre um determinado fenômeno.

O ponto de partida do exame deve ser formalmente idêntico ao resultado. Este ponto de partida deve manter a identidade durante todo o curso de raciocínio visto que ele constitui a única garantia de que o pensamento não se perderá no seu caminho. Mas o sentido do exame está no fato de que no seu movimento em espiral ele chega a um resultado que não era conhecido no ponto de partida e que, portanto, dada a identidade formal do ponto de partida e do resultado, o pensamento, ao concluir o seu movimento, chega a algo diverso pelo seu conteúdo – daquilo que tinha partido. [...] O caminho entre a “caótica representação do todo” e a “rica totalidade de multiplicidade das determinações e das relações” coincide com a compreensão da realidade. (KOSIK, 1976, p. 36)

A lógica dialética nos auxilia a conhecer a “coisa em si”; no entanto, “a coisa em si” não se manifesta diretamente ao sujeito cognoscente, pelo contrário, é necessário fazer um caminho sistemático e rigoroso para conhecer um determinado fenômeno⁹. Nesse sentido, a partir da lógica dialética, busca-se a decomposição do todo (análise) para atingir o conhecimento da essência, isto é, busca-se decompor o todo para posteriormente reproduzir idealmente a estrutura do fenômeno (síntese) e assim aproximar-se de sua essência (o conhecimento da coisa

⁹ O fenômeno é a dimensão daquilo que aparece para o sujeito. Lidamos com a realidade a partir do fenômeno, isto com é, com uma parte dela, a aparência.

em si). O conhecimento da coisa em si só pode ser atingido por meio da atividade de conhecer ou, como diria o Kosik (1976), por meio de um *detour* e não por contemplação ou mera reflexão sobre o objeto.

O todo como um todo de pensamentos, tal como aparece na cabeça, é um produto da cabeça pensante que se apropria do mundo do único modo que lhe é possível, um modo que é diferente de sua apropriação artística, religiosa e prático-mental. O sujeito real, como antes, continua a existir em sua autonomia fora da cabeça; isso, claro, enquanto a cabeça se comportar apenas de forma especulativa, apenas teoricamente. Por isso, também no método teórico o sujeito, a sociedade, tem de estar continuamente presente como pressuposto da representação (MARX, 2011. p. 48).

A representação do fenômeno não coincide imediatamente com sua essência, pois na vida prática e cotidiana construímos nossas representações acerca das coisas, criamos um sistema de noções de um determinado objeto na realidade¹⁰, que é contraditório à lei do fenômeno na sua essência. Vale lembrar que a contradição é inerente à realidade.

O fenômeno não é radicalmente diferente da essência, e a essência não é uma realidade pertencente a uma ordem diversa da do fenômeno. Se assim fosse efetivamente, o fenômeno não se ligaria à essência através de uma relação íntima, não poderia manifestá-la e ao mesmo tempo escondê-la; a sua relação seria reciprocamente externa e indiferente. Captar o fenômeno de determinada coisa significa indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno, e como ao mesmo tempo nele se esconde. (KOSIK, 1976, p. 16)

Nesse sentido, podemos pensar que um determinado fenômeno carrega uma essência; porém, a essência não se manifesta imediatamente no próprio fenômeno, inclusive o próprio fenômeno pode indicar algo que não condiz com sua essência, isto é, que o afasta de sua essência e que em seu movimento assume uma manifestação contraditória à essência. Sobre esse ponto, cabe assinalar que a essência do fenômeno é processo em constante movimento e que não está fundamenta em bases idealistas. Apontar as contradições, a não identidade entre aparência e essência e indicar a necessidade de um caminho investigativo não significa negar a articulação entre as duas instâncias, significa que para compreender o fenômeno é necessário partir da aparência e aproximar-se de sua essência. Nesse sentido, e retomando a Marx, se essência e aparência coincidissem imediatamente, a ciência seria desnecessária.

O método de pesquisa fundamentado nos pressupostos do materialismo histórico-dialético permite diversas possibilidades investigativas de um mesmo objeto. Dentre as várias possibilidades, reconhecemos que a análise do discurso/ideias de Renato Kehl poderia ser uma delas. Nesta pesquisa, optamos por uma análise interna das obras selecionadas; em outras palavras, a realização de um estudo analítico dos elementos que integram as obras, cotejando-

¹⁰ A realidade pode ser definida como a unidade entre o fenômeno e a essência.

os com elementos de obras anteriores do autor e buscando explicitar a maneira como o autor incorpora as ideias dos muitos autores por ele citados e, especialmente, como ele articula tais ideias com a psicologia e um possível projeto eugênico. Nossa escolha esteve pautada no tempo previamente estabelecido para a realização desta pesquisa e no objetivo de complementar o campo de estudos da eugenia no Pós-Guerra por meio da análise de fontes primárias. Acreditamos que os aspectos conclusivos deste trabalho nos permitem dar continuidade à investigação do pensamento de Kehl, levando em conta os elementos que integram seu discurso bem como a interface entre suas concepções teóricas e o momento histórico do país.

1.4 Procedimentos que integram uma pesquisa

Realizamos uma investigação sobre a eugenia e a psicologia, de natureza bibliográfica, tomando as obras escritas por Kehl a partir de 1945 como fontes primárias, cuidando para interpretá-las como produções de um autor reconhecido por sua adesão à eugenia e como obras produzidas num dado momento histórico, buscando considerar o modo como fazem parte de uma realidade, contraditória, na qual há projetos político-sociais em disputa, mostrando-se o autor, em suas obras, como expressão e, possivelmente, por seu reconhecimento, um protagonista de um dos polos desses projetos em luta.

Em nosso entendimento, as discussões sobre eugenia no campo da psicologia integram aquilo que compreendemos por ciência psicológica até os dias de hoje em nosso país; isto não significa que o passado se repita no presente, mas que o presente só pode ser compreendido a partir de uma rede de elementos que formam uma constelação entre presente e passado. Assim, esta tese se fundamenta na negação de que a história da psicologia no Brasil possa ser contada por uma base não contraditória; desta maneira, o debate sobre psicologia e eugenia pode contribuir para nos mostrar as contradições que permeiam o processo de desenvolvimento da ciência psicológica no Brasil.

O breve levantamento realizado, nos permitiu constatar um escasso número de trabalhos que versam sobre eugenia e psicologia; portanto, consideramos que esta pesquisa pode contribuir com o debate sobre história da psicologia e eugenia, e, de forma secundária, lançar reflexões sobre o modo como se organizam os estudos sobre história da psicologia no Brasil.

Esta pesquisa encontra-se alicerçada no campo das pesquisas históricas inspirada no materialismo histórico-dialético do ponto de vista ontológico, epistemológico e metodológico. Ontológico porque parte da concepção da realidade e de mundo de Marx e Engels, epistemológico porque considera que o conhecimento é histórico e produzido nas relações que

se estabelecem com a realidade e metodológico porque faz parte do método do materialismo histórico-dialético.

Nesta pesquisa, nosso objeto é a produção de Renato Kehl a partir de 1945 e nosso objetivo é investigar a relação de tais obras com a eugenia e a psicologia. Nesse sentido, cabe assinalar que a eugenia figura como um elemento que foi historicamente construído pelos homens; portanto, não existe na realidade como parte integrante da natureza, isto é, independente da ação humana, ao contrário. É indispensável destacar que o estudo da eugenia deve ter em vista que essas ideias foram historicamente construídas e sofreram transformações quanto ao seu entendimento ao longo do tempo, como é o caso de algumas posições atuais que afirmam a pseudocientificidade da eugenia levando a um debate importante sobre a maneira como se compreendem as ideias eugênicas desde seu surgimento até o presente momento.

Se concebemos o método como caminho percorrido para investigar um objeto, reconhecemos que ao longo desse processo é necessário escolher e explicitar quais instrumentos e técnicas serão utilizados para sua pesquisa; em outras palavras, escolher os procedimentos de produção e de análise de dados que permitam a aproximação com a realidade para se atingir os objetivos propostos. Desta forma, as produções de Renato Kehl a partir de 1945 que se relacionam com a filosofia e com a psicologia são nossas fontes primárias, são o material empírico que adotamos para desnudar o objeto a ser investigado. Podemos dizer que esta pesquisa é de natureza documental-bibliográfica, que se valerá de fontes primárias para investigar o objeto a partir de procedimentos de análise qualitativa.

Conforme assinalado na apresentação deste trabalho, realizou-se o levantamento e a localização de todas as obras de Renato Kehl publicadas a partir de 1945. Os materiais selecionados a partir do critério de proximidade com a filosofia e a psicologia foram analisados por ordem cronológica de publicação, pois acreditamos que a ordem cronológica poderia indicar elementos sequenciais (ou não) no pensamento do autor.

2) ASPECTOS HISTÓRICOS DA EUGENIA

Neste capítulo, faremos algumas considerações sobre o desenvolvimento da eugenia, sua acolhida e propagação em alguns países da América Latina, no caso Brasil e Argentina, dando ênfase ao caso brasileiro, para em seguida localizar a importância de Renato Kehl e de suas produções nesse cenário. A escolha pelos dois países supracitados esteve fundamentada na rede que se estabeleceu entre Brasil e Argentina com vistas ao fortalecimento e difusão da eugenia. Por último, realizaremos alguns apontamentos sobre a eugenia após 1945 com a finalidade de estabelecer conexões e abrir espaço para as produções de Kehl no período Pós-Guerra. Advertimos que uma discussão mais aprofundada sobre a eugenia no referido período dar-se-á posteriormente tendo em vista a análise das obras selecionadas para este trabalho.

2.1 Emergência e desenvolvimento da eugenia nos séculos XIX e XX

A compreensão do significado da eugenia deve extrapolar a esfera semântica, isto é, deve acompanhar, obrigatoriamente o momento histórico em que se desenvolveu. Especificamente, o termo em questão foi cunhado por Francis Galton (1822-1911), em 1883 e deriva do grego *eu-genes*, que significa “bem-nascido”; seu desenvolvimento faz parte de uma rede de estudos desenvolvida por este intelectual naquele momento e corresponde às condições objetivas da Inglaterra do final do século XIX, em um período designado como Era Vitoriana.

Conforme aponta Paulo Netto (2009), em meados do século XIX é possível pensarmos na consolidação efetiva do capitalismo; nesse cenário, a Inglaterra despontou como referencial no processo de consolidação desse sistema produtivo. Embora seja referência na consolidação do modo capitalista de produção, a consolidação de tal processo não se deu de maneira uniforme, mas marcada por contradições. O desenvolvimento da indústria e do comércio nos polos urbanos britânicos afetou diretamente as tradições e os costumes da época; a cidade de Londres, por exemplo, na mesma medida em que se desenvolvia, enfrentava as contradições desse desenvolvimento, isto é, era marcada pela miséria, pela pobreza, por questões relacionadas à moradia, à higiene e ao saneamento de uma parcela da população, sobretudo, da classe trabalhadora (ENGELS, 2008). Nessas condições históricas e materiais é que localizamos e articulamos o desenvolvimento da eugenia, isto é, como resultado do processo humano contraditório de buscar respostas para questões de sua época, tendo como horizonte a manutenção e o aprofundamento do modo de produção capitalista. Em nosso entendimento, os estudos realizados pelo polímata Francis Galton alinham-se a tal momento histórico.

Francis Galton era primo de Charles Darwin e realizou estudos acerca da herança genética e das diferenças entre sujeitos; sua aproximação com Darwin não era somente familiar, seus estudos sofreram o impacto da teoria darwiniana sobre evolução das espécies. O termo eugenia apareceria pela primeira vez na obra *Inquiries into Human Faculty and its Development*, de 1883; essa obra foi fruto de seus escritos após a publicação da obra *Hereditary Genius* no ano de 1869.

Na introdução da obra, Galton ([1883]/2004) assinala que seu objetivo era apresentar algumas considerações acerca das faculdades hereditárias humanas e as diferenças entre famílias e raças e, a partir disso, indicar a possibilidade de superação das características humanas “ineficientes” por características “melhores” em prol da evolução humana. Em alguns trechos da obra, o autor assinala outras investigações realizadas por ele, o que nos permite inferir que muitos dos apontamentos nessa obra se desenvolveram a partir de suas próprias investigações.

Especificamente, o termo eugenia aparece quando Galton discute as qualidades corporais, tomando como base a população britânica e o impacto das diferentes influências em determinados grupos e raças. A partir disso, o autor assinala que a proposta do livro não seria adentrar o campo das diferenças antropométricas raciais; no entanto, seria necessário analisar o “cultivo da raça”, isto que poderia ser chamado de *eugenic*. Galton ([1883]/2004) faz referência ao termo *eugenes* para se referir que em grego tal termo significa aquele que é hereditariamente dotado de características nobres ou de boa estirpe/linhagem e que a ideia de boa linhagem pode ser aplicada a homens, animais e plantas. Segundo o autor, o termo *eugenics* expressaria perfeitamente a ideia de melhoramento das características hereditárias e das características que prevalecem entre determinados grupos ou raças. O termo em questão seria mais adequado que o termo *viriculture* ou até mesmo a termos que se relacionam à ideia de acasalamento. Nesse sentido, a eugenia seria um conceito que se faz presente no debate em torno do homem e de suas características genéticas; assim, a eugenia consistiria na observação das cepas de linhagens superiores e o estímulo para seu desenvolvimento em detrimento das cepas consideradas inferiores.

Em outro momento da obra, especificamente na parte em que o autor se refere aos registros antropométricos e à importância de se estabelecer um método para coleta de informações dos sujeitos a partir de registros de fotografia, dados sobre a família etc., Galton ([1883]/2004) assinala o importante papel das características ancestrais nas linhagens e aponta que nosso caráter, nossa força e até mesmo nossas doenças dependem de nossos ancestrais.

Dessa forma, a investigação eugênica estaria prejudicada pela falta de históricos familiares, que poderia afetar as gerações futuras. Seguindo tal linha de raciocínio, Galton destaca que a investigação eugênica dos animais era possível tendo em vista a observação genealógica que era feita e registrada em tais grupos, ao passo que o grupo de seres humanos não possuía conhecimento além da sua terceira geração familiar; por causa disso, ressalta a importância de estudos práticos no campo da eugenia, em que os registros familiares deveriam ser encorajados.

Conforme destaca Alvarez Peláez (1985), Galton defendia a eugenia como se fosse uma religião e cujas medidas de transformação deveriam ser de ordem biológica. A comunidade científica acolheu e assumiu o compromisso de divulgação das ideias eugênicas; assim, Galton continuou seus estudos a fim de fundamentar ainda mais a ideia de melhoramento da “raça”. Além dos estudos, este intelectual fundou em 1906 um laboratório de estudos com Karl Pearson na Universidade de Londres e, posteriormente, protagonizou a criação da *Eugenics Education Society*, em 1907 (MIRANDA, 2012). Cabe aqui chamar atenção para o fato de que tal sociedade não era apenas uma Sociedade Eugênica, mas uma Sociedade de **Educação Eugênica**, o que nos faz pensar no debate sobre a eugenia não somente no campo de estudos e aplicação de medidas, mas voltado à formação de uma **consciência eugênica**, algo muito mais complexo do ponto de vista da formação humana e daquilo que se pretendia com as futuras gerações; em outras palavras, pensar em uma educação eugênica seria pensar em resultados a longo prazo e de longa permanência.

A partir dos esforços e estudos de Galton, a ciência do melhoramento da raça se desenvolveu e ganhou notoriedade em território britânico; contudo, não seria apenas na Inglaterra que tais ideias seriam difundidas, pois a eugenia recebeu acolhimento em diversos países do mundo, tais como Alemanha, França, Itália, Suécia, Dinamarca, Suíça, Rússia, Áustria, Espanha, Portugal, Holanda, Noruega, Tchecoslováquia, Polônia, Japão, China, Austrália, Nova Zelândia, México, Cuba, Canadá, Estados Unidos, Brasil, Argentina, Peru e Bolívia (DOMINGUES, 1942).

Além da difusão da ideia em diversos países, a institucionalização é outro ponto importante para compreendermos que a proposta de melhoramento da raça não esteve em um plano desordenado e com pouca iniciativa por parte daqueles que simpatizavam com esse ideário; ao contrário, ao longo dos anos, inúmeras instituições foram criadas com o intuito de legitimar, defender e propagar a eugenia, como é o caso da Comissão Internacional Permanente de Eugenia criada na sessão do 2º Congresso de Eugenia, em 1921, e que incluía países cooperantes como Bélgica, Tchecoslováquia, Dinamarca, França, Grã-Bretanha, Itália, Países

baixos, Noruega e Suécia, Argentina, Brasil, Canadá, Colômbia, Cuba, México, Venezuela, Estados Unidos. Em 1933 organizou-se a Federação Internacional de Sociedades Eugênicas (MIRANDA, 2012).

Além das agremiações, eventos também foram realizados e favoreciam o encontro, os debates e a criação de novas propostas entre os países. Em 1912, um ano após a morte de Galton, foi realizado o Primeiro Congresso de Eugenia na Universidade de Londres. Em 1921 ocorreu o Segundo Congresso de Eugenia na cidade de Nova York, na sede do Museu de História Natural. No ano de 1932, também em Nova York aconteceria o Terceiro Congresso de Eugenia.

A discussão sobre eugenia nos conduz, obrigatoriamente, a apontamentos acerca da noção de “raça” humana. Cabe assinalar que, ao longo deste trabalho, utilizaremos o termo “raça” tendo em vista seu significado histórico, político e social, isto é, tomando como base que tal conceito apresenta correspondência com a materialidade ainda que sua expressão teórica indique sua inexistência se considerarmos que não existem raças humanas. Assim, entendemos que,

É um conceito carregado de ideologia [...]. Por isso que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não biológico. Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias [...]. É a partir dessas raças fictícias ou “raças sociais” que se reproduzem e se mantêm os racismos populares. (MUNANGA, 2004, n. p)

Por definição, o termo deriva do italiano *razza*, que deriva do latim *ratio* e é associado à categoria ou espécie (MUNANGA, 2004). A discussão sobre categorização em raças procede da Zoologia e da Botânica e posteriormente se integraria ao campo social servindo para a classificação de grupos sociais e resultando no racismo. Desse modo, no século XVIII, o racismo facilitaria a classificação das raças a partir da cor da pele, originando os grupos de raça amarela, negra e branca.

A classificação da humanidade em raças hierarquizadas desembocou numa teoria pseudo-científica, a raciologia, que ganhou muito espaço no início do século XX. Na realidade, apesar da máscara científica, a raciologia tinha um conteúdo mais doutrinário do que científico, pois seu discurso serviu mais para justificar e legitimar os sistemas de dominação racial do que como explicação da variabilidade humana. Gradativamente, os conteúdos dessa doutrina chamada ciência, começaram a sair dos círculos intelectuais e acadêmicos para se difundir no tecido social das populações ocidentais dominantes. (MUNANGA, 2004, n. p)

Garcia (2022) assinala que o racismo se fundamenta como um sistema de opressões contra determinados grupos com base em alguma característica (cor da pele, geográfica, religiosa, étnica) e orientada pela premissa de que outro grupo seria superior. Dessa forma, o

racismo está pautado na discriminação e/ou opressão, de forma direta ou indireta de um sujeito ou de um determinado grupo.

Essa opressão pode ser escancarada, legalmente – como os casos históricos das Leis Jim Crow nos Estados Unidos, do Apartheid na África do Sul, da política Nazista de Hitler, do Sionismo de Israel perante os palestinos, do colonialismo na África – ou pode ser velada, determinando práticas, instituições, políticas eugenistas. (GARCIA, 2022, p. 236)

O Estado burguês figura como elementar para que práticas de opressão e discriminação sejam diretas ou indiretamente aplicadas. A regulamentação de leis pautadas na ideia de democracia, mas que não levam em consideração as desigualdades entre determinados grupos seria um exemplo de tal discriminação (ALMEIDA, 2021).

Com isso, entendemos que a discussão sobre o racismo deve levar em conta como sua reprodução social interliga-se ao modo de produção capitalista; por exemplo, “a relação de pauperização do negro faz parte de uma lógica mais ampla de pauperização humana (...) do ponto de vista histórico, no capitalismo, a questão racial vincula-se de forma tênue à questão da exploração do trabalho” (GARCIA, 2022, pp. 243-244). Nesse sentido, a constatação de que raças humanas não existem não figuraria como suficiente para a eliminação das opressões e discriminações raciais; dessa forma, o combate antirracista se faz por uma perspectiva das ideias, mas, acima de tudo, por uma transformação de caráter material e anticapitalista.

2.2 A eugenia nos países latino-americanos: Brasil e Argentina

O acolhimento e a repercussão da eugenia requerem um estudo aprofundado das particularidades dos países que a recebeu, para assim compreender o modo como tais ideias foram apropriadas e difundidas. Ainda que se leve em conta tais particularidades, não podemos deixar de pensar que, em geral, o modo como a eugenia reverberou nos países latinos difere da repercussão da eugenia anglo-saxônica. Tal fato nos permite debater a repercussão dessas ideias em território latino-americano tendo em vista as semelhanças históricas de tais países. Se nos países europeus as medidas eugênicas tinham como objetivo evitar a degeneração nacional sob o impacto da Primeira Guerra Mundial, nos países da América Latina a eugenia se articulava ao projeto de regeneração dos povos, isto é, à transformação dos países com vistas ao desenvolvimento e ao progresso econômico, lembrando que esses países foram constituídos pela colonização ibérica, que dominou os povos nativos e adotou o uso da força de trabalho escravizada principalmente oriunda de africanos sequestrados de suas terras.

A eugenia anglo-saxônica sofreu readaptações a partir das perspectivas estadunidense, alemã e escandinava do século XIX, ao passo que a eugenia latina apresenta proximidade com os regimes de Franco na Espanha e Mussolini na Itália (MIRANDA, 2012).

Nesse sentido pode-se estabelecer uma distinção básica entre a eugenia anglo-saxônica – relativa às readaptações norte-americanas e alemãs da tese surgida na Inglaterra vitoriana – e a eugenia latina; ainda que ambas compartilhem, no entanto, premissas teórico-práticas substanciais. A partir de um esquema classificatório e hierárquico de todos os indivíduos, organizaram – obviamente com diversos níveis de agressividade – a exclusão dos “menos aptos” e a promoção da reprodução dos “mais aptos” mediante intervenções do Estado no âmbito privado e fortíssimas restrições à liberdade individual. (VALLEJO & MIRANDA, 2011, p. 58, tradução nossa)¹¹

Assim, podemos pensar que, sem perder de vista as particularidades de cada país, a eugenia nos países da América Latina apresentou uma relação com os princípios latinos, sobretudo italianos. Em se tratando do caso italiano, podemos destacar a figura de Nicola Pende (1180-1970), médico italiano que desenvolveu estudos no campo da endocrinologia e apresentava estreita relação com a Igreja Católica italiana e com Mussolini.

Neste trabalho, partimos do princípio de que o debate sobre a eugenia na América Latina deve ser feito pela ótica de que nesse território se desenhou uma rede ampla, complexa e original do ponto de vista da apropriação e circulação das teorias racialistas e da eugenia e que o protagonismo assumido pelos Estados Unidos no campo da eugenia favoreceu a divisão entre eugenia anglo-saxônica e eugenia latina.

Dessa maneira, sendo a Itália o núcleo fundacional da denominada eugenia latina, adverte-se a confirmação de uma rede eugênica organizada por volta da década de 1930 e caracterizada como um sistema de vínculos biopolíticos que relacionavam entre si componentes ortodoxos dos campos eugênicos particulares de diversos países americanos com afinidade entre alguns Estados europeus (como é o caso da Espanha, França e Romênia). (MIRANDA, 2012, pp. 21-22, tradução nossa)¹²

Nos países latino-americanos, é possível falar de uma influência tanto latina como anglo-saxônica, ainda que em alguns momentos seja possível reconhecer uma maior influência

¹¹ En este sentido puede establecerse una básica distinción entre la eugenesia anglosajona –comprensiva de las readaptaciones norteamericanas y alemanas de la tesis surgida en la Inglaterra vitoriana– y la eugenesia latina; aunque ambas compartieran, empero, premisas teórico-prácticas sustanciales. Desde un esquema clasificatorio y jerárquico de todos los individuos, organizaron –claro está con diversos niveles de agresividad– la exclusión de los “menos aptos” y la promoción de la reproducción de los “más aptos” mediante intervenciones del Estado en el ámbito privado y fortísimas restricciones a la libertad individual

¹² De esta manera, siendo Italia el núcleo fundacional de la denominada eugenesia latina, se advierte la conformación de una red eugénica organizada hacia la década de 1930 y caracterizada como un sistema de vínculos biopolíticos que relacionaron entre sí componentes ortodoxos de los campos eugénicos particulares de diversos países americanos con algunos Estados europeos afines (como el caso de España, Francia y Rumania)

latina. Em que pesem as particularidades dos países latino-americanos, é possível pensar que a eugenia propagada nesse território se aproxima de uma eugenia não esterilizadora e biotipológica de contornos fascistas¹³. Tal reflexão sobre os países da América Latina não significa afirmar que não houve alguma influência anglo-saxônica; mas uma justaposição entre estratégias latinas e anglo-saxônicas. O pensamento de Renato Kehl, por exemplo, figura como um explícito exemplo de hibridismo teórico entre autores latinos e anglo-saxônicos (MIRANDA, 2012).

A segunda década do século XX pode ser caracterizada como um momento marcado pela pobreza e pela fragilidade da saúde nos países da América Latina, que despertava a atenção de médicos, sanitaristas e reformadores a fim de buscar saídas para questões da época (STEPAN, 2005). O cenário dos países latino-americanos, que favoreceu a recepção das ideias eugênicas, também foi atravessado pela propagação da teoria de Darwin, mas que foi marcada por particularidades.

O darwinismo – que chegou à América Latina nas décadas de 1870 e 1880, proveniente de uma variedade de fontes inglesas, francesas e alemãs, e de forma que **frequentemente se distanciavam consideravelmente das ideias do próprio Darwin** – teve bastante ressonância. Os darwinismos sociais assumidos pelos intelectuais e cientistas serviram como “metalinguagens”, fornecendo ricas estruturas polivalentes para a análise da história dos povos latino-americanos e seus destinos. (STEPAN, 2005, p. 50, grifo nosso)

A apropriação da teoria de Charles Darwin (1809-1882) ocorreu de modo particular na América Latina; no entanto, não é possível afirmar que Darwin se opôs por completo ao debate eugênico. Conforme destacam Carlos e Prestes (2021), Darwin foi considerado um abolicionista, não tolerava a escravidão e se opôs à tese de que mestiços eram seres inferiores; contudo, o naturalista não se opôs às teorias racialistas da época. Roitberg (2023) assinala que Darwin recorreu às teses galtonianas para fortalecer o debate sobre evolução das espécies e debater acerca da sobrevivência dos mais “fracos”.

Considerando a originalidade do movimento latino-americano, podemos assinalar que os países latino-americanos também tiveram um importante papel na constituição de uma rede continental de difusão da eugenia e que os intelectuais deste território apresentavam concordância com a ideia de eugenizar a nação, alinhavam-se quanto à preocupação com a saúde pública, à composição racial dos países e o desenvolvimento das nações.

¹³ Comumente a eugenia é associada às práticas mais radicais, tais como as da Alemanha nazista, no entanto, é importante lembrar que inúmeras foram suas expressões e que, não necessariamente todas incorriam em esterilização, por exemplo.

O trabalho documental realizado por Souza (2006) e por Vallejo e Miranda (2012) nos permite conhecer a complexa articulação e o afinamento entre intelectuais da América Latina em prol da eugeniação do território. Durante os anos de 1910 e 1920 o discurso eugênico não só ganharia força, como diversas instituições seriam criadas para oferecer legitimidade à proposta de melhoramento da raça. Representantes de diversos países, como Victor Delfino, da Argentina; Carlos Henrique de Paz Soldan, do Peru e Renato Kehl, brasileiro, trocaram inúmeras correspondências com o intuito de ampliar e fortalecer projetos eugênicos. Além dos três países em questão é possível identificar a proposta de difusão da eugenia em países como Venezuela, Colômbia, Paraguai, Chile, Cuba e México. A proposta era fundar uma organização de caráter continental voltada aos princípios eugênicos.

[...] as campanhas eugênicas eram lideradas por médicos obstetras, pediatras, sanitaristas e higienistas mentais, “e seus objetivos eram divulgar e aplicar a nova ciência da eugenia, mais do que realizar pesquisa sobre hereditariedade e saúde”. A propaganda eugênica serviria, ao menos nos primeiros anos de divulgação, muito mais para inserir o discurso da eugenia no campo científico e intelectual de seus referidos países, e disso os eugenistas latino-americanos estavam conscientes, do que propriamente para aplicar suas concepções médicas, sociais e políticas. Era necessário tornar a eugenia uma doutrina popular para só depois vê-la transformada em projeto, leis e manuais escolares. (SOUZA, 2006, p. 87)

De acordo com Santos (2012), o intercâmbio entre intelectuais, no caso de Renato Kehl e Victor Delfino, nos permite pensar em aproximações e semelhanças entre os movimentos eugênicos brasileiro e argentino; dito de outra maneira, a hegemonia do racismo científico somado ao determinismo biológico, resultariam em uma eugenia particular nos casos brasileiro e argentino.

Ainda que ao longo de 1910 a 1920 a eugenia tenha ganhado notoriedade, principalmente no âmbito institucional, a defesa de seus princípios não ficou restrita a esses períodos. As Jornadas Peruanas de Eugenia realizadas especificamente em 1939 e 1943 indicam não só como a eugenia continuava a ser propagada na década de 1940 na América Latina, como indica o fortalecimento de um vínculo regional entre os países da região, mesmo com o enfraquecimento das Conferências Panamericanas de Eugenia e Homicultura¹⁴. A saber, tais conferências foram realizadas em 1927, em Cuba, posteriormente em Buenos Aires, em 1934, e por último em Bogotá, em 1938. Com o passar do tempo o número de delegados participantes diminuiu significativamente. Um dos fatores atribuídos à diminuição da força das Conferências se deve ao fato de tais conferências terem sido incorporadas aos Congressos de Infância. É importante observar que, embora tenha havido o enfraquecimento de uma determinada

¹⁴ De acordo com Silva (2011) o termo *homicultura* se refere à ciência do indivíduo.

atividade, isso não nos permite afirmar que, como um todo, houve o enfraquecimento das ideias eugênicas na América Latina.

Destacamos a Segunda Conferência de Eugenia e Homicultura e a Primeira Jornada Peruana, a fim de analisar algumas características do movimento eugênico na América Latina e com o intuito de demarcar como tais ideias seguiram após 1930. Na ocasião da Primeira Jornada Peruana, em 1939, se estabeleceu que a Sociedade Mexicana de Eugenia seria a sede para a recepção das atividades eugênicas, assim como ponte com o Comitê da Federação Latina de Eugenia¹⁵. Além disso, nessa ocasião foi discutida a encíclica *Casti Connubii* promulgada em 1930 por Pio XI (1857-1939), afirmando a oposição da Igreja Católica à aplicação de práticas de controle de natalidade, tais como o aborto e a esterilização (MIRANDA, 2012). A postura da Igreja Católica afetaria a execução de algumas das medidas eugênicas e atribuiria contornos ao modo como tais ideias circulariam em cada país, no caso brasileiro, por exemplo, os eugenistas precisaram adaptar alguns princípios para encontrar apoio entre os adeptos do catolicismo.

De maneira geral, os eugenistas estavam conscientes da força que os argumentos religiosos desempenhavam na sociedade brasileira. Para o movimento eugênico, seria imprescindível, portanto, lançar mão do diálogo político e intelectual, do convencimento e de mediações que amenizassem as críticas à ciência eugênica.

Além disso, o próprio contexto cultural brasileiro levava a maioria dos eugenistas a adaptar alguns princípios da eugenia negativa ao imaginário católico nacional. (WEGNER; SOUZA, 2017, p. 274)

No que tange à postura de Renato Kehl perante a Igreja Católica, Wegner e Souza (2017) destacam que:

Seu primeiro passo nesse sentido foi a publicação de alguns artigos no *Boletim de Eugenia* sobre a relação entre os princípios humanitários da eugenia e do cristianismo. Nas edições de abril e maio de 1929, o *Boletim de Eugenia* publicou longo artigo do eugenista alemão Hermann Muckermann (1929, p.2-3), intitulado “Eugenia e catolicismo”. Nele, o autor destaca que a eugenia não fere os valores religiosos porque está ancorada nos princípios do “bem comum”. Em suas palavras, o catolicismo deveria favorecer “todos os esforços que pareçam adequados para estancar as fontes da degeneração”, já que o “futuro do Estado e da Igreja repousa sobre os homens sadios do corpo e do espírito”. (WEGNER; SOUZA, 2017, p. 273)

Na Segunda Conferência de Eugenia e Homicultura em 1934, em Buenos Aires, os delegados dos países latino-americanos recusaram medidas sectárias propostas pelos Estados Unidos. Ainda que tenha havido um rechaço de medidas de eugenia negativa isso não significa afirmar que a eugenia nos países latino-americanos figurou como menos coercitiva (SANTOS,

¹⁵ A Federação Latina de Sociedades de Eugenia foi criada em Roma a partir da iniciativa da Sociedade Italiana de Genética e Eugenia. (MIRANDA, 2012). A Federação Internacional Latina de Sociedades de Eugenia foi criada em 1935 no México (STEPAN, 2005).

2012). A saber, assinalamos que a classificação da eugenia por parte dos intelectuais eugenistas ocorria em três níveis: *preventiva, positiva e negativa*. De acordo com Kehl (1922), a eugenia preventiva estava voltada à profilaxia da raça, ao combate aos “venenos sociais” e à degeneração humana. A eugenia positiva seria aquela voltada ao incentivo à reprodução de sujeitos eugênicos, à educação sexual e ao matrimônio consciente. Em outras palavras, estava ligada à propagação da filosofia eugênica e de uma educação para a formação da consciência eugênica. Por outro lado, a eugenia negativa estaria voltada ao controle da reprodução humana com vistas a evitar o nascimento de indivíduos disgênicos. Com isso, medidas como esterilização, regulação imigratória, exame pré-nupcial e controle de matrimônio estariam circunscritas à eugenia negativa. Em que pese nosso destaque à classificação da eugenia estabelecida pelos seus defensores, reconhecemos as controvérsias engendradas por tal classificação, dentre elas a tentativa de amenizar a finalidade das práticas eugênicas. Nesse sentido, entendemos que a classificação parece ter uma função didática ou de abrandamento; porém, de forma geral, por seus pressupostos, as práticas eugênicas guardam em sua essência funções preventivas e de controle.

É importante lembrar que a propagação da eugenia se deu também pela via de outras instituições que não eram marcadamente eugênicas, como os campos da higiene e da higiene mental. Destaca-se que a questão das infecções sexualmente transmissíveis (então denominadas doenças venéreas) era também incorporada como uma questão eugênica. Conforme aponta Miranda (2012), a Liga Argentina de Profilaxia Social produziu uma publicação, indicando preocupação com questões que envolviam o continente americano.

[...] em meados de 1940, em comemoração à Sexta Celebração do Dia Antivenéreo, se retomaria a proposta de “eugenização do continente”, como resposta americana à guerra que se estava desenvolvendo na Europa e que operava como evidente fator disgênico. Nessa empreitada já estavam envolvidos Uruguai, mediante o Departamento de Higiene Sexual do Ministério de Saúde Pública; Brasil, através da Liga Brasileira de Higiene Mental do Rio de Janeiro e da Secretaria de Profilaxia de Sífilis e Doenças Venéreas do Estado de São Paulo. (MIRANDA, 2012, p. 47, tradução nossa)¹⁶

Tendo em vista que na América Latina a propagação da eugenia também se deu de forma sistematizada, se fez necessário analisar as particularidades da propagação da eugenia nessa região. Alguns estudos (STEPAN, 2005) apontam que, na América Latina, a propagação da

¹⁶ [...] durante los fastos de 1940 realizados en conmemoración de la Sexta Celebración del Día Antivenéreo, se retomaría la consigna que imponía tender a la “eugenización del continente”, como respuesta americana a la guerra que se estaba desarrollando en Europa y que operaba como evidente factor disgénico. En esta empresa ya estaban involucrados Uruguay, mediante el Departamento de Higiene Sexual del Ministerio de Salud Pública, Brasil a través de la Liga Brasileña de Higiene Mental de Río de Janeiro y de la Inspección de Profilaxis de la Sífilis y Enfermedades Venéreas del Estado de São Paulo

eugenia ocorreu tendo como base a perspectiva neolamarckista. O lamarckismo era a corrente oriunda do pensamento evolucionista de Jean-Baptiste-Pierre-Antoine de Monet, Chevalier de Lamarck (1744-1829). A teoria de Lamarck teve grande notoriedade no âmbito da hereditariedade e da evolução; o impacto dessa teoria foi afetado pela teoria de Darwin, que ganhou destaque no cenário mundial após 1859. Mesmo com o impacto da teoria darwiniana, o lamarckismo ainda figurava como uma explicação alternativa ao evolucionismo de Darwin; em outras palavras, era “[...] uma evolução que parecia menos brutal, menos impessoal e mais humana que aquela proposta pelo naturalista inglês (STEPAN, 2005, p. 79). Além da teoria de Darwin, a teoria de August Weismann (1834-1914) sobre células germinativas e a redescoberta das leis hereditárias de Gregor Mendel (1822-1884) causaram impacto na teoria de Lamarck, de maneira que seu uso nesse segundo momento pode ser denominado como neolamarckismo, ou seja, uma teoria que passou a ser utilizada frente às lacunas e incertezas do campo da hereditariedade e da genética.

Cabe assinalar que a tradição lamarckista e a mendeliana tiveram influência na difusão das ideias eugênicas. A corrente lamarckista considerava os aspectos ambientais no desenvolvimento de medidas em prol do melhoramento da raça, diferenciando-se da perspectiva mendeliana cuja base era predominantemente genética. Historicamente, o lamarckismo contribuiu para que a eugenia ganhasse uma conotação mais “amena” se comparada às medidas mais radicais como o aborto e a esterilização; pautadas na hereditariedade e cuja finalidade era evitar o nascimento de indivíduos disgênicos. O debate acerca da influência lamarckista e mendeliana é fundamental para compreender as particularidades dos movimentos eugênicos nos países latino-americanos.

Tendo em vista a complexidade de fatores que envolvem a recepção e a difusão das ideias eugênicas na América Latina, entendemos que em território latino-americano a eugenia não figurou exclusivamente como uma eugenia de base lamarckista e, portanto, mais branda, que a eugenia de base mendeliana (WEGNER; SOUZA, 2017). No caso brasileiro, por exemplo, as ideias eugênicas encontraram abrigo no movimento médico-sanitarista entre 1910 e 1920, especialmente com a atuação de Renato Kehl no Departamento Nacional de Saúde Pública; porém, é possível identificar o afastamento de Kehl da corrente sanitaria e sua identificação com os princípios de eugenia negativa e com os princípios mendelianos (WEGNER; SOUZA, 2017).

O estudo e o debate sobre a eugenia na América Latina deve extrapolar as fronteiras do lamarckismo ou mendelianismo para que se possa pensar nas práticas e ideias eugênicas que

integralizaram os países latino-americanos. Além das práticas e ideias, a eugenia em território latino-americano deve ser discutida tendo em vista sua penetração para além de instituições denominadas eugênicas. A pulverização e a adesão a essas ideias nas práticas e valores culturais de tais países exige de nós uma análise mais detida. Este é um ponto que nos direciona também para analisar o pensamento de Renato Kehl, ou seja, ir além do debate sobre sua proximidade ao mendelismo ou a determinados autores, sua posição mais ou menos sectária, para adentrar a complexidade das estratégias a que esse autor recorre para seguir defendendo a eugenia.

Um ponto importante, levantado por Santos (2012), é que debater a eugenia latino-americana como uma “cópia mal-feita” da eugenia europeia ou estadunidense é negar a particularidade do processo de apropriação das ideias eugênicas pelos intelectuais latino-americanos, além de desconsiderar que a apropriação e a criação de estratégias estariam articuladas às condições objetivas às quais os povos latino-americanos estavam submetidos naquele momento histórico. Pode-se dizer que o desenvolvimento das ideias eugênicas na América Latina, incluindo o Brasil, integram o complexo leque de alternativas que se desenvolveram naquele momento. Embora o dito melhoramento da raça tenha sido popularizado por grupos intelectuais, não era certamente um unânime modo de pensar da época.

2.3 A eugenia no Brasil e o pensamento de Renato Kehl

No caso brasileiro, especificamente, a abolição da escravidão em 1888 somada à ausência de medidas que oferecessem respaldo aos sujeitos escravizados resultou em um contingente de 700 mil pessoas sem garantia de direitos, à margem da sociedade e em situação de vulnerabilidade econômica e social. Havia, também, nesse período, um estímulo para o desenvolvimento da ciência que até então caminhava lentamente, o que facilitaria a acolhida da eugenia, tida como “ciência do melhoramento da raça”, o que endossaria a construção de conhecimentos considerados científicos. A saber, destacamos a fundação da Sociedade Brasileira de Ciências, em 1916, no Rio de Janeiro, cujo intuito era estimular o desenvolvimento científico no país (STEPAN, 2005).

De acordo com Souza (2006), a primeira palestra sobre eugenia, intitulada *Pró-Eugenismo*, foi proferida em Salvador, Bahia, no ano de 1913, por Alfredo Ferreira de Magalhães, professor da Faculdade de Medicina da Bahia. Posteriormente, a primeira tese acadêmica defendida foi de autoria de Alexandre Tepedino, em 1914, intitulada *Eugenia*

(SOUZA, 2006). A primeira defesa formal da eugenia aconteceu em 1917 por um discurso proferido por Renato Ferraz Kehl, na Associação Cristã dos Moços¹⁷, na cidade de São Paulo.

Do ponto de vista da institucionalização, identificamos a Sociedade Eugênica de São Paulo, criada em 15 de janeiro de 1918, após uma intensa campanha por parte de Renato Kehl. Tal sociedade figurou como a primeira da América Latina, seguida da Sociedade Eugênica Argentina, que seria criada posteriormente, em 1918. A inauguração da Sociedade Eugênica de São Paulo ocorreu no salão nobre da Santa Casa de Misericórdia e reuniu médicos da capital paulista e do interior do Estado (SESSÃO INAUGURAL 15 de JANEIRO, 1918). O médico e diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo, Arnaldo Vieira de Carvalho, figurava como presidente efetivo da instituição e Renato Kehl como secretário geral. A Sociedade contava com 140 membros, quase todos médicos e provenientes do Estado de São Paulo; não havia mulheres. A Sociedade contava com um número de membros maior que a Sociedade Eugênica Francesa. O lema da Sociedade Eugênica de São Paulo era organizar atividades e debates em torno da eugenia, com a finalidade de difundir seu ideário. Palestras e conferências foram realizadas em prol da propagação pública da eugenia. Embora tenha empreendido esforços na difusão da eugenia, a Sociedade não realizava pesquisas.

A minúscula elite e os estreitos contatos entre jornalistas e os médicos garantiram à eugenia espaço na imprensa diária e semanal. A reação foi altamente favorável: a eugenia foi saudada como uma nova ciência capaz de introduzir uma nova ordem social por intermédio do aperfeiçoamento médico da raça humana. (STEPAN, 2005, p. 57)

Um levantamento das publicações no jornal Correio Paulistano (FAGGION & SOUZA, 2019), durante o período de 1918 a 1929, demonstrou diversas ocorrências sobre eugenia em matérias do jornal, indicando a popularização da eugenia entre a elite médica e intelectual da época. Renato Kehl era visto como o principal representante das ideias eugênicas, sendo reconhecido como “filho da pátria”, inteiramente comprometido com o futuro das próximas gerações brasileiras.

As reuniões da Sociedade aconteciam regularmente no salão da Santa Casa de Misericórdia e eram organizadas por Renato Kehl, que ocupava a posição de secretário; tal posição possibilitava que Kehl direcionasse as reuniões de acordo com a sua visão sobre eugenia. A sociedade terminaria em 1919; o encerramento das atividades esteve relacionado ao falecimento de Arnaldo Vieira de Carvalho, um dos principais incentivadores da agremiação.

¹⁷ Associação de caráter ecumênico, voltada a atividades culturais, educativas, esportivas e filantrópicas. Surgiu em 1844, em Londres, e posteriormente se desenvolveu em outros países. No Brasil teve início em 1893, na cidade do Rio de Janeiro; em 1901, em Porto Alegre, e 1902 em São Paulo.

Com o encerramento, Kehl se deslocou para o Rio de Janeiro, cidade onde daria continuidade à proposta de divulgação da eugenia. Kehl protagonizou a criação do Boletim de Eugenia – publicizado de 1929 até 1933 – e da Comissão Central de Eugenia no ano de 1931. Na Capital Federal, Kehl não lograria a criação de uma Sociedade Eugênica, mas encontrou espaço para a difusão da eugenia no campo da higiene mental.

Essa estreita relação da eugenia com os pressupostos oriundos do pensamento psiquiátrico brasileiro iria se intensificar durante os anos 1920, sobretudo após a criação da Liga Brasileira de Higiene Mental, em 1923. Do mesmo modo, a partir dos anos 1930, com a criação da Comissão Central Brasileira de Eugenia, fundada por Renato Kehl em 1931, alguns dos principais higienistas mentais filiaram-se a essa instituição com o objetivo de estreitar as relações entre estes saberes científicos. (SOUZA, 2006, pp. 81-82)

Assinalamos que a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) foi criada a partir da iniciativa do médico psiquiatra Gustavo Riedel (1887-1934). Em seu estatuto é possível verificar a proposta da LBHM e sua aproximação com a eugenia.

- a) prevenção das doenças nervosas e mentaes pela observancia dos princípios da hygiene geral e especial do systema nervoso;
- b) proteção e amparo no meio social aos egressos dos manicômios e aos deficientes mentaes passíveis de internação;
- c) melhora progressiva nos meios de assistir e tratar doentes nervosos e mentaes em asylos publicos, particulares ou fóra deles;
- d) realização de um programma de Hygiene Mental e de **Eugenetica**¹⁸ no dominio das actividades individual, escolar, profissional e social. (LBHM, 1925, p. 223; grifo nosso)

O eugenista Octavio Domingues (1897-1972), em sua obra *Eugenia: seus propósitos, suas bases e seus meios* (1942), abordou o termo em questão. Ao se referir ao termo eugenia, Domingues faz uma retomada das bases da eugenia e assinala que no Brasil o termo foi designado pelo filólogo João Ribeiro em detrimento da palavra eugênica. No que tange ao termo eugenética, assinala: “Os franceses traduziram logo as novas expressões adotando Eugénique e Génétique. Os alemães usaram primeiramente Eugenetik, depois Eugenik e Genetik. Os espanhóis ora empregaram Eugenica, ora Eugenesia e Genetica; os italianos, Eugenetica e Genetica; os japoneses, Eugenika e Genetika” (Domingues, 1942, p. 14).

Nesse sentido, podemos entender que o termo em questão se relaciona à eugenia e desde o princípio a LBMH apresentava proximidade com tal ideário. No documento oficial da Liga, especificamente na relação de membros titulares, no ano de 1925, localizamos Renato Kehl (1889-1974) na *Seção de Medicina Geral e Especializada em suas relações com o Sistema*

¹⁸ De acordo com Schramm (2009), o termo eugenética, atualmente, se refere à tecnociência e se relaciona com o campo da biologia molecular, da genética e da engenharia genética; porém, historicamente o termo esteve relacionado à eugenia.

Nervoso; o médico e professor Miguel Couto (1865-1934), que fundou a Sociedade Eugênica de São Paulo, juntamente com Renato Kehl, era um dos Presidentes de Honra da LBHM; o antropólogo eugenista Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) integrava a *Seção de Educação e Trabalho Profissional*.

O movimento eugênico brasileiro foi encorajado por uma elite intelectual que, naquele momento, voltava seu interesse para questões nacionais, tais como saneamento, educação e desenvolvimento econômico. No bojo das questões nacionais, a eugenia figurou como uma alternativa para mitigar tais problemas e como alternativa para a reconstrução da Nação. Na esteira de figuras notórias, localizamos Renato Kehl, um dos maiores eugenistas do Brasil e figura central deste trabalho. Conforme assinalamos anteriormente, Kehl se graduou em farmácia e posteriormente em medicina, onde entrou em contato com a obra de Galton (CARVALHO, 2016).

Kehl dedicou sua trajetória intelectual à defesa da eugenia, realizou inúmeras publicações sobre o tema e, conforme assinalamos acima, esteve à frente de várias iniciativas em prol da eugenia, tais como a criação da Sociedade Eugênica de São Paulo, o Boletim da Eugenia, a Comissão Central de Eugenia. Um ponto importante a ser destacado é que Renato Kehl foi defensor da ideia de melhoramento da raça durante toda sua vida, inclusive quando historicamente a eugenia passou a ter outros contornos.

2.4 A eugenia em alguns países da América Latina a partir de 1945

De acordo com Stepan (2005), a eugenia passa a ser discutida como pseudociência em decorrência do avanço das práticas da Alemanha nazista a partir de 1933. Ao final da Segunda Guerra Mundial, as ideias eugênicas passariam por tentativas massivas de esquecimento; nesse sentido, a eugenia seria lembrada como uma falsa ciência, causadora de segregação, morte e sofrimento humano (CARVALHO & SOUZA, 2017). Em 1949, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) investiu esforços para a aprovação de uma agenda antirracista, de modo que inúmeras pesquisas e campanhas contra o racismo e a favor da educação foram realizadas. Em 1950 foi organizada a Declaração sobre Raça da Unesco (MAIO & SANTOS, 2010).

Na América Latina, o cenário configurou-se de outra forma. A partir dos anos 1930, as ideias eugênicas ganharam mais intensidade e continuaram a reverberar após 1945. No contexto argentino, por exemplo, a eugenia encontrou abrigo não somente nas primeiras décadas do século XX, mas posteriormente também. A continuidade dessas ideias foi possível em decorrência da política liberal que avançava no país após os anos 1940 e em um contexto de

combate às ideias de esquerda, como também contou com o apoio da Igreja Católica na propagação de princípios cuja base se fundamentava na eugenia (VALLEJO & MIRANDA, 2017).

Ainda no caso argentino, a eugenia adentrou espaços acadêmicos, como é o caso da captação do ideário eugênico nos programas de estudos das cátedras de Direito e Medicina da Universidade Pública. Em 1942 foi criado, a partir da iniciativa de Alfredo Palacios (1878-1965), a Cátedra Livre de Direito Eugênico na Universidade Nacional de La Plata (UNLP); posteriormente, o espaço passou a ser comandado pelo advogado Carlos Bernaldo de Quirós (1895-1973), intelectual e defensor assíduo das ideias eugênicas. Em ambientes acadêmicos a eugenia esteve agregada à transmissão de “valores tradicionais”. Um fato importante na história da Argentina, que favoreceu a difusão da eugenia no país, foi o decreto de 1955, que autorizava a criação de universidades privadas, favorecendo projetos eugênicos levados a cabo por parte de alguns intelectuais eugenistas. Diante de um cenário favorável, em novembro de 1956 ocorreria a criação da Faculdade de Eugenia, a primeira faculdade de eugenia do mundo, integrada à Universidade Livre do Museo Social. O ingresso era feito sem exame prévio, a partir dos títulos de biotipólogo, bacharelato, maestria, como professor graduado por alguma faculdade, graduado pelo Colégio Militar, Escola Naval ou Escola de Aviação e Seminários Arquidiocesanos e Diocesanos, graduado por escolas comerciais, nacionais, industriais ou artísticas. A carreira tinha uma duração de três anos e em sua conclusão concedia o título de *Consejero Humanista Social*. Posteriormente, em 1968, a instituição criou uma pós-graduação na área.

No campo da formação em eugenia, como Conselheiro Humanista Social, é interessante observar a aproximação com a psicologia.

Com essas disciplinas e essa prática se complementavam as exigências para alcançar o Diploma de “Consejero Humanista Social”. No Quarto ano se cursava: Humanismo Eugênico (quarta parte, Psicossocial); Psicologia e Psicotécnica; Biología Humana (Genética e Embriología, segunda parte); e a apresentação da Tese Final. Posteriormente se conseguia o título profissional de “Licenciado Eugenista Humanólogo”. (VALLEJO, 2013 apud VALLEJO & MIRANDA, 2017, p. 70, tradução nossa)¹⁹

A Faculdade de Eugenia esteve em funcionamento até 1980 e as reformas educacionais em 1992 no país não afetaram o reconhecimento do título expedido pela faculdade em questão.

¹⁹ Con estas materias y esta práctica se completaban las exigencias para alcanzar el Diploma de “Consejero Humanista Social”. En Cuarto año se cursaba: Humanismo Eugenésico (cuarta parte, Psicossocial); Psicología y Psicotecnia; Biología Humana (Genética y Embriología, segunda parte); y la presentación de la Tesis final. Tras esto se alcanzaba el título profesional de “Licenciado Eugenista Humanólogo”

É necessário assinalar que essa expansão acadêmica da eugenia contou com a facilitação da Igreja Católica e das medidas políticas que autorizavam a criação e o reconhecimento de títulos em espaços universitários privados (VALLEJO & MIRANDA, 2017).

Nesse sentido, Vallejo e Miranda (2017) assinalam que o período pós-holocausto requer uma análise complexa das transformações e caminhos adotados para a validação da eugenia. Os autores chamam a atenção para a classificação da eugenia entre positiva e negativa como uma perspectiva que, a depender do modo como se aplica, contribui com uma ideia menos coercitiva da eugenia e nos afasta do necessário debate em torno da coerção inerente a ela. Em consonância com o posicionamento dos autores supracitados, acreditamos que a classificação da eugenia deveria ter por finalidade o aprofundamento das práticas que foram desenvolvidas no âmbito eugênico e que, portanto, caberiam certa classificação; no entanto, tal classificação não deve desviar do debate a problemática em torno do melhoramento da raça e suas consequências no âmbito social.

Do ponto de vista da institucionalização, o caso brasileiro se diferencia do argentino, tendo em vista que não houve a criação de muitas instituições voltadas à eugenia após 1945. De acordo com Carvalho e Souza (2017), reconhece-se que no ano de 1952 foram criados três Postos de Eugenia na cidade de São Paulo, especificamente nos bairros do Brooklin, São João Clímaco, Casa Verde e um posto na cidade de Osasco. Em 1956 foi criado o Instituto Municipal de Eugenia no Rio de Janeiro. Essas instituições tinham como objetivo prestar acompanhamento às famílias. Sobre os Postos de eugenia na cidade São Paulo, assinalamos que:

Prevê sua organização a aplicação do que de mais moderno existe em medicina social, consultando em particular o interesse da lactante, do pré-escolar, do escolar e da gestante, na condição de membros da família. Todo trabalho desses postos, portanto, gira em torno da família, considerada unidade de trabalho, visando em sustância resolver não só as deficiências somato-psíquicas dos elementos de cada grupo, mas também afastar as origens, mesmo remotas, de desajustamentos provocados por agentes causadores do mal-estar do próprio grupo. (POSTOS, 1952, apud CARVALHO & SOUZA, 2017, p. 897)

Embora o número de instituições tenha sido menos expressivo, no caso brasileiro não é possível afirmar que a ideia de melhoramento da raça deixou de circular entre seus defensores e no imaginário social. Do ponto de vista social, destacamos que, em 1964, Kehl foi homenageado pelo jornal *A gazeta*; o título da reportagem em questão designava Kehl como pioneiro da eugenia no país. Conforme apontam Carvalho e Souza (2017), as ideias eugênicas não estiveram em um limbo para Renato Kehl, ao contrário, este intelectual continuou com sua produção sobre o tema, embora a fizesse com outra roupagem, isto é, uma produção com uma

tônica menos taxativa sobre eugenia e mais inclinada a conselhos, a uma eugenia médica, profilática e positiva.

A título de informação e com intuito de sinalizar que a permanência desse ideário não foi uma exclusividade do Brasil, Miranda (2013) assinala que em uma homenagem feita a Carlos Bernaldo Quirós (1895-1973), no ano de 1971, se fazia menção ao termo eugenia e somente em 1996, em outra homenagem ao eugenista argentino, o termo eugenia foi omitido. Ainda no caso argentino, foram promovidos três congressos internacionais de Salud Social (1964, 1966 e 1969), nos quais se deu continuidade à proposta de exame pré-nupcial e controle sanitário de imigrantes como medidas de controle eugênico (MIRANDA, 2013).

Em nosso entendimento, a permanência e a difusão da eugenia após 1945 pode ser discutida e analisada levando em conta determinados aspectos²⁰, tais como: a) criação ou permanência de instituições eugênicas; b) produção dos defensores da eugenia; c) propagação das ideias eugênicas no pensamento social e d) por meio do debate da eugenia liberal e tecnológica.

Com base na permanência das ideias eugênicas após 1945 e na produção de Renato Kehl, asseveramos a necessidade e a importância da realização de estudos que versem sobre eugenia, tendo em vista o recorte temporal supracitado. É pensando na relevância do debate sobre eugenia no Pós-Guerra, que estabelecemos como objetivo deste trabalho analisar a permanência e a difusão da eugenia no Brasil a partir de 1945, tendo em vista a produção de um determinado autor, com o intuito de investigar a presença de conhecimentos da psicologia e o caráter eugênico de suas obras.

²⁰ Assinalamos que a construção de tais aspectos foi desenvolvida sob a orientação da professora Marisa Miranda, tendo em vista o objetivo deste trabalho.

3) APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS OBRAS SELECIONADAS

Apresentaremos a seguir as quatro obras selecionadas como fontes primárias deste trabalho. Conforme assinalamos na Introdução, nosso foco são as produções de Renato Kehl a partir de 1945 e que se aproximam da psicologia e da filosofia; portanto, das sete obras categorizadas no referido período, selecionamos apenas os materiais que dialogam com as duas áreas em questão. Reiteramos que, além da psicologia, a adoção da filosofia como um critério de seleção baseou-se no fato de que o desenvolvimento da psicologia científica se encontra radicado na filosofia, daí a articulação necessária entre ambas.

Para fins de organização, optamos por apresentar as obras pela ordem cronológica das publicações. Apresentaremos a estrutura da obra e o modo como Renato Kehl organizou o conteúdo de cada uma delas. Nessa primeira etapa, nosso objetivo é apresentar aspectos que possibilitem a compreensão da estrutura da obra, isto é, do modo como cada uma delas foi organizada. Após a apresentação da estrutura e do conteúdo, faremos a análise da obra como um todo. Nessa parte, apresentaremos nossas interpretações acerca do tema da obra, bem como os pontos que chamaram nossa atenção ao longo da leitura do material, por estarem articulados aos objetivos desta pesquisa. Salientamos que nossa análise não foi de natureza filosófica, ou seja, não adentramos nas especificidades dos elementos filosóficos apresentados por Kehl, pois a proposta deste trabalho não é sobre o caráter filosófico das obras, mas às possíveis articulações com a psicologia.

Cabe ainda assinalar que em nossa análise levamos em consideração: a) aspectos gerais que chamaram nossa atenção ao longo da leitura e estudo do material; b) termos que se relacionam com a psicologia e c) aspectos que poderiam estar ligados ao debate eugênico após 1945. Destacamos também que a categorização desses aspectos não foi apriorística, mas criadas posteriormente à leitura do material.

A fim de evitar incongruências na aproximação do conteúdo da obra com a temática da eugenia, lançamos mão de seis categorias para direcionar nossa análise levando em conta os aspectos eugênicos. Destacamos que tais categorias foram definidas previamente e orientaram nosso trabalho no momento de leitura integral da obra e, posteriormente, na construção da análise. As categorias, propostas por Miranda (2017)²¹, têm como base elementos que usualmente integram as produções sobre eugenia; em outras palavras, é comum que ao menos uma das categorias esteja presente nas produções sobre melhoramento da raça.

Assim, considerando a proposta deste trabalho, o uso das categorias é fundamental para que não haja inconsistência nas interpretações dos aspectos eugênicos. Reconhecemos que o período após a Segunda Guerra fez com que a eugenia ganhasse outros contornos, o que exige do(a) pesquisador(a) uma investigação atenta daquilo que não está demonstrado de forma explícita e que pode levá-lo(a) a incorrer em equívocos. Desta forma, lançando mão de tais categorias, verificamos se o autor assinalou direta ou indiretamente a eugenia.

- **Identificação:** quando ocorre a denominação de alguma característica geral/ abrangente que pode ser analisada. Identifica-se algo para ser discutido/ analisado;
- **Classificação:** a partir da identificação de certas características há uma classificação individual para fundamentar uma análise em uma perspectiva coletiva, no sentido de comunidade;
- **Hierarquização:** delineamento de uma hierarquia entre grupos;
- **Exclusão:** grupos ou sujeitos estariam fora da classificação. A exclusão poderia ser física ou simbólica;
- **Dimensão de futuro:** presença de ideias ou propostas que podem apresentar resultados ou ser aplicadas a longo prazo;
- **Perspectiva coletiva:** o debate sobre certos assuntos, a aplicação de certas medidas ou propostas não podem ser pensadas em uma perspectiva individual, mas coletiva.

²¹ Além da vasta produção teórica sobre o estudo da eugenia, consideramos importante assinalar que as categorias utilizadas para este estudo foram desenvolvidas sob a orientação da professora Marisa Miranda e, portanto, são de sua autoria. O uso das categorias de análise figura como fundamental para apreender os elementos que integram as obras de autores eugenistas.

3.1 Guia sinóptico de filosofia (1945)

A obra em questão foi selecionada pelos critérios supracitados, mas cabe assinalar também que, nessa obra, Kehl apresenta abordagens, conceitos e autores que estão presentes na constituição histórica da psicologia, reafirmando e justificando a seleção de uma obra sobre filosofia como caminho para investigar a psicologia na produção do autor. Quanto aos aspectos do conteúdo, a obra apresenta uma certa dificuldade de entendimento, pois o autor não estabeleceu critérios para adoção dos tópicos; algumas escolas da filosofia aparentemente estão repetidas, alguns tópicos de análise aparecem em determinadas partes, mas em outras não; em outras palavras, trata-se de uma obra que não está claramente organizada e sistematizada. Assinalamos que palavras designadas pelo próprio autor foram destacadas entre aspas ao longo do texto e os tópicos ou itens serão destacados em *itálico*. Por se tratar de um material histórico, preservamos nas citações diretas a ortografia da época tal qual consta no material. Ao longo da obra, diversos nomes de pensadores foram apresentados pelo autor; tais nomes foram citados da mesma maneira que aparece no original e encontram-se em *itálico* para que seja possível sua identificação.

No que tange à organização, a obra foi dividida em oito partes, tendo em vista uma abordagem histórica da filosofia. Kehl inicia a obra com uma apresentação das principais doutrinas filosóficas, tomando como base quatro critérios:

- a. Estádios: sensualismo, racionalismo, ceticismo e misticismo;
- b. Distribuição por escolas: pré-socrática, socrática, aristotélica e post-aristotélicas;
- c. Divisão histórica: Filosofia Antiga (de Tales até Justiniano), Filosofia da Idade Média até o Renascimento (de Carlos Magno até o Renascimento), Filosofia Moderna (do Renascimento até 1900) e Filosofia Contemporânea (a partir do século XX);
- d. Características das respectivas épocas: 1º metafísico e moral, 2º teológico, lógico e metafísico, 3º pré-científico e social, 4º científico moral e social.

Cabe assinalar que o autor não explicita as razões que o levaram a estabelecer tais critérios e tampouco os apresentou de forma detalhada. A proposta da obra era figurar como uma compilação linear dos momentos históricos da filosofia e com as principais características de tais períodos, o que nos faz pensar em uma obra mais descritiva que explicativa.

Ainda na primeira parte, Kehl iniciou, e assim prosseguiu sucessivamente nas partes posteriores da obra, a apresentação das escolas filosóficas: Filosofia na Antiga Grécia, Filosofia na Idade Média, Filosofia na Renascença, Filosofia Moderna e Filosofia Contemporânea. Segundo o autor, a Filosofia na Antiga Grécia se desenvolveu a partir das “necessidades do

espírito” e consistia na tentativa de tornar empírico aquilo que era do universo cósmico, interior ou exterior, isto é, o desenvolvimento filosófico ocorreria de maneira esquemática em: fisicismo jônico, sofista, socrático, platônico e aristotélico. Kehl (1945) apresentou para cada período seus *representantes*; o *ponto de partida* (princípio norteador daquele período); *consequência* (uma síntese do período) e *aspecto* (uma característica central que poderia ou não indicar uma diferença em relação ao período anterior), como se vê abaixo:

Período socrático

Representantes: Sócrates, Platão e Aristóteles.

Ponto de partida: para toda especulação filosófica: o homem, “conhece-te a ti mesmo”.

Consequência: o conhecimento do espírito humano fica sendo a base de toda a atividade filosófica (Psicologia e Moral).

Aspecto: o da generalização, com o afastamento dos casos particulares fornecidos pelos sentidos, até atingir a inteligibilidade dos conceitos, no sentido geral ou universal. (KEHL, 1945, p. 15)

O autor apresentou em seguida, novamente sem justificativas, o item *Desenvolvimento sinóptico e discriminativo* apenas para as Escolas Pré-socráticas, abordando: 1) Escola Jônica, 2) Escola Atomística, 3) Escola Eleática, 4) Escola Pitagórica e 5) Escola Sofística. Em cada uma delas, Kehl (1945) indicou *caráter, base, ponto de partida, atitude filosófica e principais representantes*.

É importante destacar que Kehl não estabeleceu o mesmo padrão descritivo em todas as partes; a saber, a parte referente à filosofia Antiga é mais extensa que a das outras escolas. Após o desenvolvimento sinóptico e discriminativo, Kehl construiu o item intitulado *Doutrinas de transição* e sistematizou por tópicos, como: *fundador, caráter, base, lema, ponto de partida e principais representantes* das Escolas Pré-socrática, Socrática, Platônica, Aristotélica e Pós-aristotélica. Nessa parte, é possível perceber que o autor trouxe elementos que indicavam as diferenças entre as escolas, o que por sua vez mostra a transição entre os períodos. O último item da parte primeira é a *Parte Complementar*, na qual também recorreu aos tópicos supracitados e discorreu sobre a filosofia na Índia, na Pérsia e na China.

Na segunda parte da obra, Kehl (1945) discorreu sobre a Filosofia na Idade Média, que compreenderia o período de Carlos Magno (800) até o Renascimento (1600). Segundo o autor, esse momento foi composto por várias tendências filosóficas; a evolução das ideias esteve articulada à fé e havia a forte presença de um dogmatismo religioso. Além disso, essa fase pode ser entendida como uma continuidade entre o mundo antigo e o moderno. A apresentação foi feita a partir da divisão do período em *Escolástica* e *Escolástica “posterior”*, de maneira que no primeiro item o autor novamente indicou *caráter, lema, ponto de partida, método e fases*.

No primeiro item, especificamente no tópico fases, indicou: 1º fase, principais representantes: *Santo Anselmo* (1034-1109) e *Pedro Lombardo* (1100-1164); 2º fase, principal representante: *São Tomás de Aquino* (1225-1274); 3º fase assinala a influência de *Occam* e *Guerson*. No segundo item, Kehl indicou os principais representantes: *Duns Scoto* (1270-1308); *Occam* (1300-1347); *Mestre Eckhart* (1260-1327) e *Rogério Bacon* (1214- 1294).

Em seguida, na parte terceira, localizamos a Filosofia na Renascença, do século XV ao XVII. De acordo com Kehl, os fatores determinantes desse período apresentavam uma relação crítica e analítica com os conhecimentos que foram produzidos na Antiguidade Clássica. Dividiu o período em: 1ª Fase ou fase de transição (séculos XV e XVI) e 2ª Fase (século XVII). Indicou para ambas as fases alguns representantes e apresentou suas principais características.

A Filosofia Moderna foi apresentada na quarta parte do livro e foi dividida em dois momentos, século XVII e séculos XVIII, XIX e XX. Na parte que se refere ao século XVII, Kehl subdividiu o período em três correntes: empirista, racionalista e mística. Em cada uma delas, recorreu aos itens: *caráter*, *lema*, *processo*, *base*, *ponto de partida*, *atitude filosófica*, *método*, *principais continuadores* (em alguns tópicos) ou *representantes*. É importante destacar que para algumas correntes Kehl utilizou todos os itens acima, em outras não. Na corrente empirista destacou a figura de *Francis Bacon* (1561-1626) e na corrente racionalista René *Descartes* (1596-1650). Na corrente mística não há destaque para nenhum pensador como o principal da corrente; Kehl (1945) apontou que “(...) a maioria dos cultores do misticismo foi desertora do racionalismo de Descartes” (p. 45). O autor recorreu aos itens supracitados e nos principais representantes indica *von Helmont*, *More*, *Poiret*, *Malebranche*, *Fenelon* e *Pascal*.

Na segunda parte, referente aos séculos XVIII, XIX e XX, destacou a corrente empirista, positivista, racionalista, cepticista e mística. Nessa parte, Kehl (1945) fez apontamentos sobre as principais características de cada corrente, mencionou pensadores relevantes (exceto na corrente positivista, que não mencionou nenhum pensador), mas não utilizou os itens supracitados.

A quinta parte do livro foi intitulada *Principais figuras da filosofia em diversos períodos*. Logo no início, Kehl (1945) assinalou que os “trabalhadores do espírito” são os responsáveis pelas teorias, doutrinas e o conhecimento produzido ao longo dos tempos.

A história do progresso pode ser traçada com base no estudo da vida e da obra da pequena plêiade de algumas centenas de **homens superiores**, em especial dos filósofos, cuja atividade se traduz em função do pensamento e da cultura de todas as épocas. (KEHL, 1945, pp. 47-48; grifo nosso)

Posteriormente, o autor organizou uma apresentação dos principais pensadores a partir das características do pensamento de cada um deles. Para tal apresentação, adotou o critério cronológico de nascimento e os itens já mencionados: *caráter, lema, base, ponto de partida, método e atitude filosófica*. Destacou os seguintes pensadores: *Bacon, Hobbes, Descartes, Pascal, Spinoza, Locke, Leibniz, Berkeley, Reid, Hume, Helvetius, Holbach, Kant, Bentham, Saint-Simon, Fichte, Maine de Biran, Hegel, Schelling, Schopenhauer, Cousin, Comte, Spencer, Fouillée, W. James, Nietzsche, Guyau e Bergson*. Ainda nessa parte, indicou a corrente tomista que, segundo o autor, seria um período de “revivência” da filosofia escolástica. Nesta parte apresenta, também em ordem cronológica, mas sem os itens supracitados, uma breve apresentação de *Balmes, Mercier, Sertillanges*.

Diferente das outras partes, cuja apresentação figurou de forma breve, na parte sexta, intitulada *Correntes científicas de influência na filosofia* foi possível identificar sucintos apontamentos do autor. Logo no início, Kehl (1945) escreveu duas páginas sobre a transformação da filosofia no século XIX:

No decurso do século XIX, especialmente a data do meado desse século, a filosofia encontrou-se diante de notáveis revelações científicas, de incalculáveis temas estabelecidos no campo da realidade experimental e de problemas da própria filosofia. No primeiro momento pareceu que ela estava em “crise”, ou que deveria limitar-se, daí por diante, ao campo histórico.

Houve quem proclamasse, também, que tomara um feitio “positivista”. (KEHL, 1945, p. 63)

Segundo o autor, a filosofia não foi reduzida ao método positivista; mas se consolidou sobre novos aspectos. Kehl não assinala quais seriam esses aspectos, porém, em seus escritos foi possível compreender que tal transformação permitiu que a filosofia se aproximasse de questões de uma determinada época tanto na ordem individual como na coletiva; isto pode ser notado a partir dos apontamentos do próprio autor.

O criticismo e o espírito analítico ampliou e orientou os caminhos abertos nas esferas da filosofia, especialmente no que diz respeito à solução de problemas relacionados com a época, com o meio, com a vida individual e coletiva.

Inúmeros os cientistas de extraordinária influência sobre os planos desta disciplina, quer teorizando, quer experimentando, quer estabelecendo relações, quer aplicando ou desenvolvendo o “sentido” filosófico dentro da ciência e o “sentido” desta sobre a filosofia. (KEHL, 1945, p. 64)

Ainda sobre a transformação da filosofia no século XIX, Kehl (1945) destacou que foi possível desenvolver um “sentido filosófico” dentro da ciência, bem como estabelecer um “sentido” da ciência sobre a filosofia. Desta forma, foi possível demarcar o campo da filosofia e da ciência, sem que uma se sobrepusse à outra.

Com base nisso, Kehl assinala em ordem cronológica de nascimento, os pensadores que, segundo ele, participaram do desenvolvimento da filosofia nos séculos XVIII e XIX. Assinalou figuras como: *Lamarck, Darwin, K. Vogt, Cl. Bernard, G. V. Helmholtz, J. Moleschott, Mendel, Galton, L. Büchner, Huxley (T.H), H. Lotze, G. Wundt, Weismann, Haeckel, Ribot, E. Poincaré, Ostwald e H. Poincaré*. A apresentação de tais pensadores foi sintetizada, com destaque para as principais obras e uma síntese do pensamento de cada um deles.

Na penúltima parte, *Principais pensadores de influência no desenvolvimento da filosofia do século XX*, o autor assinalou que essa fase da filosofia consolidou o “ideal conhecimento exato dos fatos”, porque foi nesse momento que se consolidaram “os limites precisos entre ‘mundo do abstrato e real’ e ‘o mundo do concreto²² e real’” (p. 70). Nesse sentido, pontuou que muitos pensadores estiveram em contraposição à “atitude metafísica-especulativa, enleados²³ em perengas puramente abstratas, em dialéticas bizantinas ou em glosas completamente anódinas.” (KEHL, 1945, p. 70). Tendo em vista que a proposta dessa parte era versar sobre as influências sobre a filosofia no século XX, Kehl apresentou, também em ordem cronológica e de forma similar à parte anterior, pensadores cujo período de produção ocorreu ao longo do século XIX, tais como: *G. T. Fechner, L. Feuerbach, Stirner, D. F. Strauss, S. Kierkegaard, C. Marx, F. Engel, F. A. Lange, W. Dilthey, Bretano, R. V. Hartmann, H. Cohen, L. Riehl, E. Boutroux, F. Eucken, J. Simmel, E. Russel, J. Cornelius, H. Driesch, L. Klages, B. Russel, Spengler, L. Wittgenstein, H. Rickert, N. Hartmann, M. Schlick, H. Vaihinger, M. Wetheimer e R. Carnap*.

Na última parte da obra, Kehl abordou a *Filosofia Contemporânea* e organizou o conteúdo a partir de: 1) *Esquema do desenvolvimento realizado até 1900*; 2) *Problemas atuais em evidência*; 3) *Sinópsse do desenvolvimento e das tendências da filosofia de 1900 a 1944*; 4) *Principais Escolas* e 5) *Metafísica*.

No primeiro subitem, Kehl (1945) apresentou as características da Filosofia Contemporânea, tais como: a) novas formas de interpretar, b) abandono progressivo dos sistemas filosóficos clássicos, c) desinteresse por investigação filológica, d) estabelecimento progressivo entre história da filosofia e “consciência dos problemas atuais”.

No que tange aos *Problemas atuais em evidência*, Kehl aborda as esferas de ação entre ciência e filosofia. Assim, assinala:

- Problemáticas ou filosofemas;

²² Entendemos que o concreto assinalado pelo autor se refere ao mundo empírico.

²³ Grafia original conforme consta na obra.

- Novos métodos e princípios filosóficos;
- A questão da filosofia no âmbito da ciência e as ciências na filosofia;
- A metafísica experimental e a metafísica inexperimental;
- Conhecimento filosófico e científico
- Idealismo crítico, empírico e racionalista.

É importante destacar que houve uma apresentação pontual de natureza descritiva tanto das características como dos problemas em evidência, ou seja, não houve um aprofundamento de nenhum dos tópicos; apenas breves enunciados. Isto nos faz pensar se posteriormente, em suas outras obras também sobre filosofia, Kehl abordou tais questões. Ainda que tal apresentação tenha sido feita de maneira breve, o modo como Kehl apresenta tais problemas no âmbito da filosofia nos permite pensar no percurso histórico da filosofia e até mesmo da psicologia, isto é, os sistemas filosóficos que historicamente serão criticados, incorporados e superados a partir dos novos métodos, seguido do desenvolvimento da ciência, da separação entre filosofia e conhecimento científico e os debates acerca do idealismo, empirismo e racionalismo no âmbito da ciência moderna.

Na *Sinópsse do desenvolvimento e das tendências da filosofia de 1900 a 1944*, Kehl apresentou as *características gerais esquemáticas* de tais tendências. Em linhas gerais, assinalou que há uma oposição aos conceitos da metafísica e que “problemas” que são da ordem da existência, mas que estão para além da consciência, são considerados “a-críticos”, pois a consciência seria a base da filosofia (como seria também o objeto de estudo da psicologia em sua formulação inicial como ciência autônoma). Destacou algumas tendências, tais como a tendência racional com base nas ciências, tendência para a anulação da influência metafísica, tendência objetiva e construtiva e as tendências progressivas que adotam métodos de construção lógica. Indicou também que houve uma transformação da filosofia e que esta disciplina passou a concentrar hipóteses legítimas e de ideias antidogmáticas, impessoais e universais.

Nas *Principais Escolas*, assinala de maneira sucinta:

- I. *Neopositivismo*;
- II. *Neo-Kantismo*;
- III. *Sud ocidental alemã ou de Baden*;
- IV. *Filosofia científica*;
- V. *Fenomenológica*;
- VI. *Acadêmica*.

Ainda nessa parte, Kehl (1945) indicou o tópico *Correntes acadêmicas*, que seriam: *classicistas* (partidários da filosofia clássica), *pragmatistas*, que seriam os adeptos de Bergson, *realistas-evolucionistas* (os que se dedicam à filosofia tendo como base a biologia e a sociologia e assumem uma conexão entre filosofia e ciência).

Em seguida, Kehl elenca um tópico à parte, intitulado *A nova corrente fenomenológica*. Nesse tópico, o autor dedica algumas páginas ao assunto, indica Edmund Husserl (1859-1938) como fundador e assinala que a fenomenologia tem como objetivo “elevar a filosofia à categoria de ciência”. Ainda sobre a definição de fenomenologia, Kehl (1945, p.82) explica que,

Husserl entende por fenomenologia “a descrição pura do domínio neutro do vivido (experiência como tal) e das essências que se apresentam à intuição. Baseado neste filósofo alemão, toda intuição conducente a dados imediatos e originários é uma fonte válida de conhecimentos; e todos os dados imediatos devem ser pura e simplesmente aceitos como se apresentam à intuição”.

Em seguida, apresentou alguns representantes da fenomenologia: *Husserl, Lask e Scheler, Hartmann N. e Heidegger*. Tal apresentação parte dos itens utilizados em outro momento da obra, tais como: *caráter, lema, base, método, ponto de partida, atitude filosófica e autor* (cita as obras).

Por fim, apresentou o tópico intitulado como *Metafísica*, de 1900 até 1944, e que seria uma súpula das novas tendências. Para essa apresentação lançou mão de itens como: *características, pontos de partida, principais problemas em foco, filosofemas, problemáticas filosóficas e metafísica da experiência*. No que tange às características, Kehl destacou que a metafísica desse período não consistia na reedição dos “velhos” sistemas metafísicos e nem de renovação deles, mas de “prescrutar o incerto e de enveredar por caminhos inviáveis”. Como ponto de partida, indicou que há uma relação entre sujeito real e realidade objetiva, que existem novas bases para se estabelecer relações entre filosofia e ciência. Assinala também que houve a exclusão dos temas sobrenaturais para figurar como uma teoria sobre a realidade. O autor afirma que parte também de uma ontologia crítica e da ontologia como ciência da essência. Elencou alguns problemas em foco, filosofemas, problemáticas filosóficas e metafísica da experiência.

3.1.1 Análise da obra

Após a apresentação da estrutura e do conteúdo da obra, buscamos interpretar o conteúdo do material, tendo em vista que nosso objetivo é investigar as obras de Renato Kehl a partir de 1945 e analisar a presença de conhecimentos da psicologia e se suas produções apresentavam um caráter eugênico. Reconhecemos que a descrição da obra, tal como

apresentamos em um primeiro momento, não desvela, à primeira vista, características eugênicas e psicológicas. Entretanto, uma análise mais ampla e que procura ir além do que é apresentado à primeira vista, nos permitiu identificar aspectos relacionados à eugenia e à psicologia.

3.1.2 Aspectos gerais

Renato Kehl dedicou a obra a *Caetano de A. Coutinho*²⁴ e a *Paulo F. Mendes Viana*. Caetano Coutinho foi Inspetor de Farmácia do Departamento Nacional de Saúde Pública e membro efetivo da Comissão de Eugenia fundada em 1931 na cidade do Rio de Janeiro. Com relação a Paulo F. Mendes Viana não foram localizadas informações ou registros biográficos.

Na introdução da obra, Kehl discorre sobre o exercício de “filosofar”. Segundo ele, tal exercício possibilitava aos sujeitos a libertação de preconceitos, o exame crítico sobre os fenômenos e daquilo que pode ser compreendido pela “natureza personalista”. De acordo com sua linha de raciocínio, o estudo da filosofia seria uma aposta à compreensão dos sistemas e das doutrinas historicamente construídas. O autor deixou explícito que a obra tinha como objetivo ilustrar os principais autores da filosofia. Além disso, destacou que o ensaio era de caráter “recopilativo⁵ e rememorativo”, fruto de seu estudo pessoal e, portanto, passível de imperfeições e arestas a serem aparadas.

Por figurar como uma obra de caráter sintético, não foi possível apreender interpretações do autor ao longo do texto, dado que a maior parte da obra é descritiva, haja vista os tópicos para a apresentação de escolas e autores, em formato de itens, com suas principais características. Entretanto, a nomeação e o destaque para alguns autores e não outros, a forma como são categorizados e caracterizados podem mostrar uma dada leitura acerca da História da Filosofia.

Em dois momentos foi possível perceber uma exposição específica sobre um determinado tema. Ao se referir à fenomenologia, Kehl (1945), ao sumarizar essa escola, assinalou: “Existe indubitável tendência para a fenomenologia tornar-se uma ontologia da existência” (p. 84). No último parágrafo para finalizar a obra, identificamos uma possível interpretação por parte do autor sobre a filosofia naquele período.

Pela relação acima verifica-se quão vasta são as perspectivas abertas no campo das divagações filosóficas. Estamos, pois, em face de inovações que instigam os pensadores e filósofos a abandonar os arcaísmos, os surrados temas, as glosas

²⁴ Em nossas buscas, não encontramos especificamente o nome Caetano A. de Coutinho; no entanto, localizamos alguns trabalhos (Kehl, 1931; Rosa, 2005; Souza, 2006) que fazem menção a *Caetano Coutinho* ou *Pacheco Caetano Coutinho*. Embora o nome não seja exatamente o mesmo, acreditamos ser a mesma pessoa a quem a obra foi dedicada

inexpressivas e ineficientes. Para os novos tempos, os novos temas e as novas orientações metafísicas! (KEHL, 1945, p. 89)

Ainda que tenha assinalado a existência de “surrados temas”, Kehl não apresentou nenhuma das escolas ou dos pensadores como mais avançada ou para além da contemporânea. Acreditamos que o material cumpriu com a função de figurar como um “manual” de filosofia, um pequeno compêndio ou, ainda, um opúsculo.

Kehl expôs o desenvolvimento da filosofia de forma meramente descritiva. Na apresentação da quinta parte da obra sobre as principais figuras da filosofia, o autor fez uma breve introdução na qual assinalou a importância dos pensadores ao longo dos tempos e articulou as doutrinas ao esforço cultural dos homens.

Foram os trabalhadores do espírito, atendendo aos impulsos naturais de necessidade e de atividade culturais, que deram com as concepções, as teorias e as doutrinas, curso e impulso aos conhecimentos e aos acontecimentos históricos. Disse Fouillée: “são as ideias-forças que dirigem o mundo e orientam a civilização”. (KEHL, 1945, p. 47)

Nesse sentido, acreditamos que prevaleceu uma “perspectiva natural” do progresso da humanidade. Aproveitamos o excerto em questão para assinalar a referência a um determinado autor, o filósofo francês Alfred *Fouillée* (1838- 1912), cuja produção esteve circunscrita ao final do século XIX, em uma conjuntura na qual se difundia uma visão pessimista sobre o povo francês. Desta forma, acreditamos que não por acaso Kehl faz menção a Fouillée para assinalar o desenvolvimento da filosofia e a importância de alguns pensadores para a “história do progresso”. Fouillée integrou o debate racial e sua relação com a cultura no século XIX; o pensador francês se aproxima da psicologia ao assinalar a psicologia coletiva e a existência de uma ordem hierárquica e evolutiva dos povos. (OBREGÓN HILARIO, 2018)

Ainda sobre a questão de referências utilizadas na obra, identificamos mais três menções a outros autores. Ao apresentar as características da filosofia contemporânea, assinalou: “[...] d) estabelecimento progressivo de mais perfeita ligação entre a história da filosofia e a consciência dos problemas atuais (Heimsoeth)” (KEHL, 1945, p. 77). O autor em questão seria Heinz Heimsoeth (1886-1975), pensador alemão que se dedicou ao estudo da filosofia, em especial da história da filosofia, buscando assinalar que os sistemas filosóficos não se desenvolviam de forma isolada, mas em torno de uma problemática (FERRATER MORA, 1990).

Posteriormente, ao discorrer sobre a fenomenologia, recuperou as proposições de Georges Gurvitch (1894-1965) sobre o tema: “[...] sua originalidade consiste em vêr no mundo, aprioristicamente, um amplo campo de experiência e nada mais que experiência.” (p. 83). O

autor referenciado se aproximava do debate sobre a fenomenologia e foi um crítico das proposições de Émile Durkheim (1858-1917).

Por último, ao apresentar as principais características do pensamento de Scheler, especificamente no item *atitude*, destacou: “[...] idealista, romântica e ética; na última fase, atitude mística. Apelidado, ironicamente, o ‘Nietzsche católico’ (Tröltsch)” (p. 86). Ernest Tröltsch (1865-1923) foi um pensador alemão que se dedicou à filosofia e à teologia.

As escassas referências ao longo da obra, somada à forma sucinta como o autor fez menções a alguns pensadores, não nos permitiu identificar quais autores ou teorias trouxeram direcionamento e embasamento para Renato Kehl na obra em questão e em seu pensamento. Costumeiramente nas publicações da época não havia uma apresentação sistemática de referências ou estas eram apresentadas de forma sucinta e sem detalhes. Os eugenistas conformavam uma rede de intercâmbio a fim de fortalecer as discussões e as medidas de melhoramento da raça; isto nos faz pensar que a ausência de citações possa, talvez, corresponder a um procedimento de rede entre os adeptos da eugenia e, possivelmente, poderia indicar que determinados autores ou temas já eram conhecidos e utilizados por eles, sendo, portanto, desnecessário o detalhamento de uma obra ou autor (MIRANDA, 2017). Sobre essa questão, assinalamos uma correspondência²⁵ de Monteiro Lobato (1882- 1948), escritor brasileiro, entusiasta da eugenia e colega de Renato Kehl. A carta era uma resposta de Lobato ao eugenista, dizendo: “[...] estou aqui com o teu guia sipnotico da filosofia, que acho interessantissimo. Já o li e vou reler na fazenda do Chapadão, em Campinas, para onde sigo amanhã por uma quinzena. Obrigado pelo presente.” O material em questão nos permite notar a rede de intercâmbio entre aqueles que se aproximavam do ideário da eugenia; na mesma correspondência em questão, Lobato comenta sobre um livro para o qual fizera o prefácio da obra de Kehl. Além desta, correspondências outras foram trocadas entre Lobato e Kehl. As pesquisas documentadas de Souza (2006) e Munareto (2017) indicam outras correspondências trocadas entre os eugenistas.

Outro elemento que integrou os aspectos gerais da obra foram o naturalismo e a biologia. Observamos que na sexta parte, quando abordou a influência das correntes científicas na filosofia, Kehl destacou diversos autores cuja referência era a biologia, tais como: Lamarck, Darwin e Haeckel. A menção a estes, como a outros pensadores, nos permite pensar que Kehl lançou mão de referências que figuravam como base naquele momento, como a figura de

²⁵ Correspondência de Monteiro Lobato a Renato Kehl. São Paulo, 22 jul. (sem ano) (FUNDO PESSOAL RENATO Kehl, DAD-COC).

Darwin, cuja teoria apresentou profundo impacto no curso da evolução e transformação do pensamento humano.

Como último ponto de destaque dos aspectos gerais, nos chamou atenção que na quinta parte, quando abordou as principais figuras da filosofia em diversos períodos, apresentou Comte e destacou como principais representantes desse pensador dois autores brasileiros: Miguel Lemos e Teixeira Mendes; porém, não identificamos em outro momento da obra a menção a autores brasileiros. Nos chamou atenção que, justamente ao falar sobre o principal representante do positivismo cuja influência foi notória no Brasil, o autor optou por destacar representantes brasileiros.

3.1.3 Aspectos referente à psicologia

No que tange aos termos relacionados à psicologia, identificamos um total de dezesseis menções que, para fins ilustrativos, apresentaremos a seguir.

Quadro 1- Termos relacionados à psicologia

Página 15	Ao se referir ao período socrático, assinalou no item <i>aspecto: o conhecimento do espírito humano fica sendo a base de toda atividade filosófica (Psicologia e Moral)</i> .
Página 43	Ao se referir ao racionalismo, assinalou no item <i>processo: observação interna, introspeção apoiada no testemunho da consciência. Logicismo abstrato e convencional de base psicológica</i> .
Página 51	Quando apresentou o pensador escocês Thomas Reid (1710-1796), apresenta no item <i>atitude: crítica psicológica</i> . Vale destacar que o pensador em questão se dedicou à teoria do conhecimento e publicou obras como <i>An Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense</i> (1764); <i>Essays on the Intellectual Powers of Man</i> (1785) e <i>Essays on the Active Powers of the Human Mind</i> (1788).
Página 55	Ao abordar o pensamento de Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), filósofo continuador da filosofia de Kant e precursor de Schelling, Kehl destacou no item <i>caráter: panteísta idealista (idealismo psicológico)</i> .
Página 55	Ao apresentar o filósofo francês Maine de Biran (1766-1824) assinalou no item <i>método: espiritualista psicológico. (Consiste em estudar o homem pela introspecção, baseada na intuição direta)</i> .
Página 59	Abordou o filósofo francês Alfred Fouillée (1838- 1912); no item <i>lema</i> , assinalou: <i>toda idéia corresponde, na esfera psicológica, a uma força, ou toda idéia é ao mesmo tempo uma força</i> .

Página 67	Apresenta <i>H. Lotze (1832-1920)</i> , que acreditamos ser o filósofo alemão Rudolf Hermann Lotze, cuja data de nascimento e morte seria 1817- 1881. Nessa parte da obra Kehl apresentou apenas as principais características e obras dos pensadores e destaca: <i>“Psicologia médica” (médico e fisiologista). Método das ciências naturais aplicado à psicologia.</i>
Página 67	Logo em seguida ao pensador supracitado, apresentou o fundador do primeiro laboratório de psicologia, fundado em 1879, <i>G. Wundt (1832-1920)</i> . O nome completo deste pensador alemão seria Wilhelm Maximilian Wundt; provavelmente o autor tenha utilizado a inicial G., tendo em vista que a tradução do alemão Wilhelm para o português seria Guilherme. Kehl, por ter conhecimento do idioma alemão, provavelmente inseriu o nome com sua respectiva tradução. No item em questão, destacou: <i>Filosofia com fundamento na experiência</i> . Embora Kehl não tenha utilizado o termo psicologia ou psicológico, optamos por incluir essa menção tendo em vista que ela se refere diretamente à psicologia.
Página 68	Apresentou o psicólogo e filósofo francês Théodule-Armand Ribot (1839-1916) e assinalou: <i>Hereditariedade psicológica e Psicologia dos sentimentos</i> .
Página 71	Gustav Theodor Fechner (1801-1887), filósofo alemão, assinalando: <i>“Elementos de Psico-física”, “Microcosmo”: Concepção animista do mundo. A experiência como ponto de partida do conhecimento. Metafísica idealista de fundamento empírico.</i>
Página 73	Destacou a figura de Franz Brentano (1839- 1917), psicólogo e filósofo alemão, assinalando: <i>“Psicologia do ponto de vista empírico” – “Da origem do conhecimento moral” – Defensor de uma tradição para-escolástica.</i>
Página 74	E. Russel (n.1859), que acreditamos ser Edmund Husserl (principalmente pela referência a Brentano), filósofo alemão, cujo nascimento foi em 1839 e falecimento em 1938; talvez pela proximidade temporal da data de publicação da obra, Kehl tenha destacado somente nascimento. <i>“Investigações lógicas” - Discípulo de Brentano²⁶, mas seguindo orientação própria. Luta contra o psicologismo.</i>
Página 76	M. Wetheimer ²⁷ , que, embora Kehl não tenha apresentado data de nascimento e morte e nome completo, se refere a Max Wertheimer (1880-1943), psicólogo tcheco, precursor da psicologia da Gestalt. O autor apenas assinalou: <i>“As formas físicas” (Psicologia e filosofia da forma)”</i> .
Página 79	Na parte da filosofia contemporânea, apresentou um item com características gerais das tendências da filosofia entre 1900 até 1944. Nesse tópico assinala: <i>Acentuação dos conceitos psico-críticos sobre os conceitos metafísicos.</i>
	Ainda na parte da filosofia contemporânea, especificamente no tópico Metafísica, Kehl apresentou alguns itens e, no item <i>ponto de partida</i> , apresentou: <i>renovação e limitação dos temas, com a exclusão dos</i>

²⁶ Grafado assim no original; provavelmente referindo-se a Franz Brentano.

²⁷ Grafado assim no original; provavelmente referindo-se a Max Wertheimer.

Página 88	<i>sobrenaturais, para entrar no novo terreno da metafísica, “entendida no sentido duma teoria da realidade”, em especial no terreno da biologia (problemas da vida) e da psicologia (problemas do espírito);</i>
Página 88	Ainda na parte sobre metafísica, destacou no item <i>Filosofemas: conceitos psico-críticos em torno das concepções clássicas; conceitos psico-críticos sobre a vida; conceitos psico-críticos sobre a história</i> . O conceito psico-crítico foi utilizado por Kehl em outras obras e será abordado a seguir.

Fonte: Guia sinóptico de filosofia, 1945.

O termo *psico-crítico*, que localizamos ao final da obra, foi utilizado por Renato Kehl em outras produções, tais como *Tipos Vulgares*, publicada em 1927, e na obra posterior, *Psicologia da Personalidade*, publicada em 1941, que dá continuidade à discussão dos “tipos vulgares”. Na obra *Tipos Vulgares*, Kehl (1927b) faz a apresentação e descrição de vinte *perfis psicocríticos* e faz referência à *psico-crítica* como uma área de conhecimento.

É mister, por meio de uma análise psico-crítica, que não se aprende no estreito quadrante da psicologia clássica, devassar a alma dos homens. A psico-crítica com base na biologia ou mais especificamente com fundamento na constituição e temperamento torna possível compreender melhor a estrutura e dinâmica espiritual para a interpretação das indivíduo-personalidades. (KEHL, 1927b, pp. 17-18)

Para Kehl (1927b), a *psico-crítica* seria um ramo da caracterologia, isto é, uma área que se dedica ao estudo das características do *indivíduo-personalidade(sic)*; trata-se de uma *psicologia do biótipo*. Considerando que a obra *Tipos Vulgares* (1927b) e *Psicologia da personalidade* dialogam entre si e apresentam elementos para a análise da obra em questão, recuperamos os escritos de Kehl sobre *psico-crítica*.

Nestes termos, a psico-crítica com fundamento nas atuais concepções relativas às variações genotípicas e fenotípicas, isto é, às características hereditárias ou estáticas (constituição), às dinâmicas humorais (temperamento) e às características reacionais (emotivo-volitivas ou caráter), corresponde à psicologia do biótipo”, cujo escopo é, em suma análise do dinamismo psíquico, a fim de desvendar a síntese dinâmico-estrutural da personalidade. (KEHL, 1941/1957, p. 16)

Kehl (1941/1957) assinalou que a *psico-crítica* e a caracterologia são áreas importantes para a compreensão do ser humano; por meio dela seria possível analisar a dinâmica da personalidade e evitar “desvios morais”. Nesse sentido, a *psico-crítica* pode ser entendida de forma mais ampla como a área que investiga características individuais e de personalidade dos sujeitos e *psico-crítico* se refere ao resultado dessa análise, por exemplo, na obra *Tipos Vulgares*, Kehl apresentou perfis *psico-críticos*, ou seja, o perfil de alguém que passou por uma

análise tendo como base a *psico-crítica*. A título de elucidação, recuperamos um trecho da obra *Psicologia da personalidade*, em que Kehl também se refere à área em questão.

A rigor ficará incompleto o exame caracteriológico e psico-crítico se não for feito, segundo a escola psicanalítica, uma investigação da “personalidade profunda”, compreendendo as tendências eróticas, místicas e egocêntricas, das quais decorre a face afetivo-instintiva de cada tipo e que explicam as atitudes sociais de tantos místicos, introvertidos, vencidos e desordenados sexuais. (KEHL, 1941/1957, p. 316)

No que tange especificamente à obra analisada, *Guia sinótico de filosofia* (1945), o conceito psico-crítico apareceu na parte intitulada *Metafísica* e sua função indica ser a de aproximação às concepções clássicas, além de destacar que havia a presença de tais conceitos na esfera da vida e da história. Recuperamos outro trecho da obra *Psicologia da personalidade*, que antecede a publicação da obra de 1945 e nos permite não só entender melhor essa questão, como nos permite pensar na continuidade do pensamento de Kehl.

Eis, pois, que da psicologia transcendental e filosófica passou-se à clássica instrumentalista e educacional e por fim à psicologia médica que, indubitavelmente mais tem contribuído para remover os escombros do vetusto psicologismo intelectualista, abrindo os atuais rumos com que a **psíco-crítica e a psicotécnica erigiram os alicerces da “psicologia da personalidade”**, cujo conhecimento constitui cabedal indispensável não só para os estudantes de medicina e os médicos, como para todos os que se dedicam a questões pedagógicas, de orientação técnica ou profissional, como para os administradores e o público culto em geral. (KEHL, 1941/1957, pp. 18-19; grifo nosso)

Em nosso entendimento, e tomando como base que as asserções estão inseridas no contexto de tendências da filosofia entre 1900 até 1944, acreditamos que Kehl (1945) apresentou os conceitos *psico-críticos* como parte integrante do movimento que a filosofia fez na contemporaneidade, isto é, se afastou da metafísica, tal como a psicologia. Em outras palavras, é possível observar em muitas produções bibliográficas questões de ensino, criação de laboratórios, dentre outras alternativas, como a superação da psicologia filosófica pela psicologia “experimental”. Conforme ressalta Masiero (2014, p. 167): “A base da *psico-crítica* deveria ser biológica, buscando encontrar os substratos físicos das características humanas boas ou desviantes, o que o estreito quadrante da psicologia clássica não traria. Entendia por psicologia clássica aquela sem fundamentos nas ciências naturais.”

Na análise dos aspectos gerais, observamos que Kehl faz menção a autores importantes da época; observamos essa característica também no âmbito da psicologia. O quadro acima nos permite identificar figuras essenciais para o desenvolvimento da psicologia considerada científica; é o caso de fisiologistas, filósofos e até mesmo psicólogos que são citados por Kehl. Pela menção a determinadas figuras, podemos observar como o desenvolvimento da psicologia

deve ser compreendido por outras perspectivas além da própria psicologia, isto é, relacionando-a com autores ligados ao movimento da psicologia, mas que não eram estritamente a ela ligados, como é o caso do autor em questão. Outro ponto passível de análise seria o fato de que Kehl fez apresentações de autores no âmbito da filosofia e, ao fazê-lo, recuperou figuras importantes para a constituição da psicologia, o que permite compreender como o desenvolvimento da psicologia científica alicerçou-se na filosofia e, a partir do século XIX, também na fisiologia, na anatomia e na biologia. Posteriormente, e em decorrência do debate mente x corpo na Modernidade, do incremento das ciências no século XIX (tendo a fisiologia, a anatomia e a biologia particular importância para a psicologia), da divisão das ciências no século XIX, os conhecimentos que se referem à mente humana passaram a integrar o campo da psicologia científica.

Podemos pensar que ao trazer elementos históricos da filosofia, Kehl assinala questões importantes para a compreensão do processo histórico que constituiu a psicologia científica. Nesse sentido, o desenvolvimento histórico da psicologia como ciência pode ser apreendido fora do âmbito interno da própria psicologia, é dizer, a filosofia é necessária para se compreender a constituição desta ciência.

3.1.4 Aspectos eugênicos

Assinalamos anteriormente que ao longo da obra não houve uma tomada de posição explícita por parte de Renato Kehl em relação às ideias filosóficas expostas. Embora a obra tivesse uma função declarada de sumarizar a filosofia e não dissertar sobre um determinado tema, foi possível identificar, de forma sutil, a posição do autor em relação ao desenvolvimento da filosofia. A seguir, recuperamos uma passagem do material.

Disse Fouillée: “são as ideias-forças que dirigem o mundo e orientam a civilização”; **podemos acrescentar** aos esforços obstinados dos pensadores, deve a humanidade a verdadeira potência das realizações em todos os domínios do engenho humano. A história do progresso pode ser traçada com base no estudo da vida e da obra da *pequena plêiade de algumas centenas de homens superiores*, em especial dos filósofos, cuja atividade se traduz em função do pensamento e da cultura de todas as épocas. (KEHL, 1945, pp. 47-48, grifo nosso)

O “acréscimo” feito pelo autor indica sua posição eugênica sobre o tema, tendo em vista que já não se trata mais do pensamento de Fouillée. Ao afirmar que a história do progresso está relacionada a um pequeno grupo de “homens superiores”, Kehl se aproxima do pensamento de Galton, quando defende que o talento e a inteligência são características hereditárias e presentes apenas em um pequeno grupo de seres humanos. É importante observar que, embora não fale

abertamente sobre eugenia, a concepção de que alguns homens são superiores, parece estar integrada ao pensamento do autor.

Outro ponto passível de reflexão seria a função da obra. No período em questão, 1945, era expressivo o índice de analfabetismo no país, o que inviabilizaria a ampla difusão do conhecimento sobre filosofia conforme propunha Kehl nas primeiras páginas da obra. Nesse sentido, podemos pensar que a obra em questão cumpriria uma função específica para um determinado grupo, ou seja, entre um grupo letrado, como os estudantes do ensino secundário, oriundos, sobretudo, da elite.

Tendo em vista que naquele momento não se discutia eugenia de maneira explícita, tal como nas primeiras décadas do século XX, a importância atribuída à filosofia pode ser analisada como uma estratégia educativa para a formação e manutenção da elite, um público-alvo potencial para a inculcação do pensamento conservador e, nesse panorama, para impulsionar o pensamento eugênico. Essa premissa tem como fundamento a proposta de que a filosofia, ao impulsionar uma forma de pensar e ler problemas de uma época, tal como Kehl abordou ao longo da obra, permitiria uma consciência sobre questões e necessidades de uma época sob uma perspectiva determinada, alinhando-se aos preceitos de formação de uma consciência eugênica.

Ao longo da obra, o autor apresentou a história da filosofia; no entanto, a construção das doutrinas filosóficas ficou restrita a um determinado grupo e não como algo de caráter popular. A afirmação do autor de que a “história do progresso pode ser traçada com base no estudo da vida e da obra da pequena plêiade de algumas centenas de homens superiores” (Kehl, 1945, p. 47) nos permite inferir que só um grupo superior de homens “exercita” a filosofia. Nesse sentido, Kehl estaria, ao expor uma síntese da filosofia, afirmando a existência de um grupo de “homens superiores”, capaz de apreender os fenômenos e as questões de sua época. Indo mais além, seria possível pensar que a defesa da filosofia seria a defesa da permanência desse grupo?

3.2 Através da filosofia (1946)

A obra em questão foi selecionada tendo em vista os critérios de seleção já citados anteriormente. Justificamos a inserção da obra por esta apresentar uma análise psicológica de sujeitos que se inclinam ao campo da filosofia, atendendo ao critério de seleção, isto é, se insere no campo da psicologia.

Na contracapa do livro há a divulgação e a exaltação do conteúdo que integra a 3ª. edição do livro *Psicologia da Personalidade*, originalmente publicado em 1941. O texto não possui autoria e foi extraído do Jornal do Comércio. Optamos por indicar a presença de tal texto, pois as informações sobre uma 3ª edição da obra²⁸ sugere sua divulgação e mostra sua repercussão, tendo em vista que esta seria sua terceira edição. Além disso, o texto nos permite compreender a ideia que se tem da psicologia naquele momento, o reconhecimento de Kehl no campo de estudo da personalidade e a relação do autor com o campo da psicologia e seus estudos.

No gênero, esta obra é a mais completa da série a que o Sr. Renato Kehl após seu ilustre nome. São todos, dignos de meditação e estudo, estes²⁹ capítulos em que o livro se desdobra, numa sequência inteligente e numa harmonia bem medida. **As personalidades humanas são classificadas de acordo com os mais recentes estudos da Psicologia aplicada.** [...] Em apêndice, o Sr. Renato Kehl dá-nos a representação esquemática dos temperamentos humanos, com suas características essenciais, de maneira que **cada um possa fazer sua auto-diagnose** e saber o ponto, mais ou menos preciso em que se encontra. (PSICOLOGIA DA PERSONALIDADE, n.d., grifo nosso)

A obra não possui dedicatória; a abertura do livro é feita a partir da citação de quatro excertos.

— Não se ensina filosofia; ensina-se a filosofar. — Kant
— O verdadeiro filosofar exige independência. — Schopenhauer
— Filosofar é penetrar profundamente no próprio pensamento; também o é penetrar profundamente no dos demais, e reconhecer a harmonia dos diversos pensamentos na verdade eterna. — Fouillée
— Não se consegue avançar no intrincado campo da filosofia sem tropeços, incertezas, nem dúvidas; não obstante, uma vez nele — cumpre prosseguir. Renato Kehl (KEHL, 1946, n.d)

O autor explicita o objetivo da obra ao assinalar que:

Nesta pequena série de estudos não nos ocuparemos da “história da filosofia” ou do estudo crítico dos principais sistemas e escolas filosóficas, **nem nos encaminharemos para a fixação de um ponto de vista particular sobre filosofia, o objetivo de trabalhos futuros.**

²⁸ É de nosso conhecimento que a obra *Psicologia da Personalidade* chegou à sétima edição em 1957. Durante o desenvolvimento desta pesquisa não identificamos outras edições publicadas após 1957; contudo, isto não significa que não possa haver outras edições que não foram localizadas.

²⁹ Assim como na obra anterior e nas obras posteriores, respeitaremos a grafia utilizada pelo próprio Renato Kehl ou de autores da época sobre ele, tal como consta na obra original.

Procuraremos sim estabelecer uma espécie de balanço de sumário nos conceitos gerais, segundo as tendências que parecem se delinear nestes últimos trinta anos, **sob a ação demolidora dos recursos atuais em que todos os setores, em especial na biologia humana.** (KEHL, 1946, pp.34-35, grifo nosso)

No que tange à estrutura e organização da obra, observamos que não há introdução ou alguma espécie de apresentação do conteúdo; Kehl inicia diretamente com a apresentação dos capítulos. A obra está organizada em duas partes. A primeira parte intitulada *Filosofia e Bio-perspectivismo*, é composta por seis capítulos: 1) Filosofia e Bio-perspectivismo; 2) Primórdios da filosofia; 3) Crise de atitudes filosóficas; 4) Atitudes filosóficas; 5) Contradições e 6) Considerações gerais sobre o estudo da filosofia. A segunda parte é intitulada *Bio-perspectivismo* e não está composta por capítulos, mas por duas partes: Bio-perspectivismo e Retorno à filosofia.

Diferentemente da obra anteriormente analisada, *Guia Sínótico de Filosofia*, nesta obra tanto os capítulos como as partes não estão compostos por itens ou tópicos. Abaixo do título de cada capítulo/parte, Kehl (1946) apresenta algumas palavras que em nosso entendimento figuram como os pontos que serão abordados. O conteúdo de cada capítulo é organizado em formato de texto corrido no qual o autor apresenta sua linha de raciocínio e faz suas ponderações sobre o tema.

Embora o conteúdo da obra não seja composto por tópicos ou itens, é possível compreender a proposta e a linha de raciocínio do autor. Além disso, ao longo do texto identificamos menções de vários autores com a finalidade de fundamentar aquilo que foi apresentado. Não é possível identificar as razões que levaram Kehl a escolher tais autores, haja vista que ele não indica a adoção de algum desses pensadores como base para seu pensamento; por este motivo, optamos apenas por elencar os autores mencionados ao longo do texto: Demócrito; Ernst Haeckel, Protágoras, Pascal, Frederico o Grande, Fouillé, Fichte, Leibniz, Diógenes Laércio, Nietzsche e Nartop, Diels, Comte, Epicuro, Farias Brito, Lange, Stuart Mill, Heimsoeth, Schiller, Ortega y Gasset, Russel, Laurent, Condorcet, Ritter, Berdiaeff, Antero de Quental e Ingenieros.

Ao compararmos este material com a obra anteriormente analisada, notamos que neste livro Kehl faz mais referências a outros autores, isto se deve possivelmente à proposta da obra em questão. Diferentemente da obra anterior, que figurava como um compilado de escolas filosóficas, nesta obra o autor se propõe a fazer uma discussão sobre a filosofia; com isso, entendemos que a referência a outros autores tem como objetivo fundamentar sua discussão. Outro ponto importante a ser destacado é que, em decorrência da proposta da obra, foi possível apreender mais claramente a posição e os argumentos apresentados por Kehl.

No capítulo primeiro as palavras norteadoras que aparecem logo abaixo do título são: *Bio-perspectivismo, Espírito de renovação, Variações filosóficas, Desenvolvimento histórico, Proposições*. Kehl (1946) aborda a capacidade humana de filosofar, isto é, de pensar e refletir sobre os fenômenos. Além disso, o autor destaca que historicamente a filosofia apresentou modificações no que tange a seu escopo de estudos e discussões.

A filosofia, que por tantos séculos se envolveu em especulações, muitas vezes puramente verbais, teve, não obstante, mágnio papel no desenvolvimento dos conhecimentos — estendeu-se a tudo, — e agora, mais do que antes, retoma o seu curso em esferas de relevo vital, envolvendo os problemas científicos, sociais e doutrinários em amplo sentido. (KEHL, 1946, p. 10)

Ao longo da obra foi possível identificar posicionamentos por parte do autor, é dizer, perceber seu ponto de vista sobre o percurso da filosofia, os caminhos que esta disciplina deveria ou não adotar, um posicionamento crítico sobre as ideias filosóficas por parte dos intelectuais da seara da filosofia. Um exemplo notório desse posicionamento, pode ser notado na escolha do filósofo Demócrito para discutir a filosofia e seu percurso.

Se me fosse dada a possibilidade de traçar os planos de um sistema de filosofia construtiva para oferecer aos estudiosos como norma-síntese de animação e de elucidação, procuraria nortear-me, inicialmente, no labirinto dos problemas de planície, para só depois, complementarmente, visar os altos de um novo Sinai ou de um ponto neutro, de onde se pudesse ouvir a voz da razão na mais dilatada expressão humanística. [...] elegeria para guia e mentor o velho Demócrito, filósofo de Abdera, sem o propósito, certamente, de adotar-lhe a doutrina, mas de seguir-lhe os preceitos relativos à concepção da realidade, graças aos quais até hoje figura como um dos mais destacados gênios da filosofia, em cujo seio foi o primeiro, talvez, a afirmar que só o inteligível proporciona a verdade. (KEHL, 1946, pp.10-11)

Ainda sobre o pensamento de Demócrito, Kehl (1946) destaca que seu pensamento atravessou o tempo, apresentando validade na atualidade e que seu pensamento foi fundamental para o desenvolvimento das ciências naturais, da ética e de outras áreas do saber. O autor recupera o pensamento de Demócrito da seguinte forma: “tudo o que é ideal tem base natural, e tudo quanto é natural, tem desenvolvimento ideal.” (p. 16). Com base na filosofia de Demócrito, Kehl desenvolve uma linha de raciocínio sobre a análise dos fenômenos.

Das múltiplas dificuldades antepostas ao espírito renovador, excluídas as que decorrem da obstusidade e do conformismo de viseiras, as mais fortes derivam, exatamente, de não se as poder situar num **plano bio-perpectivista, em conformidade ao de Demócrito**, isto é, com a deliberação para resolver os problemas humanos por processos humanos, segundo a diretriz, digamos pragmática, que faz depender o conhecimento e a ação da utilidade biológica. (KEHL, 1946, p. 16, grifo nosso)

Kehl (1946) assinala que as linhas filosóficas de Demócrito e os progressos no campo da biologia estão baseados na perspectiva de que “[...] o homem constitui o centro de todas as

abstrações e materializações” (p. 17), e isto faz com que as doutrinas filosóficas atuais se ajustem “[...] daqui por diante, ao biologismo que poderá enquadrar-se nos quatro potenciais relativos à criação humana” (p.17). De acordo com Kehl, os quatros potenciais estão organizados em:

- a) a força perpetuadora ou hereditariedade: — o homem faz-se homem, **segundo a natureza que o gerou dentro da “alma da raça”**, e esta, dentro da “alma da espécie”;
- b) a força criadora da vontade: — o homem orienta-se para objetivos vitais e para a fixação de uma personalidade;
- c) a força esclarecedora ou razão: — o homem vê, ouve, sente, examina e ordena o que a inteligência destina para conhecimento e a cultura, sustentáculos da moral;
- d) a força harmonizadora ou moral: — o homem concilia os interesses próprios com os alheios, de modo a permitir a vida em comum, tendo a utilidade e a necessidade como inspiradoras da ordem social. (KEHL, 1946, p.17, grifo nosso)

Destacamos o uso do termo raça com o intuito de assinalar que Kehl recorreu ao termo em questão, porém, ao longo da obra não localizamos definições específicas ou diferenciações entre *alma da raça* e *alma da espécie*. Segundo Kehl, a filosofia não poderia seguir apenas com especulações “abstratas” ou “iluministas”. Além disso, o autor apresenta um caminho que, em seu entendimento, a filosofia deveria seguir, isto é, um “roteiro traçado pelo idealismo bioperspectivista”, cujas características seriam:

A *verdade* de concepção realística, assimilável, sem ligação com o conceito universal teórico;
A *idéia* também de concepção natural vivente e assimilável pela consciência;
O *objetivo* de identificação natural do homem com a espécie;
A *moral* das convenções e das conveniências entre o interesse privado e geral;
A *atitude* prática, utilitária, explicitamente humana. (KEHL, 1946, pp.27-28)

No capítulo dois, Kehl faz um breve percurso pela história da filosofia, apontando desde seus primórdios até a atualidade. As palavras norteadoras são: *Definições, Conceitos gerais, Na idade média, Na idade moderna, Atualmente, Filosofia e ciência*. O autor destaca que o surgimento da filosofia tem relação com a “necessidade natural do espírito” e com a investigação e explicação dos fenômenos que envolvem o homem e o mundo.

Assinala ainda que no período de Platão e Aristóteles a filosofia ganha contorno de *saber racional* ou *saber reflexivo*, chegando a ser compreendida como lógica, física e ética. Na Idade Média haveria uma divisão entre teologia e filosofia. Posteriormente a filosofia perde seu contorno universal em decorrência do desenvolvimento e avanço da ciência. De acordo com Kehl, a evolução da filosofia foi de simples a complexa.

Seguindo estes trâmites, a filosofia passou a constituir uma “disciplina panorâmica”, visando o estudo sistemático da natureza última das realidades, isto é, das realidades que se ocultam por detrás dos fenômenos e a causa destes últimos, em contraposição às ciências. (KEHL, 1946, p. 31)

No capítulo terceiro, Kehl discute a crise das atitudes filosóficas. As palavras norteadoras logo após o título são: *A disputa entre filósofos, A lógica dos verbalistas, Conceitos vazios, Reação bio-perspectivista*. Nesta parte, observamos que o autor esboça uma análise sobre as crises no campo da filosofia. Importante assinalar que Kehl não utiliza de forma despreziosa o termo “atitudes filosóficas”; o termo em questão se refere à crise das atitudes daqueles que produzem sistemas filosóficos e não da filosofia propriamente dita. Segundo o autor, a filosofia possui uma trajetória “acidentada” sem que seja possível afirmar se tal área está ou esteve em crise.

De duas, uma: a filosofia esteve constantemente em crise, ou nunca passou por este transe. Em nosso entender, a filosofia sempre se manteve a resguardo de quaisquer acidentes que a afetassem em sua estrutura básica de disciplina ímpar. Entram em crise ou permanecem em crise as atitudes filosóficas, não a filosofia propriamente dita. (KEHL, 1946, p. 41)

Neste capítulo, Kehl sugere algumas considerações sobre a crise das atitudes filosóficas. O quarto capítulo seria uma continuidade daquilo que foi discutido no capítulo anterior; as palavras norteadoras são: *Atitudes e escolas filosóficas, Filosofia única, Bio-perspectivismo*. Nessa parte, Kehl busca caracterizar o que seriam as atitudes filosóficas, pois “[...] só existe uma filosofia e tudo o mais que a ela se acrescente, adjetivamente, constitui atitude, isto é, maneira filosófica adstrita a personalismos.” (p.55).

[...] a filosofia é uma, com muitas variantes; teve origem simples e em sua contextura fundamental assim continuará, a despeito dos que a complicam e a confundem; ela é inerente a todos os capazes de pensar e de movimentar idéias; constitui um sentido coordenador e incentivador de impressões, com a finalidade de dar ao homem graças ao exercício das faculdades mentais, o bom uso da própria razão. (KEHL, 1946, p. 69)

Kehl (1946) assinala que só há uma filosofia, que é produto da ação humanitária, nesse sentido, não haveria filosofias ou escolas filosóficas, caso contrário “[...] ter-se-ia então uma escola para cada atitude, para cada maneira de interpretar os problemas, maneiras estas que decorrem de pontos de vista puramente pessoais” (p. 56). Tomando como base essa premissa, Kehl discute as atitudes filosóficas e tece considerações sobre o Bio-perspectivismo, termo/tema que Kehl aborda durante toda a obra e não somente em um único capítulo, o que sugere que o autor objetiva expor os caminhos da filosofia e/para chegar a seu ápice, o Bio-perspectivismo.

No capítulo sexto, intitulado Contradições, Kehl destaca *Contradições legítimas e aparentes, Antinomias de idéias e de atitudes, Antinomias morais e Reabilitação da metafísica* como palavras norteadoras. Nesse capítulo, o autor assinala que não discutirá a contradição no

sentido filosófico e tampouco baseado no princípio de contradição de B. Russel; a contradição trabalhada pelo autor tem relação com “imperfeições”, “incoerências”, como parte da “vida cotidiana”. Nas palavras do próprio autor temos: “Difícil, senão impossível, eximir-se alguém de contradições, incoerências ou antinomias, palavras, que não sendo sinônimas, exprimem o que pretendemos desenvolver nesta parte de nosso trabalho.” (p.72).

De acordo com Kehl, as contradições podem ser aparentes e legítimas, de modo que a primeira tem relação com a coerência dos filósofos e a segunda com a evolução das ideias.

[...] muitos filósofos não puderam escapar de cometer discordâncias em virtude da evolução do espírito, impondo-se, assim, a necessidade de entrar em contradição consigo mesmos. Daí rematado êrro acreditar-se que um autor se deprecia quando no curso de sua obra, surgem idéias que se chocam com outras anteriormente expostas. Há, portanto, contradições que surgem do êrro, de incoerências insustentáveis, outras provêm de inovação ou progresso do espírito. **No decorrer de nossa longa atividade publicitária não faltam, por certo, ocasiões de encontrar conceitos antes emitidos e com os quais, depois, não mais concordamos.** (pp. 75-76, grifo nosso)

Embora Kehl tenha apontado que ao longo de sua própria produção também é possível identificar contradições, o autor não assinala ao longo do texto quais são elas. No sexto e último capítulo da primeira parte, Kehl destacou as seguintes palavras norteadoras: *Mentalidade filosófica, Estudos preparatórios e Dos métodos em filosofia*. Nesta parte, o autor discorre sobre o estudo da filosofia, isto é, as habilidades para adentrar tal área e se tornar filósofo. Acreditamos que os aspectos levantados por Kehl fogem de um caráter meramente descritivo e devem ser discutidos na parte da análise. Neste capítulo a discussão se concentra em como exercer a filosofia; contudo, Kehl não se concentra na apresentação de métodos ou recursos para tal finalidade. Percebe-se, também neste trecho, uma afirmativa recorrente do autor, referindo-se àquilo que podemos considerar como a consideração a uma dimensão individual:

Não está em nossos propósitos estabelecer métodos didáticos, mas em termos gerais, e levando em consideração o que ficou dito anteriormente, propiciar as bases preparatórias dos métodos, os quais, diremos de passagem, **obedecem em grande parte a condições personalíssimas, isto é, às tendências peculiares de cada estudioso.** (KEHL, 1946, p. 96, grifo nosso).

Para fins ilustrativos, Kehl apresenta brevemente o método clássico de filósofos como *Sócrates, Platão, Aristóteles, Escolástica, Spinoza, Descartes, Kant, Intuitivo, Bergson, Dilthey, Husserl e Bio-perspectivista*. A apresentação é feita a partir de uma descrição simples e sucinta, conforme ilustramos no trecho a seguir.

Spinoza:

Característica: em termos gerais, o adotado por Euclides para provar as proposições geométricas: alcançar a verdade mediante o processo do raciocínio *a priori*, tendo por ponto de partida premissas consideradas evidentes. (KEHL, 1946, p. 110)

A segunda parte da obra, intitulada *Bio-perspectivismo*, está organizada em dois momentos: o primeiro intitulado *Bio-perspectivismo* e com palavras norteadoras, tais como: *Biologismo, Determinismo, Proposições, Conceituações*. O segundo momento, *Retorno à filosofia*, não possui palavras norteadoras. Kehl apenas destacou duas frases logo após o título: *(Os intelectuais e as preocupações do momento)* e — *A filosofia é o melhor derivativo para os espíritos que anseiam por fugir ao desconforto das agitações mediocres*.

Na primeira parte, Kehl assinala a aproximação entre filosofia e biologia. Tal premissa serve de base para as proposições do autor acerca do Bio-perspectivismo.

Após tantos anos de estudos e observações em torno da biologia, julgamos chegado o momento de fixar a nossa atitude no tocante aos grandes problemas da vida. Ela não poderá ser outra senão a que adota o lema assim parafraseado: “como filósofos, tenhamos sempre em mente a biologia, e como biólogos, tenhamos sempre presente a filosofia. (p. 117)

A parte em questão parece indicar o que de fato é a finalidade da obra, isto é, apresentar o Bio-perspectivismo. Notamos que a primeira parte parece ser um “passeio despretenso” pela filosofia com o intuito de justificar a necessidade do Bio-perspectivismo; a segunda parte figura como uma espécie de “ponto de chegada” daquilo que foi preparado pelo autor ao longo da primeira parte; dito de outra maneira, Kehl apresenta de forma mais organizada e compilada uma síntese do bio-perspectivismo. O autor chega a repetir (trocando apenas algumas palavras) um trecho já citado anteriormente referente à *fôrça perpetuadora da hereditariedade, fôrça criadora da vontade, fôrça esclarecedora da razão e fôrça harmonizadora ou moral*. Além disso, nessa segunda parte, Kehl lança mão de alguns itens, tais como: *Biologismo e bio-perspectivismo; Proposições; Conceituações* e, dentro deste item, tópicos – *Origem, atitudes, base, lema, finalidade, ponto de partida, metodologia e aplicação*. Tais tópicos se assemelham à forma como Kehl apresentou o conteúdo na obra *Guia Sínótico de Filosofia*.

No segundo e último momento, intitulado como *Retorno à filosofia*, Kehl assinala a existência de uma “crise do nosso tempo” e assevera a importância do retorno à filosofia.

Não se trata, entretanto, de um retorno à filosofia especulativa, ao misticismo contemplativo, à religiosidade pura e simples, mas à uma atitude filosófica inspirada numa norma ética de amor ao próximo atingindo toda a espécie, com base numa concepção científica do mundo. (pp. 129-130)

A conclusão da obra apresenta uma reflexão sobre a necessidade de pensarmos questões referentes àquele momento histórico.

3.2.1 *Análise da obra*

Após uma apresentação sumária da estrutura da obra, faremos a análise das informações contidas no material. Para fins organizativos, adotaremos os mesmos aspectos de análise em todas as obras selecionadas para esta pesquisa, ou seja, aspectos gerais, aspectos referentes à psicologia e aspectos eugênicos.

3.2.2 *Aspectos Gerais*

De modo geral, foi possível identificar ao longo da obra expressões que indicam concordância e aproximação de Kehl com certos autores, teorias e pensamentos; ainda assim, não é possível afirmar que um único autor orienta o pensamento de Kehl.

Identificamos, de início, a referência a Demócrito por Kehl como um precursor do pensamento filosófico na perspectiva defendida por ele. No primeiro capítulo, Kehl tece considerações sobre como a filosofia integra nossas vidas; ao fazer isso, destaca o papel dos diversos filósofos ao longo dos tempos, em especial, o já citado pensamento de Demócrito. É possível notar que a filosofia de Demócrito oferece para Kehl elementos para uma concepção material de mundo e de ser humano.

[...] uma coisa nasce quando se produz certo agrupamento de átomos, desaparece quando este grupo se desfaz, e muda quando se altera a situação ou a disposição do grupo atômico ou quando se lhe agregam novos átomos. Toda ação de uma coisa sobre outra faz-se pelo entrechoque de átomos. (KEHL, 1946, p. 13)

A escolha por Demócrito, segundo o autor, se deu porque tal filósofo foi o primeiro a afirmar que apenas “o inteligível proporciona a verdade” (p. 11). De acordo com Kehl (1946), Demócrito;

Comparava a virtude ao equilíbrio interno no tumulto das paixões, equilíbrio atingível mediante o saber e a prudência num processo de natureza atômica; a virtude, assim discriminada, faculta os meios para alcançar a felicidade, **cuj a base entendia não se assenta nos bens externos, mas no próprio espírito, quando sadio.** (p. 11, grifo nosso).

Ainda que seja possível identificar a aproximação de Kehl a certos filósofos, a obra não contempla ou defende um único pensador, haja vista que Kehl faz referência a diversos autores, de diferentes matizes teóricas, para fundamentar suas proposições. Outro ponto a ser destacado é a aproximação da filosofia com o campo da biologia. De acordo com o autor, a filosofia até então não se aproximava da biologia; no entanto, isto estaria prestes a mudar. A fim de justificar

sua premissa de conexão entre filosofia e biologia, Kehl menciona em seu texto a Lei Biogenética Fundamental do cientista alemão Ernst Haeckel (1834-1919)³⁰:

Como “fazer filosofia”, como filosofar à margem do problema do homem, como deixar de atender ao fato de que “toda legítima filosofia deriva da ciência da natureza e toda ciência da natureza deflui em filosofia” no dizer do biologista e filósofo autor da lei fundamental da biogenética? (KEHL, 1946, p.18)

Segundo Kehl, até meados do século XIX o caráter “especulativo e metafísico” da filosofia tinha relação com a ideia de que a razão era o único meio para o conhecimento; além disso, o autor assinala que faltavam aos pensadores daquele período “elementos substanciais de fundamento biológico para apreciação de questões” (p.18). Além disso, é interessante observar como Kehl parece apresentar tal problemática como algo que já fora discutido em outras produções.

Como dissemos em um de nossos livros, “é preciso ter em vista que a ciência biológica até 1900 consistia apenas em grandes aglomerados de conhecimentos esparsos e heterogêneos; que só no decorrer dos últimos decênios tomaram corpo definido, após se assentarem sobre as bases sólidas do método, da observação, da experiência e das comprovações técnicas. De todos os departamentos foram os da biologia os últimos a se destacarem. (p.18, grifo nosso)

Notamos que Kehl menciona que algumas ideias já foram anteriormente apresentadas e discutidas em outras obras, isto pode ser visto por meio de expressões localizadas ao longo do texto, tais como: “conforme já assinalamos em outros trabalhos”. O próprio termo Bio-perspectivismo já fora apresentado por Kehl em outra produção de sua autoria, como é o caso da obra, citada pelo autor, *Bio-perspectivas (Dicionário filosófico)*, publicada em 1938: “[...] já havíamos estabelecido a conceituação: ‘interpretar o sentido da ideia em determinado momento de sua evolução – nisto consiste o bio-perspectivismo’.” (p. 121).

A genética também aparece na obra como elemento importante para o desenvolvimento da biologia e da filosofia.

Referimo-nos, em especial, à genética, isto é, à ciência da hereditariedade que, fornecendo o indispensável *background* para a solução de inúmeras incógnitas concernentes ao indivíduo, à família e às questões sociais, veio a romper o espesso véu que no *Ignorabimus*³¹ retinha escondida a cadeia cíclica da vida e a resposta a alguns denominados “mistérios” relativos à sucessão vital através dos tempos.

³⁰De acordo com Gilge (2013), Haeckel foi um naturalista defensor e propagandista das ideias de Charles Darwin durante a metade do século XIX e início do século XX; o autor em questão defendia a teoria da evolução por descendência e modificação e chegou a ser reconhecido como “Darwin alemão”. Kehl era conhecedor do idioma alemão e viveu na Alemanha durante um período da sua vida; isto nos permite pensar que o domínio da língua, entre outros fatores, propiciou a proximidade do autor não só com este, mas com vários pensadores alemães.

³¹ Expressão do fisiologista e filósofo francês Emile DuBois-Reymond (1818-1896) em um contexto em que o pensador debatia as possibilidades e os limites do conhecimento. (TORRES ALCARAZ, 2012).

Sem a moderna genética a filosofia constituía, pois, um arcabouço sem alicerces nem derivações bio-perspectivistas. (KEHL, 1946, pp. 18-19)

É possível observar a argumentação de Kehl sobre a necessidade da filosofia se enveredar por caminhos distintos daqueles que havia trilhado até então.

Devemos **com firmeza proclamar** que os filósofos, na presente época, serão forçados a se orientar de modo especial para os problemas minimamente humanos e sob novos aspectos, ou então, a filosofia converter-se-á em “passatempo”, **aliás impróprio**, na fase heróica e decisiva que atravessamos. (KEHL, 1946, p. 19, grifo nosso)

As questões da época mencionadas pelo autor têm relação com a postura dos filósofos e o campo de estudos aos quais se dedicavam. Para fundamentar sua premissa, Kehl recupera Comte, destacando a importância e a necessidade de ciências particulares que investiguem determinados objetos, afastando-se assim da filosofia, cuja proposta é ampla; é possível inferir que ele se refere à superação do estágio metafísico para o positivo.

Vivemos um momento grave de transição em que os veros pensadores põem de lado o estro fantasista, as inspirações nefelibáticas, as atitudes excêntricas, para se dedicarem a algo de substantivo, de bio-utilitarista. Sem subscrever no todo, mas admitindo a alta significação dos propósitos, diremos com Augusto Comte: “os filósofos deverão ser apenas uma nova espécie de sábios que, sem se dedicarem exclusivamente ao estudo de qualquer ciência em particular, considerarão as diversas ciências positivas no seu estado atual e determinarão exatamente o espírito de cada uma delas [...]”. (KEHL, 1946, p.19)

Além disso, Kehl assinala que as teorias tomam como base proposições filosóficas que as antecederam e afirma, por exemplo, que “Demócrito criou o conceito atomístico da matéria e insinuou a ideia evolucionista” (p. 20). Outro ponto importante, e possivelmente o central da obra, é que as transformações da filosofia deveriam ser orientadas pelo bio-perspectivismo.

Seria conveniente precisar, neste momento, os termos perspectivismo e bio-perspectivismo na aplicação filosófica. O perspectivismo não é concepção nova, porém modernizada pelos que admitem a existência de uma avaliação diferente ou “perspectivista” dos fatos, conforme a natureza dos instintos fundamentais. Nestas condições o *sentido* é a perspectiva necessária e o perspectivismo o conceito pelo qual todo centro espiritual faz do próprio ponto de vista de uma idéia sobre o mundo. Nietzsche precisou em “Vontade de poder” um conceito perspectivista, que afina pelos de Diethe³², Litt e pelo espanhol Ortega e Gasset. (KEHL, 1946, p. 63)

Com base no excerto em questão, compreendemos que Kehl toma como base um conceito perspectivista já presente no campo da filosofia e que o bio-perspectivismo seria um modo específico, uma perspectiva de compreensão e análise dos fenômenos. Além disso, o autor destaca que não há diferenças substanciais entre perspectivismo e bio-perspectivismo, senão a influência da biologia no bio-perspectivismo. Ao longo da obra Kehl não afirma que o

³² Grafado assim no original; provavelmente referindo-se a Wilhelm Dilthey.

termo em questão é de sua própria alcunha, tampouco apresenta a origem do termo a partir de outras fontes; entretanto, o modo como o autor apresenta suas considerações nos leva a pensar que possivelmente o termo bio-perspectivismo integra o campo de análises de Kehl, tendo como horizonte o desenvolvimento da biologia.

No último capítulo da primeira parte o autor assinala a existência de métodos filosóficos para se chegar à verdade. Ao fazer uma discussão sobre tais métodos, Kehl (1946) apresenta o método bio-perspectivista como parte dos métodos legítimos e crítico-analíticos; ou seja, ele considera o bio-perspectivismo também como método.

Nesta categoria poder-se-ia, talvez, incluir o método bio-perspectivista, cujo princípio é nada aceitar nem reprovar *in limine*; considerar que tudo ou quase tudo que se admite como autêntico pode diferir em condições outras, de acordo com as variações de tempo e de lugar, fatores estes responsáveis, em muitos casos, pelo estabelecimento de novas distinções. Segundo este método, todo julgamento deve consistir no estabelecimento precípuo da norma, segundo a qual qualquer asserção ou juízo está na dependência de outras asserções ou de outros juízos *bio-perspectivistas*. Daí, jamais concluir, filosoficamente, por uma definição de caráter fixo, axiomático, mesmo quando tida por legítima e indubitável. (KEHL, 1946, p.108)

No que tange ao modo de proceder, o bio-perspectivismo toma como base a intuição, a dedução e o empirismo. Da intuição adota a apreensão dos elementos que integram os fenômenos do modo particular para o geral, da dedução toma como base o método de Descartes para utilizar “a prática discursiva e o raciocínio silogístico” e do empirismo adotará a experiência e o conhecimento positivo. O autor também destaca que o método é orientado por uma atitude, neste caso, atitude bio-perspectivista, e que tal atitude difere de uma atitude determinista ou fatalista, conforme observamos a seguir.

Segundo o determinismo, tudo é condicionado; os fenômenos são inter-dependentes; dentro do fatalismo, tudo é arbitrário, presidido por um designio superior e imperscrutável: “estava escrito”. Do ponto de vista do bio-perspectivismo, entretanto, tudo se subordina ao império da natureza e se manifesta na combinação de circunstâncias que estabelecem a “ordem natural” das coisas.

Eis, pois, que entre a interdependência do determinismo e a arbitrariedade do fatalismo, coloca-se a contingência natural do bio-perspectivismo. (KEHL, 1946, pp. 122-123)

Em nosso entendimento, tal perspectiva parece “resolver” as lacunas que não foram preenchidas pela perspectiva do determinismo ou do fatalismo; mais, sugere uma adesão (implícita) aos princípios do positivismo, ao defender o real contra o quimérico, o útil contra o ocioso, o preciso contra o vago, o relativo contra o absoluto, o científico (especialmente a biologia) contra o metafísico e o positivo contra o negativo, assim como anuncia reiteradamente um projeto de “melhoria da humanidade”, acenando, em várias asserções para uma defesa do “altruísmo” em prol dos interesses da humanidade como um todo.

Ainda nos aspectos gerais, notamos que Kehl aponta a necessidade de questionar qual é o objetivo do fazer filosofia e, a partir disso, repensar se ela não deveria interligar-se à ciência da vida. Tendo em vista essa proposta, o bio-perspectivismo poderia favorecer tal objetivo.

[...] Do prisma especulativo, tal a finalidade da filosofia; do prisma da ciência da vida, entretanto, **os seus objetivos entram na esfera do melhorismo, do aperfeiçoamento progressivo da humanidade**; e, à margem da ciência, a sua finalidade consiste em **alvitrar novas possibilidades, em elaborar hipóteses**, com o desígnio nas estrêlas, muito embora não se atinja de pronto o caminho que a elas conduz; eis, pois, que **a filosofia, considerada bio-perspectivamente, portanto da perspectiva da vida, não poderá deixar de apresentar um objetivo determinado, qual o de esmiuçar, no labirinto das ideias e das doutrinas que se entrecrocavam, as que transitariamente melhor se aplicam em benefício dos usufrutuários dêste pequeno ou, melhor, dêste insignificante planeta.** (KEHL, 1946, p. 26, grifo nosso)

O excerto em questão reforça nossa hipótese de que Kehl encontra no bio-perspectivismo uma alternativa para propor o aperfeiçoamento da humanidade. Na visão de Kehl, o percurso da filosofia estaria orientado pelo idealismo bio-perspectivista, assumindo as seguintes características.

A *verdade* de concepção realística, assimilável, sem ligação com o conceito universal teórico;
A *idéia* também de concepção natural, vivente, assimilável pela consciência;
O *objetivo* de identificação natural do homem com a espécie;
A *moral* das convenções e das conveniências entre o interesse privado e geral;
A *atitude prática*, utilitária, explicitamente humana. (KEHL, 1946, pp. 27-27)

Ao longo da obra, Kehl não só assinala a necessidade de tal orientação como também se dedica a discutir o bio-perspectivismo, conceito este que optamos por apresentar nos aspectos gerais, mas analisar detalhadamente na parte referente à psicologia, tendo em vista que a discussão feita pelo autor apresenta uma base psicológica.

Na altura em que nos encontramos, de palpitantes renovações doutrinárias, *não vemos outra orientação à filosofia senão a que condiz com a melhor e mais útil visualização bio-perspectivista dos problemas universais.* Sob êste critério reatar-se-ão os élos perdidos durante os séculos em que a doutrina filosófica de Demócrito se manteve congelada; revisar-se-á o pré-relativismo de Pitágoras, para finalmente, atingir as fronteiras do biologismo, segundo o qual torna-se improficuo todo o esforço das faculdades superiores da razão fora do conceito de que o homem é um ser natural, à margem, portanto, de “qualquer” antropocentrismo, mesmo quando, por abstração especulativa se pretende enveredar pela ultra-metafísica concepção do não-eu. (KEHL, 1946, pp. 20-21)

No âmbito filosófico, é possível notar que o autor tem certa objeção à perspectiva socrática de que todos os Homens são iguais, ponto este que seria passível de questionamento, pois o homem seria o centro das coisas, mas os sujeitos seriam diferentes entre si a partir de seu estado e posição, concepção mais próxima de Platão e dos sofistas.

Como se sabe, Sócrates combateu esta idéia. Os adeptos de Protágoras continuaram, não obstante, a insistir que “o homem é realmente, a medida de todas as coisas”. Ao expressar esta sentença, considera-se, certamente, as variações e as oscilações de constituição e de temperamento, as tendências peculiares a cada indivíduo, num certo período e em diversas situações. Muito mais curial nos parece, pois, a aludida proposição, do que a de Sócrates, para o qual o homem é dotado de uma *razão* que não varia nem é diferente em cada indivíduo, o que pressupõe aceitar, por conseguinte, a possibilidade da existência de uma “verdade comum”. (KEHL, 1946, p. 21)

Na própria obra, Kehl faz questão de destacar que o bio-perspectivismo não pode ser confundido com o relativismo. O autor defende que verdades sejam estabelecidas, e que tais verdades tenham um caráter temporal, dependente da posição e do estado do sujeito que a propõe. Dito de outra maneira, é interpretação que leva em consideração os fatores sociais e a condição humana, ou seja, a conciliação entre as dimensões orgânica, psíquica e moral. Seguindo essa premissa, Kehl explica que uma atitude bioperspectivista: “Poder-se-á mudar de método de apreciação sem que se alterem as aparências das coisas: “é o que é” bioperspectivamente. Pelo processo em questão as coisas continuam as mesmas, modificando-se, porém, a maneira de as considerar, filosoficamente.” (KEHL, 1946, p. 24).

Kehl defende que a filosofia deveria se afastar da metafísica, da “especulação tradicional” e se aproximar de questões concernentes ao homem e à sociedade:

Como dissemos em um dos nossos livros e de acordo com a tendência moderna, a filosofia apresenta cada vez maiores e mais estreitos vínculos com as ciências, porém sem com elas se confundir, dando margem, como é natural, à “metafísica da experiência”, em virtude da renovação contínua a que sempre está sujeita.” (KEHL, 1946, p. 32).

O autor não explicita a qual obra se refere, porém, identificamos na obra anteriormente analisada, questões que envolviam a metafísica e as transformações que ela sofreria. Em nosso entendimento, Kehl não propõe o fim da metafísica, mas defende o afastamento de uma metafísica no sentido especulativo, na direção do que se pode compreender a partir dos sentidos humanos, da experiência, como uma teoria da realidade que parte daquilo que pode ser demonstrável. Assim, acreditamos que Renato Kehl apresenta uma mudança na concepção da metafísica e não seu abandono no âmbito da filosofia.

Ainda sobre a questão da metafísica e da experiência, Kehl destaca que a metafísica continuará existindo, porém, articulada à realidade. No que tange à experiência, esta deve ser articulada às ciências e à vida. Baseado no filósofo alemão Heinz Heimsoeth (1886-1975), Kehl (1946, p. 51) destaca que

Em vez da antiga especulação de tendências construtivas e unitárias, com as suas preocupações de origem sobrenatural, próprias dos grandes sistemas de metafísica clássica, o que hoje se define e afirma, cada vez mais, é antes um *processus* de rigorosa

descrição e análise que, partindo do demonstrado, do demonstrável, ou ainda do simplesmente provável nos diferentes domínios da experiência, procura daí elevar-se depois ao que há de fundamental e de transcendente em todos os problemas da realidade e do ser; e isto sem receio da *multiplicidade* e do *pluralismo*, bem como sem perder a consciência do que há sempre de necessariamente provisório e de fragmentário em todas as construções do pensamento.

No capítulo quinto, Kehl retoma novamente esse ponto e assinala que a anulação da metafísica corresponde à entrada no âmbito da ciência, portanto, a metafísica seria uma etapa pré-científica. Entretanto, para ele, o abandono da metafísica para entrada no âmbito da experiência corresponderia ao abandono da filosofia, assim, “só existe filosofia com ou como metafísica e vice-versa.” (pp. 91-92). Sobre este ponto, o autor apresenta oposição às proposições de José Ingenieros (1877-1925), eugenista argentino.

Muitos pensadores e estudiosos do começo do século manifestaram por êste motivo completa aversão à filosofia, generalizando-se a opinião de que a condição primeira para o progresso intelectual consiste em libertar-se de toda a metafísica, atitude errônea, resultante de confundir causas com efeitos, do que resultou tornar-se a metafísica vítima da culpa que cabe aos páleo-metafísicos, aos confucionistas, aos verbalistas, aos sofistas e aos conformistas, que ainda se apresentam entrincheirados nas paliçadas da tradição medieval. (KEHL, 1946, p. 93)

Sobre a defesa da mudança de concepção sobre a metafísica, mas não de sua eliminação, Kehl se distancia das proposições comtianas, para quem o estado metafísico deveria ser substituído pelo estado positivo. Entretanto, Kehl refere-se a um estado pré-científico, que poderia ser entendido como a transição para o estado positivo. As asserções de Kehl nos levam a pensar na influência de Comte em seu pensamento. Em sua obra, localizamos apenas uma menção direta ao filósofo do Positivismo, conforme destacamos em um dos excertos; entretanto, em diversas partes da obra é possível perceber reiteradamente tal influência, ainda que Kehl não as mencione diretamente. Comte (1983) destaca que o desenvolvimento das ciências e do espírito humano ocorre a partir da lei dos três estados, isto é, pela fase teológica, metafísica e positiva. Nos escritos de Kehl podemos notar uma discussão sobre metafísica cuja base é comtiana, pois Comte assinala que a fase metafísica corresponderia à destruição do estágio teológico; em outras palavras, seria o estágio de transição entre o abstrato, ou em termos do próprio Comte, entre o “divino” para adentrar o campo das ideias. Posteriormente, entraríamos no estado positivo do conhecimento, estado este em que há o predomínio da observação, busca das leis que regem os fenômenos que podem ser observados. (COMTE, 1983). Nota-se que, da parte de Kehl, não há um chamado para o abandono da metafísica, mas uma outra forma de compreendê-la. A leitura de Kehl acerca da filosofia e a necessidade de

afastamento da análise de fenômenos que não se relacionam com a experiência, por exemplo, nos lembra os preceitos do filósofo francês em questão.

Ainda sobre a relação entre as obras do autor, identificamos alguns pontos nesta obra de 1946 que se aproximam de alguns pontos da obra anteriormente analisada, *Guia Sinóptico da Filosofia*. Conforme destacamos na análise da obra *Guia Sinóptico de Filosofia*, de 1945, Kehl não dá explicações sobre os tópicos apresentados, porém, uma análise da obra do autor de forma conjunta e interligada a outras obras, nos permite compreender a proposta do autor sobre a filosofia. No material anteriormente analisado, Kehl (1945) realizou a apresentação das principais doutrinas filosóficas, tendo em vista quatro estádios: sensualismo, racionalismo, ceticismo e misticismo. Na obra *Através da filosofia* (1946), Kehl, discorre sobre o percurso da filosofia e indica seu esquema evolutivo.

Pretende-se que a filosofia haja evoluído, esquematicamente, dentro dos seguintes sistemas: sensualismo (por força e atração das cousas sensíveis), idealismo (pela tendência ao testemunho do espírito, em contraposição ao dos sentidos), cepticismo (em consequência da desilusão resultante da inoperância dos sistemas anteriores), misticismo (pela tendência muito humana de apelar para as intervenções sobrenaturais na falta de uma solução para a dúvida pelos processos naturais). (KEHL, 1946, p. 32)

A partir desse esquema evolutivo da filosofia, é possível compreender seu caminho em direção ao bio-perspectivismo. Em outras palavras, é como se o caminho da filosofia fosse, evolutivamente, em direção a uma tendência: a bio-perspectivista.

Vencidas estas etapas a filosofia entrará talvez no sistema que se denominará “bio-perspectivista” segundo o qual a verdade não é *sensível*, não é um simples ideal, não é uma quimera, também não é um conhecimento abstrato, mas uma realidade que varia com o tempo e o espaço, segundo as bio-perspectivistas (sic) em que entram os fatores pessoa, lugar e momento. (KEHL, 1946, pp.32-33)

A diferenciação entre filosofia e ciência também se explicita na obra. Nas palavras de Kehl, seria fundamental estabelecer as divergências entre tais campos, ainda que eles sejam complementares.

Na filosofia estuda-se a realidade como um todo, enquanto na ciência é estudada apenas como parcela da mesma; a filosofia tem por objeto o conhecimento das causas e dos primeiros princípios; a ciência investiga as causas imediatas dos fenômenos; cuida esta do “saber parcialmente unificado”, aquela do “saber totalmente unificado”, a primeira mantém os homens dentro da experiência e a segunda, a filosofia, procura elevá-los acima do mundo da experiência. A filosofia antecipa e concretiza conhecimentos gerais; a ciência particulariza os conhecimentos, dentro das condições gerais de possibilidades, passíveis de confirmação pela experiência. Têm ambas fronteiras delimitadoras, mas estas fronteiras se tocam e se firmam numa concepção virtual de atingir o mesmo objetivo: o saber. (KEHL, 1946, p. 39)

Em linhas gerais, entendemos que Renato Kehl defende uma educação filosófica, sobretudo, o desenvolvimento de um “senso filosófico”; assim, apresenta esquematicamente

etapas que precisam ser cumpridas, incluindo a dimensão individual (pessoal), ao incluir a análise psico-crítica (sic).

A educação filosófica requer, precipuamente: *a) curso de humanidades* com particularização das ciências naturais; *b) atitude crítica* — treino constante do raciocínio, sem preocupação de aceitar ou de rejeitar, com pressa, qualquer idéia, isto é, atitude reservada mesmo diante dos problemas claros ou assim julgados; *c) cepticismo ativo* — dúvida sistematizada, começando das partes para o todo e por fim do todo para as partes; *d) exame sintético* para elucidar os problemas básicos; *e) análise psico-crítica* de plano bio-perspectivista, portanto inteiramente pessoal; *f) atitude de resguardo* com relação aos próprios julgamentos e também contra as tendências impregnadoras e sugestivas da tradição, como de qualquer influência formal-dogmática. (KEHL, 1946, p. 99)

Na citação acima explicita-se também uma influência do método cartesiano: não aceitar uma ideia que não seja evidente, revisar as etapas do processo e, sobretudo, não renunciar à dúvida sistemática.

3.2.3 Aspectos referentes à psicologia

Neste item faremos a análise da obra tendo em vista os aspectos psicológicos destacados pelo autor ao longo do texto. Sobre esta questão, observamos que Kehl fundamenta seu pensamento a partir da visão individual e da personalidade; em outras palavras, a base do conhecimento dependeria da “biotipologia³³ personalíssima”.

Como negar que a percepção sensível seja a base de todo conhecimento, e que essa percepção depende da bio-tipologia personalíssima, bem assim, rejeitar o fato de que cada um se encontra em estado e em posição tal que dentro do critério de Pitágoras, não se pode conceber verdade comum a todos os homens? (KEHL, 1946, p. 21)

Por esta linha de raciocínio, Kehl parece se opor à ideia de que todos têm, igualitariamente, uma verdade dentro de si, mas parece concordar com a ideia de que há uma verdade universal que deve ser buscada pelos sujeitos afeitos a essa possibilidade. Nesse sentido, o bio-perspectivismo poderia tratar os fenômenos a seu modo e a depender de um estado “psico-mental”. Com isso, notamos que o autor discute o tema, tomando como base aspectos psicológicos.

O bio-perspectivismo dispõe os problemas filosóficos dentro do conceito para-ataráxico³⁴ de que as cousas são verdadeiras ou falsas, belas ou feias, conforme a sensação que provocam e o estado do indivíduo ao delas tomar conhecimento. [...]

Ao invés do critério especulativo, orientado para a cogitação “do que foi” ou “do que poderia ser”, o bioperspectivismo recomenda a atitude psico-crítica de

³³ Em linhas gerais, o termo biotipologia faz referência à ciência da constituição, das características e do temperamento humano. O termo foi desenvolvido pelo médico italiano Nicola Pende (1880-1970). (GOMES, 2012).

³⁴ Relativo à ataraxia, isto é, à apatia e à indiferença.

observação e de análise, com o fim de descobrir e revelar “o que é”, **tendo sempre em conta determinado momento e situação**. (KEHL, 1946, p. 22, grifo nosso)

De acordo com o autor, na doutrina do bio-perspectivismo, a atitude psico-crítica, é positiva e variável, pois visa aspirar a melhor possibilidade, evitando conformismo, pessimismo ou indiferença. Nesta obra, Kehl (1946) não apresenta explicações sobre o termo psico-crítica, porém, temos conhecimento de que esse conceito esteve presente também em outras obras do autor, o que nos permite pensar na relação e na continuidade de conceitos em suas obras. O termo psico-crítica foi identificado na obra anteriormente analisada, *Guia Sinóptico de Filosofia*, e em outras obras, tais como *Tipos Vulgares*, de 1927, e *Psicologia da Personalidade*, de 1941. Retomamos brevemente tal conceito a fim de apontar que, ao que tudo indica, Kehl o apresenta com base naquilo que já definiu anteriormente. Relembramos que a psico-crítica tem relação com a caracterologia, com a dimensão *indivíduo-personalidade*(sic). Nesse sentido, entendemos que adotar uma “atitude psico-crítica”, seria empreender uma análise que leva em conta as características individuais do sujeito que a propõe, além do momento e da situação que determinado fenômeno ocorre.

Kehl reconhece que o desenvolvimento da filosofia apresenta relação com a necessidade de investigar o “por quê”, “como” e “para quê” e, neste ponto, a perspectiva individual e psicológica não sai da cena analítica do autor. Logo no início do segundo capítulo, no qual discorre sobre o início da filosofia, Kehl (1946) destaca que: “A contingência psíquica gerou-a bem antes da ciência; pode-se dizer que teve início aos primeiros impulsos emocionais dos nossos semelhantes, para compreenderem o que existe, o que sucede em volta e dentro deles próprios.” (p.29).

A filosofia abandonaria seu caráter histórico, filológico e rebuscado, para assumir o uso de métodos e de temas atuais e de conhecimento geral. Nesta premissa do autor, notamos novamente a dimensão individual/pessoal.

A nova concepção da filosofia, ora estabelecida, garantirá a sobrevivência da metafísica. Competir-lhe-á discutir toda nova teoria acerca do próprio conhecimento ou “crítica do conhecimento”. Prevalecerá a filosofia, não no sentido de um “positivismo científico”, mas de uma “positividade científica”, isto é, de uma “*intuição-caráter*” para sondar a realidade com o “*sentido filosófico*” de conjunto e à margem da experiência. (KEHL, 1946, p. 50)

Assim, tendo em vista o temperamento dos filósofos, Kehl aborda as transformações da filosofia a partir das “condições personalíssimas” dos sujeitos: “[...] de simples passou a complexa, e muitas vezes a confusa, por força de abstrusas *condições personalíssimas de muitos pensadores de expressão psico-mental desajustada*. (KEHL, 1946, p. 33, grifo nosso).

Seguindo ainda essa linha de raciocínio, com foco na dimensão individual, o autor assinala que:

Não pode haver dúvida de que a atitude filosófica reflete clara ou veladamente a constituição e o temperamento do filósofo. Se dotado de bio-taxia sintônica³⁵, em meio e em condições favoráveis, não pode deixar de dar asas ao espírito filosófico, em condições normativas. Epicuro, há pouco citado, pode servir de exemplo clássico de filósofo sintônico bem compensado, cujos objetivos eram humanos e reais. Dentro da limpidez de sua doutrina e da simplicidade de sua moral, pregava “a satisfação moderada de todas as necessidades e de todas as faculdades”, exercendo deste modo, extraordinária influência sobre os discípulos e ouvintes. (KEHL, 1946, p. 33, grifo nosso)

Com base nessa visão, é possível compreender por que Renato Kehl defendeu, conforme assinalamos anteriormente, a necessidade de uma análise das atitudes filosóficas, de suas crises e não uma crise da filosofia propriamente dita: **“Por imperativo natural, bio-psíquico, somos todos compelidos a filosofar em graus progressivos, conforme as tendências, a cultura e o discernimento de cada um.”** (KEHL, 1946, p. 37, grifo nosso).

As atitudes filosóficas estão baseadas no modo como os pensadores agem diante dos sistemas filosóficos; portanto, são subjetivas e apresentam relação com a dimensão *indivíduo-personalidade*(sic)³⁶ dos filósofos. Nesse sentido, o que estaria em crise não seria a filosofia, mas a atitude dos filósofos. Esse pensamento pode ser ilustrado de acordo no trecho a seguir.

[...] a filosofia mantém-se indene às invectivas; o que se tem verberado não é a filosofia, mas as atitudes filosóficas de pensadores que, com idéias extravagantes, com exdrúxulas proposições, em fastidiosas e obscuras dissertações, pretendem esclarecer questões sibilinas, inabordáveis por natureza, provocando o descrédito, a desorientação e, mesmo, o caos nos domínios das próprias doutrinas. ((KEHL, 1946, p.43)

A fim de justificar a premissa individual das atitudes filosóficas, Kehl recorre a elementos psicológicos que nos permitiria entender que os pensadores são dotados de características psíquicas que se relacionam e determinam sua produção filosófica. Em outras palavras, pode-se dizer que Kehl incorre num psicologismo, privilegiando uma das determinações (a pessoal/individual) e secundarizando as demais.

Ao exame psico-crítico e caracteriológico, a maioria dos filósofos apresenta a singularidade monodeista de não poder escapar às tendências impressionistas e

³⁵ De acordo com o dicionário da língua portuguesa (FERREIRA, 1999), o termo biotaxia tem relação com a classificação e a organização dos seres vivos de acordo com a sua estrutura, assim como pode significar o arranjo das células vivas. O termo sintônica se refere à sintonia, nesse sentido entendemos a biotaxia sintônica como uma organização harmônica das células dos seres vivos. O termo em questão nos parece fazer referência a uma leitura eugênica de sujeito, isto é, a sujeitos que possuem características “saudáveis”. Na obra *Psicologia da Personalidade*, Kehl utiliza com frequência a classificação dos sujeitos a partir da biotaxia.

³⁶ Novamente observamos a utilização de conceitos que já foram sinalizados em outras produções do autor.

um acendrado verbalismo, por meio do qual pretendem se colocar à margem das verdades comuns, das contradições banais, em suma, do vulgarismo peculiar à natureza humana. À força de ilusionismos obsidentes, tornam-se, às vezes, oraculares, proféticos, nada definem ou nada esclarecem terra a terra, visando assim resguardar-se sutilmente, de uma compreensão perfeita, portanto de críticas e refutações. (KEHL, 1946, pp. 44-45, grifo nosso)

Ainda sobre a questão das atitudes filosóficas e seu caráter individual e psicológico, Kehl destaca:

[...] a vida de cada momento representa a síntese ou a convergência de muitos acasos biológicos, a desdobram-se na intercorrência de outros acasos, ou de muitos percalços, que colocam os indivíduos em instabilidade dentro deles próprios, e deles em relação ao ambiente em que vivem. Como, pois, situar um indivíduo psicologicamente sempre no mesmo ponto, em relação às suas percepções, aos seus sentidos filosóficos e ao meio de onde, a cada instante, sofre novos influxos, novas excitações, constantes variações de ordem psico-emotivo-sensorial? Como devassar as profundezas e complexidades da existência, com a mesma tonalidade e perspectiva, quem vive tantos estados diferentes e se coloca, a cada instante, em posições e situações tão diversas? Assim, pois, temos “atitudes filosóficas” e não “filosofia”, sob a ingerência dos fatores interno e externo. (KEHL, 1946, p. 67, grifo nosso)

Além dos aspectos psicológicos dos filósofos, é possível notar que o autor considera o aspecto histórico do desenvolvimento e da transformação da filosofia. Refere-se ele às gradativas circunscrições de objetos de estudo, conquistando uma certa autonomia em relação à filosofia; por exemplo, ao assinalar o movimento feito pela filosofia ao longo dos tempos, tais como a separação e a formação de outros campos de conhecimento; entre eles, a psicologia.

Ao abeirar-se do século XVIII ainda conservava, como até então, o de “ciência total das cousas”, sinônimo de “ciência universal”. Já no curso daquele século, graças às descobertas de Galileu, de Newton, de Kepler e de outros, as ciências progrediram e se destacaram da filosofia, dispondo-se autonomamente, como disciplinas de objetivos próprios. Não mais era possível, então, com os progressos realizados, abarcar-se, enciclopedicamente, todos os conhecimentos como outrora. **Deixou, então, a filosofia de ser “ciência total” ou “enciclopédia do saber”,** para circunscrever-se na ontologia (reflexão sobre os objetos em geral, filosofia primeira ou metafísica), com o seguinte desdobramento: a lógica, a teoria do conhecimento, a ética e a estética, **dela se isolando, muito mais tarde, também a psicologia e a sociologia.** (KEHL, 1946, pp. 31-31, grifo nosso)

É interessante observar como o autor assinala e parece ter conhecimento sobre o movimento histórico das ciências em geral (ele cita personagens da história da física e da astronomia que protagonizaram a emergência da ciência moderna) e da psicologia mais tarde. Além do excerto acima, destacamos também que em sua obra *Psicologia da Personalidade*, de 1941, o autor destacou que a psicologia deixou de ser “especulativa” e “palavrosa” para se tornar “objetiva e prática”, indicando assim o afastamento da filosofia e seu avanço como ciência.

Embora seja possível reconhecer sua preocupação histórica, consideramos importante não nos furtar da perspectiva de análise que o autor faz sobre o movimento da história, isto é, uma perspectiva individual/pessoal. Ao discorrer sobre o movimento histórico da filosofia, Kehl não atribuiu tais mudanças às condições concretas de determinado momento histórico; pelo contrário, atribuiu à postura dos filósofos e às perguntas que orientaram seus sistemas filosóficos. Acrescenta-se a isso a visão anacrônica e presentista que se revela no trecho abaixo:

Quem poderá afirmar que consegue lêr, com vantagem, capítulos e capítulos de certos filósofos que ainda gozam de elevado conceito nominal nos dias de hoje? Como poderá interessar, a espíritos trabalhados pelas luzes do século vinte, a metafísica especulativa do próprio Bacon, a divagar sobre “De dignitate et Augmentis scientiarum”, na qual classifica as “faculdades da alma”? Que de útil, poderá proporcionar, a **cérebros esclarecidos pela biologia**, o “Tratado das Paixões” escrito por Descartes em 1650 ou a sua palavrosa dissertação a respeito do “cogito, ergo sum”, que na época abalou rochedos e serviu de contrapeso para a ciência, mas que presentemente só vale como elemento histórico de uma fase que passou? (KEHL, 1946, pp. 46-47, grifo nosso)

De acordo com o autor, as questões da época não estão ligadas à ideia de perfeição, a lógicas criadoras ou matemáticas, isto seria, a seu ver, “retrógrado”. Para Kehl, o “descrédito” de conceitos puramente formais de filósofos como Kant, Fichte, Schelling e Hegel contou com a reação de filósofos como Büchner, Haeckel e Moleschott, seguido por Darwin, Lotze, Wundt, Wallace, Mendel, Weissmann e Comte. Assim, Kehl (1946) afirma: “[...] como procurámos demonstrar, jamais esteve a filosofia em crise, porque a verdadeira crise tem sido a de atitudes ou de doutrinas filosóficas, como sucedeu em vários e longos períodos (p. 48). Percebe-se que ele faz referência a autores do século XIX, de matizes distintas, cujas críticas aos antecessores (esperadas no trabalho intelectual) incidiam sobre diferentes aspectos das obras criticadas.

É interessante observar que ele classifica o precursor da psicologia, Wilhelm Wundt (1832-1920), como um dos pensadores que integraram esse movimento de transformação no campo da filosofia. Em nosso entendimento, a leitura de Kehl sobre Wundt, somada à percepção acerca dos “progressos” da ciência psicológica, pode nos indicar como o médico eugenista concebia a psicologia e sua função social e científica. Resta perguntar a que obras de Wundt ele se referia; teria ele considerado aquela por tanto tempo esquecida *Volkerpsychologie*³⁷?

Embora o foco da obra não seja especificamente sobre a psicologia científica, nos chama atenção – não apenas nesta obra, mas em outras produções – como Kehl constantemente lança mão de aspectos inseridos no campo da psicologia, sobretudo no campo da psicologia da personalidade. Isto nos permite pensar como ele se apropria dos conhecimentos em psicologia

³⁷ Em português, Psicologia dos povos.

dispostos àquela época para fundamentar e embasar seu pensamento e sua interpretação sobre o percurso da filosofia e vice-versa. Embora a obra não seja diretamente sobre psicologia, podemos, a partir dela, compreender o histórico caminho dos conhecimentos desenvolvidos pela psicologia; assim como também é possível compreender que conhecimentos e possibilidades de estudo e interpretação do indivíduo e de sua personalidade estavam em circulação; caso contrário, Kehl não estaria falando de estado mental, de conjunto de características psíquicas de cada sujeito. De forma indireta, a leitura psicológica apresentada pelo autor nos levanta uma reflexão: Quando Kehl apresenta uma visão individualizante e psicológica dos filósofos, estaria ele fazendo uma apropriação a seu modo da psicologia ou uma apropriação dos conhecimentos hegemônicos na psicologia daquela época? Uma das tentativas de resposta para tal questionamento seria que Renato Kehl adota as duas posturas, isto é, faz, ao seu modo e alinhado aos seus interesses ideológicos, uma apropriação dos conhecimentos da psicologia, ao mesmo tempo, entendemos que os conhecimentos hegemônicos naquele período correspondiam à ideia de conhecimento do indivíduo, de interpretação das características individuais e psicológicas dos sujeitos. Outra pergunta também emerge: seja da filosofia ou da psicologia, que obras ele leu? leu os originais ou comentadores? Como não há, pela própria condição editorial da época, um sistema de referência, fica difícil aproximar-se desta resposta.

3.2.4 Aspectos eugênicos

Assinalamos que a análise da obra com vistas a identificar a existência ou não de aspectos eugênicos foi orientada pelas categorias de análise conforme apontamos anteriormente: identificação, classificação, hierarquização, exclusão, dimensão de futuro e perspectiva coletiva. Nesta obra algumas dessas categorias foram encontradas; é o caso da categoria de classificação, hierarquização, exclusão, dimensão de futuro e perspectiva coletiva. Não localizamos de maneira explícita a categoria identificação, pois não há alguma característica humana que poderia ser analisada, discutida. No entanto, podemos pensar na presença desta categoria de maneira implícita, ao observamos que o autor se refere àqueles que seriam mais afeitos à discussão filosófica.

Logo no início do primeiro capítulo, Kehl apresenta a noção de que existem diferenças entre indivíduos. Para se referir à atitude filosófica do senso comum, isto é, à capacidade de refletir, comparar, criticar; nesse sentido, Kehl afirma que: “Todo indivíduo dotado de elevação

espiritual e dos mencionados recursos é filósofo em certo grau, capacitado, portanto, de raciocinar sôbre assuntos filosóficos.” (KEHL, 1946, p. 9).

De acordo com o autor, a humanidade carece da filosofia; contudo, a função da filosofia “[...] ultrapassa o alcance médio das inteligências, mesmo cultivadas” (pp. 9-10). Na obra em questão, o autor diferencia a *atitude filosófica do senso comum*, que seria possível aos indivíduos medianamente dotados de capacidade da análise complexa da realidade: “Não se trata, neste caso, de senso comum, nem de bom senso, mas de alto senso; por conseguinte, de possuir, além dos requisitos ordinários, mentalidade crítica, cultura, discernimento, *espiritualidade* ou *virtuosidade*.” (KEHL, 1946, p. 9). É interessante observar que, embora o autor não identifique especificamente uma característica humana, as categorias de classificação, hierarquização e exclusão estão presentes, conforme observamos no excerto acima.

Kehl destaca que para se tornar filósofo não bastariam livros, disciplina, educação, senão “[...] dons naturais que a educação pode desenvolver, mas cuja falta jamais poderá cumprir” (p. 95). Além da característica eugênica pautada na hereditariedade, é importante assinalar que o debate sobre o limite da educação costumeiramente esteve presente nos escritos de Kehl, pois o autor costumava defender que a educação, seja esta familiar ou escolar, apesar de ter um papel importante no desenvolvimento humano, não seria capaz de reverter a bagagem hereditária dos sujeitos. Em sua obra *Tipos Vulgares*, Kehl destaca.

“**Quem é bom já nasce feito**”, temos repetido inúmeras vezes. A educação exerce naturalmente grande influência para atenuar ou mesmo para remover arestas de caráter e de temperamento; nunca, porém, para atenuá-las e removê-las geneticamente, isto é, em benefício real de efeito persistente para as gerações futuras. (KEHL, 1927b, p. 22, grifo nosso)

Usualmente, diversos eugenistas acreditavam que a educação seria um importante meio para o melhoramento da raça. A educação escolar figurava como um campo prolífico para a propagação dos princípios eugênicos; através dela seria possível desenvolver uma consciência eugênica e assim alcançar um comprometimento por parte dos indivíduos em prol da seleção e preservação da “raça”. Embora a maioria dos eugenistas apregoasse a importância da educação, é necessário destacar o caráter polissêmico da educação quando proposta com fins eugênicos. Kehl, por exemplo, fazia a defesa de uma educação sexual, voltada à hereditariedade, à procriação, ao matrimônio consciente, à proteção da sociedade e à higiene. No ano de 1927, Kehl participou da Primeira Conferência Nacional de Educação, na cidade de Curitiba, e, na ocasião, apresentou e defendeu sua tese voltada à educação sexual intitulada: *O problema da educação sexual: importância eugênica, falsa compreensão e preconceitos – como, quando e por quem deve ser ela ministrada*, afirmando:

Impõe-se como medida de preservação individual e coletiva, baseada no mais alto interesse da espécie, que se proceda a educação sexual gradual e paulatina das crianças, dos jovens e mesmo dos adultos, a fim de que o mais nobre ato, que é o da geração, não continue a processar-se apenas sob o impulso instintivo, só compreensível e admissível entre os animais irracionais. (KEHL, 1927a, p. 437)

Em sua obra *Lições de eugenia*, publicada primeiramente em 1929 e relançada posteriormente em 1935, em um formato ampliado e revisado (SANTOS, 2006), Renato Kehl destaca a importância de uma educação sexual que garanta a procriação de sujeitos de **boa estirpe** (expressão esta que pode ser considerada quase como sinônimo de eugenia) e dessa forma proporcionar um aumento progressivo de indivíduos *eugênicos* em detrimento da diminuição de nascimentos de indivíduos *disgênicos* (KEHL, 1935).

Em nosso entendimento, a compreensão de Kehl sobre a educação é fundamental não só para posicionar o autor nesse ponto, como também em outros aspectos; o pensamento de Kehl é marcado pelas questões da hereditariedade e do determinismo biológico, o que faz com que sua leitura sobre medidas eugênicas, cultura e educação sexual tenha como base a influência da herança genética. Por essa linha de raciocínio, analisamos a perspectiva filosófica de Kehl, isto é, como uma perspectiva biologicista, que marca o pensamento do autor na obra em análise. Em diversos trechos, o autor aponta para uma ideia de superioridade de alguns espíritos – categoria de hierarquização – para se referir ao ato de filosofar e àqueles que o fazem; além disso, não deixa de indicar sua perspectiva biológica para pensar tal campo de conhecimento:

Mas a filosofia, como tendencia indeclinável dos espíritos supernos, não pode manter-se como até agora, **sem um ponto de partida biológico e de um alvo, também biológico, consubstanciado no afã do melhoramento** do indivíduo e do homem social. (KEHL 1946, p. 18, grifo nosso)

Destaca-se, neste trecho a perspectiva eugênica que fundamenta sua concepção de filosofia. Em nosso juízo, este trecho também apresenta as categorias de perspectiva de futuro e de dimensão coletiva, haja vista que na perspectiva eugênica, o melhoramento é pensado a longo prazo e, ainda que se discuta a perspectiva individual, de aperfeiçoamento do sujeito, o melhoramento tem uma dimensão coletiva, no sentido de aperfeiçoamento da “raça”; mais do que isso, sugere que é sobre os indivíduos que se deve intervir para se alcançar fins coletivos.

Notamos que em um determinado momento da obra, a proposta eugênica se apresenta de forma explícita e articulada ao bio-perspectivismo.

A sociedade, ao invés de proscrever as leis naturais da luta pela sobrevivência dos mais aptos, aplicar-se-á, bioperspectivamente, em **evitar, com o auxílio de recursos profiláticos e de caráter eugênico, que surjam tantos desaventurados e incapazes, cujo destino é a viciação do meio social e, mais cedo ou mais tarde, a fatal eliminação**. (KEHL, 1946, p. 23, grifo nosso)

Por meio das palavras do autor é possível apreender que existem características inatas ao ser humano e que a filosofia, nessa perspectiva, estaria voltada ao “progresso” da humanidade.

Dentro da concepção, segundo a qual, filosofar constitui um estado inato e imanente, peculiar a todo espírito, não se concebe um ser pensante sem o incentivo da curiosidade de entrar no círculo das tendências doutrinárias que governam o mundo e, portanto, *das que se conjugam para um aperfeiçoamento constante da humanidade*.

Até os indivíduos pouco prendados em cultura (não por certo, em inteligência), filosofam dentro dos limites de sua capacidade de transacionar com as idéias.

Todos, entretanto, vivem e se movimentam dentro da filosofia, inseparável da personalidade humana. (KEHL, 1946, p. 35)

Novamente é possível perceber o alinhamento entre a filosofia por ele defendida e o “progresso” da humanidade. Na obra, Kehl apresenta problemas em torno da filosofia e assinala quais temas deveriam se integrar a esse campo. Os temas apresentados na obra estariam pautados no “senso bio-perspectivista” e seriam:

a) problemática da razão biológica dos seres, visada segundo a causabilidade, a **evolução, a degeneração, a regeneração**, num plano de unidade e de finalidade para o conjunto das espécies; b) problemática da moderna ontologia, isto é, com ponto de partida na base do que se acha estabelecido nos domínios da experiência; c) problemática da cultura e das novas concepções sobre os valores (individualidade, personalidade, caracteriologia, instinto, inteligência, vontade, sentimentos, etc.) **tendo em vista a realidade psíquica e mental**; d) problemática das expressões sociais (**análise da posição do homem em relação ao homem, à sociedade e ao mundo, envolvendo as questões condizentes com os conflitos psico-sociais, as concepções religiosas, as místicas e as ideológicas**). (KEHL, 1946, pp. 52-53, grifo nosso)

O trecho acima, parece fazer alusão ao comprometimento que a filosofia deveria ter com certos temas. Kehl indica as questões que deveriam ser investigadas e aprofundadas e, a partir disso, o bio-perspectivismo entraria como fundamento para um caminho de interpretação. Os temas apresentados por Kehl podem ser caracterizados como eugênicos, pois é possível apreender a tônica eugênica de sua proposta tendo em vista a questão da regeneração, da degeneração; além disso, a ideia de posição dos sujeitos a partir de uma análise psíquica e mental nos leva a pensar em uma forma de classificação e hierarquização psicossocial entre grupos e com base nas diferenças individuais, dado que vários elementos por ele citados são de ordem psicológica.

Por meio de seus escritos, Kehl destaca a função eugênica que a filosofia poderia assumir.

Sem abrogação de sua independência, a filosofia invade todos os setores de conhecimento, não mais para tratar de “solenes futilidades” ou para cair no “domínio das ficções”, **mas para revelar novas, vastas e sedutoras bio-perspectivistas, sugeridas, aliás, pela própria ciência**. No seu papel de antecipadora, cria hipóteses, estabelece paralelismos, divaga e ilustra, elabora premissas, **dá nova conformação**

doutrinária à existência dos seres, com uma mística que – livre de crenças e de quimeras – se firma na vontade viril e nos altos propósitos de um **ideal de aperfeiçoamento**. (KEHL, 1946, p. 53, grifo nosso)

Vale destacar que Kehl se certifica de assinalar que a filosofia não desaparecerá e tampouco desviará para um campo científico ou positivo. A filosofia continuará apresentando contornos gerais, ontológicos e aquilo que se particulariza, se autonomizaria como campo de conhecimento tal como a psicologia, a sociologia e outras disciplinas.

Em inúmeros momentos do texto, identificamos críticas às atitudes filosóficas (ou determinadas concepções filosóficas) e não à filosofia, como se ela estivesse em crise, mas que deveria avançar para a perspectiva por ele defendida. Segundo Kehl (1946), a filosofia permaneceria como campo de conhecimento e investigação dos fatos. Sobre essa premissa, acreditamos que Kehl teria encontrado uma alternativa eugênica para “resolver” a crise das atitudes filosóficas. Em outras palavras, ao longo do texto o autor aponta que a interpretação dos filósofos sobre os fatos pode comprometer a compreensão de determinados fenômenos; entretanto, há sujeitos que teriam a postura crítica e o discernimento necessários para não permanecerem no plano da opinião. Estes seriam os sujeitos dotados de uma superioridade que lhes daria maior destreza para o exercício da filosofia.

Por determinação da própria natureza bio-psíquica, os espíritos lúcidos e esclarecidos, exigem o que é concreto para ter o prazer de satisfazer o instinto superior e filosófico de disreter intimamente e de transmitir, com os recursos da própria dialética, a maneira de discernir e de interpretar tanto as cousas como os fatos.

Por disposição natural do espírito, aqueles que pensam e se esforçam para compreender, demonstram-se contrários a adotar opiniões, a tomar partido integral de determinada doutrina. O natural é o treino de uma atitude crítica, o uso metódico de um cepticismo ativo, o esforço próprio para elucidar os problemas com “o exercício pessoal de um pensar autêntico”. (KEHL, 1946, pp. 56-57)

Com base no excerto acima, acreditamos na possibilidade de Kehl direcionar o ato de filosofar às características de personalidade; nesse sentido, haveria uma diferenciação entre sujeitos aptos e não aptos para tal função – categoria de classificação. Embora o autor reconheça que o ato de filosofar, no sentido de pensar, imaginar, analisar fatos, esteja presente na vida de todos os sujeitos, é explícita sua posição de que tal ato não é homogêneo entre indivíduos. Analisemos a seguir como o autor se vale de elementos psicológicos e da diferenciação para discutir a capacidade humana de pensar, analisar e imaginar.

Mesmo os espíritos mais acanhados dão expansão “filosófica” aos centros da concepção idealística por intermédio deste sentido múltiplice, cuja função consiste em colocar o que existe, o que julga existir e o que pensa dentro do eu emotivo sensorial, nimamente egocêntrico, peculiar, portanto, à própria indivíduo-personalidade.

O egocentrismo constitui o sistema coordenador das atividades superiores do espírito, e também das que por ilação comparativa denominamos inferiores. [...] A tendência natural e afirmativa da personalidade parte do centro regulador ou Ego. A

filosofia é, nestas condições, pertinente a cada indivíduo, em razão deste fator egocêntrico, digamos, psico-personalista. (KEHL, 1946, pp. 57-58)

Observamos que a categoria classificatória é constante ao longo da obra. Segundo Kehl, sujeitos “bem-dotados”, por exemplo, teriam características de personalidade inclinadas à filosofia:

[...] a concepção de que todos os indivíduos bem dotados têm ao lado dos cinco sentidos, o sentido quintessenciador ou filosófico, graças ao qual vivem, (certamente os prendados intelectualmente e que cultivam a inteligência), com a nobre faculdade de deduzir, filosoficamente, o que apreendem no campo das idéias. (KEHL, 1946, p. 61)

Outro excerto nos permite afirmar que a prerrogativa classificatória pode ser notada em diversos trechos da obra: “Se os filósofos, espíritos privilegiados, que mais se dão ao trato das idéias, estão sujeitos a incongruências dessa espécie — que dizer, então, dos homens em geral?” (KEHL 1946, p. 72). Assim, o ato de filosofar dar-se-ia no tratamento das ideias, no uso da crítica, da análise e da reflexão de questões universais, porém: “Torna-se indispensável, entretanto, para esse fim, a disposição inata, ou seja, a mentalidade de natureza integralizadora, além da cultura no tocante às diferentes doutrinas filosóficas [...]” (KEHL, 1946, p. 97).

As categorias de classificação e hierarquização nos levam a compreender que o autor se vale de uma concepção naturalizante e biologicista de homem; além disso, o aspecto hereditário entre gerações também está presente na obra, conforme destacamos no seguinte trecho:

As diretrizes variam, mas o ponto de partida pode continuar o mesmo, como núcleo de formação biogenética, a que todos os homens estão ligados por contingência natural. Eles diferem entre si sem deixar, outrossim, de se orientarem pelas mesmas forças instintivas; as atitudes variam, sem deixar de serem atitudes psico-socialmente humanas; as diretrizes também variam, sem que, fundamentalmente, deixem de se dirigir para o ideal comum de viver, de vencer e de **reviver nos descendentes.** (KEHL, 1946, pp. 67-68, grifo nosso)

Tal concepção biológica e eugênica de homem, pode ser percebida quando Kehl discute a contradição. Segundo o autor, a contradição integra os processos da vida, ou seja, é inerente à natureza humana: “A contradição constitui, em certos casos, a resultante de uma fatalidade biológica, quando não de simples descuido ardil de defesa” (KEHL, 1946, p. 73). Sobre as contradições cometida por pensadores ao longo da vida, o autor novamente assinala uma característica individual e biológica. Entretanto, suas afirmações sugerem que ele chama de contradição o que seria um “erro” ou “equivoco”.

Foram humanos e cederam a injunções da época, como também às da memória e às da idade. Viveram várias vidas dentro de uma constituição biotipológica, que nem sempre funcionou em perfeito sintonismo; em certos períodos orientaram-se por força preponderante de um hormônio, que modificava em maior e ou menor grau a estrutura psíquica e mental. (KEHL, 1946, pp. 77-78)

Kehl parece fazer a defesa da educação filosófica e do desenvolvimento do senso filosófico como uma medida de aperfeiçoamento humano, não de todos os homens, mas dos homens dotados de atributos superiores.

I) Para quem estuda, eis as vantagens da filosofia: a) utilidade mnemotécnica para o desenvolvimento do raciocínio; b) desperta e vivifica o sentimento de elevação cultural; c) abre horizontes, ampliando a capacidade de percepção espiritual; d) sugere novas perspectivas e possibilidades de estudo; e) liberta o indivíduo da tirana da rotina tradicional. (KEHL, 1946, p.100)

Ao final da obra, Kehl (1946) apresenta uma proposta eugênica sem mencionar o termo. Ao destacar como se pode entender a atitude filosófica bio-perspectivista, o autor assinala que em termos teóricos tal atitude estaria voltada a probabilidades e em termos práticos apresentaria uma tendência ao “melhorismo”; nas palavras do próprio autor: “[...] à inclinação natural para o aperfeiçoamento progressivo, físico, psíquico e moral.” Sobre este aspecto, cabe destacar que a eugenia é, indiscutivelmente, um projeto de “melhoramento” do homem em termos físicos, psíquicos e moral.

O último capítulo da segunda parte mostra, possivelmente, qual a mensagem principal que o autor objetivava com a obra em questão, mensagem esta que se articula à eugenia. Nesta parte, Kehl assinala a existência de uma crise vivenciada pelos povos, crise esta que seria de ordem espiritual e moral. Há, aqui, uma referência direta à eugenia, ao referir-se aos “eugenistas”. De acordo com o autor, o diagnóstico de tal crise deveria se basear em fatores “bio-sociais e econômicos”:

[...] os eugenistas incluem a desordenada multiplicação de infra-homens, de resíduos sociais, em suma, a multiplicação geométrica, assustadora, de elementos desfavoráveis, a esmagar a parte boa e produtiva das coletividades.

O embrutecimento materialístico de um lado, os fatores econômicos e bio-sociais de outro, jungidos ao elemento catalizador da desagregação dos costumes, são responsáveis pela confusão de idéias, pelo desvirtuamento dos princípios tradicionais e pela desordem social. (KEHL, 1946, p. 128)

Podemos entender que a defesa que o autor faz da filosofia é um recurso para seu ideal eugênico, pois, frente a tal crise, Kehl admite ter chegado à conclusão de que o ponto de partida para sua solução seria o retorno à filosofia.

[...] é o retorno à filosofia, no que ela tem de mais expressivo, de mais alto, isto é a *cultura do espírito pelo espírito das elites* orientadoras, dos mentores educacionais, aspirando ao escopo *democritiano* da vida simples, da “tranquilidade, que constitui a felicidade do sábio, a virtude com base no equilíbrio interno, em face ao tumulto das paixões, equilíbrio que se pode conseguir mediante o saber e a prudência”, aos quais acrescentarei a tolerância. (KEHL, 1946, p.129)

O trecho em questão explicita aquilo que tentamos apontar ao longo de nossa análise, isto é, a concepção de que há homens superiores e a ideia de que o ato de filosofar seria uma capacidade restrita a alguns seres humanos. Cabe destacar também que o retorno à filosofia não estaria pautado numa base mística, contemplativa ou religiosa; ao contrário, seria pautado por uma perspectiva ampla, coletiva e voltada às gerações futuras. Sobre isto, vale lembrar que a categoria de futuro e a categoria de dimensão coletiva integram o pensamento eugênico.

É interessante observar que no encerramento da obra, o autor explicita sua posição e visão eugênica de mundo; no entanto, curiosamente, não demarca essa perspectiva como a mais adequada para a solução dos problemas, mas como uma dentre as várias perspectivas voltadas à solução da crise da época.

Cumpra que cada um tenha um ideal e a ele se dedique com efusão e entusiasmo. Aquele que tem um ideal vive e deixa que outros vivam. O ideal alimenta, estimula e eleva. Adotei, há trinta anos, como ponto nuclear de minhas cogitações, o ideal eugênico; outro adotará o de natureza puramente espiritual; outro, o ideal político; outro, o social [...]

Retornemos à filosofia com uma visão mais profunda e mais humana; não mais à filosofia das disputas de escolas, de sistemas[...]

Procuremos, pois, as sendas perdidas da espiritualidade. Aos intelectuais impõe-se redescobri-las. (KEHL, 1946, pp. 130-131)

3.3 A interpretação do homem (1951)

A obra analisada foi publicada no ano de 1951 e, com base nas informações catalográficas do material, acreditamos ser a primeira edição do material. As obras anteriormente analisadas *Guia sinóptico de filosofia – notas de estudos* e *Através da Filosofia*, datam de 1945 e 1946, neste sentido, é necessário reconhecer o intervalo de cinco anos entre a última obra analisada e a obra em questão. Conforme assinalamos no início desta pesquisa, durante os anos que separam as obras analisadas anteriormente a esta, Kehl publicou outras obras, tais como *A cura do espírito*, de 1946, *Higiene rural: conselhos para a preservação da saúde na roça*, publicado em 1947; *Envelheça sorrindo - Ensaio de macrobiótica ou arte de prolongar a vida e de geriatria ou “medicina dos velhos”*, de 1949; vale lembrar que essas obras não foram selecionadas por não serem afeitas aos critérios de inclusão estabelecidos para esta pesquisa. Os dados sobre as publicações de Kehl demonstram que o médico eugenista permaneceu ativo em sua produção bibliográfica. Depois desta obra, Kehl publicou *Itinerário de vida. Coletânea “preparação para a vida”*, de 1954, e *Filosofia e Bio-perspectivismo*, de 1955, que será analisada em seguida. Assinalamos que o material *A cura do espírito* e *Itinerário de vida. Coletânea “preparação para a vida”* apresentam proximidade com os critérios de inclusão desta pesquisa, porém, não serão analisadas tendo em vista que não foram localizadas em tempo hábil para sua inserção nesta pesquisa.

A obra *A interpretação do Homem*, não possui dedicatória. Na primeira página do livro, diferentemente do que consta na capa, o título da obra aparece como *A interpretação do homem (ensaio de caracterologia)*. Ainda na primeira página, constam duas citações:

— *É perigoso fazer ver demasiadamente ao homem, o quanto ele é igual aos animais, sem lhe mostrar também a sua grandeza. É ainda perigoso fazer-lhe ver a sua grandeza sem lhe apontar a sua humildade. É ainda mais perigoso deixá-lo ignorar ambas as coisas. Mas é vantajoso mostrar-lhe uma e outra.*

Pascal

— *O homem, em si mesmo, não muda; como agiu num caso, agirá ainda em outro se forem idênticas as circunstâncias.*

Schopenhauer
(KEHL, 1951, s.n)

A obra está organizada em dez capítulos. O título e os tópicos que integram cada capítulo foram descritos na ficha catalográfica da obra e encontra-se anexada a este trabalho. No que tange à estrutura dos capítulos, o material encontra-se organizado por título e subtítulos. O capítulo I, por exemplo, intitulado *Caracterologia*, está organizado em nove subtítulos: 1. *História*; 2. *Noção de carácter*; 3. *Caracterologia*; 4. *Caracterologia e Educação*; 5. *Vantagens*

práticas; 6. Alcance e limite da caracterologia; 7. Finalidade humanística da nova ciência; 8. Dificuldades para a tipificação; 9. Formação caracterotécnica.

Todos os capítulos estão organizados da mesma forma, isto é, título do capítulo e subtítulos e não há um número fixo de subtítulos. Ao longo da obra é possível encontrar imagens, figuras, gráficos e tabelas, todos com a finalidade de indicar/exemplificar o assunto que integra o subtítulo correspondente. No índice da obra há uma parte intitulada *Ilustrações*, que indica todo o conteúdo imagético utilizado pelo autor: *As cinco faces do biótipo (Pende); Hereditariedade, fator fixo; Gêmeos univitelinos e gêmeos bivitelinos; Gêmeos héredo-homogêneos e héredo-heterogêneos; Os tipos morfológicos de Viola; Os tipos morfológicos de Kretschmer; Posição das vísceras e classificação de W. Mills; Os tipos respiratório, digestivo, muscular e cerebral; D. Quixote e Sancho Pança; Atitude característica do biotipo atlético; Mãos reveladoras; Expressões fisionômicas; Diagrama genealógico da família “Zero”; Curva vital; O crescimento em diferentes idades (Esquema de Stratz); Curvas de pressão ao escrever.*

A título de comparação, assinalamos que esta obra figura como a mais extensa dentre todas as analisadas. Seu conteúdo é majoritariamente médico, com apresentação de teorias, modelos e esquemas analíticos, todos estes voltados à interpretação do homem.

Não houve uma apresentação da obra em que o autor indicasse e/ou explicasse as partes que a compõem e apresentasse explicitamente seu objetivo. No entanto, na parte intitulada *Introdução*, escrita pelo próprio autor, há duas referências importantes sobre o conteúdo previsto na obra: “— *No caráter do homem está o seu destino. Demócrito; — O caráter revela a qualidade da vontade pessoal. Klages.*” (KEHL, 1951, s.n). Observamos também que ainda nesta parte, Kehl introduz o assunto que será trabalhado no livro a partir de uma problemática em torno da caracterologia.

Apesar de muito antiga, a psicologia da personalidade e o seu complemento, a caracterologia, não entraram como deveriam no rol de conhecimentos gerais, indispensáveis a todos que se encontram nos meandros da sociedade, no intercâmbio de situações, como num taboleiro monstro, onde os que sabem jogar as cartas da vida levam extraordinária vantagem, sem que para tanto seja mister agir com impudência ou com cinismo. (KEHL, 1951, s.n.).

Ainda sobre a problemática em torno da caracterologia, destaca também:

Até bem pouco tempo praticava-se a exploração da personalidade e do caráter de modo intuitivo e espontâneo conforme as circunstâncias e impelido pela natural propensão de analisar as expressões fisionômicas, de desinterner, psicocriticamente, da “forma” e da “figura”, as peculiaridades que se escondem nas profundezas da alma humana. (KEHL, 1951, s.n.).

O excerto em questão nos permite compreender que a obra tem como proposta discutir a caracterologia e assinalar sua importância e contribuição no campo da interpretação humana. Por esta razão, Kehl se debruça na apresentação de diversas teorias e modelos que posicionam a importância da caracterologia. Além disso, acreditamos que a obra cumpre a função de apresentar elementos teóricos que possibilitem tal interpretação, pois o autor faz ao longo da obra um percurso de apresentação de modelos interpretativos das características humanas.

Abstenho-me de outras considerações para ressaltar a importância presente e futura da caracterologia que, como ciência e como arte, tem a finalidade de orientar os pesquisadores que ensinam estabelecer nos casos em vista “os fatores disposicionais primários, isto é, as disposições ou tendências reacionais, em conexão com o núcleo disposicional da indivíduo-personalidade”, núcleo sobre o qual edificam as complexas singularidades pessoais, as formas de talento, de vocação, de predisposições sociais e anti-sociais. (KEHL, 1951, p. 20)

Ao longo do texto, o conceito *indivíduo-personalidade(sic)* aparece diversas vezes; vale lembrar que tal termo esteve presente em outras obras de Kehl. Nesta obra em questão, o autor trouxe uma definição necessária e que nos auxilia na compreensão de tal conceito, cabendo destacar que a origem do termo não é explicitada pelo autor; no entanto, é possível compreender a articulação entre as disposições genéticas e psicossociais.

A individualidade representa o conjunto de atributos que caracterizam, fisicamente, o ser humano, enquanto a personalidade corresponde ao conjunto de atributos que o caracterizam psico-mental e socialmente. Dentro deste critério, cabe a designação de indivíduo-personalidade ao homem total, símile de biótipo, termo inicialmente usado em genética e depois introduzido na ciência da constituição, com o sentido da soma das particularidades que identificam cada ser humano. (KEHL, 1951, p. 125)

Assim, a individualidade estaria relacionada a uma base hereditária, ao passo que a personalidade à relação do sujeito com o mundo. Embora estejam relacionadas, Kehl (1951) afirma que a individualidade condiciona a personalidade: “Eis, pois, que não se pode deixar de considerar a individualidade antes da personalidade, ou o carácter genuíno antes da *indivíduo-personalidade(sic)* sintética, em virtude do referido carácter assentar as suas raízes no plasma germinal.” (KEHL, 1951, p. 127).

O conteúdo da obra é voltado à possibilidade de interpretação e conhecimento das características humanas, possibilidade esta que o autor assinala como algo que era questionável até então: “[...] não mais se poderá admitir que o homem continue a representar um mistério insondável, um continente indevassável, ‘uma vida aparente a esconder muitas outras vidas num antro secreto’” (KEHL, 1951, p. 22).

Alguns questionamentos presentes nos escritos do autor nos levam a acreditar que Kehl não esconde seu ponto de vista numa produção meramente informativa; pelo contrário, seu

posicionamento sobre o assunto é explicitado ao longo da obra. Sua visão sobre os fatos e seu posicionamento foram discutidos na análise da obra.

De todas as obras analisadas esta figura como a obra mais extensa no que tange ao número de páginas, no entanto, seu conteúdo pode ser considerado mais fluido e objetivo que as demais; o autor organiza os conteúdos nos capítulos facilitando a compreensão dos temas apresentados. Em linhas gerais, o conteúdo da obra se aproxima do campo médico, pois, ao longo do texto, Kehl lança mão de diversos conceitos médicos, além de recorrer a teorias integradas a tal campo. Como forma de explicitar suas ideias, Kehl lança mão de gráficos, quadros, tabelas e esquemas explicativos, facilitando a compreensão da proposta da obra e a linha de raciocínio do autor.

Diferentemente das outras obras, no final desta, Kehl apresenta as referências bibliográficas de algumas obras citadas ao longo do texto. De acordo com o próprio autor, os autores citados foram: João Batista Porta, Gaspar Lavater, Moreau, Gama Machado, Charles Darwin, Francis Galton, F. de Queyrat, I. Waynbaum, P. Hartenberg, L. Klages, L. Berman, Renato Kehl, G. Ewald, E. Kretschmer, G. U. Cleeton, S. B. Knight, S. Nacarati, H. E. Garret, E. Utitz, L. Berman, A. Josefson, G. Lavastina, F. E. MacCabe, Mac-Auliff, W. Boven, G. C. Branderburg, Nicola Pende, A. Hesnard, R. Laforgue, F. Alexander, F. del Grecco, Bueno de Andrade, Hartshorne y May, Murilo de Campos, W. Helpach, B. Rudder, Luis Magalhães, P. Schoeder, D. G. Paterson, P. M. Symonds, Rocha Vaz, G. Viola, L. Klages, G. Thibon, L. Brown, Karl Buehler, M. C. Campbell, Th. Lersch, Lucia de A. Magalhães, L. P. Thorpe, Peregrino Junior, Ross, Stagner, Enke, J. des Vignes Rouges, F. Stumpfl, Alejandro Raitzin, A. Cueva Tomariz, Bañuelos, K. Scheneider, Mariano J. Barilari, Leonardo Grosso, H. A. Overstreet.

Além dos supracitados, identificamos outros nomes que estão presentes no texto, mas que não foram alocados na bibliografia³⁸: Demócrito, Julius Bahsen, De Giovanni, Benecke, Sigaud, Bauer, Goethe, Schopenhauer, Augusto Messer, Phhaler, Rousseau, Voltaire, Friedlaeder, Bergson, Heráclito, Spranger, Jasper, Jung, Gerhard Koch, Conklin, Caullery, Wiener, Klin Zeit, Charles Davenport, Lenz, Siemens, Scheidt, Otmar v. Vershuer, Lange, Kranz, Berdiaeff, Mounier, Rohrachter, Triebfedern, Comte, Royce, Erasmo de Rotterdan, Taine, Godin, F. Minkowska, Weissenfeld, Martius, Marañon, Benedetti, Pareto, Thoma, Karl

³⁸ Assinalamos que a grafia e a abreviação dos nomes citados correspondem ao original tal qual constatamos ao longo da obra. Além da grafia dos nomes, pontuamos que as citações feitas pelo autor ocorreram de forma diversa, isto é, em alguns momentos entre parênteses em outros momentos apenas como menção Ex. “Como disse Picart”; “O estudo de J. Graf”.

Pearson, Rocha Vaz, Capone, Schneider, Breuler, Delbrueck, Porto Carrero, Boven e Monakow, Minkowski, Hipócrates, Paracelso, Jimenez de Asua, Joubert, Ferranini, Martius, Platão, Heymans, Dr. Benassis, Coubert, Camille Maclair, Moebius, Sacristan, Piaget, Galli, Mendes Corrêa, Mariadaga, Teixeira Vieira, Durkein, Montaigne, Bocage, Filósofo Emerson, João de Deus, Rothacker, Marañon, Minckowska, Lipmann Weininger, Ch. Schopenhauer, Rossolimo, Dr. Stoddart, Claparède, Buckingham, Guillaume, Spranger, Wells, Karl Zbiden, Aristóteles, Galeno, Cassiodoro, Savonarola³⁹, Schaffausen, Camper, Picart, Bittencourt Rodrigues, Gache, La Bruyere, J. Suter, W. James, Scheler, De Tullio, Novalis, Walter H. V. Wyss, Stumpfl, H. Hoffmann, J. Graf, Joerger, H. Spreng, Sigismund, Vaissière, Sylvio Lyra de Rabello, Conrad, Stern, Gaupp, Spranger, Berghinz, Godin, H. Delgado, Stratz, Warthin, Lichtwitz, Vischer, Havellock Ellis, Guy Fernald, Ghioldi, Escudeiro, Gofin, H. Secrétan, Silberer, Jaspers, Uribe Cualla, Castex, Latamendi, Haarer, Marks, Keyserling, Hobbes, De Moncada, Bichat, De Maday, Ostwald, Schiller, Rignano, Duhén, Dr. Volker, Dr. Osborne, Dr. Gibson, Dr. Farrerons, Sardou, Huntington, C.A.Mills, Dessauer de Francfort, Helpach.

Para além dos capítulos e da bibliografia, Kehl apresenta também um *Apêndice (notas rememorativas e de orientação matemática)*. Nesta parte, o autor apresenta de forma esquemática e resumida pontos que devem integrar as fichas de interpretação do sujeito, uma espécie de roteiro/guia para os profissionais que trabalham com análise caracterológica.

3.3.1 Análise da obra

Para a análise dessa obra, adotaremos os mesmos critérios de análise para as demais obras selecionadas para esta pesquisa, ou seja, aspectos gerais, aspectos referentes à psicologia e aspectos eugênicos.

3.3.2 Aspectos Gerais

De acordo com Kehl (1951), a caracterologia teria se desenvolvido na metade do século XIX, sendo que a primeira obra com esta designação específica foi de autoria de Julius Bahnsen (1830-1881), no ano de 1867; anos depois, Ludwig Klages (1872-1956) estabeleceu os fundamentos da caracterologia na obra *Grundlagen der Charakterkunde*; mais tarde, com a sistematização de outros estudos, a área foi sistematizada, conforme afirma o autor:

Após os estudos realizados por De Giovanni, na Itália, por Benecke, na Alemanha e por Sigaud, na França, seguiu-se o estabelecimento da unidade individual expressa por diversos autores: constituição, personalidade ou biótipo (Pende); complexo corporal (Bauer). Estes trabalhos, completados e desenvolvidos sob diversos aspectos

³⁹ É provável que seja Savonarola.

por Kretschmer e vários outros cientistas comprovaram a relação entre o tipo somático, o temperamento e o psiquismo. (KEHL, 1951, p. 12)

Nas primeiras páginas da obra é possível notar uma definição de caráter e de personalidade, deixando explícita uma concepção de caráter baseada na hereditariedade. Além disso, o autor assinala qual seria o caminho a ser percorrido para se interpretar o homem.

Pelo exposto, fica esclarecido que a personalidade é multifária, susceptível de variação, ao contrário do caráter de base que é estável, síntese da constituição, isto é, a fórmula psico-somática que cada indivíduo recebe por herança.

Nestes termos, a investigação sobre o homem deve partir do estudo do caráter que exprime a sua natureza íntima, original e legítima, ao passo que a personalidade propriamente dita, revela o eu adaptado, a superestrutura condicionada pela tradição de família, pela educação e pelo meio em que vive. Conquanto unidos por uma apertada trama, o caráter e a personalidade são duas coisas distintas. [...] O caráter de base está, pois, ligado ao substrato anátomo-fisiológico de procedência germinal, enquanto a personalidade condiz com a superfície deste núcleo, fenotipicamente envernizado.

(KEHL, 1951, s.n.)

Ainda sobre a concepção de homem baseada na hereditariedade, destacamos outro trecho no qual o autor reforça a base genética na interpretação do homem.

Tudo no homem, quer na sua estrutura física, psíquica ou mental, prende-se ao elemento ultra-potente e inexorável da hereditariedade. Cada indivíduo provém de um mosaico de gens, que lhe condicionam as tendências e as inclinações, algumas reveladas e outras mantidas em estado potencial. É, pois, natural e compreensível que o caracterologista se preocupe com o complexo bio-conservador ou hereditariedade [...]

O que manifestamos hoje no curso da existência, representa o resultado de uma *triagem genética* [...] O nosso desenvolvimento subordina-se à evolução progressiva e coordenada de um mosaico biofórico, recebido dos ancestrais. (KEHL, 1951, p. 31)

Assinalamos que a separação entre caráter e personalidade apontada anteriormente, indica também a conceituação de temperamento. De acordo com Kehl (1951),

A palavra temperamento sugere, mentalmente, “têmpera humoral” ou mistura de elementos bio-químicos que regulam as condições internas e dão a expressão anímica particular e preponderante a cada indivíduo.

Os modernos estudos relativos ao bio-quimismo esclarecem a positiva influência dos hormônios que, lançados na corrente circulatória, determinam, à distância, reações ou repressões e provocam o desenvolvimento, a estagnação ou a alteração nesta ou naquela esfera ou em toda a economia. (p. 89)

Os apontamentos de Kehl, especialmente sobre temperamento, nos permitem observar que para suas análises o autor leva em conta aspectos da endocrinologia para interpretar o sujeito. O autor chega a mencionar que os hormônios são importantes para a disposição e para o humor e que o exame caracterológico deve “[...] apoiar-se na cuidadosa apuração dos fatores

endócrinos que incidem sobre a economia e que repercutem sobre o comportamento e as demais expressões da personalidade” (KEHL, 1951, p. 98).

Em virtude de os hormônios dependerem da potencialidade das respectivas glândulas, está implícita a correlação entre o tipo constitucional e a disposição do humor, isto é, a disposição de ânimo, de espírito, de bem estar e de mal estar, a tendência para ser alegre ou triste, para a bonhomia ou para a rabugice, para a docilidade ou para a indocilidade, para a credulidade ou cepticismo, para a complacência ou a intolerância, a tendência para ser um cabuloso crônico ou um impenitente do “contra”. (KEHL, 1951, p. 96)

Kehl também apresenta exemplos que relacionam a interpretação do homem com a determinação endocrinológica.

Jovens que se tornam preguiçosos e de mau comportamento, melhoram consideravelmente das relações defeituosas da personalidade, com um tratamento que contribua para suprir a função testicular insuficiente. O declínio da produção gonádica entre os indivíduos de quarentena, de cinquenta e mais anos, apressa a eclosão do síndrome climatérico, que se acompanha de fadiga excessiva, nervosismo, irritabilidade, diminuição da memória, sensação de insegurança, distúrbios vasomotores, parestesias, dores vagas, sintomas clínicos que desaparecem com o uso de medicações adequadas, as quais concorrem, aos demais, para uma pronunciada restauração da personalidade. (KEHL, 1951, p. 98).

Ainda sobre a influência da endocrinologia na interpretação do homem, mas especialmente sobre o psiquismo, Kehl afirma que

Os modernos ensinamentos da endocrinologia patenteiam, dia a dia, as relações que ligam os hormônios e o psiquismo (crítico, coordenador e diretor), independente, às vezes, de modificações sensíveis e apreciáveis de ordem somática e funcional. Nem sempre, portanto, se torna necessária uma alteração orgânica ou fisiológica, para se afirmar ou negar que um indivíduo apresenta, ou não, um distúrbio glandular com reflexos psíquicos. (KEHL, 1951, p. 197)

Kehl chega a afirmar que as funções endócrinas têm relação com a formação do sexo individual e que, portanto, não é possível deixar de considerá-las no tocante às questões da *indivíduo-personalidade*(sic).

O caráter médico e classificatório se faz presente ao longo de toda a obra. Vale lembrar que a perspectiva de classificação integra o campo da eugenia e que tal categoria será assinalada na parte relativa aos aspectos eugênicos. De modo mais amplo e pensando nos aspectos gerais da obra, assinalamos que a perspectiva médica e classificatória se apresenta como central na obra. Com o intuito de ilustrar nossa análise, destacamos um trecho em que o autor discute as características temperamentais dos sujeitos.

Sinais de psico-alergoses ou de psico-alergia: estado permanente, mais ou menos acentuado, com crises de agravamento, de despeito ou ressentimento, com a maníaca disposição *para o contra*; tendência para desmerecer e para transmutar valores morais no incontido sestro de colocar *ao alto* os que estão abaixo ou *vice-versa*, mania do

ganho ilimitado como cobertura para o estado íntimo de inquietação, de desconforto e de inferioridade corrosiva. (KEHL, 1951, p. 93)

Além da perspectiva, nos chama atenção a forma generalizante e determinista que o autor, em alguns momentos, tece considerações sobre o sujeito. Isto pode ser mais bem ilustrado no trecho a seguir.

Todo o indivíduo ativo, que demonstra constante necessidade de mover-se, de realizar algo, que emprega operosamente o seu tempo, **evidencia pronunciada** simpaticotonia e consequente catabolismo, ao contrário do que sucede ao indivíduo vagotônico, com tendência à inatividade. (KEHL, 1951, p. 185, grifo nosso)

A desconsideração dos determinantes sociais, históricos e econômicos que constituem o Homem, fazem com que o autor apresente análises generalizantes sobre o sujeito.

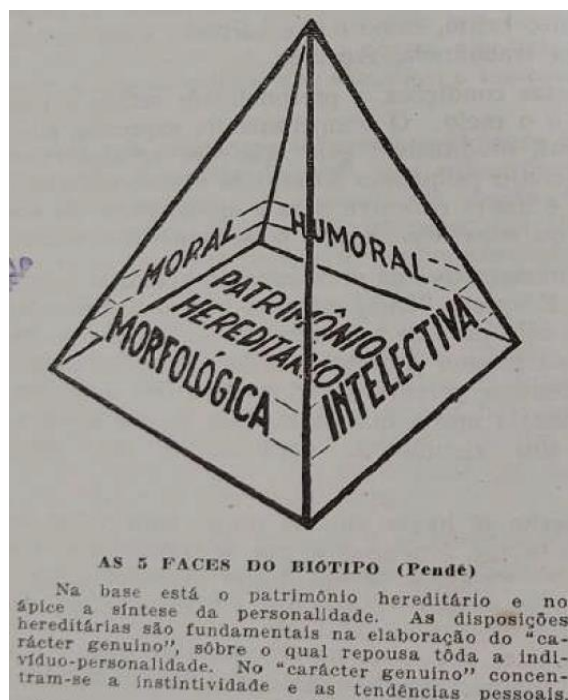
Os vícios e as paixões não respeitam raças, classes, hierarquia, cultura ou educação. Encontram-se viciosos entre os vulgares e os invulgares, entre os esclarecidos e os ignorantes, entre os de fina sensibilidade, assim como entre os rudes e os obtusos.

Há uma predestinação constitucional a prender os fracos nas suas malhas. O vício é o refúgio do fraco de vontade, por esse motivo, é que até homens de talento e de gênio são levados para a prática de um ou de vários hábitos nocivos. (KEHL, 1951, p. 190)

O aspecto generalizante pode ser também percebido no excerto abaixo, no qual o autor assinala a existência de determinantes como classe e raça, mas com o intuito de demarcar que a generalização. Com isso, confirma mais uma vez que desconsidera os determinantes supracitados.

Para elucidar a base genética do carácter, o autor recorre ao esquema elaborado pelo médico italiano Nicola Pende (1880-1970), um dos precursores da biotipologia. A partir desse esquema, Kehl (1951) assinala que a base do carácter seria de origem hereditária; no ápice do triângulo teríamos a personalidade, que seria sustentada pelo carácter (genético) e pelos elementos morais, intelectivos, morfológicos e humorais, como mostra a figura abaixo:

Imagem 1- As 5 faces do biótipo (Pende)



Fonte: A interpretação do Homem, (KEHL, 1951, p.14)

Cabe assinalar que, com base nos princípios teóricos de Nicola Pende, Kehl (1951) apresenta na obra uma conceituação sobre biotipologia e sua relação com a caracterologia.

Para Pende, a biotipologia é a ciência da individualidade considerada do ponto de vista da morfologia e da constituição. Suas fronteiras se limitam com as da caracterologia que não se circunscreve à forma e à constituição, mas vai além. Transpõe os limites da biotipologia e os da psicologia da personalidade, para estabelecer a diferenciação dos caracteres, classificá-los e estudá-los quanto às influências que determinam as suas variações, a partir da constituição, propriamente dita até os fatores reveladores meso-sociais. (KEHL, 1951, p. 137)

Kehl também se preocupou com a apresentação de uma definição de conduta e sua relação com o campo de interpretação humana. De acordo com o autor, a conduta se relaciona com o conjunto de atitudes que o sujeito apresenta quando está em relação com outros indivíduos, ou seja, é a expressão de postura social. Ainda que se tenha uma postura de ordem social, Kehl não deixa de destacar que a base originária do comportamento é constitucional que, para ele, tem sua origem no "plasma genético", como se constata nas duas citações abaixo.

Qual o motivo de cada homem reagir de modo distinto ante circunstâncias idênticas? A resposta não pode ser outra: - **cada um age e reage segundo a natureza constitucional que lhe é própria**, segundo a educação, os reflexos condicionados e as condições particularíssimas do momento, ações e reações estreitamente subordinadas ao carácter nuclear. (KEHL, 1951, p. 59, grifo nosso)

Nesse sentido, podemos entender que, embora Kehl reconheça e afirme ao longo da obra que a base do sujeito é hereditária, não se pode negar que ele considera outros fatores que interferem no modo como o sujeito age no mundo.

[...] a constituição deriva, fundamentalmente, da fórmula endócrino-vegetativa que por sua vez, tem origem no plasma germinativo; “só é constitucional o que vem desse plasma; todos os demais caracteres são condicionados” (Bauer).

De tal modo, entretanto, **o constitucional e o condicionado se entrelaçam, que em cada indivíduo** se verifica não a soma, porém a amálgama de qualidades determinantes do seu carácter total.

O homem reflete a sua condição somato-psíquica em função da unidade celular, em suma, da inter-dependência de todas as suas partes constitutivas. (KEHL, 1951, p. 63, grifo nosso)

Importante lembrar que embora o autor reconheça a interferência de outros aspectos na constituição do carácter, sua interpretação do homem e, por conseguinte, as medidas em torno do homem, levam em conta, primeiramente, o aspecto hereditário. Outra interpretação possível é que, em última instância, a genética está presente em suas ideias, podendo inferir-se que ele tem como fundamento a díade genótipo-fenótipo.

Na linha do debate sobre a caracterologia, é possível notar que houve por parte do autor uma preocupação em estabelecer um roteiro investigativo para aqueles que se dedicam ao estudo caracterológico.

De um modo geral e sintético, o estudo da caracterologia deverá iniciar-se: 1) pelo estudo do homem do ponto de vista antropológico, hederológico e bio-social; 2) pelo estudo semiológico, em correspondência à apresentação mórfio-físio-psíquica; 3) pelo estudo do homem quanto à sua constituição (expressão estática e sintética da individualidade); 4) pelo estudo do temperamento (expressão dinâmico-humoral, em face às injunções do meio físico, doméstico, escolar e social). (KEHL, 1951, p. 29)

De acordo com o autor, ao adquirir tais conhecimentos seria possível adentrar o campo da caracterologia, constituído por: *a) indivíduo físico; b) indivíduo psíquico; c) indivíduo carácter*. Em linhas gerais, a avaliação consistia em um levantamento de informações sobre o sujeito. Em uma passagem, o autor menciona como outros dados empíricos podem levar a uma avaliação mais precisa; trata-se, nesse caso, de medidas ditas antropológicas, mas que devem ser entendidas como propriamente corporais.

Em certos casos, quando o indivíduo não se enquadra perfeitamente, num dos grandes grupos constitucionais, por apresentar conformação imprecisa ou mista, torna-se indispensável outras averiguações, entre elas as que dizem respeito à determinação da altura e do peso, assim como os perímetros e diâmetros das principais partes do corpo (cabeça, tronco e membros). **Estas medições relacionadas têm valor prático indubitável para o estabelecimento dos índices biotipológicos e para as correlações caracterológicas.** (KEHL, 1951, p. 65, grifo nosso)

Ainda que se reconheça a necessidade da averiguação por meio de medidas físicas, a avaliação de um sujeito por parte do caracterologista não deveria, necessariamente, ser pautada apenas em dados numéricos. Kehl afirma a importância da medição; no entanto, chama atenção para uma visão ampla do sujeito.

Via de regra, entretanto, como disse anteriormente, é suficiente o senso advindo com a experiência, sem a necessidade de medições rígidas, muitas vezes especiosas.

A um caracterologista prático, com o hábito de tomar por base a preponderância de um dos componentes biológicos evidentes, é mais útil uma “síntese lógica” ou “visão de conjunto”, do que uma série interminável de dados para a avaliação e a interpretação dos caracteres morfo-funcionais [...] (KEHL, 1951, p. 65)

Em nosso entendimento, o dito rigor metodológico na perspectiva defendida pelo pensamento positivista está presente não apenas nesta obra, mas também na obra anterior, e pode-se inferir que corresponde tanto à postura dos intelectuais eugenistas cujas proposições buscavam, na maioria das vezes, atrelar-se a conhecimentos considerados como científicos, que devem ser entendidos mais como expressão do cientificismo e não como cientificidade, como também no alegado rigor descritivo a fim de atribuir às suas premissas um cunho científico.

Na obra anteriormente analisada, *Através da filosofia* (1946), observamos que Renato Kehl faz menção a seus estudos, bem como retoma alguns conceitos já utilizados e elucidados em outras produções. Na obra em questão, é possível perceber uma continuidade no pensamento e nos estudos do autor. Ao abordar, por exemplo, as dificuldades da tipificação, o autor assinala que versou sobre esse tema em outras obras de sua autoria: *Sexo e Civilização*, *Porque sou eugenista*, *Lições de eugenia* e *Catecismo para adultos*, nas quais abordou a heterogamia e a mixogamia⁴⁰. Além desse tema, o autor também faz menção à personalidade e assinala que publicou sobre a referida temática.

Em outro livro abordei este assunto, () [nota de rodapé do autor] ao demonstrar que, no tocante à personalidade, o homem de um momento nunca é o homem de outro momento, assim como ao evidenciar a inexistência de uma unidade psicológica do homem social, que possibilite estabelecer o seu perfil definido, apenas pelo exame superficial de seu comportamento. (KEHL, 1951, s.n.)*

⁴⁰ Kehl (1951) destaca que definiu heterogamia/mixogamia como a união de elementos étnicos diferenciados, que resulta em “miso-variações” físicas, psíquicas e mentais. Além disso, na página 37 do livro recomenda a leitura das obras de Fritz Lens: *Menschliche Auslese und Rassenhygiene* e *Menschlichen Erblchkeitslehre*. O trabalho de Siemens: *Konstitution-und Vererbungspathologie*, o trabalho de Walter Scheidt: *Einführung in die naturwissenschaftliche Familienkunde* e o trabalho de Otmar V. Versuer, *Erbpathologie*.

O livro mencionado pelo autor em uma nota de rodapé é *Psicologia da personalidade*, de 1941. O trecho em questão nos faz observar não só a continuidade de seus estudos, como explicita a defesa de certos pontos do autor, como sua concepção de ser humano baseada na hereditariedade. Kehl (1951) menciona as mudanças que o indivíduo pode sofrer, mas sem deixar de manter a prevalência da perspectiva hereditária. Sua concepção de ser humano fundamentalmente genética posiciona Kehl não só sobre a leitura que ele faz do sujeito, mas como subsidia sua maneira de analisar os fenômenos. Essa premissa pode ser compreendida no trecho abaixo.

Deve-se, contudo, ter presente, que se o indivíduo de tal ou qual constituição, de tal ou qual temperamento, não se deduza a sua irresponsabilidade em todos os casos e não se conclua, peremptoriamente, que o carácter seja impermeável às influências éticas que a vida em comum requer. Não obstante o determinismo biológico, impõe-se-nos a responsabilidade pelas nossas ações. O ato revela o carácter inato e imutável. Somos, todavia, responsáveis, pelo nosso próprio carácter, quando suficientemente esclarecidos sobre os valores morais. (KEHL, 1951, s.n.)

O carácter seria uma “particularidade inata e distinta do ser”, que se manifesta por meio da conduta e do temperamento do sujeito. Tendo em vista sua base hereditária, o autor assinala o papel da educação: “Os métodos educacionais de revelação e de correção não podem ser desprezados. Por meio deles consegue-se forjar a personalidade social, o que se torna difícil ou impossível, no caso de debilidade ou de insanidade mental.” (KEHL, 1951, s.n.). Ainda sobre esta questão, o autor assinala.

Da estrutura do carácter depende, pois, toda a arquitetura da indivíduo-personalidade revelada, nos seus menores detalhes, questão de relevo para todos os departamentos do conhecimento humano, ligados com a medicina, a advocacia, a pedagogia e outros. Com relação à pedagogia, **é de prever que, em futuro próximo, as fichas escolares apresentarão espaço com rubricas destacadas para o assentamento de dados relativos à caracterologia dos escolares.** Também as fichas de identificação policial, judicial e militar, assim como as adotadas nos estabelecimentos fabris e nas oficinas, apresentarão espaços especiais não só para a anotação de dados caracterológicos discriminativos da personalidade social, como do carácter nuclear, do qual depende, fundamentalmente, toda a integração personalista. (KEHL, 1951, pp.17-18, grifo nosso)

Chama atenção o apontamento de Kehl sobre as especificidades das fichas escolares no futuro e assinalando a necessidade desse tipo de documento. Com base nos textos analisados nesta pesquisa, mesmo considerando que as ideias não são estáticas, entendemos que a menção à sua obra anterior permite pensar que pelo menos nesse ponto (a concepção de ser humano calcada na determinação hereditária e no papel secundário da educação) há continuidade dessas ideias em seus estudos e na defesa dessas premissas, tendo em visto pressupostos que já foram

anteriormente citados. Nossa interpretação de que algumas obras do referido autor guardam explícita relação entre si, pode ser vista no excerto a seguir.

Além destes tipos esquemáticos, encontros no palco da vida, outros poderiam ser aqui alinhados, que já figuram em minha obra, “Psicologia da Personalidade”, muitos dos quais pertencem à categoria dos desviados da norma temperamental para se incluírem entre os exemplares da psicopatologia criminal, como passionais, amorfos, desalmados, mistificadores, quando não, como curiosos tipos *raffinés* degradados, boêmios, desordenados, humoristas tranquilos e ressentidos perversos. (KEHL, 1951, p. 108)

Em outro momento, Kehl volta a mencionar sua obra *Psicologia da Personalidade*. Ao assinalar que as doenças são manifestações dos estados constitucionais, o autor destaca:

Em “Psicologia da Personalidade”, de minha autoria, na parte referente à exploração químio-funcional, encontram-se outros dados de interesse para os estudiosos do assunto. Pelo quimismo celular, pode-se, pois, ajustar o tipo à constituição correspondente e às particulares do temperamento [...]. (KEHL, 1951, p. 66)

Em nosso entendimento, as várias menções à obra *Psicologia da Personalidade* decorre da proximidade de objeto entre as duas obras. Embora as obras apresentem pontos específicos, em ambas Kehl se dedica ao estudo do homem. A obra *Tipos vulgares*, publicada em 1927, também foi mencionada pelo autor com o intuito de destacar a importância do conhecimento das características humanas:

Como procurei esclarecer no meu pequeno livro, “Tipos vulgares”, muitos maníacos pertencem à classe dos vulgaristas, como os sestrosos, os cultivadores de tiques e de manhas que atentam contra o sossego, o gosto, a paciência, o decôro e a ética social. (KEHL, 1951, p. 123)

Além da obra *Tipos Vulgares*, Kehl faz menção a outra obra de sua autoria; no texto ele a assinala como *Bio-perspectivas*. Pelo mapeamento das obras do autor, trata-se do livro em formato de dicionário intitulado *Bio-perspectivas (Dicionário Filosófico)*, publicado em 1938. Kehl fez referência a essa obra para se referir ao egoísmo, característica que o autor considera como algo próprio do homem e necessário para sua sobrevivência como espécie.

O altruísmo, antônimo de egoísmo, é anti-biológico. [...] No dia em que o homem transferisse, o que seria absurdo, o amor de si próprio a outrem e se tornasse mais útil a outrem do que a si próprio, a espécie humana desapareceria da face da terra, porque o homem teria renegado o seu instinto supremo – o da conservação. (KEHL, 1951, p. 214)

Mais ao final da obra, especificamente no penúltimo capítulo, quando se refere ao desenvolvimento psíquico dos homens em cada fase da vida, Kehl menciona outra obra de sua autoria, *Envelheça sorrindo*, publicada em 1949, para se referir à fase do “climatério e velhice”.

De acordo com o autor, as mulheres sofrem mais nesse momento da vida; porém, em ambos os sexos, há diminuição da capacidade física e intelectual.

Nos casos favoráveis, no post-climatério, os fenômenos ásperos se atenuam ou são, via de regra, dissimulados. Os característicos psicológicos desta fase constam do meu livro “Envelheça sorrindo” (ensaios de geriatria e macrobiótica) no qual apresento detalhado regime de vida e algumas informações terapêuticas e dietéticas. (KEHL, 1951, p. 219)

No que se refere à interpretação do homem, consideramos importante destacar que, ao longo da obra, Kehl faz menção às características de homens e de mulheres. Observamos que, ao fazer a leitura dos diferentes sexos, Kehl se atém às características biológicas, desconsiderando as condições históricas e culturais que marcam a diferença entre os sexos. Em um dos trechos, recupera e concorda com o pensamento do médico eugenista espanhol Gregório Maraño (1887-1960) sobre as diferenças entre homens e mulheres.

Entende Maraño, e com justeza, que os tipos constitucionais da mulher não podem ser julgados pelo mesmo prisma dos homens, porque a constituição feminina tem um carácter transitório, tanto assim que o organismo da mulher atravessa, mais ou menos manifestamente, as três fases discriminadas: a infantil, a astênica (característica da feminilidade) e a pícnica, que pode modificar-se e tomar aspecto virilóide no fim da evolução. (KEHL, 1951, p. 77)

No penúltimo capítulo da obra, Kehl se debruça sobre os aspectos práticos da caracterologia e destaca a elaboração do *caracteriograma*. Ao falar sobre tal exame, Kehl destaca que essa perspectiva já esteve presente em outra obra sua, *Psicologia da Personalidade* (1941), o que nos permite pensar na semelhança entre a obra analisada e a publicação de 1941.

Assim procedi antes de redigir a “Psicologia da Personalidade”, obra na qual inclui o estudo esquemático de tipos vulgares e, complementarmente, o estudo de alguns tipos invulgares, a destacar Francis Galton, admitido como protótipo de super-mental eugênico; Nietzsche, outro super mental, com um curso de vida bem esmiuçado, modelo de “homem sincero”, cujo fim de existência foi tão desventurado; Darwin, exemplo extraordinário de vocação precoce, de espírito crítico, de perspicácia analítica e que se consagrou como um gênio perseverante”. (KEHL, 1951, p. 203)

De acordo com o autor, há alguns “preceitos cartesianos” que facilitariam o exame prático do sujeito, tais como:

1) Evitar, cuidadosamente a precipitação e a prevenção opinativas, assim como as traições do subjetivismo. 2) Nunca aceitar como verdadeiros qualquer dado, fato ou verificação, antes de uma exata comprovação. 3) Dividir, cuidadosamente, cada uma das dificuldades no maior número de parcelas necessárias, para melhor as resolver. 4) Conduzir por ordem os pensamentos, a começar pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer. 5) Fazer sempre enumerações tão completas e revisões tão gerais, que se tenha a certeza de nada omitir. (KEHL, 1951, p. 204)

Kehl assinala a necessidade de adoção de critérios e o estabelecimento de um plano para a interpretação do homem. Para a construção de um roteiro investigativo, o autor destaca as contribuições do médico argentino Mariano Barilari e seus critérios metodológicos para uma investigação médica. Para a fundamentação teórica de tal investigação, Kehl chama a atenção para a importância dos estudos de Kretschmer e a ferramenta por ele utilizada, intitulada “bio-psicograma”. A ficha investigativa⁴¹ seria composta por dez itens.

Quadro 2- Ficha investigativa proposta por Renato Kehl

1)	Verificar as tendências biológicas e psicológicas predominantes na família do sujeito
2)	Verificar os instintos fundamentais (conservação, nutrição, reprodução, agressão, defesa) e os instintos suplementares (social, ético, estético e político)
3)	Verificar aspectos endócrinos e corporais
4)	Verificar psicomotricidade ou dinâmica vital
5)	Verificar aspectos relativos ao desenvolvimento (afetivo, sensorial, intelectual)
6)	Avaliar tono do humor e sensibilidade
7)	Verificar tendências abstratas e lógicas
8)	Verificar desenvolvimento da volição
9)	Análise psico-crítica e psicanalítica através de anamnese
10)	Exame e registro dos sinais e tendências psicopáticas

Fonte: Renato Kehl. A interpretação do Homem, 1951.

No último capítulo da obra, Kehl volta a assinalar a necessidade de elaboração de uma ficha investigativa, neste caso para uma autoanálise. O autor chega a mencionar que não tem a pretensão de construir uma ficha modelo ou um teste investigativo, mas apresentar elementos que não podem deixar de ser observados. De acordo com Kehl, o sujeito deveria realizar uma auto-observação, levando em conta, por exemplo, qual seria sua reação em um momento crítico,

⁴¹ O autor apresenta os itens por tópicos. Optamos pela elaboração de uma tabela com o intuito de facilitar a visualização do conteúdo para os(as) leitores(as).

examinar a própria capacidade de dar ordem ou seguir regras, tomar a iniciativa, se sentir tímido, dentre outras observações.

De acordo com Kehl (1951), a avaliação do sujeito não pode ater-se apenas a dados físicos, mas levar em consideração aspectos dos seus reflexos, dos seus instintos, de questões relativas ao sexo, à educação, à vida social, doméstica, à classe econômica e social e à saúde. Ainda sobre a questão da avaliação do sujeito, Kehl reforça a importância da perspectiva endocrinológica e a contribuição dos estudos de Nicola Pende (1880-1970) e Ernest Kretschmer (1888-1964), o que nos mostra a influência desses dois autores no pensamento de Kehl.

Todo exame caracterológico terá, pois, de considerar as condições biotípicas do indivíduo, em concomitância com o período em que se encontra e com os anteriores. Não se concebe, cientificamente, o estudo da vida humana “como problema psicológico” ou “como problema hereditário-constitucional, segundo os modernos métodos da escola de Kretschmer ou a de Pende. (KEHL, 1951, p. 230)

O último capítulo da obra está organizado de modo reforçar a importância da caracterologia, assim como a visão de determinação hereditária de indivíduo.

O caráter, no sentido genérico, como deixei explícito, é dom de origem ou de linhagem e se insere no *Idion* ou base fundamental hereditária da individualidade, em oposição à base adquirida e manifestada sob as influências exteriores ou personalidade de adaptação.

A parte essencial de todo o ser vivo é o seu núcleo genético. (KEHL, 1951, p. 255, grifo nosso)

Após a elaboração do último capítulo e fechamento da obra, Kehl organiza um Apêndice (notas rememorativas e de orientação matemática). Nessa parte, o autor apresenta novamente, de forma resumida e enumerada, elementos que devem integrar as fichas investigativas. Alguns desses itens apresentam semelhança com aqueles anteriormente citados neste trabalho, tais como manter uma “conversação amistosa e tranquila que faculte a observação geral do paciente” (p. 261). Contudo, dois itens especificamente nos chamaram a atenção e se diferenciam daquilo que foi anteriormente assinalado pelo autor. Um deles é a recomendação de Kehl para que se utilize o modelo de questionário elaborado por Kretschmer e que se relaciona com o psico-biograma; no segundo, são assinalados de forma específica os itens que devem compor a ficha: Nome, idade, sexo, cor, estado civil, profissão, naturalidade, instrução, dados suplementares (raça, situação social e econômica), tipo individual, atitude corporal, fisionomia e apresentação física.

3.3.3 Aspectos referente à psicologia

Ao longo da obra, Renato Kehl faz diversas menções à *Psicologia da Personalidade*, área que integra o campo científico da psicologia. Cabe destacar que o autor não faz diferenciações entre psicologia e psicologia da personalidade, o que nos leva a pensar que Kehl considera a área da psicologia como tendo a personalidade como seu objeto ou, pelo menos, como seu principal foco. Identificamos que apenas em um único momento o autor menciona a psicologia forense como relacionada ao estudo dos “desvios psico-mentais”; no restante da obra as menções se referem à psicologia da personalidade. Entretanto, há que se considerar que os ditos “desvios” se referem, em última instância a “desvios de personalidade”.

A falta de diferenciação por parte do autor, somada ao modo como Kehl, durante todo o texto, apresenta a psicologia da personalidade como um campo de estudos amplo, com uma determinada finalidade, nos leva a pensar que o autor compreendia a psicologia geral como eminentemente psicologia da personalidade.

Logo no início da obra, Kehl (1951) assinala que a Caracterologia seria um complemento do campo da Psicologia da personalidade. Ademais, o autor destaca que o desenvolvimento da habilidade de análise das características humanas decorre da experiência e da formação em psicologia da personalidade. Tal fato nos permite pensar como o autor estabelece a caracterologia e o campo da psicologia da personalidade como correlatas, com sobreposição da caracterologia, além de destacar que à psicologia da personalidade cabe o estudo dos “tipos humanos”.

[...] a aparência física, a fisionomia, a atividade, os ticos, os cacoetes, os gestos e a escrita são indicativos preciosos, quando o analista é dotado de critério psicológico e de regular experiência interpretativa, experiência esta que se adquire com a prática, após prévia formação nos domínios da psicologia da personalidade e, sobretudo, da caracterologia, para o reconhecimento dos tipos vulgares e invulgares, dos mistificadores e dos dissimuladores e para a estipulação da especificidade real do respectivo comportamento. (KEHL, 1951, s.n.)

De acordo com Kehl (1951), o “progresso da ciência” tem demonstrado que a caracterologia pode oferecer elementos necessários aos cientistas no campo da interpretação do homem. Além disso, afirma que: “Do ponto de vista social firma-se a crescente importância da caracterologia, que tende a tornar-se “uma fisiologia psicológica da personalidade.” (p. 243).

Além da relação entre psicologia da personalidade e caracterologia, Kehl demarca a importância da caracterologia para a atuação de juízes, médicos, educadores e psicotécnicos⁴². A formação em psicotécnica é referenciada pelo autor como um complemento da formação em caracterologia.

Admite-se que, com o progresso e com a prática da caracterologia, **em complemento à psicologia da personalidade**, os testes desta natureza chegarão um dia a proporcionar informações muito úteis e bastante seguras, **o que os tornará de adoção obrigatória e larga em medicina, em direito, e em psicotécnica**, que já conta com os valiosos recursos para exame. (KEHL, 1951, 236, grifo nosso)

No campo da psicologia médica, Kehl se refere ao teste de Rorschach para avaliação dos sujeitos.

Aliás, na psicologia médica, na psicologia da personalidade, na aplicação dos *testes* de investigação de Rorschach e de outros, os resultados devem ser interpretados e não considerados sinais de natureza diacrítica. Prestam-se, isoladamente, para distinguir um estado, uma atitude, um desvio temperamental, para estabelecer uma diferenciação, em suma, para a fixação de um carácter — tipológico. (KEHL, 1951, p. 18)

Kehl também menciona que os testes caracterológicos têm sido usados com finalidade pedagógica e para avaliação intelectual tal como os testes para fins psicotécnicos, testes para avaliação de gostos, capacidades vocacionais e seleção de candidatos. De acordo com o autor, os testes caracterológicos têm como objetivo atingir a “essência humana individual e pessoal” (p. 232). Tais testes também explicam “casos complexos da natureza humana”, além de responder questões sobre a conduta humana. Destaca-se que esses testes a que ele se refere são aqueles classificados como testes de personalidade, como é o caso do Teste de Rorschach.

Além dos testes pedagógicos e psicotécnicos, empregam-se também os caracterológicos, de maior alcance, porque visam atingir e desvendar o carácter nuclear, que distingue os indivíduos e rege a evolução psico-afetiva e psico-mental, núcleo esse das disposições inatas que presidem o conjunto, relativamente constante, das reações volitivas e sentimentais. (KEHL, 1951, p. 231)

Outro aspecto que relaciona caracterologia e psicologia da personalidade estaria no âmbito dos estudos criminais.

A caracterologia coloca-se ao lado da antropologia, da biotipologia e da psicologia da personalidade, como auxiliar de indubitável importância em tudo o que se relacione com o crime. Ela [a caracterologia] procura determinar o elemento fundamental do

⁴² É preciso destacar que, na época, a psicologia não era uma profissão regulamentada e, entre outras atividades, a psicotécnica era exercida por profissionais de outras áreas, especialmente da pedagogia; mais tarde, muitos desses profissionais obtiveram o título de psicólogo outorgado por comissão específica. (SILVA, 2010).

carácter, dos móveis, das ações, das manifestações anímicas, das reações psicológicas e das impulsões que culminam em atos de extrema gravidade. (KEHL, 1951, p. 43)

A coleta de dados para análise do sujeito é algo a que Kehl atribui importância, pois observamos que o autor demonstra preocupação com as afirmações “simples e puras” sem relação com dados “somato-psíquicos”; para isto, chama atenção para a importância de utilização de métodos de avaliação para tal finalidade. Na obra chega a mencionar a importância do interrogatório como método de avaliação, citando como exemplo os interrogatórios que podem ser utilizados como o método de J. Furster e de J. Suter e o Teste de Wartegg e Teste de Rorschach. Do ponto de vista prático, o autor assinala a necessidade da realização do exame caracterológico e do interrogatório.

A elucidação do problema da capacidade para o aludido juízo moral e para a conduta social, terá de basear-se no exame do carácter genotípico e completar-se com o exame da personalidade.

Para tal objetivo são utilizados os interrogatórios, por meio dos quais se investiga a índole moral, a compreensão do sentimento do dever e o idealismo pessoal, interrogatórios que têm por efeito provocar reações de natureza psicológica ou catarse, denunciadoras das disposições sub-conscientes da indivíduo personalidade. (KEHL, 1951, pp. 192-193)

É interessante observar que a investigação do Homem deveria ser orientada por um roteiro investigativo.

[...] a referida investigação compreende os antecedentes familiares, a vida doméstica, a idade real e a idade mental, a educação, as relações de companheirismo, as atitudes sociais, a intensidade de vida, a doença, a fome ou a subnutrição, a humilhação, o castigo, o esgotamento físico ou psíquico, a conceituação ética em face dos problemas de consciência e a motivação de atos declarada pelo paciente. (KEHL, 1951, p.196)

A partir da investigação dos antecedentes hereditários e pessoais do indivíduo, o caracterologista estaria apto para a elaboração de um diagnóstico.

Ao longo da obra o autor se debruça sobre a noção de carácter e apresenta definições mais detalhadas. Ao estabelecer a diferenciação de carácter biológico e a ideia de carácter moral o autor recorre a conceitos psicanalíticos e de base psicológica, mas dando ênfase às determinações inatas.

O carácter, elemento nuclear e estático, de consciência, aqui empregado com o sentido bio-psíquico e não moralístico, tem as suas raízes mergulhadas nas profundezas da vida orgânica. Ele representa a peculiaridade anímica do homem, o conjunto das suas possibilidades reacionais, afetivas e voluntárias, misto de *Id* e de *Ego* com a propriedade de o *tipificar* em face dos estímulos advindos do meio ambiente. [...] Cada indivíduo denota uma “vontade pessoal” que o situa, fundamental e psicologicamente, dentro do próprio sêr, a refletir o éco profundo e sintético do plasma germinal que o formou. (Kehl, 1951, pp. 12-13)

Observamos que em alguns momentos o autor demarca que a personalidade tem uma fundamentação distinta de carácter; trata-as de forma articulada, mas as diferencia.

Convém não confundir carácter com personalidade nem caracterologia com ciência da personalidade. Conforme se depreende do que foi dito anteriormente, enquanto o carácter se revela genotipicamente ligado à fórmula glandular ou constitucional, a personalidade tem por base a constituição, porém submetida, fenotipicamente, às influências meso-sociais e educacionais. O carácter é o produto bruto, como é o carbono; a personalidade é a pedra trabalhada, facetada.

Nestas condições, a personalidade reflete o temperamento e o meio. O temperamento, expressão dinâmico-humoral modificável pela ação dos agentes exteriores, condiciona o psiquismo no sentido afetivo-volitivo e intelectual e assim concorre para a apresentação da personalidade ou *super-ego*, criado pelas imposições ocorrentes. (Kehl, 1951, p. 13)

Ainda sobre a diferença entre carácter e personalidade, temos:

É no núcleo vital do carácter que se encerram as forças estáticas e dinâmicas que condicionam a personalidade, e é pela revelação das tendências boas e más destas forças, quase sempre em estado potencial que se consegue esclarecer o que existe de real dentro do complexo somato-psíquico de um indivíduo-personalidade. (KEHL, 1951, p. 43)

Em nosso entendimento, a separação entre caracterologia e psicologia da personalidade é importante, pois situa o papel da psicologia da personalidade. De acordo com Kehl, a psicologia estaria articulada à caracterologia por figurar como a ciência que da *indivíduo-personalidade*(sic).

A caracterologia liga-se, por conseguinte, à biotipologia ou ciência do individual (ciência das constituições, cuja finalidade é estudar o homem sob o aspecto morfológico, fisiológico e temperamental), e à psicologia, com o desígnio de firmar-se como ciência complementar do indivíduo- personalidade.

Não se trata de um mero acréscimo à psicologia geral. As suas finalidades transpõem os domínios desta e da própria psicologia da personalidade, visto ser o seu alvo principal investigar e descobrir os fatores primários, dos quais dependem as disposições ou tendências reacionais ligadas ao “núcleo disposicional ou carácter”. (KEHL, 1951, p. 15)

O trecho em questão nos faz pensar como o autor enxerga na psicologia uma relação com a caracterologia; em outras palavras, compreende que a ciência psicológica possui também a função de avaliação dos sujeitos, o que se alia à hegemonia da psicometria na época. Tal premissa pode ser notada também no trecho: “Bem raros os que procuram estudar com inteligente curiosidade a psicologia da personalidade e as **propriedades inerentes ao carácter**, para deduzir a significação de factos e de atitudes ligados à conduta.” (KEHL, 1951, p. 52, grifo nosso).

No que tange aos “desvios de personalidade”, Kehl destaca mais uma vez a contribuição dos conhecimentos em psicologia da personalidade e, com isso, nos permite analisar como o

autor reconhece o papel dos conhecimentos psicológicos. Suas afirmações mostram o interesse em diferenciar o que é constitucional do sujeito e o que foi adquirido.

[...] não pretendo inocentar ou redimir culpados e pecadores, nem reduzir o significado de culpas e de pecados. Meu intuito é despertar a atenção para a **necessidade do estudo da psicologia da personalidade, a fim de melhor se compreenderem as causas e os efeitos das imperfeições**, de separar as anomalias de natureza constitucional das que derivam de simples desvios educacionais, de distribuir os tipos de acôrdo com a vulgaridade ou a invulgaridade caracterológicas. [...] As fraquezas humanas **devem ser analisadas através do prisma da psicologia da personalidade e da psico-crítica caracterológica**. Deste modo haverá mais cordura e benignidade, chaves que abrem o caminho para a harmonia entre os homens. (KEHL, 1951, pp. 109-114, grifo nosso)

Os apontamentos do autor de que a psicologia da personalidade estaria a serviço do estudo das imperfeições, bem como contribuiria para a harmonia entre os indivíduos nos permite pensar como, de forma implícita, Kehl não apenas delinea o papel da psicologia como parece indicar que seus conhecimentos contribuiriam com o melhoramento da raça.

Logo em seguida, Kehl direciona suas ideias e propostas a psicólogos e psicoterapeutas.

Os psicólogos e os psicoterapeutas, que entram a fundo no estudo das modernas concepções da psicologia médica e da psico-crítica das atitudes, **são os que se encontram em melhores condições para opinar sôbre os referidos desvios e ajuizar da responsabilidade dos seus portadores**. (KEHL, 1951, p. 109, grifo nosso)

Com base nos excertos citados e na análise da obra como um todo, notamos que Kehl entende a caracterologia e a psicologia da personalidade como áreas correlatas, embora distintas, que contribuem juntas para a interpretação do homem.

A caracterologia visa, exatamente, elucidar a apresentação anímica desta *individualidade-carácter*, enquanto a psicologia da personalidade se restringe ao esclarecimento do carácter-personalidade, que se revela e se adapta, condicionalmente, ao meio, e que pela conduta, pelo comportamento, por manifestações claras ou sutis, deixa de transparecer, ou mesmo evidencia, a referida *individualidade-carácter*, isto é, tudo quanto o indivíduo apresenta sob as diversas camadas superpostas pelo uso, pelas necessidades, desejos, frustrações e outras condições de natureza social, familiar e educativa. (KEHL, 1951, p. 127, grifos do autor)

Em outro momento da obra, Kehl assinala a importância do exame caracterológico e dos conhecimentos em caracterologia para a interpretação do indivíduo a fim de avaliar sua conduta moral. Neste contexto, volta a destacar a aproximação e a importância da psicologia da personalidade e da caracterologia.

Não se trata, a bem dizer, de antropologia, nem mesmo de ântropo-sociologia ou de psiquiatria, mas de psicologia da personalidade e de caracterologia, que envolvem estudos detalhados dos caracteres biotipológicos, das tendências endócrinas e das reações temperamentais, estudos êsses imprescindíveis para a revelação do carácter e

das disposições morais, imorais e associais daqueles que cáem sob a ação da justiça e dos que devem manter-se sob a ação vigilante dos preservadores do crime. (KEHL, 1951, p. 105).

A partir da leitura da obra é possível entender que caracterologistas são aqueles que se dedicam ao estudo e à prática da Caracterologia. Sobre esta questão, é interessante observar que Kehl (1951) destaca que aqueles que atuam nessa área devem ser versados em psicologia da personalidade e em biotipologia, além de utilizar conhecimentos em determinadas áreas. Partindo da citação acima, pode-se inferir, no entanto, que, entre uma e outra, a base do conhecimento é de natureza biológica.

Os caracterologistas versados em biotipologia e psicologia da personalidade admitem como indispensável para o exercício desta disciplina, capacidade psico-crítica e apurado sentido bio-perspectivista, a fim de se poder observar, sentir e deduzir o valor e o significado da posição de um determinado indivíduo como um “sêr” isolado e como um “sêr” social. (KEHL, 1951, p.22)

Um ponto que chamou nossa atenção foi que, após assinalar uma relação entre caracterologia e psicologia, Kehl enfatiza a necessidade de formação especializada para atuar com caracterologia, assim como defende que essa área não poderia ser confundida com outras práticas, tais como leitura de mãos, grafologia, dentre outras. O autor assinala que tal área apresenta fundamentação científica; portanto, se diferencia de campos que não apresentavam embasamento teórico e científico. De acordo com Kehl (1951), a caracterologia se baseia nos conhecimentos da heredologia, da ciência da constituição (biotipologia e endocrinologia). Neste sentido, para atuar seria necessária uma “formação caracteroténica”. Embora o autor não tenha deixado explícito que a atuação com caracterologia requer conhecimentos em psicologia, Kehl indica na sequência uma obra de natureza psicológica.

Para se aquilatar da inconveniência da prática caracterológica por leigos, é instrutivo o capítulo, “Physiological apraisals of Character and personality”, do livro “Psychological Foundations of Personality”, de Louis Thorpe, o qual, em alicerçada apreciação dos diversos “métodos” em voga, demonstra o engano, a incerteza e a falsidade dos que se propõem devassar as qualidades e as tendências humanas, sem as bases e sem os recursos que a caracterologia científica estatuiu para finalidades sérias e, tanto quanto possível, proficuas nos domínios da medicina, da pedagogia, da psico-peritagem e da psicotécnica vocacional, nos seus múltiplos aspectos. (KEHL, 1951, p. 29)

Salvaguardando as devidas diferenças, destacamos que o apontamento de Kehl sobre a importância de uma formação teórica e técnica para atuar com a caracterologia nos lembra aquilo que foi assinalado por Miranda e Vallejo (2017) sobre a formação em *Consejero Humanista Social* pela Faculdade de Eugenia na Argentina, tal como assinalamos anteriormente neste trabalho, isto é, uma atuação prática voltada à compreensão humana deveria ser respaldada por um arcabouço teórico e científico, tendo em vista o aspecto histórico da ciência.

Seguindo essa linha de raciocínio, a atuação em caracterologia nos lembra, em certa medida, o cenário eugênico argentino. Vale lembrar que a formação como *Consejero Humanista* ocorria por uma instituição específica, no caso a Faculdade de Eugenia, que surgiu em 1956, em Buenos Aires. Tal instituição surgiu alguns anos depois desta publicação de Kehl e é fruto de um momento específico da história argentina.

Em nosso entender, ainda que Kehl não defina os conhecimentos em psicologia como basilares na caracterologia, não seria possível afirmar que o autor dissocia as duas áreas, pois ao longo do texto é possível notar diversos conceitos cuja fundamentação se dá no âmbito da psicologia. Ao se referir sobre a *individuo-personalidade*(sic), Kehl recupera o pensamento de Piaget para discorrer sobre a base biológica do sujeito, que se articula à personalidade. Não adentraremos nas particularidades da teoria piagetiana; nosso intuito é demonstrar como Kehl se vale de teorias da psicologia para fundamentar sua perspectiva.

Segundo exarou Piaget, de modo conciso e singelo “a personalidade é uma síntese *sui generis* do que há de original em cada um de nós com as normas de cooperação; toma consciência da relatividade da perspectiva individual e a coloca em ligação com o todo de outras perspectivas possíveis; e de tal forma, que ela representa uma coordenação da individualidade com o universal”. Ela se inicia na unidade da fisiológica do corpo, enquanto a individualidade procede de mais longe: começa no ovo ou zigoto, proveniente da fusão das unidades biofóricas que passaram pelas fases evolutivas, em seguida através do embrião até ao sêr, com as peculiaridades que lhe são próprias, e mais, sob as influências modificadoras ou modeladoras no decurso de toda a existência, dentro dos limites pré-estabelecidos. (KEHL, 1951, p. 126)

Do ponto de vista conceitual, identificamos, novamente, a presença de alguns conceitos de base psicanalítica, mas interpretada de maneira *sui generis*, com base em conceitos da biologia (genótipo e fenótipo), com o intuito de elucidar as manifestações biossociais do carácter.

O homem apresenta um *Id* de procedência genotípica ou carácter; um *Ego* ou conjunto organizado de formação fenotípica ou personalidade; e, segundo se pretende, um Super-ego, criado pelas imposições ambientais, por esforço próprio e pela educação. (KEHL, 1951, p.45)

Consideramos importante destacar que, embora Kehl recorra a conceitos psicanalíticos para fundamentar suas ideias, isto não significa que o autor concorde por completo com tais preceitos, pois em outro momento da obra, localizamos críticas ao método psicanalítico. Ao se referir à análise do homem, Kehl assinala a importância do uso de “modernos métodos” para sua investigação. Embora não mencione quais seriam esses métodos, indica a inviabilidade do método psicanalítico: “os modernos métodos, que nada têm de comum com o psico-analítico,

que requer esforço prolongado e que se torna, muitas vezes infrutífero, quando não, perigoso.” (p. 196).

O texto analisado também contém passagens que nos permitem compreender qual seria a visão do autor sobre a psicologia e, a partir disso, qual seria a contribuição da caracterologia.

Eis, pois, que a após o predomínio da psicologia fracionária ou psicologia das frações psicológicas, hoje, totalmente relegada como vetusta e inoperante, entra em cena a caracterologia, que não deve ser confundida com a psicologia denominada psico-analítica, e que visa explicar os verdadeiros móveis das ações e o “carácter” destas ações. [...]

Com o advento dêste novo ou, melhor, dêste ramo modernizado da ciência do homem elucidam-se muitas questões ainda obscuras, compreendem-se as razões bio-perspectivistas da existência, com a possibilidade, ainda, de estabelecer ligações inteligíveis entre certas atitudes, de sondar os “instintos” e de tornar o homem psiquicamente conhecido em muitos dos seus recônditos escaninhos. (KEHL, 1951, p. 56)

Em termos práticos, Kehl assinala como uma observação adequada do indivíduo pode levar à interpretação de suas características. Além disso, tal observação seria da alçada daquele que ele chama de psicólogo, mas que se deve sublinhar que não se trata do psicólogo como profissional legalmente reconhecido, tanto que ele afirma: “especialmente quando médico”, o que leva à suposição de que seria alguém que se dedicaria ao estudo sistemático do assunto, como era próprio da época, muitos dos quais chamados de psicologistas.

Os simples movimentos dos braços, a marcha, o modo de se apoiar, de entrar ou de sair de um compartimento ou de uma casa, de segurar um objeto, assim como de falar ou de gesticular, obedecem, em cada indivíduo, a um ritmo particular muito significativo para o psicólogo, especialmente quando médico, tanto para o estudo semiológico dos sadios como dos enfermos. (KEHL, 1951 p.137)

No último capítulo da obra, Kehl retoma o papel da psicologia da personalidade e, implicitamente, parece assinalar não só a relação entre caracterologia e psicologia, como vê na ciência psicológica uma contribuição ao conhecimento do sujeito para uma finalidade eugênica.

A psicologia da personalidade fornece os recursos para a descrição do comportamento de um desalmado, de um mistificador ou de um mitômano; só a caracterologia, entretanto, pode esclarecer quais os núcleos que condicionam as tendências ou as inclinações dos indivíduos em face da vida. [...] Como ficou esclarecido só com os recursos da moderna caracterologia, que ora se firma em complemento aos ensinamentos da psicologia da personalidade, é possível a elucidação de certas ocorrências e de muitos factos que se registram na história [...] (KEHL, 1951, pp.245-246)

3.3.4 Aspectos eugênicos

Em nosso entendimento, a função da caracterologia estipulada por Kehl (1951) se articula aos princípios eugênicos, ainda que não seja explícita ou a partir de termos diretos ou

específicos, tais como eugenia, aperfeiçoamento ou caráter eugênico, embora se explicite quando ele se refere aos seus possíveis usos, como na criminologia, por exemplo.

Uma das utilidades da caracterologia é conseguir **desvendar os bons e os maus potenciais psico-somáticos e explicar, ou mesmo prever**, certas atitudes em determinadas circunstâncias; **ajuizar da conduta e do temperamento nos diversos períodos de vida**; estabelecer com maiores probabilidades o grau de atividade, de capacidade e de operosidade, assim como periculosidade de certos indivíduos. (KEHL, 1951, pp. 18-19, grifo nosso)

O trecho destacado apresenta uma multiplicidade de elementos analíticos, tendo em vista que as categorias de análise podem ser notadas a partir dos destaques. A ideia de desvendar “bons e maus potenciais”, seguida da ideia de “explicar, ou mesmo prever” podem indicar a perspectiva de identificação, de classificação, de hierarquização e de exclusão, com a finalidade de predição e, conseqüentemente, do exercício de controle. Ainda com base na ideia de “explicar ou mesmo prever”, podemos pensar na dimensão de futuro, de algo que poderia ser evitado ou planejado para além do tempo presente. A ideia de “ajuizar” pode indicar aquilo a que já nos referimos anteriormente, isto é, a proposta de formação e educação para uma consciência eugênica, além de indicar uma dimensão de futuro. Acreditamos que o trecho também pode assinalar uma perspectiva coletiva, tendo em vista que a caracterologia teria uma função e uma contribuição social, embora a análise seja dos caracteres individuais. Algumas páginas depois, Kehl (1951) volta a afirmar que a caracterologia seria uma ciência com recursos que “facultam melhor revelação, diferenciação e distribuição dos homens em grupos tipológicos.” (p. 21).

Consideramos importante mencionar que, de modo geral, a ideia de classificação está presente durante toda a obra, pois Kehl, em diversos momentos, lança mão de características hereditárias, temperamentais, psicológicas e sociais que diferenciam, classificam e enquadram os sujeitos em determinados grupos.

Em outro momento da obra, localizamos uma passagem sobre caracterologia cuja função seria eugênica, porém, o autor não a faz de maneira explícita:

A caracterologia não se contenta em estudar os indivíduos, em desvendar-lhes o núcleo fundamental do carácter. Envida, presentemente, **interpretar as modalidades das atitudes, das “qualidades” e dos “defeitos” humanos**. (KEHL, 1951, p. 54, grifo nosso).

Notamos que um dos excertos que foi utilizado no item “aspectos gerais” para se referir à educação também poderia ser analisado a partir de seu caráter eugênico.

Da estrutura do carácter depende, pois, **toda a arquitetura da indivíduo-personalidade revelada, nos seus menores detalhes**, questão de relevo para todos os departamentos do conhecimento humano, ligados com a medicina, a advocacia, a

pedagogia e outros. Com relação à pedagogia, **é de prever que, em futuro próximo, as fichas escolares apresentarão espaço com rubricas destacadas para o assentamento de dados relativos à caracterologia dos escolares.** Também as fichas de identificação policial, judicial e militar, assim como as adotadas nos estabelecimentos fabris e nas oficinas, apresentarão espaços especiais não só para a anotação de dados caracterológicos discriminativos da personalidade social, como do carácter nuclear, do qual depende, fundamentalmente, toda a integração personalista. (KEHL, 1951, pp.17-18, grifo nosso)

A ideia de investigação, isto é, de revelação da personalidade “nos seus menores detalhes” nos remete à ideia de identificação, classificação, hierarquização e exclusão. Além disso, a ideia de “prever em futuro próximo” sugere predição e controle, quando se refere às fichas escolares com informações sobre o sujeito, indicando uma dimensão de futuro e de perspectiva coletiva.

Novamente, em outro momento, localizamos um trecho em que Kehl assinala, de forma implícita, o carácter eugênico da caracterologia.

Aos caracterologistas impõe-se o estudo das peculiaridades nucleares destes tipos, **a fim de que sejam conhecidas e removidas as causas que tanto concorrem para a multiplicação de tão perniciosos elementos.**

Da interpretação metódica dos característicos somáticos e das atitudes individuais, do estudo do temperamento e das suas particularidades, depende o diagnóstico caracterológico desses tipos, **como finalidade profiláctica e terapêutica dos males sociais.** (KEHL, 1951, p. 108, grifo nosso)

A categoria de hierarquização foi identificada ao longo da obra, pois, ao definir a caracterologia, Kehl (1951) assinala sua função, isto é, a contribuição da caracterologia para a hierarquização dos homens.

[...] a caracterologia trata de definir o carácter unitário e os caracteres, em particular, revelados pela personalidade. No condizente ao unitário, ela envida estudar o indivíduo como um organismo vivo em luta pela sobrevivência. No tocante aos caracteres revelados, **dedica-se aos problemas parcelados do carácter individual e aos traços que diferenciam um indivíduo dos demais;** finalmente, a caracterologia se torna sistemática ou tipológica, quando **se propõe a estabelecer as graduações entre os diversos tipos de hierarquia humana.** (KEHL, 1951, pp. 14-15, grifo nosso)

Em outro momento, novamente observamos a presença da categoria de hierarquização, além da categoria de classificação e exclusão.

Os homens não são entes irreconhecíveis; são franqueáveis tanto do ponto de vista da constituição e do temperamento, como de vários outros ângulos bioperspectivistas e **podem ser discriminados, uns dos outros, pelas particularidades tipológicas, distribuídos em categorias e em grupos específicos.**

Inegável a vantagem da tipificação, seguida da classificação dos tipos, de acôrdo com as variações apresentadas para finalidades médicas jurídicas, pedagógicas e psicotécnicas. (KEHL, 1951, p. 22, grifo nosso)

É interessante observar que embora exista aproximação entre as áreas, Kehl (1951) destaca que a caracterologia buscou sistematizar conhecimentos que até então encontravam-se “dispersos da psicologia e firmar bases para uma aproximativa e racional classificação tipológica” (p. 16). Assim, a caracterologia se firmou como uma ciência própria.

De doutrina psicológica, a caracterologia se transformou em ciência e arte da análise e da interpretação do homem, com a finalidade de introduzir novos critérios caracterizadores e novas luzes relativamente às questões de moral, de estética, de literatura, de biografia e de história, cujos autores ou personagens passam a ser tidos e considerados sob o prisma da psico-crítica, graças às pesquisas realizadas em torno de características nucleares que explicam os móveis das ações individuais. (KEHL, 1951, p. 16).

Identificamos o uso de termos que expressam de forma mais explícita uma proposta eugênica. Ao destacar a finalidade da “ciência humanística”, Kehl (1951) assinala:

Tem a caracterologia finalidade altamente humanística, qual seja a de facilitar aos homens se conhecerem e conhecerem o próximo, reconhecerem as perfeições e as imperfeições próprias e as alheias, e assim **criar através de uma nova e larga trilha oferecida pela ciência do humano, as condições para aperfeiçoar o carácter moral, para criar um ambiente de compreensões, de respeito, de tolerância e de benignidade.** (p. 23, grifo nosso)

Em seguida, o autor faz algumas considerações cujo teor, em nossa análise, parecem indicar propostas de implementação de medidas educacionais, entre outras, voltadas ao “melhoramento da raça”.

Natural, pois, que a caracterologia se imponha como disciplina de estudo e de prática compulsória nos cursos secundários e normais, especialmente para os que vão se dedicar à medicina, à pedagogia, à magistratura, a postos de administração pública, industrial e comercial.

Com o auxílio esclarecedor e orientador da caracterologia, habilitamo-nos, pois, a identificar os tipos humanos e agrupá-los. (KEHL, 1951, p. 23)

O conceito de raça aparece de maneira sutil ao longo da obra. Por se tratar de um termo basilar na discussão da eugenia e por ser um termo que sofreu mudanças em sua concepção após 1945, optamos por destacar as considerações feitas pelo autor neste texto. Kehl (1951) faz uso do conceito de raça para se referir a grupos humanos, isto é, no sentido de classificação entre humanos. O termo em questão aparece especificamente no capítulo primeiro da obra onde o autor assinalava as dificuldades de tipificação frente a um contexto de heterogamia/mixogamia, tomando como base a transmissão hereditária.

A fôrça da hereditariedade prende os tipos de uma linhagem aos tipos que lhes deram origem e à raça das quais são oriundos. Contudo, a união, quando processada numa só direção, digamos, com o branco, torna branca a linhagem mestiça ao fim de algumas gerações; o mesmo se verifica com o preto, se as uniões seguintes se processarem só no tronco preto.

Como se verifica, embora a variabilidade, graças à força da continuidade genética, as condições originárias pré-existentes e de natureza somato-psíquicas mantêm-se em estado potencial.

Este o motivo da inexistência de agrupamentos de constituição pura, mas de agrupamentos com a predominância mais ou menos acentuada desta ou daquela natureza constitucional e temperamental. (KEHL, 1951, pp. 24-25)

Cabe destacar que a discussão sobre transmissão hereditária se respalda nas perspectivas de Galton e Pearson.

A transmissão hereditária não se denuncia apenas com relação às particularidades da estrutura corporal, também se denota com relação à inteligência, à memória, à vocação e a tendência psicológica de natureza normal e, às vezes, mórbida. [...]

As estatísticas iniciadas por Galton e Pearson e por vários heredologistas alemães, aí estão para patentear que em todas as famílias a fisionomia é bastante característica entre seus membros componentes. (KEHL, 1951, p. 33)

Assinalamos que Karl Pearson (1857-1936) desenvolveu estudos estatísticos, incluindo a inteligência, e que, além dele, Kehl (1951) também recupera as discussões do reconhecido eugenista norte americano Charles Davenport (1866-1944) para fazer alguns apontamentos sobre raça.

Após numerosíssimas medições, Davenport, estabeleceu o índice de corpulência e criou uma fórmula geral ou polígno de distribuição dos cinco tipos de estrutura do corpo: muito delgado, delgado, médio, corpulento e obeso.

Por meio destes estudos, o médico caracterologista habilita-se a estabelecer premissas quanto às tendências psico-temperamentas e as tendências mórbidas de certas famílias, em vista da íntima relação entre a constituição, a apresentação biotipológica e as doenças.

Casam-se indivíduos de diversos tipos, de diversos sub-tipos e até de raças dispare. Dessa intensa mixogamia resultam as diversidades, as variações de caracteres, as **desharmonias físicas, psíquicas e mentais, responsáveis pela completa anarquia caracterológica**. (KEHL, 1951, p. 35, grifo nosso)

Para além de nos situar sobre a concepção de raça, Kehl também apresenta elementos que nos permitem analisar sua posição sobre a miscigenação, tema este que integra o campo da eugenia, haja vista que, no Brasil, alguns adeptos do “melhoramento” apostavam na ideia de que a partir da miscigenação seria possível “branquear” o país, posição esta depois criticada por terem percebido que, ao invés de “branquear”, a miscigenação “escurecia” a população; esta concepção é substituída pela crítica à miscigenação, não por acaso articulada à ideia de pureza da “raça”. A partir dos escritos do autor, percebe-se a defesa da ideia de que determinadas características genéticas poderiam ser transmitidas dentro de uma mesma linhagem. Embora tal premissa não esteja explícita nas palavras do autor, acreditamos que a discussão sobre a permanência das características ao longo da linhagem nos permite pensar que Kehl possivelmente defenderia uma visão inatista e não socioambiental da evolução humana.

Tendo em vista a defesa de que as características seriam transmitidas pelas linhagens, a caracterologia teria uma finalidade eugênica, pois por meio dela seria possível estabelecer a classificação dos indivíduos a partir da organização e da análise das múltiplas características humanas, além de estabelecer categorias que dividiriam os homens constitucional, temperamental e psicologicamente.

A caracterologia concorre, evidentemente, para estabelecer uma sistematização individual e coletiva, aliás como se deduz das palavras de Boven, em “Ciência do Carácter: “A caracterologia pode introduzir uma certa ordenação na multidão dos caracteres, distribuindo-os de modo análogo como fizeram Xerxes e Cesar com os prisioneiros ou com as suas coortes. Pode também a caracterologia considerar de vários modos ou pontos de vista as categorias em que se dividem os homens; evidentemente há limites e êstes podem ser localizados entre dois marcos ou balisas... porém a caracterologia não está em condições de fixar, no momento atual, as inumeráveis variedades humanas em uma nomenclatura hermética delimitada e precisa, como a taxonomia que classifica os animais e as plantas.” (KEHL, 1951 p. 25)

Ainda sobre a função classificatória da caracterologia, o autor assinala:

Há um núcleo central caracterizável à luz da ciência e só através dela é possível reconhecer a existência desse núcleo para “tipificar” o indivíduo que o apresenta, como para discernir as variações evidenciadas sob o império de circunstâncias biológicas internas e externas, de tempo e de momento. (KEHL, 1951, p. 27)

Observamos que a categoria de classificação é bastante frequente na obra. Kehl (1951) afirma que os estudos de Kretschmer foram importantes para a divisão dos homens em diversos tipos e até mesmo “sub-tipos humanos”, tendo em vista o “hábito morfológico e a função psíquica”. Os estudos de Kretschmer também foram importantes para estabelecer relação entre traços constitucionais e estados mentais.

A notável realização deste cientista, que veio estabelecer novas e seguras possibilidades para a caracterologia, partiu da comprovação de que determinadas enfermidades se manifestam, predominantemente, em certas formas de estrutura corporal. [...] Graças aos trabalhos de Kretschmer e de seus colaboradores desapareceram as fronteiras que separavam o indivíduo alienado do não alienado, e se firmou o conceito de que a separação entre eles cifra-se na proporção psico-estética. (KEHL, 1951, pp. 68-70)

Notamos que o autor assinala também uma classificação “psico-social”. De acordo com os escritos, a classificação parece ser de autoria do próprio Kehl e estaria organizada em quatro divisões: Indivíduos absorvidos pela sociedade; 2) Indivíduos indiferentes à sociedade; 3) Indivíduos que preferem a vida isolada e 4) Indivíduos que vivem no recolhimento sem se desinteressarem da sociedade. Em seguida, o autor destaca os benefícios desta classificação.

Esta tipificação empírica e psico-social, sem base na caracterologia, serviu, pois, para pôr em evidência a vantagem de distribuir os homens segundo o carácter que lhes dá

o cunho fundamental da indivíduo-personalidade, não obstante, os múltiplos fatores que sobre eles incidem de modo favorável ou desfavorável. (KEHL, 1951, p. 51)

É possível notar que o autor assevera a importância da tipificação como um recurso para o entendimento das características e das distinções entre os homens. Ainda sobre o trecho em questão, é relevante observar o alinhamento de conceitos. O termo *indivíduo-personalidade*(sic) já havia aparecido em outras obras e nesta obra aparece de forma articulada, cujo significado está atrelado à unidade formada entre carácter e personalidade.

Nas obras anteriormente analisadas, Kehl apresenta uma visão de que há na sociedade grupos sociais que são diferenciados/superiores. No conteúdo das obras anteriores, a perspectiva de superioridade esteve atrelada à discussão sobre filosofia e quem eram os sujeitos aptos para o exercício dela. Nesta obra, ao se referir sobre conduta e comportamento social, Kehl novamente apresenta uma perspectiva de superioridade entre indivíduos ou grupos sociais: “Por muito viciado se nos apresente o mundo social, nêle ainda se encontram espécimes que fazem honra ao gênero humano e que figuram discretamente em todas as classes.” (KEHL, 1951, p. 62).

Embora a proposta central da obra *A interpretação do Homem* seja o debate sobre a caracterologia, bem como a necessidade de conhecermos as características humanas, o que nos levaria a pensar em uma proposta eugênica ainda que de forma implícita, Kehl menciona a não existência de homens perfeitos.

Na rigorosa acepção do termo, também não existe homem normal, nem personalidade perfeita, porque nenhum homem apresenta um equilíbrio anímico ideal. O tipo “normal ideal” deveria reunir, como citei em “Psicologia da Personalidade”, as quatro harmonias biológicas de Pende: “a beleza, que é a harmonia da forma, a saúde, que é a harmonia das funções; a bondade que é a harmonia dos sentimentos; e a sabedoria, que é a harmonia da inteligência”. (KEHL, 1951, p. 130)

Destacamos as asserções do próprio autor ao se referir a sujeitos responsivos, isto é, sujeitos cuja conduta atende às regras sociais e morais a fim de elucidar nossa linha de raciocínio.

Pena que a responsividade nem sempre se coadune, neste e em outros casos **com os interesses da progenitura. Para que fosse eugênico, teria o responsivo de apresentar qualidades que o caracterizassem como um provável bom portador de gens propiciadores de uma linhagem de produtos “bem-dotados”**. (KEHL, 1951, p. 131, grifo nosso)

Kehl (1951) assinala que na curva da variação biométrica de Galton, a maioria dos homens se enquadra como homens médios e que a “normalidade” seria composta pelo conjunto da média. Em que pesem as contradições do rigor metodológico e do tema das pesquisas realizadas por Galton, conforme aponta Vilhena (2010), cabe mencionar que o polímata

britânico se debruçou no estudo estatístico da hereditariedade intelectual, na transmissão de talentos, na criação de testes e na diferença individual da inteligência; razão esta que nos permite compreender por que Kehl incorpora também de Galton os elementos estatísticos para fundamentar suas premissas eugênicas.

Ter-se-á, contudo, de admitir em caracterologia o *homem médio* das concepções biométricas (o ideal mediano da espécie) e o *homem equilibrado* ou *responsivo* [...]

A estipulação do homem médio concorre para o estabelecimento das bases científicas necessárias para a distribuição biométrica dos homens em geral, dentro do critério fundamental de que, para a análise individual, o homem médio só tem valor como ponto teórico de referência. (KEHL, 1951, p. 130)

A eugenia se relaciona com o incentivo reprodutivo de sujeitos bem-dotados geneticamente e para isto adota a ideia de perfeição como critério máximo a ser atingido, ainda que na prática seja impossível alcançá-la. Sobre este ponto, Kehl destaca que,

É considerado desenvolvido, ou em plena maturidade, aquele que **apresentar maior contagem de qualidades sobre defeitos, sendo de salientar que existem pessoas cujas qualidades, mesmo em número apreciável, são desmerecidas ou anuladas por um único defeito grave**. O mesmo se dá com relação aos defeitos apresentados por uma pessoa, que uma única boa qualidade pode fazer estimável. **A perfeição só se consebe(sic) como um ideal a atingir, como um alvo sublime, acima das possibilidades humanas**. (KEHL, 1951 p. 145, grifo nosso)

No que tange às qualidades, o autor classifica as características tais como aquelas que são elementares: força de vontade, paciência, persistência, constância, desejo, capacidade de objetivação, confiança, capacidade de libertar-se das influências tidas como negativas. Há também as qualidades que são subsidiárias indispensáveis, tais como: traquejo, astúcia, ser destemido e apresentar criticidade moral. Além das qualidades, Kehl chama atenção para os defeitos que também podem ser organizados como elementares e subsidiários indispensáveis. Os primeiros seriam os maus hábitos mentais, equívocos no processo de educação, medo de encarar as responsabilidades, preocupação com fracasso, de ser exposto ao ridículo, timidez, covardia, protelação, egoísmo e sentimentalismo exagerado, ao passo que os segundos seriam a submissão, dependência à rotina, aos preconceitos e às manias; também se enquadram a falta de iniciativa, negligência, inconsequência e inconstância. Para Kehl (1951), a identificação e a interpretação dos defeitos e das qualidades ocorrem através do exame físico e “psico-mental”. Conforme assinala o autor, a partir de tais exames, “[...] seria possível prever quase com acerto o curso da indivíduo-personalidade somática e [...] o provável curso da maturidade intelectual e moral” (KEHL, 1951, p. 145). Cabe destacar que do ponto de vista eugênico a ideia de prevenção e de controle das características humanas se relaciona à categoria de dimensão

futura; em outras palavras, a partir de determinados indícios dever-se-ia predizer, prever o futuro e, como meio profilático, sobre eles intervir, isto é, controlar.

Sobre a categoria de dimensão futura, observamos, especificamente no item *Previsão ou prognóstico caracterológico*, que Kehl atribuiu à caracterologia a função prognóstica.

Assim como em medicina é possível predizer o ciclo evolutivo e as consequências de uma doença **em caracterologia é admissível conjecturar a marcha ou a evolução de um carácter-temperamento** e estipular o que um indivíduo poderá representar como elemento útil ou nocivo à sociedade.

A preocupação de desvendar o que há de vir, integrou-se na alma humana e o motivo advém do facto psicológico, de que **tudo se desenrola com vista ou projeção no futuro**. (KEHL, 1951, pp. 155-156, grifo nosso).

Além da dimensão de futuro, Kehl também destaca a perspectiva coletiva no que tange à necessidade de prevenção e controle.

A humanidade preocupa-se com o que tem causa oculta ou incompreensível, e em desvendar “o que sucederá amanhã”. Cada indivíduo pretende, por êste ou aquele processo, prever como lhe correrão os dias. [...] As existências humanas firmam-se no complexo da expectativa e se orientam de acôrdo com as propensões constitucionais. [...] Ao invés de consultar mistificadores, seria melhor que os homens se dedicassem a estudar a sua constituição e o seu temperamento, procedessem a um exame crítico das suas inclinações, das vocações e do curso de vida, e baseados nos resultados colhidos, balanceassem as próprias possibilidades de êxito. (KEHL, 1951, p. 156).

Embora se atribua à caracterologia um caráter preditivo, Kehl chama atenção para o fato de que os estudos realizados pela psicologia da personalidade e pela caracterologia, ainda que apresentem resultados interessantes, não podem figurar como definitivos, haja vista que ainda não se encontrou um modo seguro para o reconhecimento das “disposições particulares condicionadas pelo núcleo fundamental instintivo, elemento fixo e quase alheio às influências circunstanciais” (KEHL, 1951, p. 192); percebe-se aí a prevalência da hereditariedade em sua concepção de psiquismo humano. Outro ponto importante a ser destacado é que o autor menciona que uma das finalidades de maior alcance prático da caracterologia seria “a de facultar elementos para a caracterização dos que incorrem em penalidades.” (KEHL, 1951, p. 196).

Foi possível localizar a referência às premissas de Francis Galton e, a partir delas, explicitar a diferença entre sujeitos, assim como a ordem dos fatores que influenciam no desenvolvimento das características humanas.

No livro “Researches into human faculty”, após demoradas observações, salientou Galton que alguns indivíduos pensam através de imagens sonoras; e, finalmente, que outros pensam de modo abstrato. **Por esta distribuição chega-se à conclusão de que a mentalidade se revela de acôrdo com a constituição, o temperamento, a educação e o meio**. (KEHL, 1951, p. 169, grifo nosso)

3.4 Filosofia e Bio-perspectivismo (1955)

Tendo em vista as informações contidas na capa do material, a obra parece ser o IV volume de uma coleção intitulada *Breves estudos filosóficos*. A contracapa do livro indica que esta publicação integra um conjunto de estudos de Renato Kehl ligados “à vida e ao espírito”, juntamente com outras obras, tais como *Bio-perspectivas*, *Através da filosofia* e *Guia Sínótico de Filosofia*, figurando assim como um complemento dessas obras.

A obra conta com uma dedicatória de Kehl a seus familiares, conforme podemos observar a seguir.

A meu Pai, a minha Mãe
a meu filho Victor Luís,
que vivem na minha saudade e foram o encanto de meus
dias felizes
A Eunice — minha querida
e inseparável companheira.

R.F.K

(Kehl, 1955, s/n)

Conforme as palavras do próprio autor, Eunice Penna Kehl (1901-1980) era sua companheira⁴³. A título de informação, Eunice era filha de Maria Augusta Chaves e de Belisário Penna (1868-1939), médico e sanitarista brasileiro. O grau de parentesco por afinidade (genro e sogro) entre Kehl e Belisário Penna é um dado relevante que nos permite compreender a circulação do médico eugenista entre os sanitaristas nas primeiras décadas do século XX. Por esta perspectiva familiar, cabe assinalar que Kehl se casou com Eunice Penna em 1920 e tiveram dois filhos, Sergio Augusto e Victor Luís, que faleceu em 1935 em decorrência de uma septicemia (MENDES, 2022).

Logo abaixo da dedicatória, constam as seguintes frases:

— Nada faço senão respigar idéias neste vasto campo onde outros já as colheram antes de mim.

SCHOPENHAUER.

— O grau de espírito que nos deleita dá a medida do grau de espírito que possuímos.

HELVETIUS.
(Kehl, 1955, s/n)

Dentre todas as obras analisadas, esta figura como a de menor extensão, embora seja a obra com o maior número de capítulos, cinquenta e nove no total, mais uma introdução feita pelo próprio autor. Ainda sobre a estrutura da obra, assinalamos que Kehl organiza o conteúdo

⁴³ A editora Chão lançou no ano de 2022 o livro *Diários (1935-1936)* de autoria de Eunice Penna Kehl. A obra conta com os relatos de Eunice sobre a vida familiar quando eles ainda residiam na cidade do Rio de Janeiro.

de forma sucinta, em formato similar ao aforisma, com excertos curtos. Os capítulos são breves, porém dentro de cada um deles há diversos excertos, cada um deles separados por asteriscos; a maioria dos capítulos inicia com a citação de um filósofo, tal como no exemplo abaixo (p. 13)

– I –

— *Na idéia o homem está acima e além da vida.* – ARNDT.

Se filosofar é simplificar — analisar para exprimir em conceitos explícitos ou, em outros termos, «passar do confuso e do complicado ao claro e ao singelo» — filosofemos!

*

O conteúdo apresentado pelo autor é conciso e direto, fato este que facilita a compreensão daquilo que está sendo dito e da proposta da obra como um todo. Em nosso entendimento, o livro é composto por elucubrações filosóficas de Renato Kehl, o que nos permite compreender sua visão de mundo e a perspectiva defendida por ele. Tal como as obras anteriormente analisadas, não é possível dizer que Kehl se baseia em um determinado autor para fundamentar seu pensamento, pois, ao longo da obra diversos pensadores⁴⁴ são mencionados. Especificamente nesta obra, os pensadores mencionados são: Kant, Berkley, Arndt, Platão, Heráclito, Goethe, Epicuro, Pitágoras, Lange, Protágoras, Goethe, Gasset, Huerta, Marco Aurélio, Heidegger, Maquiavel, A. de Quental, Voltaire, Vauvenargues, Hegel, E. Ferrière, Schopenaheur, Bernis, Tito Lívio, Richet, Santo Agostinho, Klages, Comte, Scheler, Bosch, Lope de Veja, Blaise, Pirro, Nietzsche, Mach, Richard Avenarius, Vaihinger, Schopenhauer, Hobbes, Helvetius, Rousseau, L. Maupas, Thiers, Schelling, Carus, Fichte, Husserl, Leibniz, Buffon, Lucrécio, Mach, Mounier, La Bruyère, Kretschmer, Claparède, Renan.

Na introdução da obra, Kehl apresenta uma premissa já destacada nas outras obras, isto é, que a filosofia consiste no exercício de filosofar, que a filosofia deveria se afastar do “verbalismo” para se aproximar do campo das “experiências” e que nem todo ato de pensar consiste em um pensamento filosófico.

O fato de um pensador abordar problemas de filosofia, de um cientista, filosoficamente, entrar no terreno da própria especialização, como no da história ou das artes, não basta para que sejam incluídos no rol dos privilegiados, no círculo limitado dos «heróis do pensamento» ou simplesmente, dos «amigos da sabedoria».
(KEHL, 1955, s/n)

⁴⁴ Tal como nas outras obras analisadas anteriormente, assinalamos que optamos por manter a grafia, a ortografia e as abreviações dos pensadores conforme constam na obra em seu formato original.

Outro ponto que nos permite entender a proposta da obra, e que também esteve presente em outras obras, são os apontamentos acerca da filosofia e seu alinhamento às questões da época.

Neste sentido, filosofar constitui uma empresa edificante de pressentir horizontes cada vez mais límpidos e largos, com a finalidade de uma íntima reconciliação de idéias, de um reajustamento de empenhos, tanto quanto possível dentro das imposições culturais da época. (KEHL, 1955, s/n)

3.4.1 Análise da obra

Nesta seção adotaremos o mesmo percurso, isto é, após a apresentação da estrutura da obra, realizaremos a análise da produção tendo em vista os aspectos gerais, aspectos referentes à psicologia e aspectos eugênicos. Cabe assinalar também que nossa análise será pautada naquilo que é apontado por Kehl; isto significa que não faremos uma discussão do modo como Kehl sistematiza seus princípios filosóficos, tampouco do modo como ele se apropria das ideias de certos pensadores para sustentar sua linha de raciocínio.

3.4.2 Aspectos gerais

No início da obra, Kehl faz alguns apontamentos sobre o momento da produção da obra, o que chama atenção, haja vista que em outras obras o autor também menciona uma suposta “crise” vivenciada pela humanidade. Em nosso entendimento, é com base nessa crise que Kehl desenvolve suas premissas e defende a necessidade de transformação de algumas questões: “[...] apresento, a seguir, as questões que me ocorreram, muitas delas esquecidas ou ainda mal vislumbradas, pôsto, que dignas de aprêço, especialmente na fase conturbada e de intensa crise espiritual em que vivemos.” (KEHL, 1955, s/n). Assim, é nesse contexto de crítica que Renato Kehl conceitua e demarca a importância de uma visão bio-perspectivista de mundo.

[...] o bio-perspectivismo, **termo com o qual pretendo qualificar a atitude analítico-crítica com relação ao mundo físico, às idéias e às representações**, atitude que expressa a vontade de sentir e de interpretar a vida, de compreender a razão das coisas e de factos, tendo por princípio determinado momento de sua evolução.

A atitude bio-perspectivista pressupõe, por conseguinte, a análise através do prisma do indivíduo, meio e tempo, com a finalidade especulativa da probabilidade, a finalidade crítica da possibilidade, a finalidade filosófica e bio-social de um meliorismo incessante. (KEHL, 1955, s/n, grifo nosso)

Ainda sobre a crise histórica e a importância do bio-perspectivismo, Kehl (1955) destaca:

Nunca estivemos tão perto do eruditismo especializado e tão distante da verdadeira cultura humanística; nunca deparamos com tantos especialistas e com tão poucos espíritos relacionados com os grandes problemas da filosofia!

Dentro da doutrina bio-perspectivista, cumpre aos que se entregam à tarefa de pensar, examinar as fontes do próprio saber e tornar-se, não apenas amantes da sabedoria, porém como disse um pensador esclarecido, «ser um vivente pela sabedoria». (p.24)

Os trechos supracitados nos permitem perceber o modo como o autor apresenta o bio-perspectivismo/ a maneira como ele o descreve pode levar à suposição de que tal termo teria sido por ele elaborado. Ainda assim, reconhecemos que Kehl assinala que a ideia de perspectivismo remonta a elementos da filosofia propostos por outros autores, ponto este que foi discutido em nossa análise na obra *Através da Filosofia* (1946).

O perspectivismo não é uma concepção nova, porém modernizada; admite a existência de uma avaliação diferente ou «perspectivista» dos fatos.

Cada indivíduo tem parte na verdade. Segundo Gasset: «De toda posição se vê a verdade; errônea é a perspectiva que se considera a única certa».

Partindo desta concepção, remonto às premissas: toda a posição dá lugar a que se alcance a verdade, subordinada às próprias razões bio-perspectivistas. (KEHL, 1955, p. 18)

A passagem do perspectivismo para o desenvolvimento do bio-perspectivismo, pode ser notada no trecho abaixo.

Estabelecida a fronteira, aliás, contingente e de transição, entre o perspectivismo e o bio-perspectivismo, direi, em complemento, que dentro desta norma deixa de existir lugar para as ideologias rígidas, que dão margem a profissões de fé e a credos irredutíveis, em torno dos quais se fazem valer princípios e preceitos com o caráter imperativo. (KEHL, 1955, pp. 18-19)

Kehl busca fundamentar e justificar o bio-perspectivismo a partir do pensamento de Heráclito, como se vê abaixo:

Seis séculos antes da era atual, Heráclito proclamou a fluência da realidade em sentido análogo ao do conceito bio-perspectivista. Dizia que as coisas tidas diante dos olhos jamais se revelam como no momento anterior e jamais poderão apresentar-se idênticas em qualquer situação posterior, porque sob a influência de múltiplas causas, mudam constantemente de natureza e de aspecto. Não existindo «um sêr estático das coisas», mas um «sêr dinâmico», conclui: «as coisas não são senão o que se tornam» ou, em outros termos, «nenhuma coisa pode ser o sêr em si». (KEHL, 1955, p. 14)

Além do filósofo Heráclito, Kehl também estabelece relação entre seu pensamento e as premissas de Sócrates e Demócrito.

Admitida a ideia de que a originalidade é mais uma forma de expressão do que essência, o bio-perspectivismo em suas premissas encontra raízes nas concepções pré-socráticas em especial nas de Demócrito, de acentuada influência no desenvolvimento de tudo quanto se concebeu no tocante à «ciência dos fenômenos» aos segredos da natureza, à teoria da necessidade e à marcha evolutiva do mundo.

Examinados os pontos de contacto, também Sócrates nos oferece, tangencialmente, sugestões bio-perspectivistas, a salientar o alvitre de partir do homem, para explicar o que o rodeia ao invés de partir da natureza para explicar o homem. (KEHL, 1955, p. 15)

A filosofia de Epicuro também estaria na “vanguarda bio-perspectivista”, segundo Kehl, por ser uma filosofia que leva em consideração a experiência sensível como primeira fonte de conhecimento. Em nosso entendimento, Kehl parece assimilar como bio-perspectivismo aquilo que se encontra no âmbito das transformações dos fenômenos; por esta razão encontra semelhança e proximidade com diversos filósofos.

O modo como a filosofia deveria analisar questões da época esteve presente na obra *Através da filosofia* (1946) e novamente se faz presente nesta obra. É importante assinalar que tal como na obra supracitada, o autor segue defendendo uma filosofia articulada à biologia e às experiências, afastando assim da metafísica.

Filosofemos, tendo em conta um novo Organon, ou seja, uma nova lógica: a lógica racional, bio-perspectivista, com fórmulas consagradoras da realidade biológica.

Deixemos a filosofia verbalística e ôca, a metafísica transcendente das causas originais, finais e dos «absurdos lógicos», para filosofar em torno de hipóteses legítimas, que visam esclarecer ou resolver problemas ainda fora da experiência. (KEHL, 1955, p. 13)

É possível notar uma crítica à abstração e certa valorização do bio-perspectivismo.

A abstração muitas vezes reflete a incontinência retórica ou metafórica. Tal não sucede com a abstração levada a efeito com o intuito de separar e de simplificar por processo mnemônico de análise e de crítica, sobretudo com a abstração bio-perspectivista, que circunscreve e delimita as partes de um conjunto para depois integrá-las, filosoficamente, em dada situação, circunstância e momento. (KEHL, 1955, pp. 28-29)

Kehl dá indícios de ser mais inclinado às tendências filosóficas mais próximas de um certo realismo, como os pensamentos de Demócrito e Epicuro; de uma concepção mais dinâmica que estática, como a de Heráclito, assim como de uma proximidade com o pensamento moderno, seja valorizando a experiência, seja aderindo ao método cartesiano, o que aponta para uma postura mais eclética que rigorosa teoricamente. Em uma passagem do texto é possível perceber a defesa de um conhecimento baseado na experiência, bem como recupera o pensamento de um determinado autor para explicar que sua base é de ordem individual e biológica, dimensão esta recorrente e que ocupa lugar central em sua obra

Para Vaihinger, o conhecimento deriva da necessidade, do esforço de adaptação e, portanto, da utilidade biológica. A mola propulsora que faz o homem pôr em exercício os sentidos, a razão e a intuição, para adquirir novos conhecimentos e ampliar os que possui, decorre, pois, da necessidade.

A observação e a experiência levam-nos ao conhecimento; só a panoramização filosófica nos conduz ao «sentido vivente» das unidades, dos conjuntos e ao critério dos conceitos gerais. (KEHL, 1955, p. 84)

É possível notar que o compromisso da filosofia, segundo sua visão, é explicitado na obra; além disso, o autor também recupera elementos que foram apontados em outra publicação de sua autoria.

Como asseverei em «Através da Filosofia», «a filosofia considerada bio-perspectivamente, isto é, da perspectiva da vida, não poderá deixar de apresentar um objetivo determinado, qual o de esmiuçar no labirinto das ideias e das doutrinas que se entrecrocaram, as que transitariamente melhor se aplicam em benefício dos usufrutuários deste insignificante planeta». (KEHL, 1955, p. 17)

Desta forma, a filosofia estaria comprometida com a investigação e a compreensão de coisas “inexploradas ou inexploráveis”, a “panoramização especulativa”, ao passo que a ciência se detém ao campo daquilo que foi desvendado pela filosofia, a “estratificação particular do real”. Nessa perspectiva, Kehl posiciona o bio-perspectivismo.

Tende agora ao bio-perspectivismo, em cujos domínios a «verdade» não é sensível (sensualismo), não é simples ideal (idealismo), não é quimera (cepticismo), porque ela varia segundo os fatores e as «antenas» que a denunciam no tempo e no espaço, em fluência de estados e de órgãos perceptíveis. (KEHL, 1955, p. 22)

Uma visão de homem pautada nos aspectos biológicos pode ser apreendida na obra; além do aspecto biológico, uma perspectiva individualizante e burguesa também pode ser notada, pois Kehl defende que o Homem é naturalmente egoísta e que uma postura coletiva fugiria daquilo que naturalmente corresponde à espécie.

O homem ama a si próprio, até no objeto do seu amor. Não se incrimine por tal motivo, **o egoísmo porque ele é, biologicamente, pertinente a todos os seres vivos.**

De qualquer modo, só se pode admitir o altruísmo como uma forma quintessenciada de egoísmo ou como uma forma sublimada de vinculação de interesses. (KEHL, 1955, p. 36, grifo nosso)

É importante destacar que, pelo menos em última instância, a ideia de indivíduo, assim naturalizada, está alinhada à ideologia neoliberal, própria do modo de produção capitalista. Ao afirmar que as características humanas são inatas e hereditárias, negam-se ou se secundarizam as determinações históricas, culturais e sociais que constituem o sujeito; com isso, a ideia de indivíduo reduzido à dimensão biológica inviabiliza a percepção das articulações da existência humana à uma organização social historicamente construída e que é, por sua vez, contraditória e passível de transformação. Em última instância, pensar o ser humano exclusivamente pela ótica biológica, pavimenta um caminho de conhecimento do sujeito pela perspectiva de aceitação daquilo que se é, sem alternativa para se pensar aquilo que se poderia ser.

A perspectiva individual e biológica de sujeito faz com que Kehl atribua à ordem do sujeito questões que se relacionam com a formação social da qual ele é parte, isto é, do modo de produção capitalista. Assim ele se refere à miséria e à necessidade da caridade.

A caridade indiscriminada redundaria no desperdício das boas intenções e concorria para resultados «à reboues» ou contra-seletivos, visto **desenvolver o «vício da miséria»**.

Os atos de beneficência devem, pois, visar não só os necessitados, mas sobretudo as causas que determinam a multiplicação **daqueles que, por incapacidade**, necessitam recorrer à filantropia individual e social. (KEHL, 1955, p. 55, grifo nosso)

O trecho em questão nos permite observar a leitura individualizante e que caracteriza a miséria como um fenômeno da ordem da dependência, da adicção ou da incapacidade própria do indivíduo e que a ele se reduz. Destaca-se que a “busca das causas” da miséria centra-se no sujeito e não nas condições a que ele está submetido; Kehl chega a se referir ao “capitalismo” como uma condição a que não se deve atribuir a causalidade da miséria. Salvaguardando as devidas diferenças entre as obras, recorreremos a um trecho da obra *Psicologia da Personalidade*, na qual Kehl atribuiu as desigualdades sociais a uma ordem biológica e individual.

O problema, pois, da subsistência, não está ligado estritamente à questão social da melhor distribuição dos bens econômicos, mas à melhor distribuição dos bens genéticos, dos bens físicos, psíquicos e intelectuais. A situação que cada um de nós desfruta na sociedade não decorre da fortuna recebida de nossos pais, porém da nossa capacidade de conservá-la. Constitui erro atribuir todas as desgraças e injustiças sociais ao sistema denominado capitalista ou outro qualquer. Não se nega a existência de exemplos de injustiças, porém esses como exceção, e não como regra. Na distribuição de favores de que gozam alguns elementos deve-se ter em conta, sobretudo, as condições, biossociais favorecedoras e não apenas as condições econômicas que facultam a vitória dos mesmos. (KEHL, 1957, p. 162)⁴⁵

A visão do autor, que pode ser considerada como um reducionismo à dimensão biológica, é justificada pela leitura que Kehl faz da filosofia. Pode-se dizer que a filosofia é chamada para legitimar sua concepção de homem e, em última instância, a sua concepção eugenista de ser humano. O alinhamento entre filosofia e biologia como uma necessidade histórica já foi discutido em outras obras e segue presente na obra em questão, mostrando, de certa maneira, a defesa da submissão da filosofia à biologia; um “biologismo”, como ele próprio afirma.

Em plena fase das concepções e dos fundamentos biológicos, prevalece a razão biológica; quer no domínio dos fatos, quer no domínio das hipóteses, evidencia-se a dialética biológica.

De todos os ramos do conhecimento, nenhum se projeta mais alto do que a biologia que gerou o biologismo. Daí **o verdadeiro filósofo, nos tempos presentes, ser aquele que filosofa com base na biologia**.

⁴⁵ Vale a pena considerar que essas ideias permanecem como ancoragem das representações sociais sobre a pobreza, suas causas e as intervenções sobre ela.

A solução de todos os enigmas do universo e do homem **terão de aqui por diante de girar em torno da ciência da vida, do «biosofismo»⁴⁶ e do «bio-perspectivismo»**. (KEHL, 1955, pp. 44-45, grifo nosso)

A visão de homem e de mundo submetida à dimensão biológica e em especial na hereditariedade faz com que Kehl, tal como nas outras obras analisadas, assinale sua posição sobre o papel da educação no âmbito do desenvolvimento e das transformações humanas:

Consegue-se pela educação e pelo exemplo aprimorar o carácter, **jamais criá-lo ou modificar-lhe a especificidade. Sob o império da continuidade genética** «não varia a limitada capacidade de variação, que cada indivíduo encerra ou traz em si». (KEHL, 1955, p. 49, grifo nosso)

A questão educacional é novamente recuperada mais ao final da obra, quando Kehl discorre sobre a conduta humana. Nessa passagem, especificamente, o autor também assinala o papel secundário do meio e destaca a preponderância da determinação genética.

Os adeptos do educacionismo pretendem que somente a educação e o meio adequados criam condições seguras para a regeneração e a elevação do homem. Os influxos mesológicos e educativos são, indubitavelmente, profícuos, mas **não conseguem modificar as camadas profundas do ser humano.** Beneficia-se a personalidade superficial sem, contudo, influenciar o carácter fundamental. (KEHL, 1955, p. 80, grifo nosso)

Em outras partes da obra Kehl reafirma a premissa genética e inata do homem.

É através de **suas disposições inatas**, do seu modo particular e constante de sêr individual, que o homem denota o carácter nuclear, sobre o qual se formou e se mantém **toda** a sua estrutura corporal e espiritual.

A parte essencial de todo o sêr vivo é, pois, o seu núcleo genético. Daí a noção implícita de que «não importa tanto que orienta o carácter, como quem concorreu para produzir aquele de que nos achamos investidos». (KEHL, 1955, pp. 49-50, grifo nosso)

O próprio autor chega a destacar que certos pontos dessa obra já foram discutidos em outra publicação de sua autoria: “Em «Bio-perspectivas» disse e ora reafirmo: «a dúvida arma a inteligência contra os erros e os preconceitos: é vontade que se afirma»”. (KEHL, 1955, p. 57). Ainda sobre a correlação entre as obras, observamos que a questão referente à dimensão *indivíduo-personalidade*(sic) também está presente para explicar a formação humana.

No fundo abissal da individualidade fixam-se as raízes que dão vida e vigor à personalidade. Dêle emergem os elementos que constituem e enquadram o sêr humano em face do mundo.

‘A formação mental e espiritual processa-se no curso da existência, tendo por denominador comum e fixo o núcleo da indivíduo-personalidade ou carácter genuíno. (KEHL, 1955, p. 59)

⁴⁶ Entendemos biosofismo relativo à biosofia, perspectiva ética sobre a vida, isto é, para além dos aspectos biológicos seria assumir um compromisso individual e social das nossas escolhas e da nossa ação no mundo. (Schäffer e Cassol, 2022).

A análise da dimensão *indivíduo-personalidade*(sic) pautada na hereditariedade é utilizada para caracterizar o filósofo como sujeito; por exemplo, conforme podemos observar a seguir.

Por força da constituição (expressão estática e sintética da indivíduo-personalidade) os filósofos são de natureza temperamental retraída; preferem a vida orientada no sentido do próprio *eu* e fogem de tudo quanto denote movimento ou pedantaria mundana; reduzem, por conseguinte, as relações sociais ao mínimo, para poderem gozar de uma existência interiorizada tanto quando possível desvinculada de complicações ou de simples obrigações exteriores. Alguns vão além e demonstram, para usar a expressão horaciana, « odi profanum vulgus...». (KEHL, 1955, p. 86).

Questões biológicas para explicar o homem serviram de base para análise até mesmo da figura do filósofo Sócrates; para isto, Kehl recupera os estudos de Kretschmer, o que de certa forma sugere que a preocupação filosófica de Kehl se deve à influência desse autor, assim como a leitura e a incorporação que ele faz da filosofia.

Dentre os vinte e sete filósofos clássicos, estudados e analisados por Kretschmer, nenhum evidenciou quaisquer elementos denunciadores do temperamento ciclóide. O próprio Sócrates, aqui incluído por nossa conta, era um displásico constitucional, mas, temperamentalmente, um esquizotímico compensado. Do tipo longilíneo, com as respectivas expressões psico-mentais dos esquizóides foram exemplos notórios Descartes, Locke, Spinoza, Bohme, Kant, Jacobi, Schiller, Hegel, Humboldt, Fichte, Nietzsche e tantos outros. (KEHL, 1955, p. 86)

O excerto em questão nos lembra uma passagem e uma análise feita por Kehl na obra *Tipos Vulgares* (1927), especificamente a parte em que o autor discute sobre tipos “gordos” e “magros”. O trecho foi destacado em um estudo realizado por nós em outro momento (FAGGION, 2018) e optamos por recuperá-lo a fim de destacar não só o caráter hereditário no pensamento de Kehl, assim como a ênfase nas biotipologias, como indicar a semelhança entre as obras.

Existem, naturalmente, variantes a despeito da correlação entre a estrutura do corpo e o temperamento, estabelecida por intermédio da *via* endócrina e vegetativa, de acôrdo com o que dissemos anteriormente. Há gordos, por exceção que apresentam caracteres de legítimos esquizóides.

Lutero, por exemplo, era gordo com traços acentuados de temperamento peculiar aos magros; Heine era magro, apresentando traços ciclotímicos, do mesmo modo que Frederico, o Grande. (KEHL, 1927b, pp. 33-34)

3.4.3 Aspectos relacionados à psicologia

Em uma determinada parte da obra Kehl se refere à postura dos pensadores na interpretação dos fenômenos; percebe-se, então, que o autor considera a psicologia um campo de estudos específicos.

Entre êstes e aquêles pensadores sobressaem alguns que admitem as hipóteses legítimas e dominantes na época e que preferem a análise crítica do conhecimento, tendo sempre em vista a relação entre sujeito e a realidade objetiva, os problemas da vida (biologia) e os problemas do espírito (psicologia).

Os que assim se dispõem visam de modo bio-perspectivista os temas em perene equação, dentre os quais se destacam: o que é a vida, qual a sua finalidade e... como viver. (KEHL, 1955, p. 21)

Em outra parte, Kehl chama a atenção para a investigação de questões “abstratas” e “concretas”, o que auxilia a compreender a problemática que Kehl acredita ter invadido o âmbito da filosofia e a importância da investigação por meio da experiência.

A tudo que se apresenta fora da percepção dá-se a denominação de abstrato, de vago ou de impreciso. Tendo em conta os antônimos, abstrato e concreto, capitula-se êste como sendo o que tácitamente se comprova ou é julgado tal, e aquêlo como o que só existe ou julgamos existir em idéia... A abusiva expansão verificada com o uso destas palavras, deu em resultado a queda no indefinível e no enigmático. (KEHL, 1955, p. 27)

A partir dessa premissa, Kehl discorre sobre a investigação das relações psíquicas. Ainda que não seja explicitamente sobre a ciência psicológica, os escritos de Kehl permitem pensar como se organiza o campo de estudos, no caso da psicologia, a partir da experiência.

No complexo âmbito das relações psíquicas, **procura-se limitar os objetivos investigadores ao que mais de perto interessa**, disposição, aliás, natural de circunscrever e de simplificar as operações imateriais, ou sejam, as abstrações, **sempre com finalidades imediatas**, relegadas as difusas e as distantes. (KEHL, 1955, p. 27, grifo nosso)

Observamos que o determinismo biológico é apresentado como forma de responsabilização dos sujeitos por suas ações e por esta perspectiva é possível compreender, ainda que indiretamente, o papel da psicologia.

Não obstante o determinismo biológico, impõe-se-nos esta responsabilidade pelas nossas ações, porque somos nós mesmos os seus autores e a nós cabe arcar com as conseqüências.

Somos responsáveis, convém assinalar, pelo nosso próprio *carácter*, **quando suficientemente esclarecidos sobre os valores morais**.

Já que não existe liberdade para as ações individuais visto resultarem de um encadeamento inevitável de circunstâncias, a responsabilidade do autor, só pode ser *moral* no tocante às conseqüências, **e tanto maior, quanto mais fôr a sua capacidade de entendimento**. (KEHL, 1955, p. 46, grifo nosso)

Kehl aponta como necessário e relevante que cada indivíduo tenha conhecimento de si, de seu próprio carácter. Em nosso entender, essa premissa está presente no pensamento do autor, tendo em vista que obras como *Psicologia da Personalidade*, *A interpretação do homem e Tipos Vulgares* tinham como intuito oferecer conhecimento acerca das características humanas. Neste sentido, Kehl parece fazer a defesa de que se conheça os Homens para que assim seja possível pensar em alternativas condizentes com aquilo que se apreende da diversidade humana; nessa

sessa de necessidade de compreensão do homem e de suas características, ganhariam importância e evidência as áreas que assumem tal compromisso. É sabido que, historicamente, a psicologia científica ganhou espaço como ciência autônoma, na medida em que se organizou como área específica para estudo das características individuais. Neste sentido, é possível compreender a leitura que Kehl faz dos conhecimentos da psicologia e como vai atribuindo a esta ciência uma função social.

Assim, sob o imperativo de conhecimento do sujeito, Kehl sedimenta sua premissa de que o homem é fruto das características herdadas geneticamente; para isto, recupera premissas que foram apresentadas na obra *A interpretação do Homem* (1951) como, por exemplo, ao afirmar que o caráter está relacionado ao comportamento individualista e “condiciona a maneira de pensar e agir” (p. 48) do sujeito, ao passo que o temperamento está ligado a uma estrutura e “à formula químico-humoral”, condicionando a maneira de sentir de cada indivíduo.

Estas conceituações elementares e básicas são essenciais para a compreensão bio-perspectivista de todas as funções da vida de relação, por conseguinte, de toda a atitude do homem *vis-à-vis* à própria pessoa e aos semelhantes, bem assim, ao meio em que vive. (KEHL, 1955, pp. 48-49)

Cabe destacar que, no que se refere ao comportamento humano, Kehl explica que três fatores são fundamentais para compreendê-lo.

Três fatores interdependentes que atuam de modo particular e subordinam a atitude humana: a) as tendências inatas, jungidas à continuidade genética ou hereditariedade; b) a adaptação forçada ao ambiente ou mesologismo; c) os influxos circunstanciais da própria vivência, subordinados ao lugar e ao tempo, que nem sempre atendem à vontade instintiva de viver e ao desígnio de auto-preservação. (KEHL, 1955, p. 79)

Ao longo da obra é possível notar que o autor destaca a importância de nos preocuparmos com a sociedade, com as medidas que são nelas implementadas e com as características dos indivíduos.

A base de toda política deve assentar-se sobre as leis biológicas e orientar-se no sentido da valorização do patrimônio genético individual para a revalorização da sociedade.

Há caracteres de diversas naturezas, variáveis como as fisionomias e as atitudes psicológicas. Do conjunto destes caracteres deriva o caráter psico-moral e social de uma coletividade. (KEHL, 1955, pp. 50-51)

Em nosso entendimento, nesta obra os conhecimentos de psicologia integram de forma indireta o pensamento do autor, é dizer, Kehl não explicita que psicologia deve estar a serviço do aperfeiçoamento da raça, contudo, seus escritos indicam que existe a possibilidade de conhecer e avaliar as características dos sujeitos. Tendo em vista que nossa análise se pauta nas condições objetivas de um determinado momento histórico, entendemos que os apontamentos

do autor são orientados por uma necessidade histórica e concreta que o possibilitava pensar na utilidade da psicologia; além disso, os apontamentos de Kehl indicam a existência de um campo de conhecimento apto para tal função.

A utilização de conceitos da psicologia também são indicativos dos estudos do autor nessa área: “Todos obedecem às tendências inatas correlacionadas com a vivência: a emotividade, a atividade, a curiosidade, o desejo de atender aos imperativos sub-conscientes e conscientes da personalidade.” (KEHL, 1955, p. 59). No que tange aos conceitos de inconsciente e consciente, Kehl apresenta uma inclinação à Psicanálise, além de assinalar, tal qual na obra anteriormente analisada, a diferença entre carácter genuíno e moral.

Não se confunda carácter moral com carácter genuíno, êste último centro de irradiação das tendências temperamentais e dos processos psico-emocionais, de tudo, enfim que denuncia o homem na plenitude do seu Id (das Es), núcleo do inconsciente hereditário e se das impulsões primitivas. (KEHL, 1955, p. 66)

Ainda sobre os conhecimentos da psicologia científica integrarem e darem fundamento às premissas de Kehl, recuperamos uma passagem do texto em que o autor discorre sobre as características do filósofo e sobre a necessidade de investigarmos primeiramente o indivíduo.

Antes, pois, da idéia, estudemos o homem; **antes da doutrina, analisemos a constituição e o temperamento do filósofo**. Só assim compreenderemos as singularidades psico-afetivas, as inclinações ideativas, as emoções inibidas e as reações reveladas através do pensamento e da ação.

A filosofia não poderá, pois, ser compreendida, se os estudiosos não colocarem o homem antes da idéia, o homem antes da sua atitude e, por fim, o homem antes da sua doutrina por êle defendida. (KEHL, 1955, pp. 59-60, grifo nosso).

Acreditamos que o autor assinala a necessidade de conhecimento das características do indivíduo para compreender sua filosofia, o que mostra um certo psicologismo. Nossa análise sobre a concepção do autor pode ser mais bem fundamentada na seguinte passagem.

Admitido êste critério, a psico-crítica e a caracterologia de qualquer filósofo deve preceder o estudo da sua « filosofia». Explicar-se-ão, dêsse modo, as suas singularidades, contradições doutrinárias e a atitude filosófica vis-à-vis dos grandes problemas. (KEHL, 1955, p. 60)

Em outro momento, reforça novamente essa perspectiva: “Aquilo que dizem ou escrevem evidencia a sua mentalidade e, através desta, o temperamento, a traduzir a natureza constitucional do respectivo carácter de base ou carácter genuíno.” (KEHL, 1955, p. 84).

Em três passagens da obra, Kehl parece assinalar de forma mais específica a função social da psicologia segundo sua perspectiva. Primeiro, ao marcar a psicologia como uma área de estudos do inconsciente e do consciente.

Foi a partir da concepção, «natureza como inteligência inconsciente», de Schelling⁴⁷ e da concepção de Carus, segundo o qual «a chave para conhecer a essência da vida psíquica consciente está na região do «inconsciente», concepções que se entrosam e se completam, **que a psicologia entrou na nova fase para a revelação do homem» e abriu os atuais rumos da moderna caracterologia.** (KEHL, 1955, p. 65)

Segundo, Kehl atribui à psicologia a tarefa de ciência que estuda o homem, indicando seu histórico processo de consolidação como ciência e autonomização em relação à filosofia.

Da filosofia de outrora partiu o fio da meada para o conhecimento do inconsciente; dela parte agora o fio da nova meada para **o desenvolvimento da ciência que enseja o conhecimento do homem, dentro de concepções modernas que concorrem para a nova fase da caracterologia, que de filosófica se desdobra, passo a passo, em científica.** (KEHL, 1955, p. 65, grifo nosso)

Após demarcar a o papel da psicologia, Kehl dedica algumas páginas do livro à discussão do conceito de consciência e as formas de investigá-la.

A consciência reflete, sem dúvida, o eco profundo e unitário da pessoa humana. É o arco de ligação entre o psiquismo e o meio, enquanto a sub-consciência confina com o centro regulador dos instintos.

Existe uma consciência primária, atributo natural, base das consciências secundárias, formadas no curso da existência, isto é, a analítica e a crítica, que culminam na consciência filosófica, só alcançada no curso evolutivo da cultura e rematada no <<saber filosófico das idéias>>. (KEHL, 1955, pp. 70-71)

Além disso, destaca também o caráter biológico da consciência e da personalidade humana.

Se a consciência, propriamente dita, (Bewusstsein), reflete uma atividade de síntese; se o todo prevalece sobre os elementos; se é nesse todo que se erige o caráter primário, nuclear e dominante – é mister focalizá-lo para desvendar e interpretar as manifestações da consciência moral de qualquer personalidade. (KEHL, 1955, p. 70)

Um ponto que nos chamou atenção e que está relacionado não só à psicologia, mas à perspectiva biológica de análise do autor, é que em um determinado momento, Kehl chega a assinalar que a incompreensão de um sistema filosófico deve ser vista pela ótica biológica do sujeito que a desenvolveu e não pelas hipóteses que integram tal sistema.

Do ângulo bio-perspectivista, quando não se compreende grande coisa do que dizem ou escrevem certos filósofos ou certos filosofantes, o mais acertado é proceder como Claparède: estudar-lhes a psicologia, ou melhor, a caracterologia. Dêsse modo se evita perder tempo e, o que é pior, apaixonar-se pelo mistifório propalado, com a renúncia da faculdade de pensar com a própria cabeça. Assim, já preconizava Zaratustra! (KEHL, 1955, p. 88)

3.4.4 Aspectos eugênicos

⁴⁷ Acreditamos que Kehl faz referência a Friedrich Wilhelm Joseph Schelling, filósofo alemão e a Carl Gustav Carus pensador alemão no período do Romantismo.

Dentre todas as obras analisadas, acreditamos ser esta a obra de maior complexidade acerca dos aspectos eugênicos; dito de outra maneira, Kehl indica uma perspectiva eugênica de forma articulada e sem referenciar de forma direta a eugenia; tal complexidade exigiu de nós uma leitura atenta e integrada a outros postulados do autor em outras obras; neste caso, a aproximação com a obra *Através da Filosofia* (1946) nos auxiliou no entendimento da perspectiva eugênica “sutil e discreta” por parte de Kehl. Na obra de 1946 o autor explicita alguns pontos eugênicos. Cabe assinalar que nesta obra de 1955 o termo eugenia não foi mencionado, fato este que nos chamou a atenção. A fim de demonstrar o modo como Kehl assinala seus pressupostos eugênicos sem os afirmar explicitamente, recorreremos a alguns trechos da obra em que isso pode ser apreendido. No excerto em questão, Kehl discute filosoficamente a causa e o acaso e, com isso, afirma:

Mais acertado seria dizer *caso*, do latim *casus*, que significa ação de cair, o que sucede fortuitamente; sorte que se aproxima de acaso, resulta de uma série ou encadeamento de fatos favoráveis de origem desconhecida; enquanto destino é o conjunto de acontecimentos que arrastam o homem, inevitavelmente, para um fim predeterminado por sua própria natureza.

Tudo o que acontece é, pois, natural...inclusive o acaso. (KEHL, 1955, p. 30, grifo nosso)

A partir da premissa de que tudo é natural, Kehl segue por uma linha de raciocínio em que diversos “acazos” repousam sobre a existência humana e que, portanto, seria inviável lutar contra aquilo a que já estava predestinado. Pela perspectiva determinista, Kehl assinala uma visão biológica de homem e encontra um caminho afirmativo sobre determinismo biológico e psíquico.

Daí o acaso e o destino, admitidos pelos que aceitam a **seqüência lógica de um determinismo bio-psíquico**, serem incompatíveis com o livre arbítrio.

Pouco importam os caminhos. A trajetória pode variar, mas **a partida e a chegada devem ajustar-se perfeitamente**, não segundo o fatalismo dos maometanos, mas segundo **o imperativo bio-genético que regula todas as nossas ações** (KEHL, 1955, pp. 30-31, grifo nosso)

O determinismo biológico que sustenta a visão de homem defendida por Kehl é a base das ideias eugênicas, haja vista que a eugenia não seria possível se o homem não fosse pensado a partir de uma perspectiva biológica e hereditária. A partir disso, o autor tece considerações sobre a necessidade de pensarmos e intervirmos no acaso ao invés de compreendê-lo como algo impossível de prever. Especificamente neste ponto, é possível apreender as categorias de dimensão de futuro e de perspectiva coletiva.

Está implícito que o encadeamento de efeitos, cujas causas ignoramos, requer um fator determinante **que favoreça no tempo e em dadas circunstâncias a eclosão do**

«acaso». É preciso convir que o «acaso» não terá lugar se nada ocorrer em seu favor. O «acaso» requer, pois, coincidências que o determinem.

Não se poderá deixar de reconhecer que **os «acazos» precisam ser favorecidos ou propiciados**, que são modalidades do determinismo. Não significam, em suma, indeterminação, mas determinação por influência de fatores que escapam à análise. (KEHL, 1955, p. 32, grifo nosso)

No item acerca dos aspectos gerais da obra apontamos a leitura de Kehl sobre a crise atravessada pela humanidade; tal crise requer atenção e necessidade de intervenção para sua transformação. Recuperamos novamente essa premissa do autor na parte referente à eugenia, pois acreditamos que tal prerrogativa abre espaço para as elocubrações e possibilidades eugênicas do autor; em outras palavras, ao assinalar a existência de um momento histórico crítico, Kehl abre espaço para o debate sobre medidas que precisam ser implantadas e de ideias que precisam ser desenvolvidas; assim, nessa seara, seria possível posicionar e justificar e necessidade da eugenia.

A nossa «civilização» encontra-se em transe. Ainda não nos é dado determinar se atravessa uma crise de crescimento ou se já iniciou a sua fase de decadência.

‘Os erros se repetem porque o progresso, a cultura social e a «civilização», em suma, só têm sido visados do ponto de vista da história, da economia e da sociologia, à margem da biologia ou da ciência da vida. (KEHL 1955, p. 62).

É interessante observar que além de identificar uma suposta crise na humanidade, Kehl apresenta uma alternativa, em nosso entender eugênica, para aquele momento histórico.

Se a cultura condiz com a ascensão do gênero humano no domínio do conhecimento, na superação mental, espiritual e social, a civilização, bio-perspectivamente, só poderá ser o resultado da vontade consciente do homem, vontade consubstanciada num esforço contínuo pela sua elevação espiritual e pela compreensão de sua responsabilidade procriadora perante a espécie, a fim de que a geração de uma época seja de nível superior à geração da época que a antecedeu. (KEHL, 1955, p. 63).

O ponto referente à crise da humanidade como uma forma de articulá-la à eugenia pode ser mais bem observado em seu comentário sobre a finalidade da filosofia: “Filosofemos, não com sentido quimérico de devassar mundos inabordáveis, mas com o intuito positivo de participar da obra criadora que visa **modificar, melhorar e regenerar o homem.**” (KEHL, 1955, p. 13, grifo nosso).

Em outro momento, e ainda orientado pela ideia de que é preciso analisar a sociedade e pensar o que ocorre com ela, Kehl assinala uma perspectiva eugênica de forma complexa e sutil se comparado ao modo como o autor expressa sua defesa pela eugenia em suas publicações antes de 1945, isto é, uma defesa aberta e explícita pelo melhoramento da “raça”.

Constituindo o homem o único sustentáculo natural da sociedade, **todos os esforços de regeneração social devem visar em primeiro lugar, a multiplicação de indivíduos dotados de qualidades físicas, psíquicas e morais.**

Nenhum dever, pois, se superpõe ao de zelar pela hereditariedade, fôrça que domina o mundo e determina os característicos irrevogavelmente presos à conservação da indivíduo-personalidade através das gerações. (KEHL, 1955, p. 50, grifo nosso)

No trecho em questão é possível notar, de forma conjunta, todas as categorias de análise para a eugenia, isto é, de identificação, de classificação, de hierarquização, de dimensão de futuro e perspectiva coletiva. Kehl assinala a importância de uma transformação social que não está pautada na ordem individual apenas, mas em ordem coletiva e a longo prazo; mas, para que seja possível obter êxitos coletivos no futuro, medidas no âmbito individual podem ser pensadas; nesse caso observamos a presença da categoria de identificação das características humanas para que estas sejam classificadas e qualificadas, colocadas em uma hierarquia de modo a direcionar aqueles que são disgênicos e eugênicos.

As categorias de hierarquização e classificação podem ser novamente observadas no trecho a seguir, que inclusive foi utilizado para analisar aspectos relacionados à psicologia também.

Como já afirmei, **«os capazes devem participar mais fortemente do que os incapazes na produção das gerações futuras»**.

Contudo... a sociedade descuida-se de amparar e de estimular os **indivíduos sadios e aptos**, aos quais falta, muitas vezes, um modesto apoio para progredirem e se tornarem elementos benéficos para a coletividade. Desvelar-se exclusivamente, em favor **dos medíocres, dos débeis e dos degenerados**, é concorrer para a mediocrinização do gênero humano. (KEHL, 1955, p. 51, grifo nosso)

Um ponto de suma importância a ser destacado tendo em vista os dois trechos supracitados é que a proposta de multiplicação de indivíduos considerados eugênicos e a diminuição gradual dos disgênicos somada à perspectiva de um melhoramento físico, psíquico e moral figuram como a base da eugenia; em outras palavras, a busca do melhoramento racial de um povo passa, inevitavelmente, pela formação de uma consciência eugênica; para isto, é preciso investir na reprodução de determinados indivíduos e cuidar da qualidade dos seus aspectos físicos, psíquicos e morais.

Em outro momento, as categorias de identificação e classificação foram novamente identificadas. Ao se referir a seres humanos, faz-se presente a categoria de identificação, isto é, de aspectos existenciais que são identificados nos homens e não em outros grupos. Também foi possível localizar a categoria classificação quando Kehl assinala que nem todos os sujeitos estariam aptos ao ato de filosofar:

Em graus diversos, poder-se-ia dizer que quase toda a gente filosofa. Na verdadeira acepção, porém, só é filósofo aquele que, filosofando, mantém-se acima das concepções presentes e se projeta através da própria época por meio de criações e de antecipações idealísticas. (KEHL, 1955, s/n)

A ideia de diferenciação entre os homens pôde novamente ser localizada em outra parte da obra.

A filosofia não constitui um território só acessível a um núcleo de privilegiados. Está ao alcance **de todo espírito lúcido e culto**, capaz de estabelecer «hipóteses de trabalho», de formular proposições claras, concisas e precisas.

Todo homem de inclinação e de hábito intelectual, dotado de espírito percuciente está apto a filosofar, desde que se afaste das sugestões escravizadoras e consiga adotar um alvo conceituoso, um ponto de partida substancial, uma lógica sensata e, tanto quanto possível, autárquica. (KEHL, 1955, pp. 51-52, grifo nosso)

Em nosso entendimento, o alinhamento entre filosofia e biologia, conforme apontamos nos aspectos gerais de nossa análise, carrega consigo uma perspectiva eugênica. Em uma linha lógica de raciocínio, Kehl apresenta uma problemática da sociedade que requer atenção, de maneira que por meio da filosofia seria possível compreender as razões e os fenômenos que assolam determinado momento histórico, mas, para isso seria preciso que houvesse um alinhamento entre filosofia e biologia (bio-perspectivismo), que garantiria uma leitura apropriada de mundo. Ao garantir a articulação entre filosofia e biologia seria possível pensar alternativas (eugênicas) que, por sua vez, orientariam a solução dos problemas da “civilização”. A título de compreensão, observemos o trecho a seguir.

Impossível um progresso real à margem da bio-sociologia. À sua margem, o homem continuará com as suas imperfeições físicas, psíquicas e morais, incapacitado para perceber as razões éticas da própria existência e concorrer para o bem da comunidade. ‘Impõe-se estabelecer, desde já, como equação fundamental, a conexão do interesse individual com o interesse coletivo.

Em última análise, **para atingirmos uma civilização ideal, todos os problemas devem convergir para o problema máximo da espécie, que consiste na paternidade digna e dignificadora**. (KEHL, 1955, p. 64, grifo nosso)

Ao final da obra, Kehl assinala o conhecimento e a postura dos filósofos, voltando a discorrer sobre a civilização e, com isso, nos apresenta uma perspectiva eugênica do que seria civilizar.

Civilizar consiste em criar um estado superior de estilização intelectual e social, atinente às necessidades vitais do povo, cujos componentes aceitam compromissos e obrigações inspirados por um alto senso coletivo. Como se depreende, civilizar não se resume, tão somente, em tirar um povo do estado primitivo, em polir costumes ou em acumular riquezas e conforto.

A cultura com base nas minorias, cria valores, homens para a liberdade; as civilizações que se apóiam nas majorias, criam homens para o rebanho. (KEHL, 1955, p.91)

As categorias “dimensão de futuro” e “perspectiva coletiva” integram o pensamento do autor no trecho destacado. A partir de tais categorias, podemos apreender a defesa da formação de uma consciência eugênica, ou seja, não bastaria apenas aplicar medidas que visassem o estímulo reprodutivo de sujeitos eugênicos e a diminuição dos disgênicos, é preciso pensar na

formação de uma cultura, de uma consciência ampla e coletiva que apregoe e preserve física, moral e psiquicamente as futuras gerações, de modo a tornar a eugenia uma diretriz social. Além dos princípios fundamentais da eugenia é importante destacar que os escritos de Kehl também apontam para a importância da consciência eugênica e que tais escritos dão base para nossa análise.

Entender representa a fase preliminar do conhecimento; consiste na operação de converter as percepções imprecisas no verdadeiro saber.

Se pelo entendimento temos noção de fatos isolados, pelo conhecimento formamos e deduzimos conceitos globais.

O homem instruído, *doctus cum libro*, transforma o que aprendeu no que lhe possa ser útil na vida prática; o erudito acumula e revela conhecimentos hauridos das pesquisas, observações e estudos; o homem culto estiliza os conhecimentos; o sábio por sua vez, é aquele que melhor aplica o que aprendeu, tanto para si como para os semelhantes. (KEHL, 1955, pp. 92-93)

A obra se encerra com uma mensagem sobre a importância e a necessidade de a filosofia alinhar-se à biologia. Em nosso entendimento, tal alinhamento figura como uma proposta eugênica de caráter complexo e bem articulado. Em outras palavras, entendemos que Kehl, ao falar da aproximação entre as duas áreas, coloca a filosofia como campo de conhecimento capaz de analisar os fenômenos do mundo, ao propor que isto seja feito alinhado à biologia. Kehl parece propor que a leitura dos fenômenos não só seja feita pela perspectiva biológica, como também, de certa maneira, demonstra que a biologia lançaria luz à problemática vivenciada pela humanidade; a partir disso, seria possível pensar em alternativas voltadas ao melhoramento da espécie. Vale destacar que nessa linha de raciocínio o autor encaixa o bio-perspectivismo como uma saída adequada e necessária para pensar as questões da época.

A filosofia caminha cada vez mais próxima da biologia. Dia virá em que marcharão de mãos dadas, sem que prepondere o elemento científico da segunda ou se anule a essência metafísica da primeira. Entre ambas, já se disse, não haverá eliminação nem servidão, mas mútua penetração.

Só a filosofia pode concorrer para que o cientista *relacione o que conhece*, dispondo-se num plano de onde seja possível visar, bio-perspectivamente, os conhecimentos em conjunto. (KEHL, 1955, p. 94)

4) CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS OBRAS ANALISADAS E ARTICULAÇÕES COM A PSICOLOGIA NO BRASIL

4.1 As obras de Renato Kehl no cenário pós-45

Apresentamos análises de cada uma das obras em suas respectivas seções tendo em vista os aspectos gerais, os relacionados à psicologia e os aspectos eugênicos. Neste momento do trabalho, faremos considerações gerais a fim de apresentar uma espécie de panorama das quatro obras selecionadas e estabeleceremos articulações entre os materiais e à psicologia.

Advertimos que nossos apontamentos estão fundamentados nos materiais analisados. Entendemos ser possível relacionar as obras com o pensamento do autor de forma geral, portanto, nossa análise caminha nessa direção, ainda assim, nossa advertência tem como objetivo sinalizar para o(a) leitor(a) a existência de outras características e de outra posição teórica por parte do autor nas suas produções após 1945 e que não foram abordados nesta pesquisa por conta dos critérios de seleção previamente adotados, em outras palavras, nossa análise integra o corpo de estudos das obras de Renato Kehl no período Pós-Guerra, como parte de uma gama de estudos, não tem a pretensão de assumir contornos totalizantes. Outra observação importante a ser feita é com relação ao tipo de material trabalhado, isto é, livros publicados. Nossas análises estiveram pautadas em tais materiais, porém, cabe destacar que Renato Kehl foi uma figura renomada no âmbito intelectual brasileiro e realizou publicações de diferentes naturezas: cartas, reportagens, artigos, prefácios, cursos etc. Trata-se de um pensador com uma vasta trajetória, integrado a diversos espaços, com influência e certa maleabilidade em suas posições, neste sentido, podemos pensar que em outros âmbitos ou publicações Kehl pode ter apresentado divergentes considerações sobre determinadas temáticas, considerações estas que podem não integrar os materiais que foram analisados nesta pesquisa. Em nosso entender, acreditamos que suas posturas dificilmente se desviaram de uma visão eugênica de mundo, mas, considerando que no âmbito da investigação científica afirmações absolutas retirariam o movimento e a temporalidade da ciência, optamos por sinalizar a restrição dos apontamentos feitos por nós durante o curso deste trabalho.

A título de curiosidade e como forma de endossar a importância de que determinadas ideias se referem a textos específicos da trajetória de um determinado autor, recuperamos o trabalho de Roitberg (2023) no qual o autor cita uma carta de setembro de 1957 enviada por Renato Kehl a Salvador Toledo Piza Júnior (1898-1988), professor e geneticista brasileiro, também simpatizante ao ideário da eugenia. Na carta em questão, Kehl afirma que sua posição

pouco favorável à metafísica se devia ao seu embasamento no materialismo histórico-dialético, Kehl destaca ainda a importância da aplicação do “método marxista” à história evolutiva.

Como o Sr. sabe, minha tendência é para o materialismo dialético, que tem suas raízes mais primitivas em filósofos, desde Heraclito e que, no mundo moderno, foi desenvolvido por Hegel, ainda no plano idealista, passando por Feuerbach até chegar ao materialismo de Marx e Engels. Por outro lado compreendo que estamos apenas no início de uma nova era do pensamento humano e que o marxismo, com o seu método dialético terá que sofrer constantes modificações, em seus conceitos mais profundos, na tentativa de explicar as modificações das super-estruturas, na base material, econômica, desde as primeiras trocas econômicas do homem mais primitivo. [...] o marxismo desenvolve o estudo dessas primitivas trocas, das mais rudimentares utilidades, esse estudo, deve estar, necessariamente, ligado à biologia, na fonte que toca do desenvolvimento de todo sistema nervoso e do cérebro etc. Dessa forma, a base econômica do marxismo deveria remontar a um passado ainda mais longínquo, no estudo da evolução biológica, na passagem do animal superior ao homem [...] (KEHL, 1957, apud ROITBERG, 2023, pp. 246-247)

Em nosso estudo não foi possível perceber uma inclinação de Renato Kehl ao marxismo, pelo contrário, acreditamos que sua compreensão de Homem se aproxima de uma visão individual e biológica, na contramão dos preceitos marxianos cuja constituição humana é histórica. A recuperação do trecho supracitado nos serve de base para pensar a complexidade e diversidade do pensamento de Kehl e como ele lança mal de diversos aspectos teóricos para encontrar fundamentação em suas teses, fatos este que inviabilizaria assumirmos uma posição generalizante sobre seu pensamento.

A multiplicidade de temas debatidos pelo autor pôde ser observada nas temáticas de seus livros a partir de 1945. Retomando nosso levantamento, localizamos sete produções: *Guia sinóptico de filosofia – notas de estudos* (1945); *Através da Filosofia*, (1946); *A cura do espírito* (1946); *Higiene Rural: conselhos para a preservação da saúde na roça* (1947); *Envelheça Sorrindo - Ensaio de macrobiótica ou arte de prolongar a vida e de geriatria ou “medicina dos velhos”* (1949); *A interpretação do homem* (1951), *Itinerário de vida. Coletânea “preparação para a vida”* (1954) e *Filosofia e Bio-perspectivismo* (1955). Das quatro obras analisadas, duas seguem uma sequência temporal 1945 e 1946, posteriormente os materiais datam de 1951 e 1955. No intervalo entre 46 e 51 Kehl publicou duas obras e entre o intervalo de 51 e 55 publicou uma obra. A partir desses dados, podemos pensar que o autor manteve uma continuidade na sua produção e que os temas de suas publicações variavam e não se concentraram exclusivamente na filosofia, embora este tema tenha sido mais frequente nas produções a partir de 1945.

Os títulos também nos permitiram notar que Renato Kehl se aproximou do campo da filosofia, este ponto se comprovou na medida em que avançamos com a leitura e análise das obras selecionadas. Em linhas gerais, é possível “desenhar” uma linha cronológica a partir das

datas de publicação e uma linha teórica no pensamento do autor. A primeira obra analisada, *Guia sinóptico de filosofia – notas de estudos* (1945), parece “inaugurar” o caminho de Kehl pelo campo da Filosofia, isto pôde ser apreendido tendo em vista a característica da própria obra, isto é, uma espécie de compilado das principais escolas figurando como um estudo do próprio Kehl, tal qual o título remete. A obra tem como proposta assinalar a importância da filosofia para compreensão dos fenômenos; ao destacar a relevância desta área Kehl assinala que nem todos os grupos estariam “aptos” ao exercício da filosofia, indicando assim a superioridade entre os homens. A ideia de que “ato de filosofar” está presente na sociedade, mas a capacidade de construir sistemas interpretativos estaria restrita a alguns grupos, bem como a ideia de que a filosofia é o campo de conhecimento que deveria ser estimulado e desenvolvido haja vista sua relevância e contribuição para a interpretação do mundo são premissas que integram as três obras analisadas voltadas à filosofia. Sobre este ponto, cabe destacar que o autor parece oscilar entre Filosofia como disciplina e como uso da razão/filosofia de vida.

Seguindo esta linha de raciocínio e buscando uma articulação entre as obras, neste primeiro material analisado Kehl parece fazer um compilado da filosofia justamente para destacar sua importância, sua permanência ao longo dos tempos e assim encontrar caminhos para problematizar a metafísica e a necessidade da filosofia se aproximar da biologia, questões estas que ficariam ainda mais evidentes nas outras duas obras acerca do tema, figurando como uma espécie de continuidade no debate “filosófico” de Kehl.

Após desenhar um campo crítico e analítico da importância da filosofia, Kehl se aprofunda no tema da obra posterior, *Através da Filosofia* (1946), esta que não figura como uma obra que sintetiza as Escolas Filosóficas, mas como uma obra voltada à reflexão do percurso feito pela Filosofia ao longo dos anos. De forma articulada, complexa e bem elaborada Kehl, pela linha de uma apresentação crítica do papel da Filosofia e sua importância ao longo dos tempos, vai delineando a relevância dessa área na interpretação do mundo; além disso, também assevera que ela deveria se aproximar da biologia, isto é, aponta para a importância de um bio-perspectivismo, termo este que parece ser da autoria do próprio Renato Kehl. Das quatro obras analisadas, a última sobre filosofia seria *Filosofia e Bio-perspectivismo* (1955) texto no qual o autor recupera a noção de bio-perspectivismo e destaca novamente a importância desse campo de conhecimento. É possível notar uma visão naturalizante, individualista e biologizante do Homem. Conforme assinalamos na respectiva seção de análise, em nosso entendimento tal obra figura como a mais complexa no sentido de apresentação da eugenia de forma

implícita/escamoteada. De maneira geral, as três obras sobre filosofia se aproximam do bio-perspectivismo. Já nos debruçamos no significado dessa perspectiva; portanto, nos cabe pensar e discutir as razões que levam o autor a debater sua necessidade. Em nosso juízo, as razões de Kehl são eugênicas e filosóficas.

A inclinação de Kehl à filosofia parece indicar uma preocupação do autor com relação à fundamentação das interpretações sobre o mundo; em outras palavras, Kehl parece defender a necessidade de que a leitura dos fenômenos seja fundamentada e, nesse sentido, a filosofia garantiria e contribuiria para a organização de conceitos, na interpretação e reflexão dos fenômenos. A defesa de uma leitura de mundo cuja base é filosófica, marca o conteúdo das obras que versam sobre Filosofia; por esta razão, Kehl faz a defesa de uma formação humanística, ampla, articulada da sociedade para que seja possível se afastar de interpretações “simplistas”. Cabe destacar que nessa seara filosófica Kehl não oculta a defesa de um determinado tipo de filosofia (bio-perspectivismo) e não de todas as filosofias, tampouco esconde uma perspectiva hierarquizada de sociedade e é justamente este ponto que nos permite pensar que em suas obras o autor deixa implícito as razões eugênicas que estão por detrás de suas premissas; Kehl não assinala que toda filosofia é necessária, ao contrário, demarca a necessidade de uma transformação dos pressupostos filosóficos, isto é, que estes deixam de ser abstratos, metafísicos, descolados das experiências e das “questões” que assolam a sociedade, devendo assim se aproximar da biologia, das experiências humanas e ocupar-se de questões da época.

Resumidamente, Renato Kehl destaca a importância e a necessidade da filosofia como área que pode oferecer elementos para compreensão do mundo, porém, essa leitura deveria ocorrer a partir de uma filosofia articulada à biologia, ou seja, uma leitura a partir do bio-perspectivismo. A interpretação do mundo pautada na biologia levaria à compreensão de questões que integravam à sociedade e, a partir disso, seria possível compreender a necessidade de melhoramento do homem, neste sentido, o bio-perspectivismo seria uma saída frente à crise enfrentada pela sociedade. Em nosso entender, Kehl encontra na filosofia um campo de interpretação para questões da época, dito de outra maneira, o estudo da filosofia garantiria uma “boa e adequada” compreensão do mundo, a partir dessa compreensão adequada e articulada à biologia, seria possível e da necessidade do melhoramento do homem, ou seja, a filosofia teria uma finalidade eugênica.

Carvalho e Souza (2017) investigaram algumas publicações de Renato Kehl em jornais brasileiros da época (*Correio da Manhã*, *O Globo* e *A Gazeta*) no período após a Segunda

Guerra, a fim de analisar qual teria sido a postura de Kehl quando mundialmente se defendia o “enfraquecimento” da eugenia. Recuperamos este estudo não apenas com intuítos comparativos da trajetória de Kehl, mas, para verificar se em outras publicações Kehl se inclinou à filosofia. A conclusão de tal trabalho foi de que Renato Kehl não teria abandonado a defesa das ideias eugênicas, ao contrário, seus textos tornavam pública a defesa da eugenia após 1945. Além do aspecto eugênico, o estudo nos permitiu perceber que, de maneira indireta, a temática da investigação e do conhecimento das características humanas marcam as declarações do autor.

Um outro paralelo com o trabalho de Carvalho e Souza (2017) nos permite pensar que a referida “crise” citada por Kehl nas obras analisadas, principalmente nas obras que se referem à filosofia, também esteve presente em suas publicações em periódicos, o que nos permite pensar que o autor defendia a necessidade de transformações sociais e da ultra profilaxia, tendo em vista a “crise” que a sociedade enfrentava.

Se as bombas ultra potentes não destroçarem o planeta, dentro em breve, a Humanidade chegará a tal estado de degradação e de confusão, que serão adotadas, como recurso salvador e único, exatamente as medidas de profilaxia eugênicas por muitos erroneamente consideradas impraticáveis e atentatórias contra a dignidade humana! (KEHL, 1957, apud CARVALHO & SOUZA, 2017, p. 896).

Ao nos referimos ao modo como Kehl articula suas ideias utilizamos, não por acaso, termos como elaborado, complexo e articulado isto porque suas premissas não são apresentadas de modo aleatório e sem fundamentação teórica, Kehl tenta, ainda que em alguns momentos de forma contraditória, trazer embasamento para aquilo que assinala. Em nosso entender, a multiplicidade de elementos teóricos e de pensadores, muito deles de origem alemã, que o autor recupera para apresentar suas premissas, estaria próximo a um ecletismo, podendo incorrer até mesmo em contradições e incompatibilidades já que não parece haver um aprofundamento das teorias de determinados pensadores com o objetivo de fundamentar e demonstrar possíveis articulações entre os pressupostos teóricos. Ademais, notamos que Kehl não lança mão de inúmeras citações ou notas com o intuito de indicar e explicar a fundamentação de suas ideias. Conforme assinalamos na seção de análise das obras, o autor faz referência apenas mencionando o nome de determinado pensador (ex. Como diz Viola), pouquíssimas vezes indica a obra que o embasa, esta característica nos faz pensar sobre o ecletismo de Kehl e se houve de fato uma leitura integral das próprias obras dos pensadores referenciados ou se ele as fez a partir de comentadores.

A obra *A interpretação do homem* de 1951 não versa sobre filosofia especificamente, figura como uma obra em que o autor faz a defesa da importância e da possibilidade de se conhecer o indivíduo e seu carácter. Em nosso entendimento, uma obra marcadamente

biológica, com muitos elementos sobre hereditariedade e com uma defesa implícita do melhoramento do homem na medida em que se pode conhecer o carácter humano. Nesta obra o autor recupera uma série de teorias médicas, entretanto, é possível notar que a menção à teoria biotipológica do médico endocrinologista italiano Nicola Pende figura como a teoria mais referenciada e algumas considerações com base em Ernest Krestchmer. A título de informação, assinalamos que a Biotipologia é uma disciplina voltada à avaliação humana, em outros termos, esta disciplina pode ser entendida como a “instrumentalização prática” da eugenia. (VALLEJO, 2004).

Algo que o próprio Pende enfatizava ao descobrir sua criação como um saber de utilidade para aqueles “estudam os problemas da herança e os melhoramentos da raça”, seja o criminalista filantrópico “que almeja a redenção dos imorais e dos candidatos ao delito”, ou o filósofo que persegue a “eterna questão das relações entre personalidade psíquica”. E fundamentalmente para que o “homem político e o diretor dos povos, logre a instauração de uma política nova” que deveria chamar-se “política biológica”. (VALLEJO, 2004, p. 224, tradução nossa)⁴⁸

A obra *A interpretação do homem*, nos permite pensar o alinhamento teórico de Kehl ao debate em torno dos aspectos genéticos e como a eugenia “sai de cena” para se integrar às discussões genéticas. A partir de uma pesquisa documental, Diwan (2020) investigou o transhumanismo e como o movimento eugenista norte-americano se reorientou para o campo da genética molecular. A autora discute que o transhumanismo se apropriou da narrativa eugênica, ainda que negue aproximações com tal área. Do ponto de vista da “crise” da eugenia, podemos pensar que sua curva descendente começou nos Estados Unidos e na Inglaterra, primeiramente. No Reino Unido tal crise esteve vinculada à associação da eugenia com o nazismo; nos Estados Unidos também se pode perceber a influência do nazismo, porém, o abalo nas ideias eugênicas se deve mais à crise de 1929 e suas consequências à sociedade estadunidense e ao descrédito que o termo eugênico dava aos estudos da época. (DIWAN, 2020).

Em 1929, numa troca de correspondências Charles Davenport, diretor do Eugenics Records Office para Samuel J. Holmes, diretor do Departamento de Zoologia da Universidade de Berkeley (Califórnia), questionou pela primeira vez a possibilidade de abandonar o uso da palavra “eugenia”, pois ela estaria sendo usada para tirar a credibilidade do movimento. [...] Portanto, já havia desde 1929 uma resistência em

⁴⁸ Algo que el propio Pende enfatizaba al describir su creación como un saber de utilidad para quienes «estudian los problemas de la herencia y los del mejoramiento de la raza», ya sea el criminalista filantrópico «que anhela la redención de los inmorales y de los candidatos al delito», o el filósofo que persigue la «eterna cuestión de las relaciones entre personalidad física y personalidad psíquica». Y fundamentalmente para que «el hombre político y el director de pueblos, logre la instauración de una política nueva», que debía llamarse «política biológica». (VALLEJO, 2004, p. 224)

relação ao uso da palavra eugenia, e nos Estados Unidos o termo será suprimido do nome de instituições, periódicos científicos e de seu uso corriqueiro sendo substituído pelo termo “genética”. (DIWAN, 2020, p. 45)

Alguns dados históricos são importantes para pensarmos a eugenia e para posicionarmos, ainda que de maneira breve, as produções de Renato Kehl. Em 1938 haveria o encerramento do *Eugenics Record Office* nos Estados Unidos; posteriormente, em 1939, foi publicado o *Geneticists Manifesto*, documento elaborado no VII Congresso Internacional de Genética em Edimburgo, na Escócia, e considerado um marco inaugural nos estudos da genética no século XX. Cabe destacar que, embora diversos signatários do Manifesto fossem simpáticos ao ideário da eugenia, o termo em si não aparece no texto e o documento diverso e volta-se às implicações do melhoramento genético humano⁴⁹.

Ao analisar o *Geneticists Manifesto*, Diwan (2020), destaca um ponto que nos permite pensar em aproximações com os materiais analisados, especialmente as discussões de Kehl acerca da importância do conhecimento e interpretação da *indivíduo-personalidade*.

A sexta proposição é também a última, e conclui que todo o processo do que chamam de “seleção consciente” para a elevação do nível genético da população deve ter em vista três aspectos principais: o bem-estar físico; a inteligência e as “qualidades temperamentais”, ou seja, traços de caráter, humor, o que hoje se entende por personalidade, campo ainda em fase de desenvolvimento na psicologia. Para eles, esse projeto poderia ser conquistado em um número pequeno de gerações e que este ciclo não teria um estágio final, senão um progresso contínuo. Sem muito esforço, o uso do termo “seleção consciente”, ou racional, por si só representa uma afiliação ao pensamento eugenista, por sugerir que deve haver um controle em duas vias: a individual e a coletiva. A seleção consciente seria aquela que responsabiliza o indivíduo de seu papel na construção dessa sociedade mais elevada geneticamente (p. 54)

O papel do indivíduo na construção da sociedade esteve presente em todas as obras analisadas, isto porque Kehl destaca a importância de um bem comum e como tal bem está articulado à consciência do indivíduo sobre questões que integram a sociedade daquele momento. Ainda sobre este ponto, recuperamos outro excerto que nos permite traçar comparativos com a trajetória de Renato Kehl.

A eugenia até os anos 30 foi mais radical, baseada no medo da degenerescência. A partir de 1940, passou a dividir espaço e competir com a ideia de que é possível o humano ser melhorado geneticamente de maneira “voluntária”. Boa parte desse discurso positivo será apropriada pelos geneticistas para reorientar suas pesquisas. Ao invés de eliminar os traços negativos, a opção tornou-se melhorar geneticamente a população. (DIWAN, 2020, p. 56)

Entre 1940 e 1950 a genética ganharia espaço na biologia; culminando numa transformação no modo de compreender o sujeito a partir dos anos de 1960. Especificamente

⁴⁹ O material original pode ser localizado e consultado em: <https://wellcomecollection.org/>

em 1944 atribui-se ao DNA a base da hereditariedade e em 1953 tem-se a descoberta da dupla hélice (DIWAN, 2020).

Para a genética molecular que se impôs a partir dos anos 60, os modelos de análise populacional – no modelo Mendeliano – não eram mais suficientes para responder as questões postas. A genética da hereditariedade precisará descartar o modelo de análise anterior focado na ideia de população e lançar-se a um modelo individualizado para alcançar resultados que mostrem uma população estável. Esse interesse no individual só fará sentido se estiver ligado ao interesse da população, ou seja, do Estado que governa a população. (DIWAN, 2020)

Nas obras de Kehl é possível apreender ainda uma base mendeliana, base esta que parece oferecer respostas às discussões propostas pelo autor. Ainda que as publicações analisadas sejam anteriores aos anos 1960, período em que a discussão individual fica mais evidente, já podemos notar nuances individualizantes como forma de melhorar a sociedade como um todo. Tendo em vista que a História não se organiza de forma linear, acreditamos que elementos individualizantes já estariam presentes na obra de Kehl.

Outro ponto importante a ser destacado a partir da análise das obras é a questão racial. Para isto é preciso recuperar, ainda que brevemente, características da história do Brasil e então posicionar a questão racial presente nas obras de Kehl. Maggie (2018) assinala que o Brasil se organiza a partir de três mitos sociais sobre cor e sobre raça. O primeiro deles seria a fábula das três raças (branco, negro e amarelo), o segundo deles seria o mito da democracia racial, que culmina na ideia de que não haveria racismo e segregação no Brasil e, por último, o mito do branqueamento da sociedade.

A cor do escravo definia o seu lugar social, preto e escravo eram quase sinônimos. Preto livre e pardo até mesmo no início do século [XX], embora fossem termos de cor, decalcavam o lugar social. [...] No período escravista o escravo era definido por sua origem africana ou crioula, da terra. A classificação de cor, preto = escuro, passou a ser um problema mais contundente quando todos os escravos viraram homens livres como os brancos. Como definir a diferença então? A diferença entre as pessoas livres agora devia ser designada através da homologia entre cor e biologia. Os pretos eram diferentes porque biologicamente inferiores. [...] no Brasil o escravo passou a ser negro, racial e biologicamente definido, depois da abolição. Foi nesse período que o termo negro, e não preto, passou a ser usado na literatura especializada, definindo aqueles que eram biologicamente inferiores aos brancos. (MAGGIE, 2018, p. 227)

A autora também chama atenção que, ao final do século XIX, no Brasil a categoria foi utilizada para demarcar sujeitos “biologicamente inferiores” e nas primeiras décadas do século XX passou a ser associada a hierarquia cultural.

Os pretos ou negros eram culturalmente inferiores e os antropólogos passaram muitas décadas discutindo a inferioridade cultural e não biológica desses desiguais negros e não mais escravos. Os termos cor e raça passaram a definir não só seres biologicamente inferiores como também culturas hierarquicamente concebidas. No

Brasil falar em cor ou raça significa também falar em desigualdade biológica e cultural. (MAGGIE, 2018, p. 228, grifo nosso)

O desígnio cor articulado à raça é de suma importância para entendermos que ao se discutir raça no Brasil, se discute sobre “cor”; além disso, no Brasil, a questão racial é marcada pela discussão da cultura negra (MAGGIE, 2018), pois o tema raça em nosso país é atravessado pela reflexão de que raça envolve o negro e não o branco. A partir deste ponto, podemos pensar que, ainda que Renato Kehl não faça uso do termo branco ou do termo negro, ao se referir direta ou indiretamente a raça, somos levados a pensar que os sujeitos “desenvolvidos/eugênicos” guardam relação com à ideia de pessoas brancas. Reconhecemos que as definições de eugenia sobre o melhoramento da raça, não especifica por si só que o melhoramento dos homens passa pela questão do branqueamento apenas. Entendemos ainda que o modo de compreender raça é marcado pelas particularidades do país que assume uma proposta eugênica e que, em se tratando de Brasil, é importante realizar tal advertência a fim de posicionar socialmente o pensamento de Kehl nas referidas obras.

A hierarquia que constrói diferenças valorizando os mais claros e constringendo os mais escuros não é senão um outro modo de expressar oposição. As cores das pessoas no Brasil são referências fundamentais porque ao falar nas cores e na ausência de cor estamos conotando distinções no social e, ao mesmo tempo, falando de origem, dos vértices de um triângulo imaginário que fala de nossos heróis fundadores. (MAGGIE, 2018, p. 233)

Nos materiais trabalhados a partir de 1945 não observamos menções de Kehl acerca da raça com a finalidade de assumir uma postura contrária à miscigenação ou inferiorizando a população afrodescendente. O termo em questão foi utilizado poucas vezes e com o intuito de se referir à ideia de humanidade, de grupos humanos. Quanto à miscigenação, Kehl se referiu a este termo na obra *A interpretação do Homem* e o relaciona à “anarquia caracterológica” quando assinala sobre mixogamia. O fato de não haver uma tônica de inferioridade entre grupos humanos, não garante que Kehl não faça uma defesa de “melhoramento racial”, isto pode indicar apenas uma transformação retórica no modo de apontar as diferenças entre os sujeitos. Este aspecto observado nas obras parece ser também um aspecto das publicações de Kehl nos periódicos.

Sobre o tema racial em específico, deve-se fazer um parêntese. Em nenhum momento durante a triagem das fontes foi possível encontrar qualquer referência direta à questão racial e à miscigenação, como muitas vezes Kehl fez de maneira explícita em seus livros e publicações antes da Segunda Guerra, sobretudo em obras como *Lições de Eugenia* (1929) e *Sexo e Civilização: aparas eugênicas* (1933). Frases como “A nacionalidade embranquecerá a custa de muito sabão de coco Ariano!” (KEHL, 1929, p. 188) ou “conhecem-se belas mulatas e mulatos bonitos, mas como exceção e não como regra” (KEHL, 1929, p. 191), contidas no livro *Lições de Eugenia*, não

aparecem nas publicações do pós-guerra. De maneira geral, pode-se dizer que Renato Kehl, assim como seus contemporâneos, também passou a operar outro conceito de raça. Não se tratava de empregar antigos conceitos ou classificações raciais, mas de insistir na crença da desigualdade por meio de outra linguagem. (CARVALHO & SOUZA, 2017, pp. 899-900).

Ainda que na década de 1930 do século XX Kehl apresentasse elementos raciais de modo a inferiorizar o povo negro, não podemos afirmar que esta posição era unânime à época, pois nesse mesmo período era possível notar transformações no campo da questão étnico-racial no Brasil. Martins (2020) assinala que no período entre 1930 e 1950 houve uma transformação no que tange à questão racial e isto pôde ser percebido a partir da criação de publicações, organização de movimentos e realização de eventos como, por exemplo, a criação da Frente Negra Brasileira (FNB), as publicações do jornal *A voz da Raça* de 1933 a 1937, a realização dos Congressos Afro-Brasileiro em 1934 e 1937, o Teatro Experimental do Negro (TEN) em 1944, a difusão do jornal *Quilombo* entre 1948 e 1950; a realização de dois eventos Conferência Nacional do Negro em 1949 e do Primeiro Congresso Negro em 1950 e também a implementação do Projeto Unesco em 1950 cujo objetivo era a realizar no Brasil uma série de pesquisas no campo das relações raciais.

A partir da década de 1930 tentou-se desenvolver um projeto industrial para o Brasil, com vistas à consolidação de uma organização social capitalista, tal cenário, somado a outras condições históricas, favoreceram o desenvolvimento das ideias eugênicas e fez com a população negra permanecesse subalternizada, fruto do processo histórico pós-abolicionismo em que não houve o comprometimento do Estado brasileiro com a população que havia sido escravizada. Frente a este cenário, a luta do povo negro para a transformação de uma identidade historicamente negada, bem como o desenvolvimento de um lugar subjetivo e social foi se desenhando ao longo dos tempos e nas décadas de 30 a 50 do século XX ganhariam contornos importantes.

Diante desse novo quadro, fica evidente o quanto certas instituições e eventos institucionais (a FNB, o jornal *A Voz da Raça*, o I Congresso e o II Congresso Afro-Brasileiro — só para citar os eventos institucionais mais importantes da década de 1930 e voltados para a temática racial) fazem parte de um processo de modernização continuada que estava afetando toda a sociedade brasileira. Esses eventos parecem confirmar que algumas ideias novas estavam no ar. (MARTINS, 2020 pp.35-36)

Naquele momento, o Projeto Unesco apresentou importante contribuição para novas interpretações acerca da sociedade brasileira.

[...] o Projeto Unesco foi um agente catalizador. Uma instituição internacional, criada logo após o Holocausto, momento de profunda crise da civilização ocidental, procura numa espécie de anti-Alemanha nazista, localizada na periferia do mundo capitalista,

uma sociedade com reduzida taxa de tensões étnico-raciais, com a perspectiva de tornar universal o que se acreditava ser particular. Por sua vez, cientistas sociais brasileiros e estrangeiros haviam assumido como desafio intelectual não apenas tornar inteligível o cenário racial brasileiro, mas também responder à recorrente questão da incorporação de determinados segmentos sociais à modernidade. (MAIO, 1999, p. 142)

Acreditamos ser possível pensar na interface entre o momento histórico brasileiro e as obras de Kehl, em outras palavras, os estudos e debates em torno da questão racial no Brasil e o avanço dos estudos genéticos podem ser notados, em certa medida, no modo como Kehl reposiciona sua defesa da eugenia a partir de 1945. Recuperamos as colocações de Munanga (2004) para lembrar que no século XX os avanços da Genética Humana contribuíram com a classificação em “raças estancas” e dos “marcadores genéticos” e que os estudos no âmbito da genética humana, da biologia molecular e da bioquímica possibilitaram a conclusão de que a raça não seria uma “realidade biológica” e sim um conceito que não poderia explicar a diversidade humana. O autor supracitado adverte ainda que, embora não existissem raças humanas e, embora os marcadores genéticos tenham ganhado notoriedade para explicar a diversidade humana, isto não significa que todos os seres humanos sejam semelhantes. “Os patrimônios genéticos são diferentes, mas essas diferenças não são suficientes para classificá-las em raças.” (MUNANGA, 2004, n.p)

O maior problema não está nem na classificação como tal, nem na inoperacionalidade científica do conceito de raça. Se os naturalistas dos séculos XVIII-XIX tivessem limitado seus trabalhos somente à classificação dos grupos humanos em função das características físicas, eles não teriam certamente causado nenhum problema à humanidade. Suas classificações teriam sido mantidas ou rejeitadas como sempre aconteceu na história do conhecimento científico. Infelizmente, desde o início, eles se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças. O fizeram erigindo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. (MUNANGA, 2004, n.p)

É no bojo de tais condições objetivas que Kehl tece suas considerações acerca da individualidade humana tendo em vista a base hereditária dos sujeitos e, a partir disso, defende a necessidade e a importância de que se deve conhecer as características humanas para que se possa pensar no “bem-estar” coletivo. Em nosso entender, Kehl encontra no âmbito da diferença genética elementos que sustentem as diferenças entre os sujeitos e com isso classificá-los e hierarquizá-los e, a partir disso, discutir e fomentar o melhoramento da raça sem sinalizar de forma explícita uma proposta eugênica tal qual nos moldes eugênicos historicamente conhecidos. Em contraposição às questões da genética utilizadas por Kehl como uma finalidade hierarquia, Munanga (2004, n.p) afirma que

A diversidade genética é absolutamente indispensável à sobrevivência da espécie humana. Cada indivíduo humano é o único e se distingue de todos os indivíduos passados, presentes e futuros, não apenas no plano morfológico, imunológico e fisiológico, mas também no plano dos comportamentos. É absurdo pensar que os caracteres adaptativos sejam no absoluto “melhores” ou “menos bons”, “superiores” ou “inferiores” que outros. Uma sociedade que deseja maximizar as vantagens da diversidade genética de seus membros deve ser igualitária, isto é, oferecer aos diferentes indivíduos a possibilidade de escolher entre caminhos, meios e modos de vida diversos, de acordo com as disposições naturais de cada um.

Assim, é possível perceber que questões eugênicas atravessam as obras analisadas de maneira sutil, característica esta que requer atenção para poder compreender e apreender a perspectiva eugênica defendida por Kehl. Por diversas vezes recorremos ao termo “sutil”, “implícito” para assinalar as características e a diferença entre tais produções e as produções de Kehl antes de 1945, cujo aspecto era marcadamente eugênico. Se a característica “sutil” é predominante em suas obras não é possível afirmar que de igual maneira Kehl adota a mesma postura em periódicos. De forma geral o autor apresenta uma mudança da retórica e se compararmos as características eugênicas das obras analisadas com alguns textos em periódicos, conforme apontaram Carvalho e Souza (2017), notaremos que em suas obras Kehl inseriu a eugenia de uma forma mais articulada e em alguns momentos até mesmo de forma velada. A título de comparação assinalamos que em 1960 Kehl publicou um texto *O bom gera o bom* no jornal *A Gazeta*, nesta publicação o autor defende abertamente a eugenia.

O mundo tornar-se-á melhor, quando os tipos eugênicos, isto é, os indivíduos melhor dotados participarem mais ativamente do aumento da população, enquanto um trabalho persuasivo e insistente de educação convença os menos dotados a evitarem ou a reduzirem as proles pelos métodos práticos já adotados nos países nórdicos e nos países superlotados demograficamente, que sofrem as consequências do descaso dos governos ante tão grave problema. (KEHL, 1960 apud CARVALHO & SOUZA, 2017, p. 903)

Em nosso entendimento, investigar a trajetória de Renato Kehl nos permite pensar não apenas no percurso intelectual e isolado deste autor, mas de como, em certa medida, suas ideias eram socialmente favoráveis, facilitando a continuidade de suas publicações e a concessão de espaços para ele pudesse expressar suas ideias. Em 1957, por exemplo, o jornal *A Gazeta* publicou uma matéria intitulada como *A ciência eugênica no Brasil* que se referia aos quarenta anos da eugenia no Brasil e nessa ocasião entrevistou Renato Kehl (CARVALHO & SOUZA, 2017). Por meio de tal dado podemos pensar como socialmente a figura de Kehl era lembrada e referenciada.

Retomamos a criação do Instituto Municipal de Eugenia proposta pelo vereador Wilson Leite Passos, em 1956, com o intuito de assinalar que a defesa da eugenia seguiu integrando o imaginário popular. Em uma notícia de 14 de julho de 2007, no Portal de notícias G1, da Globo,

este mesmo vereador reitera a importância da criação de tal Instituto além de flertar abertamente com o ideário eugênico.

Segundo Passos, que está há 27 anos na câmara carioca, não faz sentido acusá-lo de legislar contra os deficientes, embora ele admita seu apreço pelo conceito de eugenia. “Eu criei há anos, em 1956, o Serviço Municipal de Eugenia, que funcionou durante muitos anos. Ele fazia o exame pré-nupcial. A orientação médica e psicológica para que os casais tivessem tranquilidade, numa sociedade de pais e filhos saudáveis. Quem tivesse alguma enfermidade era tratado, o importante era a família. O que interessa é melhorar a qualidade de nossa gente. Quem é contra é de uma ignorância siderúrgica, diz.

A minha inspiração foi a de sempre procurar ajudar de alguma forma a termos gerações mais sadias. Interessa ao país. Eu anteriormente já havia feito uma série de projetos nesse sentido, embora considere esse o mais importante.” (VEREADOR..., 2007)

Consideramos importante destacar que a continuidade das ideias eugênicas, ainda que transformadas, devem ser pensadas tendo em vista as condições objetivas que favorecem sua permanência e não apenas pela sua perspectiva idealista. Em outras palavras, o modo de produção capitalista e sua inerente contradição, impulsiona o desenvolvimento de ideias que escamoteiam suas contradições, assim como contribui para que tais ideias continuem vigorando; a eugenia figura como uma delas e a partir de uma perspectiva individualizante e biológica de sujeito desloca o eixo histórico da constituição humana para o eixo biológico e hereditário. Reconhecer a relação entre capitalismo e eugenia não significa que tal relação seja reflexa e não careça de análise das particularidades que fazem com que este ideário apresente aspectos de continuidades.

Com isso, podemos pensar que

O conceito de eugenia, visivelmente, não ficou restrito a um único significado draconiano ou como sinônimo de genocídios. Ele assumiu um caráter médico-científico que pôde fazer com que sua sobrevivência o legitimasse na condução de novas propostas. No Brasil, a eugenia poderia ser uma referência para cuidados genéticos do homem e do corpo, em especial os ligados à puericultura ou à infância. (CARVALHO & SOUZA, 2017.p.905)

4.2 Renato Kehl e a psicologia no Brasil

Ao longo do percurso analítico, identificamos nas produções de Kehl uma dimensão psicológica e aspectos que contribuem para compreender a consolidação da psicologia no país. Por meio de tais aspectos reafirmamos o compromisso deste estudo e sua contribuição em contar a história da psicologia por uma outra perspectiva, isto é, pela perspectiva do seu papel social, além de lançar luz à história da eugenia no Brasil.

Em geral as obras analisadas não versam especificamente sobre psicologia; por este lado não seria possível afirmar que Renato Kehl reposicionou seu debate sobre eugenia dentro do campo da psicologia, isto é, passou a discutir especificamente sobre psicologia; no entanto,

também não é possível afirmar que a psicologia permaneceu alheia aos escritos de Kehl. Ao longo do trabalho com tais materiais, especialmente aqueles que versam sobre filosofia, notamos que o autor faz menção ao campo psicológico para demarcar o percurso da filosofia, ou seja, é possível perceber o uso dos termos psicológicos para sinalizar semelhanças ou divergências entre as Escolas Filosóficas ou filósofos. É possível perceber, ainda que de forma indireta, o desenvolvimento do campo psicológico, quando Kehl aborda a filosofia; em outros pontos das obras é possível identificar a consolidação e a difusão da psicologia, haja vista que o autor faz referência a teorias psicológicas, cita psicólogos e quando discute sobre caracterologia, por exemplo, deixa explícito que esta seria uma área complementar à psicologia.

Em todas as obras, o autor recorre ao termo *psico-crítica* a fim de sinalizar uma investigação das características do sujeito e para sinalizar que tal análise deveria ser de cunho biológico e hereditário. Tendo em vista que o termo em questão não é uma exclusividade das obras a partir de 1945, acreditamos que certas considerações são necessárias. No estudo realizado por nós em outro momento sobre duas obras de Kehl (FAGGION, 2018), identificamos a presença do termo em questão, fato este que nos faz pensar que a articulação entre a dimensão psíquica e biológica para conhecimento do sujeito integra o pensamento do autor e apresenta relação com a eugenia, portanto, não podemos considerar que a discussão em torno da *psico-crítica* figura como uma alternativa de Kehl para se “desviar” de seu posicionamento eugênico, mas mostra uma continuidade de seu pensamento sobre o tema. Nas obras analisadas antes de 1945, Kehl faz uso de tal termo com uma finalidade eugênica e como apropriação dos conhecimentos da psicologia para fundamentar sua proposta de melhoramento; em contrapartida, nas obras a partir de 1945, o termo aparece como uma possibilidade de análise do sujeito, mas a finalidade eugênica estaria implícita ou, ao menos, amenizada. Acreditamos que nas obras a partir do final da Segunda Guerra Mundial a presença do termo parece indicar uma continuidade na postura eugênica de Kehl, porém, seu uso se torna mais adequado a um possível ocultar da presença da eugenia na *psico-crítica*. Além disso, é mais evidente que a análise do homem figura como algo mais plausível, em decorrência de um campo de investigação já consolidado; em outras palavras, o modo como o autor assinala a possibilidade de estudo do homem nos permite pensar que isto seria justificável se desenvolvido por uma ciência consolidada e com uma função delineada. Vale lembrar que a fase de consolidação da psicologia no Brasil está circunscrita ao período de 1930 a 1962 e pode ser caracterizada;

[...] pela efetivação e desenvolvimento do ensino, da produção de estudos e pesquisas e dos campos de aplicação, assim como o incremento da publicação de obras na área,

criação dos primeiros periódicos especializados, promoção de congressos e encontros científicos e criação de associações profissionais; [...] (ANTUNES, 2006, p. 80)

Pela *psico-crítica*, é possível compreender a visão de homem defendida por Kehl e com isso refletir sobre as razões que fazem o autor sustentar a necessidade de interpretação/conhecimento das características do sujeito, ou, como definido pelo próprio autor, a importância do conhecimento da *indivíduo-personalidade* por meio da *psico-crítica*. Em todos os materiais, mesmo nas obras de filosofia, Kehl explicita, direta ou indiretamente, sua visão de homem, isto é, uma visão individualizante, biológica e hereditária, e, com isso, admitindo um certo inatismo; em alguns trechos menciona o âmbito social e educacional na vida do sujeito, porém, em nenhum momento, Kehl menciona que tais instâncias poderiam ocupar um grau de importância maior ou igual aos aspectos genéticos, pelo contrário.

Notamos que Renato Kehl não atribui um caráter imanente entre sujeito e sociedade e sim um caráter de influência, isto é, como se o sujeito fosse permissível às influências externas, mas que mantém as determinações genéticas. Sobre esta premissa de Kehl, apresentamos uma contraposição, a começar pelo termo subjetividade. Ao longo dos textos notamos que o autor não faz uso do termo subjetividade e em nosso entendimento não por acaso Kehl deixa de recorrer ao termo em questão. Abordaremos brevemente este termo, tendo em vista que ele nos auxilia na compreensão do conceito de *indivíduo-personalidade*(sic) utilizado com frequência por Kehl.

Na psicologia, o termo subjetividade pode ser definido de diversas maneiras; optamos por destacar uma definição alinhada ao materialismo histórico-dialético. A subjetividade deve ser entendida a partir da relação entre o mundo material e social e tendo em conta que tal relação ocorre por meio da atividade humana. (BOCK, 2004). Por meio da compreensão da subjetividade podemos compreender que as categorias indivíduo e sociedade figuram como indivisíveis. Silva Baptista (2009) assinala que a subjetividade nos permite pensar na particularidade do indivíduo. Em outras palavras,

O fato de a subjetividade referir-se àquilo que é único e singular do sujeito **não significa que sua gênese esteja no interior do indivíduo**. A gênese dessa parcialidade está justamente nas relações sociais do indivíduo, quando ele se apropria (ou subjetiva) de tais relações de forma única (da mesma maneira ocorre o processo de objetivação) [...]. Em síntese, subjetividade é o processo de tornar o que é universal singular, único, isto é, de tornar o indivíduo pertencente ao gênero humano. (SILVA BAPTISTA, 2009, p. 172, grifo nosso)

A partir do excerto, entendemos que a subjetividade não integra o pensamento do autor já que sua concepção não está embasada na perspectiva indivisível entre sujeito e sociedade e sim na ideia de que o sujeito pode ser entendido por si mesmo. Com frequência Kehl recorre

ao conceito de indivíduo cuja compreensão está pautada em suas próprias características, isto é, em uma visão liberal de sujeito.

A noção de eu e a individualização vão nascendo e se desenvolvendo com a história do capitalismo. A idéia de um mundo “interno” aos sujeitos, da existência de componentes individuais, singulares, pessoais, privados vai tomando força, permitindo o desenvolvimento de um sentimento de eu. [...] Ao homem deveriam ser dadas as melhores condições de vida para que seu potencial natural pudesse desabrochar. Frente às enormes desigualdades sociais do mundo moderno, o liberalismo produziu sua própria defesa, construindo a noção de diferenças individuais decorrentes do aproveitamento diferenciado que cada um faz das condições que a sociedade “igualmente” lhe oferece. (BOCK, 2004, pp. 3-4)

Ainda na linha de contraposição às asserções de Kehl recorremos a Leontiev (1983), que destaca que o indivíduo é constituído por elementos filogenéticos e ontogenéticos, isto é, uma unidade das características hereditárias e socialmente desenvolvidas. Em tese, não se pode negar que Renato Kehl em seus textos menciona a participação do mundo social no desenvolvimento do indivíduo; entretanto, requer atenção o modo como o autor aborda sobre tal participação. Kehl se assenta na ideia de que as características genéticas se sobrepõem às sociais, prova disso é que define a individualidade como um conjunto de atributos. Sobre esse ponto, recuperamos uma asserção do autor soviético supracitado.

O indivíduo é antes de tudo uma formação genotípica. Mas, o indivíduo não se constitui apenas pela formação genotípica, sua formação continua, como se sabe, dentro do plano ontogenético, durante toda a vida do indivíduo. Assim, dentro da característica individual se incluem também as propriedades e integração ontogenética. [...] o conceito de indivíduo está embasado pela indivisibilidade, integridade do sujeito e pela presença de particularidades a ele inerente. Sendo produto do desenvolvimento filogenético e ontogenético frente a determinadas condições externas, o indivíduo não constitui, porém, como uma mera “cópia” de tais condições, senão precisamente, como produto do desenvolvimento vital, das interações com o meio; tampouco se constitui como um produto somente do meio como tal. (LEONTIEV, 1983, pp. 142-143, tradução nossa)⁵⁰

Além da individualidade, Kehl também faz uso recorrente do termo personalidade e a define como o conjunto de aspectos psíquicos e sociais que caracterizam o sujeito. A separação entre aquilo que é “físico” e o que “psíquico e social” é algo que nos chama atenção nos escritos do autor. Novamente, em contraposição a essa ideia, assinalamos a prerrogativa de que a

⁵⁰El individuo es ante todo una formación genotípica. Pero el individuo no constituye solamente una formación genotípica, su formación continúa, como es sabido, dentro del plano ontogenético, durante la vida del individuo. Por eso, dentro de la característica individual se incluyen asimismo las propiedades y la integración ontogenética. (...) el concepto de individuo se basa en el hecho de la indivisibilidad, integridad del sujeto y la presencia de particularidades a él inherentes. Siendo un producto del desarrollo filogenético y ontogenético ante determinadas condiciones externas, el individuo no constituye sin embargo una mera “copia” de dichas condiciones, sino precisamente, el producto del desarrollo vital, de las interacciones con el medio; y tampoco constituye un producto solamente del medio como tal. (LEONTIEV, 1983, pp. 142-143)

personalidade se encontra interligada à individualidade, o que mais uma vez marca a impossibilidade de separação entre elas, segundo Leontiev.

[...] a personalidade se refere à complexificação da individualidade de forma superior, cuja base é a individualidade, sendo a gênese e o desenvolvimento histórico-sociais “o tecido” que possibilita seu desenvolvimento [...] a gênese da personalidade, apesar da dimensão biológica também ser dela constitutiva, é social.

A personalidade é um processo resultante de relações entre as condições objetivas e subjetivas do indivíduo, que, inserido numa sociedade (e essa é a condição fundamental), singulariza-se e diferencia-se ao ponto de ser único. (SILVA BAPSTISTA, 2009, p. 176)

Reconhecemos que o escopo desta tese não está voltado ao estudo da personalidade ou da individualidade; entretanto, acreditamos ser necessário tecer algumas considerações sobre o tema a fim de assinalar que a posição defendida por Kehl figura como uma dentre as várias maneiras de compreender o sujeito no campo da psicologia; além disso, cabe assinalar também que a posição do autor corresponde a determinados interesses de classe, neste caso, os da classe dominante ou, ainda aos “homens superiores”. Foi pensando nesta contraposição que optamos por apresentar outro modo de compreender o sujeito, isto é, uma posição de classe cujos interesses não correspondem aos interesses da classe dominante.

Em nosso entendimento é necessário reconhecer que a concepção de indivíduo defendida por Kehl historicamente encontrou guarida na psicologia no Brasil, isto é, uma psicologia hegemônica que buscou atender os interesses de uma elite, embora, sublinhe-se, não sem contradições e com o desenvolvimento de ideias e práticas contra-hegemônicas.

A trajetória de inserção da psicologia no Brasil, inicialmente como área de conhecimentos e posteriormente como profissão, é marcada pelo estabelecimento de um tipo específico de compromisso com a sociedade brasileira, remetido aos interesses das elites e do seu projeto de modernização, não sem resistência. [...] as ideias psicológicas aqui gestadas, bem como as práticas delas decorrentes vincularam-se aos objetivos próprios da elite, com vistas à manutenção ou aumento do lucro na reprodução do capital. (SANTOS, 2017, p. 68)

Ainda que esse tenha sido um cenário para a ciência psicológica no país, seu compromisso passou por transformações ao longo dos tempos, vindo a assumir um compromisso científico com a realidade concreta da população brasileira, fato este que levou à transformação no modo de se compreender o sujeito, que deixa de ser um sujeito abstrato para ser entendido como sujeito concreto, isto é, como síntese de múltiplas determinações, entre elas, as categorias de classe, raça, gênero entre outras.

[...] quando unimos compromisso com as necessidades da maioria das pessoas ao que vem depois sobre compromisso com a realidade social, compreendemos que não se trata do compromisso com uma realidade abstrata, mas sim o direcionamento da atenção para a realidade vivida pela maioria da população com vistas a contribuir para

a transformação das condições de desigualdade, pobreza e sofrimento de amplas camadas sociais. (SANTOS, 2017, p.128)

Se pensarmos na psicologia com as suas diversas vertentes, não podemos afirmar que seu campo científico como um todo assumiu posições semelhantes às propostas de Kehl, tampouco que toda a psicologia se afastou de tais concepções; afirmar isto seria negar as contradições que constituem a realidade, conforme afirma Antunes (2012, p.46)

[...] a compreensão da Psicologia em sua historicidade implica identificar e compreender as contradições inerentes à sua produção no fluxo da História. [...] a contradição é inerente à realidade; conhecê-la é, portanto, um imperativo para aqueles que pretendem apreender a realidade concreta. No caso da Psicologia no Brasil, faz-se necessário compreendê-la como construção histórica e social, síntese de múltiplas determinações, orientada por determinadas concepções de homem e de sociedade e comprometida com posições de classe e, portanto, contraditória, sendo que o embate entre esses elementos que se opõem produz movimento e possibilita superação.

Reconhecemos que as ideias de Kehl dialogam com os conhecimentos da psicologia da época. Considerando a eugenia como o eixo do pensamento do autor, destaca-se que o termo raça não foi utilizado com muita frequência por ele em suas obras; entretanto, a questão étnico-racial estava implícita em seus escritos e era pautada por algumas tendências da psicologia e em muitas de suas práticas. Conforme assinalamos, entre a década de 1930 a 1950, foram realizados no Brasil relevantes estudos que buscavam repensar a questão racial, alguns destes estudos, inclusive, eram do âmbito da psicologia⁵¹, como é o caso dos estudos de Arthur Ramos (1903-1949), Virgínia Leone Bicudo (1910-2003), Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982) e Gilberto Freyre (1900-1987) (MARTINS, 2020). Reconhecemos as controvérsias em torno das produções de Arthur Ramos e de Gilberto Freyre e, embora relevantes, não poderão ser desenvolvidas neste trabalho, por se distanciarem do escopo desta pesquisa, ainda assim, optamos por mencioná-los tendo em vista suas reformulações sobre a compreensão do povo afrodescendente tomando como base os parâmetros da época. Sobre isto, Martins (2020) destaca.

Os trabalhos realizados por Arthur Ramos nas primeiras décadas do século passado procuraram registrar as manifestações sociais e culturais do negro no Brasil, em um período no qual o debate científico culturalista ainda era incipiente. O projeto de Ramos era investigar a reconfiguração das tradições africanas, que influenciaram os hábitos de vida, instituições e o folclore da sociedade brasileira. [...] O surgimento da obra freyriana foi uma tentativa pioneira de demolir o modelo racista ainda valorizado por uma parte da intelectualidade brasileira. Ainda assim, Gilberto Freyre, o organizador do I Congresso Afro-Brasileiro, não se desvinculou totalmente dessa discussão e da terminologia racial usada anteriormente. Mas, uma coisa parece ser

⁵¹ No que tange os estudos raciais no âmbito da psicologia, destacamos e recomendamos a leitura do trabalho de Navasconi (2022) que realizou uma pesquisa acerca de mulheres negras no âmbito da psicologia. Com isto, investigou a contribuição de Virgínia Leone Bicudo, Neusa Santos Souza, Isildinha Baptista Nogueira e Maria Aparecida Silva Bento em prol de uma psicologia antirracista.

evidente: o resgate da obra de Nina se deu pela substituição da palavra “raça” por “cultura” ou “aculturação”. (p. 38)

Ainda acerca das contradições, assinalamos que os estudos especificamente de Arthur Ramos, Virgínia Bicudo e Guerreiro Ramos ampliaram o papel da psicologia em favor de uma sociedade mais comprometida com a superação da desigualdade racial (MARTINS, 2020). Apresentamos concordância com as considerações de Martins no que tange às transformações sobre a psicologia e o debate racial; ainda assim, não seria possível afirmar que tais transformações garantiriam a esta ciência um completo distanciamento das perspectivas defendidas por Kehl. Farias (2022) realizou um estudo crítico que situa o debate do racismo e o entendimento da categoria subjetividade a partir da Psicologia Sócio-histórica; o trabalho nos serve de base para compreender como este tema historicamente foi posicionado dentro dessa abordagem. Embora tal trabalho esteja endereçado a uma determinada Escola da Psicologia, as reflexões do autor sobre uma história colonial negada lançam luz a aspectos mais amplos da psicologia científica.

[...] o problema não é de produção, é de atenção a essa produção [...] ao não absorver a produção crítica de sua época sobre relações raciais, o tema do confronto em relação às desigualdades foi traduzido menos em termos concretos, ou seja, raciais, e mais em termos genéricos, como povo, classe trabalhadora, oprimidos etc. Essas unidades ontológicas no Brasil, ao sintetizarem a unidade do diverso, foram escapistas frente aos dilemas raciais brasileiros. (FARIAS, 2022, p. 168)

As provocações de Farias (2022) nos convidam a refletir sobre o compromisso assumido pela psicologia e, de certa maneira, o quanto as assertivas de Kehl ainda ressoam na formação e na atuação da psicologia no Brasil.

RENATO KEHL, EUGENIA E PSICOLOGIA: À GUIA DE CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho assumimos a posição da eugenia como um paradigma de longa duração, isto é, como um fenômeno que permanece ao longo do tempo tendo em vista a permanência de seus postulados, ainda que assuma diferentes manifestações.

Essa fortaleza paradigmática, lida também como resistência, é aquela que, precisamente se outorga certa imunidade e se permite fabricar seus próprios anticorpos para assegurar-se da subsistência. Por certo, se existem mudanças contextuais relevantes que incluem um paradigma (no sentido kuhniano), e este continua, vigente, com idêntica formulação ou com mínimas modificações não estruturais, consideramos que se classifica sua abordagem a partir da perspectiva da larga duração. (MIRANDA, 2013, p. 89, tradução nossa)⁵²

Em nosso entendimento, a ideia de continuidade não pode se confundir com o fato de que após a Segunda Guerra Mundial a eugenia se escamoteia, assume diferentes matizes, se complexifica, ganha outros contornos, porém, segue fiel à defesa de “melhoramento da raça humana”, ou seja, seu núcleo central. As novas roupagens da eugenia após 1945 exigem de nós uma análise atenta daquilo que não se apresenta de forma explícita. Além disso, é preciso pensar que, em se tratando da eugenia latina, a proposta eugênica seguiu viva.

A figura de Renato Kehl é notadamente conhecida no cenário nacional e internacional pela defesa da eugenia, fato este que nos faz pensar qual teria sido o curso de seu pensamento em um período reconhecido historicamente pela “atenuação” das ideias eugênicas. Nesta pesquisa, nosso objetivo principal foi trabalhar com as produções de Kehl a partir de 1945 a fim de verificar se conhecimentos em psicologia estiveram integrados às suas produções e se suas produções seguiam apresentando um caráter eugênico. Concluimos que sim; portanto, nossa tese se confirma. Por outro lado, é preciso tecer considerações da maneira como a psicologia e a eugenia estiveram presentes em suas produções.

Iniciando pela eugenia, não podemos deixar de considerar uma questão fundamental que atravessou nosso estudo logo após o levantamento dos materiais e uma certa reflexão sobre os títulos das obras selecionadas: após 1945 Kehl se enveredou mais para o campo da filosofia de modo que suas indagações teriam se desviado da temática da eugenia? Essa inquietação caminhou conosco ao longo da pesquisa e disputou espaço com nossa hipótese central de que Kehl não havia abandonado seu lado eugenista até o final da vida. Tal inquietação foi respaldada

⁵² Esa fortaleza paradigmática, legible también como resistencia, es la que, precisamente, le otorga cierta inmunidad y le permite fabricar sus propios anticuerpos para asegurarse la subsistencia. En definitiva, si existen cambios contextuales relevantes que involucran a un paradigma (en sentido kuhniano), y este continúa, vigente, con idéntica formulación o con mínimas modificaciones no estructurales, consideramos se habilita su abordaje desde la perspectiva de la larga duración.

na análise das obras e nos possibilitou concluir que a eugenia esteve presente em suas produções. Um aspecto importante que chamou nossa atenção neste trabalho foi a retórica complexa que Kehl lança mão para poder abordar a eugenia. Isto nos faz pensar em como analisar a eugenia após 1945 e como este ideário continua seguindo seu caminho e perseguindo seus objetivos, porém, com outras facetas. Em nosso entendimento, as novas roupagens da eugenia requerem que estudos sobre este período persistam, bem como demandam reflexões não só sobre essas novas facetas, como também quais são os impactos da permanência deste ideário.

A reflexão que tínhamos acerca da incursão de Kehl no campo da filosofia também pôde ser respondida a partir da análise das obras. Conforme assinalamos ao longo deste trabalho, a filosofia parece ter cumprido com o “rigor” com o qual Kehl pretendia para qualificar suas premissas, isto é, como necessário para se lograr o “melhoramento da raça”. A articulação entre filosofia e eugenia pode abrir caminho para pensarmos no percurso teórico de outros eugenistas após a Segunda Guerra como alternativa para preservar a eugenia e isto não só no Brasil. Estudos dessa natureza podem inclusive fomentar pesquisas comparativas entre tais pensadores a fim de identificar semelhanças e divergências em seus percursos no referido período.

Outro ponto importante a ser destacado acerca da questão da eugenia diz respeito às fontes pesquisadas. Nesta pesquisa, optamos pela seleção de livros publicados a partir de 1945 e, conforme destacamos anteriormente, nosso trabalho não esgota as investigações acerca do pensamento de Renato Kehl a partir das mesmas obras analisadas nesta pesquisa ou de publicações de outra natureza, pois investigar a trajetória intelectual de um determinado autor é um trabalho constante e feito a partir de uma rede de pesquisas. Esperamos que esta pesquisa possa contribuir com a gama de estudos que existem sobre eugenia no pós-guerra e do pensamento de Renato Kehl produzindo questionamentos que podem levar a novas investigações.

No que tange ao percurso geral da pesquisa e à continuidade de estudo, chamamos a atenção para a dificuldade do trabalho de mapeamento de fontes primárias. Foram diversas buscas em bibliotecas e arquivos até que fosse possível localizar os exemplares; enfrentamos inúmeras dificuldades para localização, principalmente no período da pandemia, e para confirmação das edições publicadas, prova disso foi a localização de duas obras que se enquadravam no recorte estabelecido para esta pesquisa, porém, só foram localizadas posteriormente, inviabilizando sua incorporação a este estudo. Por se tratar de um estudo com tempo previamente determinado para sua conclusão, alguns aspectos desta pesquisa ficarão em

aberto para estudos posteriores. É o caso de uma proposta de pesquisa sobre as outras publicações de Kehl a partir de 1945, algo que pretendemos realizar em momento oportuno e também a realização de uma investigação que busque tecer articulações mais específicas entre as obras produzidas e o cenário brasileiro e como o momento histórico, especialmente a correlação de forças entre pensamento conservador e progressista, pode ter favorecido não só a permanência das ideias eugênicas como estimulado e preservado a atividade teórica de Renato Kehl. Acreditamos que um estudo específico da continuidade da eugenia no Brasil pode nos ajudar a refletir porque Kehl adotou uma postura um tanto “amena” sobre eugenia em seus livros, mas não o fez em publicações periódicas como em jornais, entrevistas e correspondências.

No que tange à psicologia, notamos que Kehl não se tornou um escritor sobre psicologia e tampouco assumiu um compromisso direto em prol da consolidação dessa ciência no Brasil, engajando-se em seu ensino ou na organização de cursos, eventos ou na criação de laboratórios. Por sinal, não há uma predominância de estudos acerca da participação de Kehl em ações em prol da psicologia; acreditamos que estudos dessa natureza podem ampliar o campo de investigações no âmbito da história da psicologia e da eugenia. Até o momento o que se sabe é o que já assinalamos no início deste estudo, ou seja, que a Academia Paulista de Psicologia atribuiu a Renato Kehl o título de patrono de uma de suas quarenta cadeiras por seu pioneirismo no estudo da personalidade.

Ainda sobre a relação entre Kehl e a psicologia, o que percebemos é que este campo do conhecimento integra as produções do autor como uma ciência consolidada e cuja função está bem estabelecida, isto é, a função de conhecer e avaliar as características humanas; é nesse lugar que o autor se envolveu em tarefas para divulgar e fortalecer o papel dessa ciência em nosso país. Ao chamar atenção para a necessidade e importância do conhecimento das características humanas, para a relevância de um percurso filosófico que vai se aproximando da biologia e para a necessidade de conhecer os fenômenos da sociedade, Kehl contribui para mostrar a existência de uma ciência consolidada e em vigor no país.

À primeira vista este fato poderia não figurar como um dado relevante para a história da psicologia, pois diversas áreas podem se apropriar dos conhecimentos da ciência psicológica. Por que então seguimos na defesa de que a análise do pensamento de Kehl representa um importante dado para a história dessa ciência? Primeiro porque acreditamos que Kehl se apropria dos conhecimentos da psicologia, do seu projeto científico, sem fazer distorções ou afastamentos do histórico compromisso que essa ciência assumiu em nosso país, isto é, um

compromisso articulado aos interesses das elites, da qual Kehl era parte, a favor do capital e do conhecimento de um sujeito cujas características primordiais são internas, secundarizando as relações com as dimensões sociais, históricas e econômicas que o constituem; em outras palavras, o foco é sobre o indivíduo e em suas disposições inatas. Segundo, porque a investigação da apropriação da psicologia por este autor pode revelar uma outra forma de investigar e contar sua história para além do modo tradicional de versar sobre a história da ciência. Terceiro, porque estudos que buscam demonstrar e debater a relação entre psicologia e eugenia, em nosso entendimento, assumem um compromisso com saberes e práticas numa perspectiva antirracista acerca da história da psicologia e de sua condição atual; dito de outra maneira, demonstrar que historicamente os conhecimentos em psicologia foram apropriados para integrar projetos eugênicos, por exemplo, é uma dentre as várias formas de disparar reflexões e oferecer elementos, principalmente no âmbito da formação em psicologia e, a partir disso, pensar para quais grupos e com qual finalidade a psicologia dispôs seus conhecimentos. É importante destacar aqui a maneira como a educação comparece nos escritos de Kehl, articulada aos ideais eugênicos, seja como instância para difusão e propaganda de suas ideias, seja para “amenizar” as características dos sujeitos que não se enquadravam na concepção de uma “boa natureza”, contando para isso, com a contribuição da psicologia.

Reconhecemos que uma teoria uma vez difundida não é passível de submeter-se a um ávido controle dos modos como ela será apropriada, tampouco para qual finalidade; afinal, a contradição é uma categoria inerente à realidade e deve guiar o processo de seu conhecimento. Ainda assim, advogamos que certas apropriações, como o caso de Renato Kehl, tenham sido difundidas tendo em vista que determinadas realizações presentes no percurso histórico da psicologia no Brasil contribuem para uma análise crítica desta ciência histórica ou atualmente falando. Em que pesem as transformações no âmbito da psicologia e de seu direcionamento para um crescente compromisso social, acreditamos que este trabalho está alinhado aos ecos que ainda são produzidos em decorrência do percurso histórico da psicologia, o que não significa negar e nem deixar de reconhecer transformações e contradições da psicologia até os dias de hoje.

Por último, entendemos que a aproximação e a apropriação por parte de Kehl dos conhecimentos sobre filosofia e psicologia estariam mais inclinadas a um ecletismo para preservação e sustentação/legitimidade teórica de suas premissas eugênicas que necessariamente um compromisso com o estudo e o desenvolvimento desses campos de conhecimento. Acreditamos que o projeto pessoal e teórico de Kehl sempre esteve voltado à

eugenia e que, por esta perspectiva, a filosofia e a psicologia seriam apropriadas com o objetivo de dar sustentabilidade às suas propostas. A partir disso, não seria possível afirmar que Kehl buscou investigar especificamente a psicologia ou que empregou esforços em prol de um projeto para esta ciência; seu projeto era marcadamente eugênico e os campos de conhecimentos que foram incorporados por ele tinham a função de alimentar um projeto eugênico, o que justificaria o ecletismo adotado por Kehl nas obras analisadas. Assinalar esse aspecto é de fundamental importância para demarcarmos o campo de estudos da história da psicologia no Brasil. Ao ler a história da psicologia é fundamental que possamos discriminar quando certas teorias, ações ou iniciativas são realizadas em prol de um projeto para a psicologia ou quando há um projeto para o qual a psicologia é chamada a colaborar. Até aqui, buscamos mostrar que a psicologia serviu a um projeto eugênico nacional e que debates sobre esta faceta da história são de extrema importância para aquilo que almejamos no campo de uma compreensão crítica da História da Ciência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias

FUNDO PESSOAL RENATO KEHL – DAC-COC, Fiocruz

DOMIGUES, Octávio. **Eugenia: seus propósitos, suas bases, seus meios (Em cinco lições.** 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

GALTON, Francis. **Inquiries into human faculty and its development.** 3. ed, London: Macmillan and CO, 2004. *E-book*. Trabalho original publicado em 1883. Disponível em: <https://galton.org/books/human-faculty/text/galton-1883-human-faculty-v4.pdf> Acesso em: 28 set. 2023

KEHL, Renato. **A interpretação do Homem.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1951.

KEHL, Renato. **Através da Filosofia.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1946.

KEHL, Renato. **Correspondência a Salvador de Toledo Piza Júnior.** Rio de Janeiro – RJ, 1 set. 1957. Biblioteca Salvador de Toledo Piza Júnior. Departamento de Entomologia, 428 Fitopatologia e Zoologia, Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ), Universidade de São Paulo (USP), Piracicaba – SP.

KEHL, Renato. **Filosofia e Bio-perspectivismo.** Limeira: Letras da Província, 1955.

KEHL, Renato. **Guia sinóptico de filosofia- notas de estudos.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1945.

KEHL, Renato. **Lições de eugenia.** 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1935.

KEHL, Renato. **Melharemos e prolonguemos a vida: A valorização Eugénica do Homem.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1922.

KEHL, Renato. O problema da educação sexual: importância eugênica, falsa compreensão e preconceitos - como, quando e por quem deve ser ela ministrada. In: COSTA, Maria José; SHENA, Denilson; SCHMIDT, Maria Auxiliadora **I Conferência Nacional de Educação.** Brasília: INEP, 1997. Trabalho original publicado em 1927a.

KEHL, Renato. **Psicologia da Personalidade (Guia de orientação psicológica).** 7 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1957. Trabalho original publicado em 1941.

KEHL, Renato. **Tipos Vulgares (contribuição à Psicologia prática).** 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves., 1927b

KEHL, Renato. Uma nova entidade científica que aparece - A Comissão Central Brasileira de Eugenia. **Boletim de Eugenia.** Rio de Janeiro, v. 27, n.3. 1931 Disponível em: <https://cch.uem.br/grupos-de-pesquisas/gephe/documentos/boletim-de-eugenia/ano-3-numero-27-marco-1931.pdf> Acesso em: 30 set. 2023

LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL. Estatutos da Liga Brasileira de Higiene Mental. **Archivos Brasileiros de Hygiene Mental,** v.1 n.1. 1925. Disponível em: <https://cch.uem.br/grupos-de-pesquisas/gephe/documentos/arquivos-brasileiros-de-higiene-mental-abhm/ano-1-numero-1-1925.pdf> Acesso em: 10 out. 2023

SESSÃO inaugural, 15 de janeiro de 1918. **Annaes de Eugenia (Sociedade Eugênica de São Paulo)**. São Paulo: Editora da Revista do Brasil, 1918, p. 3-12.

Bibliografia Geral

ABIB, José Antônio Damásio. Epistemologia pluralizada e história da psicologia. **Scientia Studia**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 195-208, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ss/a/MD9ghFbpK9vvrMDCrYNgMgK/> . Acesso em 12 abr. 2023

ALMEIDA, Silvio Luiz. **O que é racismo estrutural?** São Paulo: Jandaíra, 2021.

ALVAREZ PELÁEZ, Raquel. **Sir Francis Galton, padre de la eugenesia**. Madrid: CSIC, 1985.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. A consolidação da psicologia no Brasil (1930-1962): sistematização de dados e algumas aproximações analíticas. **Psicologia da Educação**. n.22, p. 79-94, jun. 2006. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752006000100005&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 22 jun. 2024.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. A Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. **Psicologia: ciência e profissão**. v. 32, n. esp., p. 44-65, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/j6f3HznKpVNrWskM3gcPGpy/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 03 jul 2024

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Materialismo histórico-dialético: fundamentos para a pesquisa em história da psicologia. In: ABRANTES, Angelo Antonio; SILVA, Nilma Renildes.; MARTINS, Sueli Terezinha. Ferreira. (Orgs.). **Método histórico-social na psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 139-154.

AROSTÉGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru: Edusc, 2006.

BERNAL, John Desmond. **Ciência na história**. Lisboa: Livros Horizonte, 1969.

BOARINI, Maria Lucia; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime (2004). Higienismo e eugenia: discursos que não envelhecem. **Psicologia Revista**, v.13, n.1, 59-71, 2004. Disponível em: <https://cch.uem.br/grupos-de-pesquisas/gephe/publicacoes-1/periodicos/lista-periodicos/higienismo-e-eugenia-discursos-que-nao-envelhecem> Acesso em 20 set. 2022

BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para la psicologia atual. **Psicologia América Latina**., México , n. 1, fev. 2004 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2004000100002&lng=pt&nrm=iso Acesso em 15 jun. 2024.

BROZEK, Josef.; MASSIMI, Marina. **Historiografia da Psicologia Moderna**. São Paulo: Loyola, 1998.

CARLOS, Anderson Ricardo; PRESTES, Maria Elice de Brzezinski. Contextualizando The descent of man, de Charles Darwin: debates calorosos persistem após 150 anos de sua publicação. **Filosofia e História da Biologia**, v. 16, n. 2, p. 131-171, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/fhb/article/view/fhb-v16-n2-01>. Acesso em: 10 set. 2023

CARVALHO, Bruno. Peixoto. **A Escola de São Paulo de Psicologia Social: uma análise histórica do seu desenvolvimento desde o materialismo histórico-dialético**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. Fundo Renato Kehl: A trajetória intelectual do eugenista brasileiro. In: AZEVEDO, Sílvia Maria; PEREIRA, Márcio Roberto. (Org.). **Anais do 8º Encontro do CEDAP: Acervos de intelectuais: desafios e perspectivas**. Unesp, 2016.

CARVALHO, Leonardo Dallacqua de; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Continuidades e rupturas na história da eugenia: uma análise a partir das publicações de Renato Kehl no Pós-Segunda Guerra Mundial. **Perspectiva**, v. 35, n. 3, p. 887-910, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2017v35n3p887>. Acesso em 12 set. 2023

COLTURATO, Andriel Rodrigo; MASSI, Luciana. Aportes teóricos e metodológicos para a história da ciência com base no materialismo histórico-dialético. **Germinal: Marxismo e educação em debate**, v. 11, n. 3, p. 170-180, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/33700> . Acesso em: 19 mar.2023

COMTE, August. *Curso de Filosofia Positiva*. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DIWAN, Pietra Stefania. **Entre Dédalo e Ícaro: cosmismo, eugenia e genética na invenção do transhumanismo norte-americano (1939-2009)**. 2020. Tese (Doutorado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

FARIAS, Marcio. **O Hércules Quasímodo da Psicologia Sócio-Histórica: Ontologia Negativa, Lutas Políticas e Dimensão Subjetiva do Racismo**. 2022. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio do século XXI: dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOUILLÉE, Alfred. Le caractère des races humaines et l'avenir de la race blanche. **Revue Des Deux Mondes** (1829-1971), v. 124, n. 1, p. 76-107, 1894. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44756028> . Acesso em: 25 set. 2023

GARCIA, Jeferson. **Racismo, capital e emancipação humana: notas sobre a questão negra na tradição comunista**. São Paulo: Instituto Caio Prado Junior, 2022.

GILGE, Marcelo Viktor. **História da Biologia e ensino: contribuições de Ernst Haeckel (1834-1919) e sua utilização nos livros didáticos aprovados pelo PNLD 2012- Ensino**

Médio. 2013. Dissertação (Mestrado em Biociências) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GOÊS, Weber Lopes. **Segregação e Extermínio: o eugenismo revisitado na capital de São Paulo (2004-2017)**. 2021. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do ABC, Santo André, 2021.

GOMES, A. C. V. A emergência da biotipologia no Brasil: medir e classificar a morfologia, a fisiologia e o temperamento do brasileiro na década de 1930. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goedi. Ciências Humanas**, v. 7, n. 3, p. 705-719, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/f9gnSVZxQ3t3HkmpqRsW3mS/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 12 jan. 2024

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade – a historicidade como noção básica. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (orgs.). **Psicologia sócio-histórica – uma perspectiva crítica em psicologia**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2015, pp. 47-66.

FAGGION, Melline Ortega. **Psicologia e eugenia: percursos da história**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), 2018. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

FAGGION, Melline Ortega; SOUZA, Simone Carlos de. O Correio Paulistano (1918-1929): e a popularização do ideário da eugenia. *In*: BOARINI, Maria Lucia (Org.). **A busca da perfeição: o ideário eugenista em pauta**. Maringá: EDUEM, 2019. p. 57-82.

FERRATER MORA, José. **Diccionario de filosofía**. Madrid: Alianza, 1990.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2 ed. São Paulo: Paz e terra, 1976.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **Actividad, conciencia y personalidad**. Habana: Pueblo y Educación, 1983.

MAGGIE, Yvonne. “Aqueles a quem foi negada a cor do dia”: as categorias cor e raça na cultura brasileira. *In*: MAIO, Marcos C.; SANTOS, Ricardo V. (orgs.) **Raça, ciência e sociedade**. Versão digital. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 2018, p. 225-235.

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. Cientificismo e Antirracismo no Pós-2ª Guerra Mundial: uma análise das primeiras Declarações sobre Raça da Unesco. *In*: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. (Orgs.). **Raça como questão: história, ciência e identidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. p. 145-170.

MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.14 n.41, p. 141-158, 1999. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/QZnghFsZnmKFLtHyMWpnwHk/?lang=pt> > Acesso em 16 jun 2024. <https://doi.org/10.1590/S0102-69091999000300009>

MARTINS, Hildeberto Vieira. Usos dos discursos psi: a questão racial (1930-1950). **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 72, n. spe, p.33-47, 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-

52672020000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 jun 2024. <https://doi.org/10.36482/1809-5267.arbp2020v72s1p.33-47>.

MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007

MASIERO, André Luis. A psicopatologia na obra de Renato Ferraz Kehl. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 164-178, 2014. Disponível: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1983-82202014000200005 . Acesso em 18 out. 2022.

MENDES, Mariana Diniz. Aprendendo a viver: Diários, 1935-1936, de Eunice Penna Kehl. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 83, p. 212-219, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/205879> . Acesso em: 15 mai. 2024

MIRANDA, Marisa Adriana. Develando aspectos del Humanismo Eugenésico Integral (Argentina, post-Holocausto). **El banquete de los dioses- Revista de Filosofía y Teoría política contemporáneas**, n. 10, p. 213-237, 2022. Disponível em: <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/ebdld/article/view/7334> . Acesso em: 25 jul. 2023

MIRANDA, Marisa Adriana. La Argentina en el escenario eugenico internacional. *In*: MIRANDA, M.; VALLEJO, G. (Orgs.). **Una historia de la eugenesia. Argentina y las redes biopolíticas internacionales (1912-1945)**. Buenos Aires: Biblos, 2012. p. 19-64.

MIRANDA, Marisa Adriana. La eugenesia tardía en Argentina y su estereotipo de familia segunda mitad del siglo XX. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 25, p. 33-50, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ufabc.edu.br/>. Acesso em: 18 set. 2023.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In*: **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismooIdentidadeEEtnia.pdf. Acesso em: 22 ago. 2023.

MUNARETO, Geandra Denardi. **A ciência como regeneradora da nação: eugenia e autoritarismo no pensamento de Oliveira Vianna, Azevedo Amaral, Renato Kehl e Belisário Penna**. 2017. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017

NAVASCONI, Paulo Vitor Palma. **“Os nossos passos vêm de longe”: a contribuição de quatro autoras negras para a Psicologia Brasileira Antirracista**. 2022. Tese (Doutorado em Psicologia)- Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2022.

OBREGÓN HILARIO, W. A. El porvenir de las razas: El racialismo en el Perú entre los siglos XIX y XX. **Análisis**, v. 51, n. 94, p. 81-100, 2019. Disponível em: <https://revistas.usantotomas.edu.co/index.php/analisis/article/view/4255/pdf> . Acesso em 21 set. 2023.

PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

ROITBERG, Guilherme Prado. **Crítica da razão eugênica: a educação para a consciência racial em Renato Kehl, Salvador de Toledo Piza Júnior e Octavio Domingues**. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. Intelectuales y redes eugénicas de América Latina: relaciones entre Brasil y Argentina a través de Renato Kehl y Victor Delfino. *In*: MIRANDA, Marisa; VALLEJO, Gustavo. (Orgs.). **Una historia de la eugenesia. Argentina y las redes biopolíticas internacionales (1912-1945)**. Buenos Aires: Biblos, 2012. p. 64-95.

SCHAFF, Adam. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fonte, 1995.

SCHÄFFER, Gabrieli.; CASSOL, Claudionei Vicente. Biosofia como sentido integral pensar, sentir e viver. **Revista Científica da Faculdade de Balsas**, v. 12, n. 1, p. 35-45, 2022. Disponível em: <https://revista.unibalsas.edu.br/index.php/unibalsas/article/view/137> . Acesso em: 2 de jun. 2024.

SCHRAMM, Fermin Roland. Eugenia, Eugenética e o Espectro do Eugenismo: Considerações Atuais sobre Biotecnociencia e Bioética. **Revista Bioética**, v. 5, n. 2, 2009. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/384 . Acesso em: 4 jun. 2024.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

SILVA, Henrique Mendonça da. **A medicina social eugênica de Luiz Palmier e suas atuações em educação e saúde**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Maria Cecília de Vilhena Moraes. **A compreensão da medida e a medida da compreensão: origens e transformações dos testes psicológicos**. 2010. Tese. (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVA, Filipe Augusto Alves Moreira. **O pensamento eugênico de Renato Kehl nas décadas de 1940-1950**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2019.

SILVA BAPTISTA, Marisa Todescan Dias da. A regulamentação da profissão Psicologia: documentos que explicitam o processo histórico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n. spe, p. 170-191, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/MBTmvHRs7MZCZHBLyrTYX4x/#> . Acesso em: 30 mai. 2024.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **A Política Biológica como Projeto: a “Eugenia Negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.

STEPAN, Nancy Leys. **A hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

VALLEJO, Gustavo. El ojo del poder en el espacio del saber: los institutos de biotipología. **Asclepio**, v. 56, n. 1, p. 219-244, 2004. Disponível em: <https://asclepio.revistas.csic.es/index.php/asclepio/article/view/78>. Acesso em: 27 jun. 2024.

VALLEJO, Gustavo. Una eugenesia liberal y católica en la segunda posguerra. Argentina en la década de 1960. In: CALVO,; GIRÓN, Luis Calvo Álvaro; PUIG SAMPER, Miguel Ángel. (Orgs.). **Naturaleza y laboratorio**. Barcelona: Residència d'Investigadors – CSIC-Generalitat de Catalunya, p. 265-298, 2013.

VALLEJO, Gustavo.; MIRANDA, Marisa Adriana. “Civilizar la libido”: estrategias ambientales de la eugenesia en la Argentina. **Iberoamericana**, v. 11, n. 41, p. 57-75, 2011. Disponível em: https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.14479/pr.14479.pdf . Acesso em: 11 de set. 2023.

VALLEJO, Gustavo.; MIRANDA, Marisa Adriana. Enseñando a custodiar el “buen nacer” Los estudios universitarios de Eugenesia en Argentina (1942-1980). **Varia Historia**, v. 33, n. 61, p. 49-78, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/mbfcvXRcJDB3Km5574jJQnv/?lang=es> . Acesso em: 10 out. 2023

VEREADOR carioca defende projeto eugênico. **G1 O portal de notícias da Globo**, Rio de Janeiro, 13 de abril de 2007.

WEGNER, Robert.; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia ‘negativa’, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 20, n. 1, p. 263-288, jan.-mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Hxj4PcSwZGZQzfTRgHpGCbC> . Acesso em: 15 out. 2023.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. **A crise e as alternativas da psicologia**. São Paulo: Edicon, 1987.

Anexo

Ficha catalográfica das obras

Título: Guia sinóptico de filosofia- notas de estudos

Ano de publicação:1945

Editora: Francisco Alves

Cidade: Rio de Janeiro-São Paulo-Belo Horizonte

Organização do conteúdo: Preliminares, Parte I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII

Nº de páginas: 93

Localização: Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Material doado pelo autor, conforme carimbo nas primeiras páginas.

Observações: Primeira edição, bem conservado, contém uma mensagem escrita à mão na capa: “Homenagem do autor. S/c Rua Domingos de Moraes, 804, São Paulo. Na contracapa consta impresso *A Caetano de A. de Coutinho e a Paulo F. Mendes Viana, em recordação dos muitos anos de cordial amizade. R.K.* Ao final da obra há impresso: *Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais” Ltda, à rua Conde de Sarzedas, 38. São Paulo, em 1945.*

Indice

Preliminares

Parte I

Principais doutrina filosóficas
Filosofia na antiga Grécia
Desenvolvimento sinóptico e discriminativo
Filosofia na Índia
Filosofia na Pérsia
Filosofia na China

Parte II

Filosofia na Idade Média

Parte III

Filosofia na Renascença

Parte IV

Filosofia moderna

Parte V

Principais representantes dos diversos períodos

Parte VI

Correntes científicas de notável influência

Parte VII

Pensadores de Influência no desenvolvimento da Filosofia- Século XX

Parte VIII

Filosofia contemporânea

Título: Através da filosofia

Ano de publicação: 1946

Editora: Francisco Alves

Cidade: Rio de Janeiro-São Paulo-Belo Horizonte

Organização do conteúdo: 1- Filosofia e Bioperspectivismo; 2-Primórdios da filosofia; 3-Crise de atitudes filosóficas; 4-Atitudes filosóficas; 5-Contradições em filosofia; 6- O estudo da filosofia.

Nº de páginas: 131

Localização: Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Observações: Material com a capa bastante desgastada, exige um manuseio delicado. O miolo da obra está preservado. Constan algumas anotações a caneta na contracapa, porém, todas ilegíveis.

Índice

1º Parte Filosofia e bio-perspectivismo

Capítulo I- Filosofia e bio-perspectivismo

Capítulo II- Primórdios da filosofia

Capítulo III- Crise de atitudes filosóficas

Capítulo IV- Atitudes filosóficas

Capítulo V- Contradições

Capítulo VI- Considerações gerais sobre o estudo da filosofia

2º Parte Bio-perspectivismo

Capítulo I- Bio-perspectivismo

Capítulo II- Retorno à filosofia

Título: A cura do espírito

Ano de publicação: 1946

Editora: Francisco Alves

Cidade: Rio de Janeiro-São Paulo-Belo Horizonte

Organização do conteúdo: Capítulo I, II, III e IV

Nº de páginas: 167

Localização: Aquisição Sebo.

Observações: Material com a capa bastante desgastada, exige um manuseio delicado. O miolo da obra está preservado.

Índice

Capítulo I- O PROBLEMA DA FELICIDADE

Conceitos filosóficos

Ponto de vista médico e eugênico

Capítulo II- CONCEPÇÃO FISIOLÓGICA, PSICOLÓGICA E SOCIOLÓGICA

A conquista do “bem-estar”

A arte de ser feliz

Sugestões práticas

Ilacões e deducões

Capítulo III- PROBLEMÁTICAS E FILOSOFEMAS

O instinto

O prazer e a dõr

O ressentimento

Capítulo IV- VARIAÇÕES PSICO-CRÍTICAS EM TÔRNO DA FELICIDADE

O tédio

A intriga

As demasias

Título: Higiene Rural: Conselhos para a preservação da saúde na roça.

Ano de publicação: 1947

Editora: Chácaras e Quintais

Cidade: São Paulo, Rua Tabatinguera, 122.

Organização do conteúdo: Introdução, Cinco capítulos (em cada capítulo diversos subcapítulos) e Apêndices.

Nº de páginas: 52

Localização: Biblioteca da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Observações: Material bem conservado. Na capa, acima do livro consta: Biblioteca Agrícola Popular Brasileira. Editada sob a direção de Amadeu A. Barbiellini. Na contracapa consta impresso: Dedicada aos lavradores, aos criadores e aos trabalhadores dos campos. Como dedicatória, consta impresso: *Em memória de Belisário Augusto de Oliveira Penna, criador do Saneamento Rural do Brasil, patriota e humanista dinâmico, cuja evangelização higiênica, por todo o país, resultou na campanha de valorização do homem do campo, no estabelecimento de uma mentalidade sanitária nacional, nas novas diretrizes dos serviços de Saúde Pública federal e estaduais.* Ainda na mesma página, impresso, há uma nota de Renato Kehl: *Concorramos, cada qual com uma parcela, para a regeneração somato psíquica e social do nosso homem rural. Dêsse modo, contribuiremos para a grandeza do Brasil.*

Índice

INTRODUÇÃO

A VIDA NA ROÇA E A VIDA NA CIDADE

CAUSAS RESPONSÁVEIS PELA MÁ SAÚDE DOS AGRÁRIOS

NOÇÕES GERAIS DE HIGIENE RURAL E SUBURBANA

Habitação

Localização

Orientação

Dimensões

Condições gerais de higiene

Higiene do solo

Instalações sanitárias

Privadas

Abastecimento de água

MEDIDAS GERAIS DE PROFILAXIA

DOENÇAS PARASITÁRIAS E DOENÇAS INFECCIOSAS

Vermes intestinais

Lombriga

Ancilistomo – Necator

Outros vermes intestinais

Oxiúros

Tênias ou Solitárias

Schistosmose

Impaludismo

Úlceras

Lepra

Trauma

Ofidismo

Raiva

APÊNDICE

Ratos

Baratas

Percevejos

Pulgas

Piolhos

Bichos de pé

Moscas

Mosquitos

Ácarus

PEQUENO RECEITUÁRIO DE EMERGÊNCIA

Picadas

Mordedura de cão

Mordedura de cobra

Queimadura

Ferimentos

Unha encravada

Cárie dentária

MEDICAMENTOS INDISPENSÁVEIS

PRECEITOS GERAIS

Título: Envelheça sorrindo - Ensaios de macrobiótica ou arte de prolongar a vida e de geriatria ou “medicina dos velhos”.

Ano de publicação: 1949

Editora: Paulo de Azevedo LTDA.

Livraria: Francisco Alves

Cidade: Rio de Janeiro-São Paulo-Belo Horizonte

Organização do conteúdo: Prêmio, Capítulo I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX.

Nº de páginas: 231

Localização: Aquisição Sebo.

Observações: Material em bom estado de conservação. Obra autografada pelo autor, mensagem escrita à mão: *Ao caro irmão e amigo (nome indecifrável) como recordação de Renato. São Paulo, 19/01/49.* Na contracapa consta impresso uma dedicatória: *Reservo esta página em homenagem a minha Mãe, Rita de Cássia Ferraz Kehl, falecida tão jovem, quando tudo a fazia sorrir diante da vida, e a meu Pai, Joaquim Maynert Kehl, exemplo invulgar de bondade e de dedicação, cuja longa existência transcorreu segunda a divisa heráldica da família - Merece o que herdaste - e que, confirmando os predicados do tronco de origem, lutou, sofreu e venceu, mantendo até os últimos dias de sua bela velhice, o bom humor e a alegria de viver. R.F.K.* Ainda nessa mesma página, no canto superior esquerdo, há impressa a imagem da árvore considerada símbolo da eugenia (eugenics tree) e bem ao centro da imagem está escrito: *Merece o que herdaste.*

Índice

Capítulo I – NOVAS PERSPECTIVAS: - Da maturidade à velhice – Novos métodos de proteção e de tratamento dos velhos – Macrobiótica ou arte de prolongar a vida – Geriatria – Gerontologia – Causas do envelhecimento – Progressos em torno do problema da velhice.

Capítulo II – NO MUNDO DOS VELHOS: - Aumento da longevidade – Predomínio numérico dos homens de mais de 45 anos – Retorno à gerontologia ou advento da nova era dos homens idosos – Do “jardim da juventude” para o “jardim da senectude”.

Capítulo III – O QUE É SER VELHO: - os cabelos brancos – Manifestações características – Os termos velhice e senilidade – Processos de desintegração e de renovação celular – Hormônios da mocidade – Jovens velhos e velhos senis.

Capítulo IV – ENVELHECER: - Idade perigosa – Idade crítica – Protesto viril e protesto feminil – Obsessões da idade – Mania de se impor pelo dinheiro e pelo cartaz – Estados emocionais – Vitórias gozadas na velhice – Evitar as rugas no espírito – Envelhecer confortavelmente

Capítulo V – AS CAUSAS DA VELHICE: - os primeiros sinais – Envelhecimento parcial e geral – Canície e rugas prematura e tardia – Fatores tóxicos e mórbido – Endocrinopatias - Distúrbios da nutrição celular – Função dos linfáticos e dos capilares.

Capítulo VI – POR QUE ENVELHECEMOS: - Longevidade hereditária – O mecanismo da senescência – Hábitos viciosos – Exemplo de mocidade florescente e duradoura – cálculo de duração da vida – Sinais de vida curta e sinais de vida longa – Profissão e longevidade

Capítulo VII – A DURAÇÃO DA VIDA:- Cálculo de probabilidade de sobrevivência – Médias gerais de longevidade - Influência da hereditariedade e do meio – Método para alcançar a vida longa – Aumento da duração média – Exemplos de longevidade.

Capítulo VIII – MEDO DE ENVELHECER: - Velhice abrigada – O espírito filosófico dos velhos – Processo natural de adaptação – Inadaptação dos nevrosados – Exemplo de insatisfação – O mal do medo de envelhecer – Envelhecimento natural e paulatino – A ciência do bom senso.

Capítulo IX – OS VELHOS MOÇOS: - Envelhecimento tardio – Velhos que remoçam – Arte de ser velho-moço – Medidas geriátricas – Fisiologia dirigida – Prazeres dosados – Inimigos dos velhos – Exemplos notáveis de velhos-moços.

Capítulo X – COMO RETARDAR A VELHICE: - Tipos privilegiados – Velhices verdes – Medidas profiláticas contra o envelhecimento – Fonte de Juventa – Capital hereditário – Exercícios físicos – Virtudes do naturismo – Regimes individualizados

Capítulo XI – ACHAQUES DA VELHICE: - Velhice fisiológica – Velhice doentia – Achaques mais frequentes – Doenças do aparelho digestivo – Doenças do aparelho circulatório – Outras mazelas – Nova doença dos velhos.

Capítulo XII – A HIGIENE NA VELHICE: - fim da maturidade e início da velhice – Predisposições mórbidas – Tendências senis – Exames periódicos de sanidade – Medidas gerais de higiene – Preceitos especiais – O sono dos velhos – Ocupações recomendadas – Higiene do espírito.

Capítulo XIII – REGIME ALIMENTAR DOS VELHOS: - A importância do regime alimentar na velhice – Afinação do apetite com as possibilidades orgânicas – Plano sumário e racional da alimentação – Prescrições básicas: vigiar a tensão e moderar as combustões – Alimentos recomendáveis e alimentos a evitar – Distribuição das refeições – Abusos e Tabus.

Capítulo XIV - VELHICES GLORIOSAS: - Glórias da vida – Velhice-galardão – Longevos vulgares – Longevos célebres – Médicos de vida longa – Exemplo de profissionais nonagenários e centenários – Capacidade vital dos militares – Regras gerocômicas de conduta – Velhos notáveis e seus métodos de vida.

Capítulo XV – VELHICE VENTUROSA: - Velhice sadia e feliz – Como viver além dos cem anos – O segredo da longevidade de dr. Gueniot – Preceitos do dr. Weber – Epístola de Leão XIII – Regras de dr. Bortz – Conclusões do dr. Biskup.

Capítulo XVI – OS VELHOS DE AMANHÃ: - O problema social da velhice – os velhos e os encargos da vida – O retorno do prestígio antigo – Os velhos em função de novas prerrogativas – A autoridade com base na sabedoria – O peso numérico do eleitorado composto de homens de mais de 50 anos – O problema gerontológico no ano 2.000.

Capítulo XVII – NO LIMIAR DA VELHICE: - Depois dos cinquenta – Necessidade de um regime hipotóxico – O hábito de um dia de jejum semanal – Influência benéfica das viagens de recreio – Freio aos ímpetus vitais – A prática de desportos adequados – Ideia rósea matinal – Três pontos básicos de conduta – Parcimônia de gastos.

Capítulo XVIII – A MULHER DEPOIS DOS 40...: - O espelho revelador – Indícios do envelhecimento – Crises, deslizes e desencantos – Idade crítica – A tríplice insuficiência –

Tratamentos indicadas e contra-indicados – Propensão masoquista – A beleza depois dos 40... – A lei das compensações – Supletivos animadores.

Capítulo XIX – OS VELHOS NO FUTURO: - “Velhos problemas” - Manias – Intolerâncias – Bizarrias – Sovinices – Intemperança – Jovialidade descontrolada – Maníacos do dinheiro – Leituras para velhos – Ocupações manuais – Criação de “Centros de Velhice” – Círculos de estudos gerocômicos.

Capítulo XX – ENVELHEÇA SORRINDO: - O bom humor e os velhos – Qualidade de humor – Humor oscilante – Humor e Hormônios – Humor-euforia – Prescrições de Ruskin – Cultivo sistemático do bom humor – Velhos alegres e velhos birrentos – Ranzinzos mórbidos – Velhos que envelheceram sorrindo – Anedotas inocentes.

Título: A interpretação do homem (ensaio de caracterologia)

Ano de publicação: 1951

Editora: Francisco Alves

Cidade: Rio de Janeiro-São Paulo-Belo Horizonte

Organização do conteúdo: Introdução, Capítulo I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X (em cada capítulo diversos subcapítulos) e Ilustrações.

Nº de páginas: 267

Localização: Biblioteca Isaías Alves da Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Observações: Material levemente desgastado na capa, com oxidações no miolo, mas que não comprometem a leitura e o manuseio. Na contracapa há duas citações impressas: *É perigoso fazer ver demasiadamente ao homem, o quanto ele é igual aos animais, sem lhe mostrar também a sua grandeza. É ainda perigoso fazer-lhe ver a sua grandeza, sem lhe apontar a sua humildade. É ainda mais perigoso deixá-lo ignorar ambas as coisas. Mas é vantajoso mostrar-lhe uma e outra. Pascal. O homem, em si mesmo, não muda; como agiu num caso, agirá ainda em outro, se forem idênticas as circunstâncias. Schopenhauer.*

Índice

Introdução

CAPÍTULO I CARACTEROLOGIA

1. História
2. Noção de carácter
3. Caracterologia – Definição
4. Caracterologia e educação
5. Vantagens práticas
6. Alcance e limite da caracterologia
7. Finalidade humanística da nova ciência
8. Dificuldades para a tipificação
9. Formação caracterotécnica

CAPÍTULO II HEREDOLOGIA E CARACTEROLOGIA

1. Particularidades hereditárias
2. Hereditariedade e estrutura corporal
3. A predeterminação biológica e do carácter
4. Comprovação Estatística

CAPÍTULO III

AS MANIFESTAÇÕES BIO-SOCIAIS E O CARÁCTER

1. Função imperativa do carácter genuíno
2. Instintividade e personalidade
3. Dos homens no taboleiro da vida
4. Tipificação empírica
5. Móveis das ações e modos de as manifestar
6. Modalidades de atitudes
7. Traços de carácter e exteriorizações

CAPÍTULO IV

CONDUTA E COMPORTAMENTO SOCIAL

1. Unidade na diversidade
2. Aparência e realidade
3. Injunções alteradoras

CAPÍTULO V

DOS TIPOS CONSTITUCIONAIS

1. Distribuição dos tipos
2. Bio-quimismo
3. Tipos fundamentais de Viola
4. Estrutura corporal e carácter
5. Pontos básicos da classificação de Kretschmer
6. Discriminação estrutural
7. Tipos constitucionais e infância
8. Tipos constitucionais e sexo
9. Sexo e carácter
10. As variações constitucionais e a lei dos erros
11. As variações constitucionais e os antagonismos
12. O inconsciente e a caracterologia
13. Constituições psicopáticas

CAPÍTULO VI

TIPO E TEMPERAMENTO

1. Característicos temperamentais
2. Humor-temperamento e variações
3. Humor e sexualidade
4. O clima e as variações do temperamento
5. Conduta moral e temperamento

6. Exposição resumida e complementar de alguns tipos
7. Os desvios da personalidade
8. Glândulas endócrinas e constituição
9. As excentricidades em face da caracterologia
10. As manias como válvulas de escape

CAPÍTULO VII INDIVISUALIDADE E PERSONALIDADE

1. Individualidade-carácter e carácter-personalidade
2. Os tipos específicos e o meio
3. O homem normal ideal
4. O homem moral médio
5. O simbolismo em caracterologia
6. Biotipologia e caracterologia
7. Ritmo e personalidade
8. Maturos e imaturos (distinção entre pessoa e personóide)
9. Fatores favoráveis à revelação da personalidade
10. Masculinidade, feminilidade e intersexualidade
11. Masculinidade e feminilidade do ponto de vista físico e psíquico
12. Previsão ou prognóstico caracterológico (Constituição e destino)

CAPÍTULO VIII INTERPRETAÇÃO DO HOMEM SOCIAL

1. Os móveis das ações
2. Diversidade de inteligente
3. Mentalidade e atitude
4. Atitudes convencionais
5. Expressões fisionômicas e atitudes
6. A fisionomia humana e os animais
7. A atitude e o comportamento
8. A atitude e a consciência
9. Mimíca
10. Excitabilidade e atividade
11. Indumentária
12. Hábitos viciosos
13. Avaliação do juízo moral e da conduta
14. Sentimento de insatisfação
15. Caracterologia e criminologia

CAPÍTULO IX DA PRÁTICA CARACTEROLÓGICA

1. Método prático de exame
2. Do tipo constitucional
3. Idade e carácter
4. Desenvolvimento psíquico
5. Sexualidade
6. Avaliação do carácter moral

7. Períodos críticos
8. Periodicidade
9. Os testes em caracterologia
10. Psicodiagnóstico de Rorschach

CAPÍTULO X

INTERPRETAÇÃO DO HOMEM

Condições gerais e finais

A caracterologia médica e a caracterologia forense

A ciência do carácter e a ciência da personalidade

O homem, o momento e as circunstâncias

Exteriorizações e os traços de personalidade

Grafologia e particularidades constitucionais

Curvas de pressão ao escrever e significação caracterológica

Análise grafológica

Carácter – dom de origem

“Ficha teste” e tipos de carácter

Auto-análise caracterológica

Tipos padrões (homens práticos, imaginosos, idealistas, sentimentais)

Sub-tipos e mixo-tipos

Apêndice (Notas rememorativas e de orientação matética)

Disposições Gerais e fundamentais para colheita e registro de dados

Bibliografia (Algumas obras e trabalhos avulsos citados)

ILUSTRAÇÕES

As cinco faces do biótipo (Pende)

Hereditariedade, fator fixo

Gêmeos univitelinos e gêmeos bivitelinos

Gêmeos héredo-homogêneos e héredo-heterogêneos

Os tipos morfológicos de Viola

Os tipos morfológicos de Kretschmer

Posição das vísceras e classificação de W. Mills

Os tipos respiratório, digestivo, muscular e cerebral

D. Quixote e Sancho Pança

Atitude característica do biótipo atlético

Mãos reveladoras
Expressões fisionômicas
Diagrama genealógico da família “Zero”
Curva vital
O crescimento em diferentes idades (Esquema de Stratz)
Curvas de pressão ao escrever

Título: Itinerário de vida. Coletânea “preparação para a vida”. Volume I

Ano de publicação: 1954

Editora: Francisco Alves

Cidade: Rio de Janeiro-São Paulo-Belo Horizonte

Organização do conteúdo: Prólogo, Capítulo I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXI, XII (em cada capítulo diversos subcapítulos).

Nº de páginas: 127

Localização: Aquisição Sebo.

Observações: Material com a capa bastante desgastada, exige um manuseio delicado. Miolo da obra está preservado. Na contracapa consta impressa uma mensagem de Renato Kehl: *Cumprir ter um alvo para as aspirações, e tudo fazer para atingi-lo. (em seguida) Podes ter um ou mais guias. De todos o melhor e o único seguro é a tua vontade a serviço da tua inteligência. R. Kehl.* No prólogo há uma nota de rodapé com a seguinte mensagem: *As páginas deste livro encerram alguns trabalhos insertos em “A Gazeta”. Se o presente volume merecer boa acolhida dos leitores, outros serão organizados nos mesmos moldes, objetivando-se assim, a formação da Coletânea “PREPARAÇÃO PARA A VIDA”.*

Índice

Prólogo

A arte modesta de viver
A regra para o êxito

Capítulo I- Eterno aprendiz

As contingências da vida
Errar todos erram
Aprendizado profícuo
A sabedoria de viver

Capítulo II- Aos vinte anos

Não se embriague com sonhos
Bases de auto-educação
Confiança individual
As etapas da vida

Capítulo III- Vida com objetivo

Quando a vida tem encanto
A fixação de um objetivo
Tempo desperdiçado

Gente inútil ou inutilizada

Capítulo IV-Finalidade primordial da vida

Inconstância nos itinerários

Causas de infortúnio

Atitude positiva

Capítulo V-Adote um lema

Um lema sugestivo

Alvo fixo da existência

Capítulo VI- Bem estar

Para assegurar o bem estar

Fatores indispensáveis a considerar

Mentalidade imprudente

Capítulo VII- Aproveite o seu tempo

Para fazer o tempo render

Os que se queixam da falta de tempo

Emprêgo inteligente do tempo

Capítulo VIII- O prazer de trabalhar

A escolha de uma profissão

Constituição, temperamento e trabalho

Princípios básicos para a escolha da profissão

Capítulo IX- Donos da vida

Os que são donos da vida

Os ricos e os potentados

A comedia da vida

Capítulo X- A arte de simplificar

Racionalização das atividades

Vida dispersiva e exaustiva

Estilo complicado de vida

A prática simplificadora

Capítulo XI- Escravos do supérfluo

Os que muito ambicionam

O supérfluo e o necessário

Trastes inúteis ou sem préstimo

Armazenadores de “preciosidades”

Capítulo XII- A alegria pelo trabalho

O prazer de ser útil

Ociosidade e nulidade

Escolas de trabalho

Capítulo XIII- Os que nada produzem

Inteligência e vontade

Válidos mas inúteis
Parasitismo e nulidade

Capítulo XIV- Pada viver em paz

Regras gerais, simples e concisas
Não se incomode!
Saúde e economia
Prodigalidade desmedida

Capítulo XV- A sabedoria popular

A boa geração
Verdades em síntese
Brado angustioso de desolação
Adágios e rifões

Capítulo XVI- O que é ser patriota

Tema digno de ser ventilado
Patriotismo e patriotada
Patriotas exaltados

Capítulo XVII- Patriotismo

As virtudes cívicas
O cumprimento do dever
Código de brasilidade

Capítulo XVIII-Concretização de objetivos

Objetivos principais
A estrada da vida
Os que vivem “no mundo da lua”
A fase mais produtiva
É sempre tempo para uma reabilitação

Capítulo XIX- Boa vontade

A satisfação de viver utilmente
Vontade ativa e passiva
Derrotistas e obstrucionistas
Os heróis humildes

Capítulo XX- Atividades falhadas

Os frouxos, os desanimados e os preguiçosos
A falta de incentivo
Timidez, receio e medo
Incapacidade mórbida

Capítulo XXI- Preparação para a morte

A arte de viver e arte de morrer
Auto disciplinação do espírito
Os que pensam na morte
Na hora final

Capítulo XXII- Pensamentos e reflexões

Estimulantes da consciência

Pensamentos para a prática diuturna

Disposição moral de conduta

Aspirações excessivas

O segredo dos sucessos

O que une e desune os homens

A verdadeira simpatia

A inveja, o invejoso e o invejado

Preceito taoísta digno de atenção

A hora das decisões

O prazer de vencer...o medo

Mestres e mestres

Fases da vida

Título: Filosofia e Bioperspectivismo

Ano de publicação: 1955

Editora: Letras da Província

Cidade: Limeira

Organização do conteúdo: Introdução, Capítulo I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXV, XXVI, XXVII, XXVIII, XXIX, XXX, XXXI, XXXII, XXXIII, XXXIV, XXXV, XXXVI, XXXVII, XXXVIII, XXXIX, XL, XLI, XLII, XLIII, XLIV, XLV, XLVI, XLVII, XLVIII, XLIX, LI, LII, LIII, LIV, LV, LVI, LVII, LVIII, LIX.

Nº de páginas: 97

Localização: Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Observações: Material em bom estado de conservação. Na contracapa consta impressa uma dedicatória: *A meu Pai, a minha Mãe, a meu filho Victor Luis que vivem na minha saudade e foram o encanto dos meus dias felizes. A Eunice - minha querida e inseparável companheira. R.F.K.* Logo abaixo da dedicatória, há impresso: - *Nada faço senão respigar idéias neste vasto campo onde outros já as colheram antes de mim. Schopenhauer. - O grau de espírito que nos deleita dá a medida do grau de espírito que possuímos. Helvetius.*

Índice

Introdução
Capítulo I
Capítulo II
Capítulo III
Capítulo IV
Capítulo V
Capítulo VI
Capítulo VII
Capítulo VIII
Capítulo IX
Capítulo X
Capítulo XI
Capítulo XII
Capítulo XIII
Capítulo XIV
Capítulo XV
Capítulo XVI
Capítulo XVI
Capítulo XVII
Capítulo XVIII
Capítulo XIX

Capítulo XX
Capítulo XXI
Capítulo XXII
Capítulo XXIII
Capítulo XXIV
Capítulo XXV
Capítulo XXVI
Capítulo XXVII
Capítulo XXVIII
Capítulo XXIX
Capítulo XXX
Capítulo XXXI
Capítulo XXXII
Capítulo XXXIII
Capítulo XXXIV
Capítulo XXXV
Capítulo XXXVI
Capítulo XXXVII
Capítulo XXXVIII
Capítulo XXXIX
Capítulo XL
Capítulo XLI
Capítulo XLII
Capítulo XLIII
Capítulo XLIV
Capítulo XLV
Capítulo XLVI
Capítulo XLVII
Capítulo XLVIII
Capítulo XLIX
Capítulo LI
Capítulo LII
Capítulo LIII
Capítulo LIV
Capítulo LV
Capítulo LVI
Capítulo LVII
Capítulo LVIII
Capítulo LIX